

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO RENASCIMENTO

Ruy Afonso da Costa Nunes



3
JSP



O. E. R. P.
ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL
DE
RIBEIRÃO PIRES



*Obra publicada
com a colaboração da*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

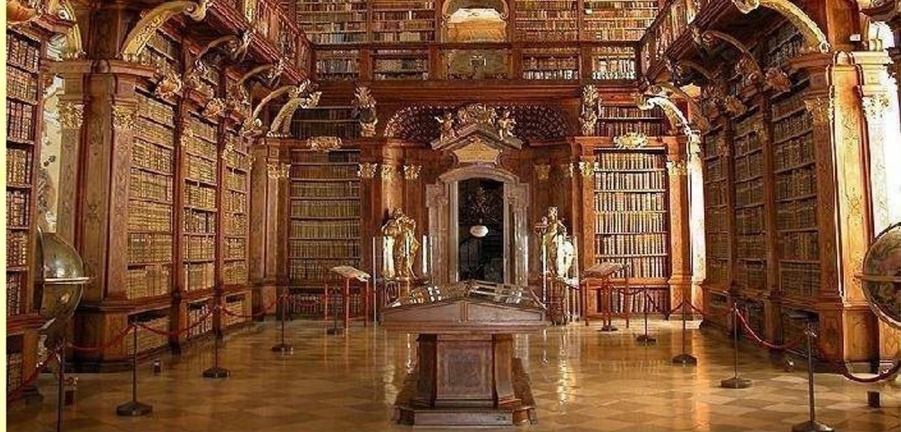
Reitor: Prof. Dr. Waldyr Muniz Oliva

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Presidente: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri

Comissão Editorial:

Presidente: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri (Instituto de Biociências). **Membros:** Prof. Dr. Antonio Brito da Cunha (Instituto de Biociências), Prof. Dr. Carlos da Silva Lacaz (Faculdade de Medicina), Prof. Dr. Pérsio de Souza Santos (Escola Politécnica) e Prof. Dr. Roque Spencer Maciel de Barros (Faculdade de Educação).



Minha Impalpável Biblioteca

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

N928h

Nunes, Rui Afonso da Costa, 1928.
História da Educação no Renascimento / Rui
Afonso da Costa Nunes. — São Paulo : EPU - Ed.
da Universidade de São Paulo, 1980.

Bibliografia.

1. Educação — História 2. Renascença. I.
Título.

80-1361

CDD-370.903

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação renascentista : História 370.903
2. Renascença : Educação : História 370.903
3. Renascimento : Educação : História 370.903

Ruy Afonso da Costa Nunes

**Professor de Filosofia e História da Educação
na Faculdade de Educação da USP**

História da Educação no Renascimento

**E.P.U. — Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
EDUSP — Editora da Universidade de São Paulo
São Paulo**

Sumário

Introdução	1
Primeira parte: A educação renascentista	7
I. As conseqüências da Peste Negra para a educação	9
II. O humanismo renascentista	14
III. O novo ideal da educação	25
IV. A polêmica sobre o estudo dos clássicos e contra a Idade Média	32
V. As escolas dos humanistas	40
VI. As universidades e os colégios	51
VII. <i>Varia paedagogica</i>	66
VIII. As utopias educacionais	74
IX. As doutrinas pedagógicas	84
X. Religião e educação	97
Segunda parte: Os educadores	111
Intróito	113
XI. Os educadores italianos dos séculos XIV e XV	114
XII. Os educadores italianos do século XVI	134
XIII. Educadores portugueses	143
XIV. Educadores espanhóis	154
XV. Educadores franceses	161
XVI. Educadores germânicos	170
XVII. Educadores ingleses	184
Bibliografia	195
Índice onomástico	213
Índice analítico	224

Introdução

A Europa moderna nasceu e cresceu durante a Idade Média. Após séculos de desenvolvimento, os povos europeus começaram a modificar a estrutura tradicional da sociedade que fora moldada pelo feudalismo, desde o século VIII. Em consequência do cessamento das invasões e dos ataques de vários inimigos, como os vikings e os sarracenos, que mantiveram a Europa nascente em sobressalto por várias centúrias, assim como em virtude de progressos técnicos, do aumento da população, da ressurreição do comércio, da renovação da cultura e da centralização monárquica, desde o século XII começou lentamente a delinear-se novo tipo de sociedade que viria a despontar bem caracterizada nas cidades italianas do século XIV. Do ponto de vista cultural é preciso ressaltar que a sociedade medieval esteve profundamente impregnada de cristianismo, de tal modo que a crença e a piedade cristãs determinavam as formas da existência quotidiana e presidiam à constituição das instituições medievais tal como o governo da realeza, as corporações de ofícios, as escolas, as artes, etc. Ademais, verificou-se no plano da cultura, desde o século XII, verdadeira revolução devido ao contacto direto dos estudiosos com as obras do pensamento grego, à restauração do direito romano, e ao ardoroso conhecimento e cultivo da filosofia sobre se haver intensificado o estudo dos clássicos latinos que se perlustravam com entusiasmo desde o ano 800.

O fato histórico do Renascimento ocorreu em dependência de dois fatores básicos determinantes. Primeiramente, resultou da confluência de numerosos elementos de natureza diversa: grandes transformações econômicas e sociais, os descobrimentos marítimos e a formação dos impérios coloniais, surgimento de nova arte, aparecimento do humanismo e da ciência moderna, e a crise religiosa que levou à revolução protestante e à reforma católica. O segundo fator é que o movimento renascentista foi em primeiro lugar fenômeno essencialmente italiano. O Renascimento deu-se na Itália e, depois, propagou-se pelas outras nações da Europa. A Itália fora a sede do antigo Império Romano do Ocidente e a terra nativa da língua latina. Durante o século XIV, em consequência da renovação cultural anterior, do progresso e do enriquecimento das cidades italianas, surgiu e afirmou-se a consciência da identificação dos italianos com os antigos romanos, e essa tomada de consciência era propiciada e facilitada pelos vestígios materiais da pas-

sada civilização romana e pelos venerandos monumentos que se espalhavam pelas cidades italianas. Além disso, cumpre lembrar que as tradições antigas nunca haviam desaparecido inteiramente das cidades italianas. Por outro lado, a renovação dos estudos literários e jurídicos, desde o século XII, produziu resultados culturais ponderáveis que se fizeram sentir ainda nas obras de autores medievais como Dante, Petrarca e Boccaccio, e favoreceram o aparecimento de novo ideal de cultura, principalmente ao ensejo da tremenda crise social ocorrida no século XIV, em consequência das devastações produzidas pelas epidemias da Peste Negra, das transformações econômicas e políticas, da crise religiosa que nasceu dessas ocorrências e das mazelas oriundas do Exílio de Avinhão e do Grande Cisma do Ocidente que projetaram multidões de crentes na confusão e no desalento sobre se haver acentuado a decadência dos costumes devido a esses fatos e a outros desastres tal como a Guerra dos Cem Anos. Enquanto a Inglaterra e a França se desgastavam nessa longa pendência bélica, Portugal e Espanha expulsavam definitivamente os mouros e estavam prestes a fazer grandes descobrimentos e a iniciar a formação de vastos impérios coloniais. Estes acontecimentos iriam, juntamente com vários progressos econômicos, levar ao aparecimento de empresas capitalistas, ao aumento da riqueza e da importância da moeda, ao passo que o estudo dos clássicos reforçado pelo contacto com os sábios bizantinos que propagavam as letras gregas determinavam a projeção do ideal pagão da vida, tal como ele transluzia nas obras lidas e admiradas dos autores gregos e latinos. Embora do século XIV ao XVI a crise religiosa tivesse cedido o passo à renovação espiritual e a certo afervoramento da vida cristã, o fato é que o ideal pagão da existência se converteu em projeto de vida e em vivência real para muitas pessoas, especialmente as mais ricas e as mais cultas. E o exemplo desses costumes paganizados refletiu-se no modo de vida das camadas mais humildes da população que aliavam o desejo do gozo sensual e das comodidades da existência à revolta perante a miséria e a fome em cujas tenazes se debatiam. Indubitavelmente, as instituições religiosas medievais persistiram e renovaram-se. A Igreja Católica desenvolveu novas formas de vida como as ordens religiosas e agências assistenciais e educativas. Contudo, o paganismo dissolvente dos costumes cristãos continuou a atuar, e veio a provocar a reação contundente de grandes pregadores e santos católicos, assim como dos príncipes da reforma protestante. O efeito desse paganismo renascentista difundiu-se nos séculos posteriores. Pode avaliar-se a dimensão ou o aspecto desse fenómeno cultural de descristianização dos costumes através do sugestivo exemplo ou alegoria que se nos depara numa obra de Nicolau de Cusa, o pensador mais representativo da época de transição da Idade Média para o Renascimento,

nascido em Kues (em latim *Cusa*), na Alemanha, em 1401 e falecido em Todí, na Umbria, Itália, em 11 de agosto de 1464.

Em 1453 Nicolau de Cusa escreveu o *Tratado da Visão de Deus* para os seus estimados amigos, os monges de Tegernsee, a fim de se entreter com eles sobre Teologia Mística. Logo de início o Cusano menciona um curioso caso de fenômeno óptico que podemos ainda hoje verificar em nossos lares. Nas paredes das salas de muitas residências católicas encontram-se às vezes quadros do Coração de Jesus ou do Imaculado Coração de Maria. De qualquer parte da sala em que alguém se poste, à esquerda, à direita ou em frente do quadro, as imagens de Jesus ou Maria estão a olhar diretamente para a pessoa. Ora, esse efeito óptico já fora obtido pelos pintores do século XV, como se colhe da citada obra de Nicolau de Cusa. Para fazer compreender certas realidades divinas, diz ele, "não encontro na arte humana nada mais apropriado que vos mostrar um quadro feito com tanta arte que parece olhar em torno de si mesmo, e este quadro representa Aquele que tudo vê". O Cusano alude aos lugares em que se viam esses quadros: o da Arquela na praça de Nuremberg; a famosa obra de Roger La Pasture no Palácio de Bruxelas; o da Verônica na própria capela de Nicolau de Cusa em Coblenza, e no castelo de Brixen (Bressanone, Itália) o quadro do Anjo que sustenta as armas da Igreja. Donde quer que se olhe para esses quadros, diz o Cusano, a imagem parece só olhar para a pessoa que a contempla. A perfeição desse quadro, diz ele, acha-se realizada verdadeiramente em Deus, cujo olhar é ilimitado e onipresente, cuja visão é universal. Quanto mais contemplo vossa Face, exclama Nicolau, "mais parece que o vosso olhar está fixado em mim. E eu vejo não com os olhos carnis com que percebo o quadro mas com os olhos da alma, a verdade invisível da vossa face que não está sujeita às proporções nem às dimensões, não tem os acidentes da quantidade ou da qualidade nem está sujeita ao tempo e ao lugar. É a forma perfeita, a face das faces"¹.

Podemos valer-nos perfeitamente dessa bela alegoria da imagem onividente para indicar que durante a Idade Média, na cultura impregnada de religiosidade, os homens voltavam constantemente para Deus o seu olhar, quer estivessem na labuta do campo, na cela monástica, no altar das igrejas, na cátedra universitária, diante de uma página literária, na redação de um processo, na confecção de uma iluminura, enfim, em qualquer lugar e em qualquer situação os olhares dos homens projetavam-se para além das aparências em busca da Face divina que tudo vê e de tudo sabe. Ora, na época do Renascimento, fascinadas pelas

¹ Nicolas de Cues, *Traité de la Vision de Dieu*, chapitre VII, in *Oeuvres Choisies de Nicolas de Cues*, pág. 387.

belezas do estilo literário dos Antigos, maltratadas pelos desastres da vida, maravilhadas com as invenções e com os descobrimentos e seduzidas cada vez mais pelo prazer dos sentidos, e esquecidas dos Novíssimos, muitas pessoas começaram a pousar o seu olhar apenas nas aparências das coisas e a desviá-lo da Face divina que tudo vê e alcança. No Renascimento houve um desvio do olhar dos homens que trocaram a contemplação de Deus pela das coisas humanas, a crença no céu pela exclusiva fixação das belezas da natureza; a meditação dos mistérios cristãos pelo estudo dos fenômenos, e o doce e sereno enlevo das realidades espirituais pelo gozo fementido e único dos prazeres carnaís. Os homens da Idade Média não eram puros espíritos nem podiam, evidentemente, viver apenas da contemplação da Face divina, uma vez que essa visão pertence à vida sobrenatural e eterna a que o homem se destina, mas eles souberam muito bem conciliar a satisfação das necessidades corpóreas com a fruição dos bens espirituais, e harmonizar as realidades terrestres com as aspirações celestiais, tendo sempre outorgado a primazia à consideração do Ser Divino, ao conhecimento, à busca e ao amor de Deus. O poeta Langland, no fim do século XIV, nas *Visões de Piers Plowman*, no fecho da *Vision of the Holy Church*, implorava como bênção o olhar divino: "Agora já vos disse o que é a Verdade; não existe melhor tesouro. Não posso permanecer por mais tempo convosco; possa Nosso Senhor olhar para vós!"²

A mudança do olhar foi, sem dúvida, do ponto de vista cultural, a consequência mais séria da revolução renascentista.

A transformação da vida social na Europa, a aceitação de novos valores e o culto do ideal profano da vida pagã alardeado nas obras clássicas refletiu-se de modo claro na educação renascentista, nos escritos dos pedagogos e dos humanistas. Através do estudo da história das instituições e das idéias educacionais do Renascimento pode avaliar-se a extensão e a intensidade das transformações pelas quais passou a Europa no fim da Idade Média e no início da Idade Moderna. Todavia, a educação nessa época não foi apenas um reflexo das condições sociais e das modificações da cultura transacta mas representou um lídimo agente dessas novas condições e transformações sociais bem como significou o desenvolvimento de linhas pedagógicas medievais, congeminadas permanência e diversidade, autêntico *idem in diverso*. O termo *renascimento* foi usado primeiramente na História da Arte para designar a nova época de criação artística inspirada nos modelos

² "Now I have told you what Truth is; no treasure is better. I may linger no longer with you; may our Lord look to you!" William Langland, *Visions from Piers Plowman*, pág. 25.

da Antigüidade clássica. Na mesma acepção pode aplicar-se o termo à História da Educação para nomear o período compreendido pelos séculos XIV, XV e XVI e no qual a tradição pedagógica da Idade Média foi modificada e enriquecida com novos motivos de ideais e inspirações devendo, no entanto, observar-se com Otto Willmann na sua *Didaktik als Bildungslehre* que tanto na História da Arte como na da Educação se fala de *renascimento* em sentido restrito, uma vez que a arte e o ensino não precisaram renascer, já que nunca haviam desaparecido, e devendo tomar-se o *renascimento* na História da Educação como a emergência de certos aspectos pedagógicos que assumiram nova e destacada configuração graças ao culto extremado das letras clássicas, ao apreço pelas doutrinas educacionais romanas e ao ideal de imitação dos modelos culturais greco-latinos.

Além disso, cumpre realçar o fato importante que durante o Renascimento, juntamente com a floração do Humanismo, se operou a renovação da vida cristã que tomou a direção da reforma católica e da revolução protestante, que veio desintegrar o bloco granítico da cristandade medieval, e esses movimentos religiosos suscitaram novas orientações e instituições educacionais.

Neste livro procuramos dar o devido relevo a esses aspectos marcantes da História da Educação no Renascimento e tratamos, de início, das concepções e fatos pedagógicos no Renascimento e, em seguida, percorremos brevemente, mas do modo mais completo possível, a galeria dos educadores que se notabilizaram em vários países durante o Renascimento. Se compararmos esses vultos ilustres com o rol dos educadores medievais, logo daremos com uma grande diferença. Durante a Idade Média, eles eram padres, monges e frades, enfim, pedagogos e mestres pertenciam predominantemente ao clero, enquanto no Renascimento avultaram os leigos. Conforme outra observação de Otto Willmann, coube ao Renascimento a fundação da República Culta, conjunto de círculos de pessoas instruídas sem vínculo com nenhuma nação ou classe social. Willmann não quis ou se esqueceu talvez de frisar que esse ideal da República Culta fora apregoado por Erasmo em carta de 1519 a Luís Ruzé, amigo de Budé: "Para os amigos das letras pouco importam as diferenças de região. A quem quer que tenha sido iniciado no culto das Musas tenho por meu compatriota, *omopátrida*"³. Desse modo, Erasmo proclama que o humanismo é feno-

³ "Gallum esse me nec assevero nec inficior; sic natus ut Gallusne an Germanus sim, anceps haberi possit. Quanquam apud studiorum cultores minimum habere momenti par est regionum discrimina: quisquis communibus Musarum sacris initiatus est, hunc ego *homopátrida* ducor". Erasmo, *Carta Luís Ruzé*. To Louis Ruzé. Mechlin (197) March 1519. *Erasmii Epistolae*, ed. Allen, Tom. III (1517-1519), carta 928, pág. 511.

meno europeu e até universal, pois os cidadãos da República Culta acaalentam o mesmo ideal de cultura e falam e escrevem a língua comum dos sábios, o latim clássico.

Com o mesmo propósito expresso em nossa obra anterior, *História da Educação na Idade Média*, fazemos questão de consagrar neste livro nosso cuidado e empenho às concepções e aos fatos educacionais, sem desconhecer a importância e o alcance das idéias filosóficas, dos conhecimentos científicos e das obras dos artistas. Devido, entretanto, à necessidade do estudo concentrado e à economia de espaço e de tempo na elaboração desta obra, pensamos estar no caminho certo, quando dedicamos especial atenção aos temas estritamente pedagógicos, remetendo sempre os leitores desejosos de mais esclarecimentos às obras especializadas nos outros campos da cultura tal como a filosofia, as ciências, as artes, a religião, etc. Parece-nos que na Bibliografia os leitores poderão encontrar a indicação das obras fundamentais para o estudo inicial das várias áreas concernentes ao Renascimento. Renovamos, ainda, nesta oportunidade, a convicção de tudo quanto declaramos na citada obra anterior a respeito do conhecimento histórico e do estudo da História da Educação no Brasil. Possa agora esta obra servir de estímulo e alento para os estudantes e os estudiosos da Educação e da História.

Primeira parte

A educação renascentista

Capítulo I

As consequências da Peste Negra para a educação

No século XIV manifestou-se a crise final da Idade Média que atingiu todos os setores da existência e, de modo agudo, a educação e as escolas. Essa crise da civilização materializou-se sob a forma de catástrofes, ruínas e desordens, como o desequilíbrio social, a miséria, as revoltas dos camponeses e o banditismo. A essas desditas acresceram-se os infortúnios causados pela Guerra dos Cem Anos entre a Inglaterra e a França, o Exílio de Avinhão e o Grande Cisma do Ocidente. Essas perturbações sociais afetaram gravemente o clero e os conventos dos quais dependia totalmente a educação, assim como as próprias escolas.

Ao tratar das catástrofes do século XIV, observa Jacques Heers que é simplificação abusiva atribuir nessa história dos anos difíceis importância decisiva à Grande Peste e datar o começo das infelicidades da época no ano 1348, quando ela iniciou a sua marcha devastadora. Em todo caso, diz Heers, os seus estragos foram terríficos, e a Peste Negra "marca uma fratura trágica na nossa história" (da França)¹.

Vinda da Criméia, a praga difundiu-se velozmente através da Europa, tendo atingido as regiões mediterrâneas, as ilhas, a Itália, a Espanha, a França, em 1348. No ano seguinte chegou à Europa Central, à Alemanha e às regiões germânicas, à Flandres e ao Sul da Inglaterra. Em 1350 manifestou-se no Norte da Inglaterra, na Escócia, nas planícies bálticas e nas regiões escandinavas. As crônicas dessa época referem o espetáculo confrangedor das cidades aniquiladas, dos hospitais improvisados e dos cadáveres insepultos. As cidades e as comunidades eclesásticas foram mais atingidas do que as aldeias e os campos. Algumas localidades rurais foram até mesmo poupadas pelo flagelo, mas o fato é que desapareceu um terço da população da Europa Ocidental e, em certas regiões, mais da metade. Na Primeira Jornada dos contos licenciosos de Boccaccio, *Il Decamerone*, acha-se

¹ Jacques Heers, *L'Occident aux XIV^e et XV^e Siècles. Aspects économiques et sociaux*, págs. 91 e 95.

um esboço dos malefícios da Peste Negra na Itália, na região de Florença. A epidemia estendeu-se à Espanha inteira. O historiador da província dominicana de Aragão, na Espanha, o padre Diago, informa que morreram quinhentos e dez religiosos dos seiscentos e quarenta que havia. A Peste Negra despovoou os conventos, e os religiosos supérstites passaram a viver de modo leviano e reprovável. Descurou-se a prática da pobreza, aceitaram-se candidatos inaptos, e introduziram-se abusos na vida monástica e conventual que se viram agravados, depois, em consequência do péssimo influxo exercido pelo Grande Cisma. Por isso, num sermão pregado na festa de São Domingos, o dominicano São Vicente Ferrer dizia que o mundo não se corrigira, e que as ordens religiosas fundadas para a sua reforma se haviam debilitado e que, se agora São Domingos e São Francisco retornassem à terra, "no encontrarían sus ordenes", não reconheceriam as suas respectivas ordens².

Em Portugal a peste parece ter começado em Lisboa e, de setembro até ao Natal de 1348, matou um terço ou mais da população tendo dizimado, além do campo, as cidades de Lisboa, Coimbra, Santarém, Silves, Bragança e outras, e tendo desfalcado os mosteiros e conventos do seu pessoal. Além da mortalidade e do decréscimo da população, a Peste Negra acarretou vários problemas em Portugal, tal como o desemprego, a falta de mão-de-obra no campo e a escassez de alimentos. O ensino ressentiu-se do declínio cultural da época. "Depois da década de 1340", diz Oliveira Marques, "o número de mestres estrangeiros parece ter aumentado, mas com pouca continuidade e acaso nenhuma eficiência. Baixaram os ordenados dos lentes nacionais. Muitos preferiram ir estudar fora, o que não abona a favor da excelente qualidade do ensino. Tanto Afonso IV como Fernando I tentaram reformar os estudos e combater os males, mas aparentemente com pouco proveito"³. Durante o século XV os mestres se perderam na obscuridade, e os melhores teólogos, médicos, jurisconsultos e estadistas revelavam ter recebido formação no estrangeiro.

"A Peste Negra", declara com razão Anna Campbell, "foi chamada de causa importante e, até mesmo, de causa principal da Reforma"⁴. Segundo o cálculo feito por Conrad Eubel na *Hierarchia catholica Medii Aevi* (vol. I, 1913), dos 27 ou 28 cardeais, 7 morreram vítimas da praga entre maio e agosto de 1348 e um, em outubro de 1349.

² Fr. José M. de Garganta, O. P., e Fr. Vicente Forcada, O. P., *Biografía y Escritos de San Vicente Ferrer*, pág. 691.

³ A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, T. 1, págs. 168-169.

⁴ Anna Montgomery Campbell, *The Black Death and Men of Learning*, pág. 134.

De setenta metropolitas faleceram vinte e sete de 1347 a 1349, além de 207 bispos. Quanto aos danos causados pela epidemia na vida religiosa da Inglaterra, no Pronunciamento episcopal feito por Simon Islip, arcebispo de Cantuária e por Simon de Sudbury, declara-se que os padres sobreviventes à calamidade eram de avaréza insaciável, cobravam taxas exageradas e negligenciavam o cuidado das almas. No segundo Pronunciamento de Simon Islip em 1362, e no terceiro de Simon de Sudbury em 1378, afirma-se que os padres desejam os prazeres voluptuosos, de tal modo que igrejas e capelas permanecem vazias para horror e escândalo dos eclesiásticos e para mau exemplo dos leigos.

Na França, os registros da abadia beneditina de Pfäfers e do distrito de Sargans conservam a proclamação do abade Hermann, de março de 1350, quanto à comemoração anual das vítimas da peste, "homens, mulheres e rapazes do nosso mosteiro que morreram na epidemia de 1349, mais de dois mil". Félix Faber relata na *História dos Súdrios* que a mortandade foi tamanha nos mosteiros da região que muitos ficaram vazios.

Existe abundante documentação quanto aos efeitos da Peste Negra sobre as escolas e a educação. Depois da praga registrou-se o aumento dos direitos dos estudantes, a participação crescente da universidade nos negócios políticos, especialmente na França e na Inglaterra, mudanças na educação de tipo médio ou secundário e o uso cada vez maior das línguas vernáculas no campo do ensino. À volta de 1350, o cancelário e os mestres de Oxford declararam ao rei que a universidade ficara arruinada com a Peste Negra. Segundo petição dos estudantes de Avinhão ao papa Inocêncio VI em 1361, o seu Estudo estava privado de aulas e desprovido de pessoal docente, doutores, licenciados, bacharéis e estudantes. Nos vinte anos seguintes ainda perduravam queixas e lamentos quanto ao declínio do ensino, à diminuição de estudantes e professores, à pobreza e aos abusos nas universidades. Denifle O.P. verificou que no século XIV as ordens religiosas, às quais se deve a maior parte dos teólogos da Idade Média, tinham mais ou menos perdido o antigo vigor, e observa: "A experiência ensina que, abandonado o espírito religioso, decai também o fervor dos estudos". Denifle analisa minuciosamente as causas internas e externas da decadência da Universidade de Paris no século XIV e, entre as últimas, aponta a Peste Negra⁵. O grande historiador dominicano observa com justiça que, sem embargo de tantos desastres e do declínio dos estudos, persistiram, ainda, religiosos e seculares

⁵ Henricus Denifle O.P. — Aemilius Chatelain, *Chartularium Universitatis Parisiensis*, Tomus II, Sectio Prior, Introductio, principalmente págs. IX e XII.

cuidosos apenas da ciência e dos bons estudos⁶. Campbell salienta o fato de que, antes da Peste Negra, havia guerras, disputas e polêmicas que continuaram a assolar as escolas. No entanto, só depois de 1348, nas gerações posteriores à Peste Negra, choveram testemunhos de todos os lados a respeito da decadência das universidades, das deficiências dos mestres e da ameaçadora extinção do saber.

Na área dos estudos elementares existem alguns testemunhos relativos às conseqüências da Peste Negra. Mestre Felipe, na cidade de Lucca, em 1348, queixa-se dos pagamentos insatisfatórios para o seu sustento devido à pobreza dos cidadãos e ao número dos alunos. Outro mestre-escola, Francisco Agezzi de Vercelli, confessa que, após a Peste Negra, mal dispunha de quarenta alunos quando, antes dela, costumava ter duzentos. Segundo Karl Lechner em livro sobre a mortalidade causada pela praga em 1348, no portal de uma escola beneficente de Veneza havia uma inscrição em que se lembravam o reitor, dez professores e mais de trezentos alunos mortos pela Peste.

O cronista Guilherme de Nangis diz que na França, após a Peste Negra, raras eram as pessoas capazes de instruir meninos nos rudimentos da gramática nos lares, nas vilas e castelos. Testemunhos semelhantes existem sobre a falta de professores na Inglaterra onde, como em outras partes, a crescente ignorância do latim nas escolas levou à tradução e à composição de livros de ciência, destinados ao ensino, no idioma vernáculo tal como, por exemplo, o tratado sobre o astrolábio escrito por Geoffrey Chaucer para o seu filho Lewis; o *Treatise of Geometry*, tradução da segunda parte da *Ars Metrica* de Roberto Inglês, e a tradução inglesa em 1397 do livro *De proprietatibus rerum* de Bartolomeu Inglês. Na França, Nicolau Oresme traduziu em 1370 e 1371, a instâncias de Carlos V, a *Ética*, a *Política* e a *Econômica*, de Aristóteles; a obra de sua autoria em latim *Petit trictie de la première invention des monnoies et des causes et manières d'icelles* em 1377, o *De caelo et de mundo* de Aristóteles, assim como escreveu em francês *Le traictie de la sphère* que deu à língua francesa expressões técnicas de geografia e astronomia.

Como observa Anna Campbell, em suma, de acordo com os testemunhos sobre as universidades e a educação de 1348 a 1375, a Peste Negra e as subseqüentes erupções pestilenciais do século XIV tiveram

⁶ "Non omnes Insuper in Universitate studentes eandem viam ingressos esse confitendum est: supererant tam religiosi quam saeculares qui animo excelso de scientia sola solliciti erant. Ceterum quemadmodum spiritum antiquae disciplinae renovare in membris Ordines religiosi conati sunt, sic Universitas et singulae Facultates Nationesque prohibitionibus, statutis, regulis ruinam vitare tentaverunt, ut in hoc volumine videmus". Denifle O. P., *ib.*, pág. XII.

as piores conseqüências nesses campos, tal como a mortalidade de professores e alunos, a diminuição de qualidade dos mestres, dificuldades e desaparecimento das próprias universidades, sobre ter sido esse tempo calamitoso para a vida intelectual da Europa não só material como também moralmente, como o atestam a ineficiência e a cupidez dos mestres, a avareza e a licenciosidade do clero, o relaxamento e os abusos de alunos e faculdades, que determinaram a substituição do esperançoso panorama do século XIII pelo espírito de melancolia e ansiedade, pela inclinação das pessoas a se comprazerem ou deterem na doença e na morte. Essas aflições e calamidades, é bem verdade, tiveram a sua contraparte na dotação de colégios, na fundação de novas universidades e na extensão dos privilégios das antigas escolas, no crescente reconhecimento dos direitos dos estudantes, na posição cada vez mais firme dos idiomas nacionais no campo do ensino. A Peste Negra, todavia, conclui Campbell, foi sem dúvida um desastre para as universidades, a educação e o ensino, e um sério retrocesso da civilização. Por isso, está aí a explicação para a distância entre o esplendoroso século XIII com as suas magníficas realizações no campo do pensamento, do ensino e das artes, e o aflito, medíocre, tristonho e convulso século XIV em que começa a desmoronar o longo período medieval. Nessa encruzilhada da história anuncia-se a aurora de nova época e de nova civilização.



Capítulo II

O humanismo renascentista

Os clássicos latinos foram estimados, apreciados, copiados e ensinados com afínco e agrado nas escolas medievais, e monges houve, como Loup de Ferrières, no século IX, que foram humanistas autênticos e seguidores de Cícero, assim como, no século XII, o erudito João de Salisbury e o beletриста insigne Pedro de Blois, além de muitos outros que esmaltam as centúrias do Medievo. Depois que as universidades se organizaram no século XIII, entretanto, o interesse de muitos estudiosos voltou-se de preferência para os estudos de dialética e de filosofia, tendo a gramática e as letras ficado, de certo modo e por algum tempo, no abandono. Ademais, o surto econômico da época levou muitos estudiosos a optarem pela Faculdade de Direito e de Medicina com o objetivo de assegurarem o diploma imprescindível ao exercício de profissão rendosa. E, como em todas as épocas, quem se consagra ao estudo não tem tempo para ganhar dinheiro. Além disso, até o fim da Idade Média o estudo foi como que privilégio do clero, tendo sido raros os leigos que se lhe dedicaram totalmente. Por fim, o latim medieval foi eclesiástico e escolar. Era falado em classe, nos sermões das igrejas, nas conferências dos mosteiros e nos negócios diplomáticos e comerciais. Era, de algum modo, veículo eficaz de comunicação, embora perdesse as características e os acentos da linguagem literária. Sob forma simples e austera, mesclado aos termos de origem vernácula, era a língua dos livros e idioma internacional. No caso da Idade Média surgiram homens e estudiosos, poetas e artistas da palavra, que já prenunciavam nova época literária, e se distinguiram pelo amor ao estudo na sua pura condição de leigos. Assim, Dante, Petrarca e Boccaccio. Petrarca, sobretudo, contém em germe as características essenciais do humanismo renascentista. É aficionado das letras e dos clássicos, estudioso do grego, poeta e prosador latino que fazia do estilo uma criação pessoal mas imitadora dos grandes modelos clássicos. Como abelhas, dizia, andemos pelos campos dos outros a pousar sobre flores diversas (*Ad Thomam Messanensem de inventione et ingenio*), e na carta *Ad Iohannem de Certaldo* (*Famil. XXII, 2*) declara: "Tal sou eu que da imitação me comprazo

e não da cópia... Não quero guia que me acorrente mas só que vá à minha frente e que eu o siga, *nolo ducem qui me vinciat sed praecedat*". Segundo Petrarca, o escritor deve imitar os bons modelos de tal maneira que a sua obra se assemelhe ao arquétipo mas não seja com ele uma coisa só. A sua semelhança deve ser como a do filho ao pai e não como a do retrato ao original. Todavia, muitos prosadores e artistas limitaram-se à pura cópia dos clássicos paradigmáticos... Como diz Norden em *Antike Kunstprosa*, a perfeição na teoria e na prática do latim reduziu o seu sopro vital como língua literária, tornando-a marmórea e imobilizada.

Por outro lado, o grego, que fora pouco estudado na Idade Média, ganhou os ânimos de inúmeros humanistas que se entusiasmaram com as maravilhas literárias e filosóficas da língua de Homero e de Platão. E, nesse conhecimento dos tesouros literários da Hélade, tiveram papel capital os sábios bizantinos que, já antes da Queda de Constantinopla, tinham afluído para a Itália, devido à questão religiosa e aos concílios que visavam à união da Igreja Ortodoxa com a Igreja Católica. Ainda no século XIV Manuel Crisóloras começou a exercer, junto com a diplomacia, o magistério do grego na Itália. Como se sabe, a língua do Império Romano do Oriente ou Bizâncio era o grego, falado e ensinado em Bizâncio durante mil anos, de modo que um povo de civilização adiantada na Idade Média, cristão e ilustrado, preservou para o mundo e para os pósteros as riquezas da cultura helênica.

Com toda razão, diz Bolgar, "o Renascimento, pedagogicamente, começou com Crisóloras"¹. Reynolds e Wilson declaram que a data de 1397 é de fundamental importância na história cultural da Europa, porque foi nesse ano que Crisóloras começou a ministrar cursos regulares de grego em Florença².

Petrarca, devido aos seus méritos de poeta latino e italiano, foi coroado de louros no Capitólio, em Roma, em 1341. Entregou-se à procura das obras perdidas de Cícero. Em 1333 descobriu dois Discursos em Liège, um deles, a famosa oração *pro Archia*. Em Verona, em 1345, descobriu um manuscrito com todas as Cartas a Atticus e Quintus, assim como a correspondência com Brutus, mas Petrarca desconheceu por completo as *Epistolae ad Familiares*.

Giovanni Boccaccio (1313-1375), por influência de Petrarca, começou a estudar bem cedo o latim clássico e, depois, o grego, vindo a ser o primeiro erudito grego do mundo moderno. A sua principal

¹ Bolgar, *The Classical Heritage and Its Beneficiaries*, pág. 268. Bolgar considera Crisóloras "a teacher of remarkable genius". *Ib.*, pág. 85.

² L. D. Reynolds-N. G. Wilson, *Scribes and Scholars*, pág. 123.

obra latina trata de mitologia. Tinha vasto conhecimento dos poetas latinos e fez uma cópia completa de Terêncio. Não possuía o espírito crítico de Petrarca. Apreciava os historiadores Tito Lívio e Tácito. Descobriu o *Ibis* de Ovídio, além de Marcial, Ausonius, a *Appendix Vergiliana*, e a *Priapeia*. Foi o primeiro humanista a citar Varrão, cujo manuscrito-arquetípico deve ter obtido no mosteiro de Monte Cassino, onde também conseguiu os códices das *Histórias* e da última parte dos *Anais* de Tácito. ...

Coluccio Salutati (1330-1406) correspondeu-se com Petrarca na sua juventude, foi secretário latino de Florença, de 1375 até a sua morte, e colecionou manuscritos latinos. Foi o primeiro humanista a possuir uma cópia da obra *De agricultura* de Catão, as *Elegias* de Maximiano, a *Aratea* de Germânico e o comentário de Pompeu, e a *Ars maior* de Donato. Salutati descobriu, em 1389, no manuscrito ciceroniano de Vercelli que se achava em Milão, as *Cartas aos Familiares* que Petrarca desconhecia, e recebeu de Milão uma cópia do manuscrito de Verona com as *Cartas Ad Atticum*, *Ad Quintum Fratrem*, e a *Correspondência* com Brutus.

A busca dos manuscritos, iniciada por Petrarca, e continuada por Boccaccio e Salutati, ultrapassou as fronteiras da Itália por ocasião do Concílio de Constança (1414-1418), quando Crisóloras (c. 1350-1415) faleceu e se descobriram vários antigos clássicos latinos.

O principal restaurador de manuscritos, então, foi Poggio Bracciolini (1380-1459). Secretário papal desde 1403, aproveitou as férias do ofício, de 24 de maio de 1415 a 11 de novembro de 1417, para sair em busca de códices. Poggio fez os seus grandes achados em quatro expedições: 1) a Cluni em 1415; 2) a Saint-Gall em 1416; 3) a Saint-Gall e a outros mosteiros em 1417; e 4) a Langres e a outros lugares da França e da Alemanha no verão do mesmo ano. Em Cluni, Poggio encontrou um manuscrito antigo das *Orações* de Cícero, *pro Cluentio*, *pro Sexto Roscio*, *pro Murena*, *pro Milone* e *pro Caelio*. Em Saint-Gall deparou com a *Institutio Oratoria* de Quintiliano, a *Argonautica* de Valerius Flaccus contendo os livros I-IV 317 e cujo manuscrito completo só foi descoberto em 1481. Achou também o comentário de Asconius as cinco *Orações* de Cícero, e o de um escoliasta desconhecido a grande parte das *Verrinas*. A segunda expedição a Saint-Gall em 1417, e que se estendeu provavelmente a Einsiedeln e aos outros mosteiros de Reichenau e de Weingarten, proporcionou-lhe o encontro de um Vegetius, de Pompeius Festus no compêndio feito por Paulus Diaconus, e de Lucretius Manilius, Silius Italicus, Ammianus Marcellinus e dos gramáticos Caper, Eutyches e Probus. Em 1417, em Langres, Poggio descobriu a oração ciceroniana *pro Caecina*, e em mosteiros da França e da Alemanha, outros

discursos: *de lege agraria*, *pro Rabirio* com a *Roscio Comoedo*, e a oração *in Pisonem*. Foi nesta expedição provavelmente que Poggio encontrou as *Silvae* de Statius e também um exemplar de Columella. Na segunda metade de 1421, enquanto Poggio estava na Inglaterra, o bispo Gerardo Landriani descobriu na catedral de Lodi um manuscrito de Cícero escrito em antigos caracteres "lombardos" com exemplares completos do *De oratore*, do *Brutus* e do *Orator*. Vários outros códices preciosos foram descobertos por Enoch de Ascoli, Lamola, Nicolau de Cusa e Ambrogio Traversari. O siciliano Aurispa descobriu em Mainz, em 1433, o comentário de Donato a Terêncio e os *Panegyrici latini*, a começar com o *Panegírico de Plínio sobre Trajano*. No prazo de um século, diz Sandys, entre a descoberta feita por Petrarca do *pro Archia* (1333) e a descoberta do *Panegírico de Plínio* por Aurispa (1433), o patrimônio essencial dos clássicos latinos havia sido recuperado³.

O poeta Sannazaro de Nápoles, exilado na França em 1501-1504, descobriu novos poemas da *Antologia Latina*, o *Halleuticon*, e o *Cynegeticon* de Grattius e de Nemesianus.

Cosme de Médicis, de 1434 a 1464, patrocinou o trabalho de copistas e eruditos, inspirou a tradução dos *Diálogos* de Platão e fundou a Biblioteca de São Marcos. O principal garimpeiro de manuscritos no círculo de Cosme foi o filólogo Niccolò de' Niccoli (1363-1437), possuidor de 300 manuscritos, e que copiou Lucrécio e Plauto, corrigiu textos e fundou a crítica textual.

Leonardo Bruni (1369-1444), secretário latino de Florença de 1427 até a sua morte, celebrizou-se com as suas traduções do grego como, por exemplo, a da obra de São Basílio sobre a leitura dos livros pagãos (1405), dos *Discursos* de Demóstenes e Ésquines, de uma seleção das *Vidas* de Plutarco, do *Hieron* de Xenofonte, do *Fedão*, *Górgias*, *Crítão*, *Apologia*, *Fedro* e *Cartas* de Platão, dos *Econômica*, *Ética* e *Política* de Aristóteles, dos *Hellenica* de Xenofonte e das obras de Políbio e Procópio.

O secretário latino sucessor de Bruni foi Carlo Marsuppini (c. 1399-1453) que se lhe igualou na prosa e o superou na poesia. Traduziu de Homero a *Batraquiomaquia* e o primeiro livro da *Ilíada*. Outros bateleros de manuscritos foram Policiano (1454-1494) e Aulo Glano Parrasio (1470-1534).

Antes de Crisóloras vir para a Itália, poucos manuscritos haviam sido encontrados: um ou dois exemplares de Homero, partes da obra de Platão e de Aristóteles, e alguns Santos Padres Gregos. Guarino de

³ Sandys, *A short history of Classical Scholarship*, pág. 172.

Verona, discípulo de Crisóloras, ao retornar de Constantinopla à Itália, em 1408, trouxe consigo mais de 50 códices. Grande descobridor de manuscritos gregos foi o siciliano Aurispa, que trouxe do Oriente para a Itália manuscritos de Sófocles, Eurípides, Tucídides, Esquilo, Píndaro, Aristófanes, Demóstenes, Platão, Xenofonte, Luciano, Plutarco, etc.

Trouxe, também, muitos códices gregos para Veneza Francesco Filelfo (1398-1481), que fora por sete anos secretário da embaixada veneziana em Constantinopla e que lecionou em Veneza, Bolonha, Florença, Milão e Roma. Filelfo traduziu *Ciropédia*, *Agésilau*, e *República dos Lacedemônios* de Xenofonte, *Retórica* de Aristóteles, dois *Discursos* de Lísias, e quatro *Vidas* de Plutarco.

Entre os emigrantes gregos foram famosos como colecionadores de manuscritos Bessarião, Andrônico Calisto, Constantino Láscaris, e Janus Láscaris.

A descoberta dos códices despertou o gosto pela arqueologia clássica, cujo maior representante foi Ciriaco de' Pizzicollí de Ancona (c. 1391-c. 1450) que se tornou, segundo Sandys, "o Schliemann do seu tempo". Trabalhou em Ancona, Roma, aprendeu grego em Constantinopla, visitou Florença, trabalhou em muitas partes da Grécia entre 1435 e 1447, visitou as ruínas de Éfeso em 1447 e morreu em Cremona em 1450. Deixou três grandes volumes de inscrições de que só restam alguns fragmentos.

Flavio Blondo de Forlì (1388-1463) copiou novo códice do *Brutus* de Cícero e foi um dos fundadores da Arqueologia Clássica. Escreveu quatro grandes obras sobre as Antigüidades, a História de Roma e da Itália: *Roma Triumphans*, sobre as antigüidades religiosas, constitucionais e militares romanas; *Roma Instaurata*, descrição da cidade de Roma, e *Italia Illustrata*, sobre a topografia e as antigüidades de toda a Itália e, por fim, as *Historiarum ab Inclinatione Romani Imperii Decades*.

Foram influenciados pelo exemplo de Ciriaco o colecionador de inscrições Felix Felicianus de Verona, Giuliano de San Gallo e Frei Giovanni del Giocondo de Verona. Em 1513, Andrea Fulvio apresentou ao papa Leão X a descrição das antigüidades de Roma em versos latinos.

Guarino de Verona (1374-1460) passou os últimos 30 anos de vida como professor em Ferrara. Traduziu três pequenas obras de Luciano, o *Evagoras* e o *Nicocles* de Isócrates, tão importantes para a concepção retórica da educação, a obra inteira de Strabo e quinze *Vidas* de Plutarco. Foi colecionador fervoroso de manuscritos latinos. Reuniu 124 *Cartas* de Plínio, além das cem já conhecidas, e obras de

Celso, Plauto, Cícero, César, Géllo e Sérvio. Seu discípulo, e tradutor do grego, foi Francesco Barbaro (1398-1454) que colecionou comparou e corrigiu manuscritos gregos como a *Ilíada*, a *Odisséia* e a *Batracquiomaquia*. O maior educador renascentista, Vittorino de Feltre (1378-1446), beneficiou-se com a tradução feita por Guarino do tratado de Plutarco *Sobre a Educação*, em 1411, com a descoberta da obra integral de Quintiliano em 1416 — fato capital para a pedagogia do Renascimento — e dos livros *De oratore*, *Brutus* e *Orator*, de Cícero, em 1422.

Os estudos clássicos do Ocidente receberam magno impulso com a vinda para a Itália de eruditos emigrantes bizantinos que afluíram às cidades italianas, ainda antes da Queda de Constantinopla. Gemisthos Plethon ou simplesmente Pletão (c. 1356-1450) concebeu um sistema filosófico de tipo neoplatônico, e foi muito admirado por seu protetor Cosme de Médicis. O seu tratado a respeito das diferenças entre Platão e Aristóteles animou os humanistas ao estudo de ambos mas levou, de fato, à apreciação cada vez maior de Platão.

O Cardeal João Bessarião (1395 ou 1403-1472) traduziu os *Memorabilia* de Xenofonte e a *Metafísica* de Aristóteles. Dos gregos chegados antes da derrocada do Império Bizantino os principais foram Theodorus Gaza, Georgius Trapezuntinus ou Jorge de Trebizonda, Iohannes Argyropoulos e Demetrius Chalcondyles. Teodoro Gaza (c. 1400-1475), natural de Tessalônica, aristotélico, primeiro professor de grego em Ferrara, onde ministrou curso sobre Demóstenes em 1448, foi convidado pelo papa Nicolau V para fazer traduções do grego. Ele traduziu várias obras de Aristóteles, Teofrasto, etc., e verteu para o grego o *De amicitia* e o *De senectute* de Cícero. Teodoro participou da *editio princeps* de Gellius em 1469, e a sua *Gramática Grega*, primeiro manual moderno a incluir a sintaxe, foi adotada por Budé em Paris, e por Brasmo em Cambridge.

Georgius Trapezuntinus (1395-1484) chegou a Veneza em 1430 e foi secretário papal. Embora aristotélico, traduziu, além da *Retórica* e dos *Problemas* de Aristóteles, *Leis* e *Parmênides* de Platão. Iohannes Argyropoulos (1416-1486), natural de Constantinopla, viveu em Pádua, Florença e Roma, traduziu e viu impressas as obras de Aristóteles: *Ética*, *Política*, *Econômica*, *De anima* e *De caelo*, ou *Sobre a alma* e *Sobre o céu*.

Demetrius Chalcondyles, de Atenas (1424-1511, lecionou grego em Perugia, Pádua, Florença e Milão e, em Pádua, foi o primeiro lente de grego (1463-1471) a ter ordenado fixo numa universidade européia. Ensinou durante vinte anos em Florença (1471-1491), e preparou a *editio princeps* de Homero em Florença em 1488, publicada por

Bernardo e Neri Nerli, primeira obra importante impressa em grego. Passou os últimos 19 anos de vida em Milão. Publicou em 1493 os seus *Erotemata*, obra de gramática grega e, em 1493, a *editio princeps* de Isócrates, um dos mentores da pedagogia retórica, e uma edição de Suidas em 1499.

Jorge de Trebizonda, Teodoro Gaza e João Bessarião participaram do plano traçado por Nicolau V ou Tommaso Parentucelli de Sarzana (1397-1455), que programou a versão latina das maiores obras de prosa grega, e contou com a cooperação dos italianos helenistas Laurentius Valla (1407-1457), Niccolò Perotti (1430-1480) e Giovanni Antonio Campano (c. 1427-1477), que editou toda a obra de Tito Lívio, Quintiliano e Suetônio junto com as *Filípicas* de Cícero e a tradução latina de todas as *Vidas* de Plutarco.

Pelo que se viu, é fácil concluir que não foi a Queda de Constantinopla a causa da restauração do ensino do grego na Itália pois, antes disso, os principais prosadores gregos e os poemas de Homero já haviam sido traduzidos para o latim, e a língua grega já era ensinada em Florença e em outras cidades. Após a Queda de Constantinopla, vieram para a Itália Michael Apostolius, Andronicus Callistus, Constantinus e Janus Láscaaris, Marcus Musurus e Zacharias Callierges. O mais notável desses bizantinos foi Constantino Láscaaris, de Constantinopla (1434-1501), discípulo de Argirópulo, que transcreveu manuscritos, lecionou grego em Milão de 1460 a 1465, e viveu 35 anos em Messina. A sua pequena *Gramática Grega* foi o primeiro livro impresso em grego e publicado em Milão, em 1476.

Janus Láscaaris (1445-1535), depois de chegar a Veneza, foi enviado por Bessarião a Pádua para aprender latim. Deu cursos em Florença sobre Tucídides, Demóstenes e Sófocles. Foi emérito catador de manuscritos e conseguiu descobrir uns duzentos, a expensas de Lourenço de Médicis. Esteve na França, serviu a Leão X em Roma e, de novo na França, ajudou o rei Francisco I a fundar a Biblioteca Real de Fontainebleau. Esteve mais duas vezes em Roma, e deixou cinco *editiones principes* de quatro peças de Eurípides, de Calímaco, Apolônio de Rodes, da Antologia Grega e de Luciano. Um dos seus discípulos em Florença foi Marcus Musurus, cretense (c. 1470-1517) que ajudou Aldus Manutius a imprimir edições de Aristóteles, Eurípides, Platão, Ateneu, Hesíquo e Pausânias. Na edição do *Etymologicum Magnum* (Veneza, 1499) foi ajudado pelo impressor Zacharias Callierges, que imprimiu o comentário de Simplicius às *Categorias*, fez a segunda edição de Píndaro (1515) e a primeira de Teócrito (1516).

Fato digno de particular realce é que o Humanismo se desenvolveu mais nas Academias do que nas Universidades. As principais Aca-

mias foram as de Florença, Nápoles e Roma. A de *Florença* contou entre os seus membros exponenciais, além da figura central de Marsílio Ficino, as de Cristoforo Landino (1424-1504), Giovanni Pico Della Mirandola (1463-1494), Hermolaus Barbarus (1454-1493), tradutor de Temístio, Dioscórides, e da *Retórica* de Aristóteles. Um dos membros mais ilustres da Academia Florentina foi Angelo Ambrogini Poliziano ou Policiano (1454-1494), literato de alto coturno, professor de literatura grega e latina, tutor dos filhos de Lourenço de Médicis e mestre, entre outros, dos ingleses Grocyn e Linacre.

A *Academia de Nápoles* foi criada no reinado de Afonso de Aragão (1442-1458) e a sua figura central foi o poeta e cortesão Antonio de Palermo, mais conhecido por Beccadelli (1394-1471). Ela foi organizada pelo poeta Giovanni Pontano (1426-1503), e um dos seus membros mais luzentes foi o poeta Jacopo Sannazaro (1458-1530).

A *Academia Romana* foi fundada por Pomponius Laetus (1425-1498). Os seus membros adotavam nomes latinos e celebravam, com solenidade, anualmente, a fundação de Roma. Representavam-se peças de Plauto em várias ocasiões, e cultivava-se o paganismo junto com a política, razão pela qual a Academia foi supressa em 1468 para voltar a brilhar no pontificado de Júlio II, tendo atingido a sua fase mais próspera no tempo do papa Leão X.

A Itália foi a terra das academias, e nisso deu exemplo ao resto da Europa e às colônias americanas dos séculos posteriores. Em Florença, além da Academia Platônica, havia a *Academia della Crusca* e a dos *Umidí*. Em Roma, além da academia de Pompônio Leto, havia a dos *Lincaeí*, dos *Humoristí*, dos *Fantastici*, dos *Vignaioli*, dos *Padri* e dos *Sdegnati*. Em Bolonha havia a dos *Otiosi* e *Stilbondi*. Em Ferrara, a dos *Elevati*. Em Siena, a dos *Intronati*. Em Parma, dos *Innominati*. Em Verona, dos *Pilarmonici*. Em Gênova, dos *Adormentati*. Em Lucca, dos *Oscuri*. Em Perugia, dos *Insensati*, etc.

Pode afirmar-se que o fator decisivo na difusão do humanismo e na propagação dos livros, que renovaram o ensino com o novo saber, foi a *imprensa*. A importância da arte de imprimir livros merece ser devidamente salientada, pois essa arte promoveu a maior revolução educacional da história humana, ao possibilitar a multiplicação e o barateamento dos livros, assim como a transformação e a melhoria dos métodos didáticos. A imprensa foi o fator fundamental para a promoção da democracia na área cultural. Ela foi introduzida na Itália pelos alemães Sweynheym e Pannartz, que haviam trabalhado com Fust em Mainz. Instalaram a sua prensa primeiro no mosteiro de Subiaco (1465), depois no palácio dos Massimi em Roma (1467) e começaram a editar obras de Cícero. Em Veneza, João de Spira impri-

miu Plínio, o Velho, em 1469. Em Florença, Bernardo Cennini estampou o comentário de Servius à obra de Virgílio (1471-72). Em 1500 já se haviam publicado na Itália uns cinco mil livros dos quais Florença e Bolonha produziram trezentos, Milão editou seiscentos, Roma mais de novecentos, e Veneza, 2.835. Os editores mais conspícuos do Renascimento foram Aldus Manutius ou Aldo Manuzio (1449-1515) e que se chamava, de fato, Teobaldo Manucci. Publicou clássicos gregos e latinos, e editou séries populares desses clássicos assim como dos italianos. Paulus Manutius ou Paolo Manuzio (1512-1574), o filho mais moço de Aldo, foi grande editor das obras de Cícero, e Aldus Manutius II ou Aldo Manuzio (1547-1597) herdou o negócio livreiro do pai Paolo, que administrou até a morte em 1597, quando desapareceu essa geração de grandes editores clássicos.

Em duas páginas da sua obra, Sandys apresenta as listas das *Editio-nes Principes* dos autores latinos, de 1465 a 1596, e dos autores gregos, de 1478 a 1516, com a indicação dos nomes das obras, dos editores, dos impressores, assim como da data e do local das publicações.

A glória de ter dado origem e impulso ao humanismo renascentista cabe inquestionavelmente aos italianos. Surgiram nos séculos posteriores figuras excelsas de eruditos clássicos em outras nações, mas os temas, a direção e a inspiração dos estudos continuaram a ser os do humanismo italiano do século XV. Na centúria seguinte, época da reforma protestante e da reforma católica, brilharam os humanistas italianos Petrus Victorius (1499-1585), Francesco Robortelli (1516-1567), Carolus Sigonius (c. 1524-1566), Marcantonio Majoragius (1514-1555) e Faernus, assim como o francês Marc-Antoine Muret (1526-1585) que, acusado de heresia na França, se refugiou, viveu e ensinou em Veneza, Pádua, Ferrara e Roma. O Saque de Roma, em maio de 1527, assinalou o fim do Renascimento do saber na Itália mas não o fim dos estudos clássicos.

Os representantes mais famosos do humanismo francês foram Guillaume Budé ou Budaeus (1467-1540), Robert Estienne ou Stephanus, e o seu filho Henri Estienne (1531-1598) que se notabilizou pela edição das obras de Platão (1578), além de muitas obras de outros autores gregos. Ficou famosa a paginação da obra platônica feita por "Stephanus".

Jullus Caesar Scaliger (1484-1558), de origem italiana, discutiu com Erasmo sobre Cícero, a quem considerava escritor perfeitíssimo. Outro paladino de Cícero na questão do ciceronismo, denunciado por Erasmo, foi Etienne Dolet (1506-1546). Ilustres mestres reais de grego foram Adrianus Turnebus de Andelys na Normandia (1512-1565), Jean Dorat

(c. 1502-1588) e Denys Lambin ou Dionysius Lambinus (1520-1572) que editou muitos autores latinos. Notável latinista foi Joseph Justus Scaliger (1540-1609), filho de Júlio César Scaliger. Por fim, importante helenista foi Isaac Casaubon (1559-1614).

Na Holanda, além do genial Erasmo, contam-se humanistas de boa estirpe como Jerome Busleiden que fundou o *Collegium Trilingue* em Lovaina, em 1517, para o estudo do grego, do hebraico e do caldaico; Willem Canter de Utrecht (1542-1575), editor dos poetas trágicos gregos, e Jacob Cruquius, célebre editor de Horácio.

Na Inglaterra notabilizaram-se como humanistas o monge beneditino William of Selling, falecido em 1494, o primeiro inglês a estudar grego na época do Renascimento; Thomas Linacre (c. 1460-1524) e o seu amigo William Grocyn (c. 1446-1519); Henry Bullock, professor de grego em Cambridge; Richard Croke (c. 1489-1558), Sir John Cheke (1514-1557); e George Buchanan (1506-1582) que traduziu várias obras para o latim e compôs uma alentada *História da Escócia*.

Finalmente, na Alemanha assinalaram-se o helenista e astrônomo Johann Müller de Königsberg ou Regiomontanus (1436-1476), tradutor de Ptolomeu e de Apolônio de Perga e do poema astronômico de Manilius; Roelof Huysman ou Rodolphus Agricola (1444-1485) que traduziu Luciano, obras de Isócrates e do velho Sêneca, e compôs importante tratado de retórica, o *De inventione dialectica*, em 1515, Johann Reuchlin (1455-1522) foi helenista e hebraísta. Melanchthon (1497-1560) foi professor ilustre e autor de gramáticas de grego e latim, editor de textos clássicos e de compêndios. Joachim Camerarius de Bamberg (1500-1574) foi editor de obras gregas e latinas, Hieronymus Wolf (1516-1580) editou Isócrates e Demóstenes em traduções latinas com notas. Wilhelm Xylander de Augsburg (1532-1576) foi professor de grego, editor de Plutarco, Estrabão e de outros autores. Por fim, Friedrich Sylburg (1536-1596) que editou toda a obra de Aristóteles, Clemente de Alexandria, São Justino e de outros autores.

Importa frisar finalmente que, desde o aparecimento do humanismo, os papas foram seus iluminados e seguros suportes. Tanto na corte de Avinhão como em Roma, eles se destacaram na promoção das letras e das artes, na proteção aos artistas, no sustento de humanistas, na iniciativa das traduções, na busca de manuscritos, no entusiasmo pelos estudos clássicos e na renovação do saber. Realce particular deve ser dado a Martinho V (1417-1431), Eugênio IV (1431-1447), Nicolau V (1447-1455), Sixto IV (1471-1484), Júlio II (1503-1513) e Leão X (1513-1521). Sobre os papas do Renascimento no século XV Guiraud escreveu um livro esclarecedor, *L'Église et les Origines de la Renaissance*, que se encerra com um belo capítulo sobre Cristianismo

e paganismo no século XV. O naturalismo das obras antigas e de muitos humanistas influenciou negativamente muitos dignitários eclesiásticos e muitos cristãos que tiveram, em consequência disso, a fé amortecida e os costumes dissipados.

Em suma, o humanismo renascentista determinou pelo seu modo de ser, pela sua natureza e pelos seus objetivos, um novo tipo de saber, literário e erudito, e nova pedagogia com a sua concepção do homem e da vida, do papel da escola, das disciplinas formativas e dos métodos educacionais.

Capítulo III

O novo ideal da educação

O aparecimento do humanismo e a renovação do saber, que se processou ao mesmo tempo em que uma coligação de fatores adversos fez desaparecer ou desfigurou o patrimônio tradicional da cultura, levaram à constituição de nova pedagogia e à fundação de escolas em que os jovens passaram a ser exercitados, de acordo com novo ideal de formação. Uma vez que noutro capítulo iremos estudar essa nova pedagogia e as suas doutrinas principais nos séculos XV e XVI, vamos por ora examinar o novo ideal formativo que se anunciou desde a segunda metade do século XIV.

Vimos em capítulo anterior que a Peste Negra dizimou mestres e eruditos das escolas e casas religiosas, sobre terem completado esse infortúnio as guerras e relaxações provocadas pelos desastres religiosos do Exílio de Avinhão e do Grande Cisma do Ocidente. Uma das conseqüências culturais dessas calamidades foi, de regra, o desaparecimento de homens de escola no campo dos estudos, quando se compara o fim do século XIV com a centúria anterior, e ao mesmo tempo o abandono dos estudos sérios e do zelo pelos livros. Daí o aparente sumiço de obras que foram compulsadas e utilizadas nas escolas monásticas e nas universidades nos séculos XII e XIII, e que ficaram largadas às traças e ao pó das estantes abandonadas, de tal modo que os humanistas caçadores de códices puderam no fim do século XIV, e durante o XV, percorrer os mosteiros e os conventos e fazer grandes achados de manuscritos preciosos que ainda existiam nas bibliotecas, porque um dia monges zelosos os copiaram e guardaram com muito empenho e carinho. Evidentemente, os humanistas não obtiveram códices por passes de mágicas ou desenterrando-os de poços soterrados, desde o fim do mundo antigo, por gregos e romanos. As suas descobertas de manuscritos sempre foram feitas nas bibliotecas de mosteiros e conventos ou de palácios episcopais onde jaziam freqüentemente faltos de atenção devido ao espírito de inércia e de desídia que saltara o clero regular e secular, desde a metade do século XIV. Na verdade, o próprio humanismo, o gosto pelos clássicos, o amor às letras latinas, o propósito da imitação dos bons modelos literários, não surgiram repentinamente no século XIV, não foram invenções

de Petrarca, de Salutati, etc. O trovão humanístico do século XIV fora precedido pelos relâmpagos culturais do século XII, quando se deu lídimo renascimento dos estudos clássicos e se manifestou a primazia da gramática e das letras no curso das artes liberais. Como observa Haskins no capítulo V da sua obra clássica *O Renascimento do Século XII*, esta centúria constituiu o ápice do estudo gramatical na Idade Média, tanto no sentido restrito de estudo morfológico e sintático como no mais amplo de leitura dos autores clássicos, sobre haverem os homens de cultura mais importantes da época se exercitado nas obras retóricas de Cícero e Quintiliano que eles recomendavam como os textos ideais da arte retórica, como se colhe do elenco de livros composto por Alexandre Neckam (1157-1217), embora essas obras clássicas fossem mais lidas como modelos de estilo retórico do que como textos de estudo pois, na prática, os alunos preferiam recorrer aos modernos manuais de composição epistolar ou *dictamen*. Aliás, na segunda metade do século XIII, o pedagogo franciscano Gilberto de Tournai revela conhecer a obra de Quintiliano no seu tratado *De modo addiscendi* tanto que, logo de início, discute a tese de Marco Fábio quanto à preferência pela escola pública, isto é, frequentada por jovens de várias condições, quando comparada ao ensino individual ministrado pelo pedagogo. Em 1416, o famoso humanista Poggio Bracciolini dirigiu-se com os seus companheiros Bartolomeu de Montepulciano e Cencio Rustici ao antigo centro do saber, a abadia de Saint-Gall, onde os abades e os monges não se interessavam por literatura, e numa das torres da Igreja abacial descobriram muitos e preciosos manuscritos que, segundo Sandys, jaziam no pó, na umidade e na escuridão, e entre as primeiras descobertas de Poggio estava um exemplar completo da *Institutio Oratoria* de Quintiliano, que Petrarca só conhecera de forma mutilada e imperfeita. Poggio comunicou logo a novidade aos amigos Niccoli e Bruní em Florença e copiou o códice em 53 dias¹. Ora, Quintiliano, juntamente com Cícero e Plutarco, foram os inspiradores das concepções e da organização educacionais renascentistas e desses autores, exceto Plutarco, as obras foram conhecidas e estudadas na Idade Média. Acontece, porém, que no Renascimento o ideal pagão da existência e o culto dos valores terrenos que vazaram dos livros antigos para a mente e a existência de muitos humanistas, assim como a idéia conseqüente de que o homem é um *parvus deus*, um pequeno deus, fizeram com que a educação renascentista contivesse, sob a forma de espírito difuso em muitos escritos, um ideal formativo oposto ao da Idade Média, que fora visceralmente sobrenatural e transcendente. Para muitos pensadores renascentistas o homem

¹ John Edwin Sandys, *A Short History of Classical Scholarship*, pág. 168.

só é notável quando se assinala nos campos do pensamento e da ação por obras excelsas ou feitos heróicos, e o individualismo é exaltado numa atmosfera de egocentrismo e naturalismo no cego atendimento ao preceito do *carpe diem*. Ademais, aspecto característico da nova época é que os estudiosos e professores são leigos e não só monges, frades ou padres como nos séculos anteriores, quando o exercício da cultura ou do magistério parecia atribuição exclusiva do clero. Fato apreciável, também, foi que príncipes, nobres, eclesiásticos e burgueses ricos se tornaram mecenas, favoreceram as letras e as artes, sustentaram, beneficiaram a humanistas, mestres e artistas, tendo transformado as suas cortes e palácios em centros de cultura e arte.

Os educadores do Renascimento acham que o homem deve ser desenvolvido integralmente no corpo e no espírito, de tal modo que a educação faça ressaltar as belezas do homem latentes na criança. Francesco Cattani da Diacceto concebe o homem como *piccolo mondo* e discreta: "Com toda a razão, por ser o homem a coisa mais bela da terra, e por ser semelhante ao mundo, a ponto de ser chamado de *pequeno mundo*, pode afirmar-se que o mundo, como um grande homem, é a mais bela coisa sensível"². Cristofaro Landino, no diálogo *De vera nobilitate* (composto à volta de 1475) interpreta alegoricamente o mito de Hércules, *id est vir sapiens*, quer dizer, o homem sábio. Esse invencível guia dos mortais, diz Landino, deve ser imitado. Vá lá que não sejamos capazes de nos assemelharmos na nossa infância ao seu valor físico e de não conseguirmos, crianças de colo ainda, estrangular duas serpentes no nosso berço. Podemos, todavia, quando adultos, empunhar o seu arco e a sua clava, e vencer na corrida e com as flechas a corça de patas de bronze no Menalo, isto é, podemos vencer o medo proveniente das coisas do corpo, e com a grandeza do nosso ânimo superar tudo o que é vaidade e sombra. Assim, também, importa vencer os dois leões da ira e da iracúndia, trespassar no ar as Estinfálides, ou seja, dissipar as névoas dos erros e da ignorância, combater Anteu ou o apetite irracional, esmagar o caranguejo do torpor do ânimo, afastar de Creta, isto é, do juízo, o minotauro do apetite contrário à razão, e esmagar outros monstros, enfrentando corajosamente os tentáculos da hidra, as ávidas harpias, limpando o estábulo de Augias e corrigindo o rio Alfeu, isto é, o nosso ânimo, para que corra num só álveo, ou seja, que se mova só pelo apetite racional, pela vontade. Domados os monstros, Hércules sobe ao monte Eta, vale dizer, consagra-se à contemplação das coisas divinas e tor-

² Francesco Cattani da Diacceto, *L'uomo, piccolo mondo. I tre libri d'amore*, Lib. II, cap. V, in Felice Battaglia, *Il Pensiero pedagogico del Rinascimento*, pág. 94.

na-se imortal, chegando desse modo à suprema nobreza que o homem só pode alcançar pela aquisição das virtudes civis e heróicas ³.

Quando se estudam os escritos pedagógicos dos humanistas do século XV como Leonardo Bruni, Maffeo Vegio, Pier Paolo Vergerio, Leon Battista Alberti e outros, e quando se examinam os planos e programas escolares postos em prática por Vittorino da Feltre, verifica-se que o ideal colimado pelos humanistas é o desenvolvimento integral da personalidade, a formação harmoniosa do corpo e da alma através da educação intelectual, moral e física, o estudo intenso das letras greco-latinas, da gramática e da retórica. E, juntamente com esse curso clássico, eles ministram o ensino das ciências, de início principalmente as matemáticas, e no século XVI mais a astronomia e as ciências naturais, sobre concederem os mestres grande atenção à corrida, ao salto, à natação, à equitação, ao jogo da bola e ao manejo das armas. Esse ideal pedagógico irá consubstanciar-se no século XVI na formação típica do cortesão, tal como ela foi delineada por Castiglione na obra *Il Cortegiano*. Indubitavelmente, esse ideal pedagógico só podia ser acaentado e posto em prática no círculo dos nobres e dos burgueses ricos, pois se tratava de educação muito dispendiosa. Um menino pobre mas talentoso só estudaria se tivesse a sorte de ser auxiliado por um patrono generoso ou por um clérigo benevolente. A educação humanística, em tese, refere-se à formação do homem, do ser humano abstrato, mas na prática é essencialmente aristocrática e só acessível aos ricos. Só no século XVI — se excetuarmos antes disso as casas religiosas que acolhiam meninos pobres desejosos de seguir a carreira eclesiástica —, liam surgir iniciativas em prol das crianças pobres, e isso sempre por parte de pessoas e de instituições religiosas. O único professor leigo de nomeada, diretor de escola, humanista, pedagogo e pessoa verdadeiramente piedosa a se ter interessado pelos estudantes pobres, e a ter feito algo por eles, foi o admirável Vittorino da Feltre, o mais perfeito educador do Renascimento.

O currículo das escolas medievais e que, seguido nas escolas monásticas e episcopais, deu pano para a organização da Faculdade das Artes no século XIII, compunha-se das disciplinas literárias do *trivium* e das científicas do *quadrivium*, a saber, gramática, retórica e dialética; aritmética, geometria, astronomia e música. Na universidade medieval dos séculos XIII e XIV, a predileção dos estudiosos foi pela dialética ou lógica, que suplantou a gramática cujo estudo sempre havia imperado nas escolas, desde a Antiguidade. Por breve tempo, triunfou o ideal platônico da exaltação e do cultivo extremado da filo-

³ Cristofaro Landino, *Il Mito di Ercole*, in *De vera nobilitate*, apud Felice Battaglia, *Il Pensiero pedagogico del Rinascimento*, págs. 99-103.

sófia, mas já durante o século XIV o ideal de Isócrates, do estudo predominante da gramática e da retórica, ou seja, da formação do orador, voltou a triunfar e a sobrepujar a inclinação escolar pela dialética e pela filosofia, uma vez que a pedagogia humanística promoveu a vitória e a adoção do ideal literário e filológico das Letras.

Se o termo *humanismo* surgiu apenas no século XIX, o vocábulo *humanista* empregado nos séculos XV e XVI designava o mestre ou o estudioso das *humanidades*, os *studia humanitatis*, termo já usado na Antiguidade por Cícero e Aulo Géllo, e que significava a educação literária digna de um homem livre e distinto. Os *studia humanitatis* abrangiam as disciplinas da gramática, retórica, poética, história e filosofia moral. Se compararmos o plano das *Artes liberales* da Idade Média com os *studia humanitatis* do Renascimento, notaremos a evolução do currículo e as suas grandes diferenças. Em primeiro lugar, observa-se que as ciências e as matemáticas integravam o *quadrivium* medieval das artes, enquanto essas disciplinas desaparecem do plano das *humanidades*, e foram ministradas na escola renascentista por *acréscimo* como disciplinas distintas, embora os pedagogos do século XV sempre as incluam nos programas de estudos. Daí a expressão *humanidades* ter chegado até o século XX com a exclusiva conotação de estudos literários ou clássicos sem componentes científicos, e de incluir apenas magra pitança matemática, e daí a famosa oposição entre humanismo e ciência nos debates pedagógicos dos séculos XIX e XX, que o plano e a prática educacional das artes liberais da Idade Média não admitiriam nem comportariam. Esse ponto é muito importante para esclarecer os debates sobre o currículo da escola média no século XX.

Por outro lado, convém saber que o ideal pedagógico dos humanistas inspirou-se no *De oratore* e no *Orator* de Cícero, e principalmente na *Institutio Oratoria* de Quintiliano. Ora, nessas obras apresenta-se a retórica ou a oratória como a principal matéria de estudo, devendo o aluno estudar as outras disciplinas para se tornar um homem verdadeiramente sábio e eloquente, *vir bonus dicendi peritus*. De acordo com Cícero no *De oratore* (Lib. I, VI, 20), ninguém poderá tornar-se orador de mão cheia, se não possuir o conhecimento das artes e de todas as coisas elevadas, *ac mea quidem sententia nemo poterit esse omni laude cumulatus orator, nisi erit omnium magnarum atque artium scientiam consecutus*. E na mesma obra (§ 5-19, 48-74, 158-160) Cícero demonstra a necessidade da polimatia para o orador, com o lhe inculcar o estudo da dialética, da filosofia geral, da matemática, música e poesia, da física, do direito, da história e da arte militar, recomendação que ele também faz no *Orator* (cap. 32, § 113-120). Quintiliano, por sua vez, observa na *Institutio Oratoria* (Lib. I,

cap. X) que se tornou provérbio entre os gregos o asserto de que os ignorantes são inimigos das Musas, *amusoi*, e das Graças, *acharites*, *Indoctos a Musis atque a Gratiis abesse*. No famoso Livro XII da mesma obra ele traça o ideal do orador, e salienta a extrema importância da filosofia, do direito civil e da história. "O orador para cuja instrução escrevo", diz ele, "deve ser como o que Catão define: um homem de bem instruído na eloquência, *sit ergo nobis orator, quem constituimus, is, qui a M. Catone finitur, vir bonus dicendi peritus*... pois a natureza teria sido madrastra e não mãe, se nos tivesse concedido a eloquência para que fosse companheira dos delitos, contrária à inocência e inimiga da verdade, pois mais valera nascer mudos e carecer de toda razão do que empregar na nossa própria ruína os dons da Providência"⁴.

Quintiliano foi o mestre da pedagogia renascentista, essencialmente literária, retórica e erudita. Daí dizer Otto Willmann que a *Institutio Oratoria*, o tratado sobre a educação do orador, foi "o código da didática humanística", de tal modo que o guia dos estudos renascentistas não foi, com efeito, a *paideia* helênica com o seu cortejo de matemáticas e de filosofia, mas a *eloquência* romana de caráter formal, erudito, e sem ligação íntima com a filosofia cuja parte moral é a que mais interessa aos humanistas preocupados com a eficácia elocutiva, o *fari posse*⁵. Esse ideal foi alardeado por Leonardo Bruni no seu *De studiis et litteris liber* como a aliança pedagógica da *scientia rerum et peritia litterarum*, o conhecimento das coisas e a perícia literária ou bela expressão.

Na concepção dos humanistas, máxime no século XVI, a educação liberal através dos *studia humanitatis* era para ser completada com o estudo das obras dos Santos Padres da Igreja, principalmente de Santo Agostinho, e das matemáticas, da astronomia e das demais ciências, da música, dança e outras artes e com os exercícios físicos.

⁴ "Rerum ipsa natura in eo, quod praecipue indulgisse homini videtur quoque nos a ceteris animalibus separasse, non parens sed noverca fuerit, si facultatem dicendi, sociam scelerum, adversam innocentiae, hostem veritatis invenit. Multos enim nasci et egere omni ratione satius fuisset, quam providentiae munera in mutuum perniciem convertere". M. Fabius Quintilianus, *Institutio Oratoria*, Lib. XII, I, ed. Teubner, vol. II, pág. 238.

No prólogo desse cap. I do Livro XII da *Institutio Oratoria*, a educação do orador, confessa Quintiliano que chegou à parte mais importante da obra que se havia proposto escrever, *ventum est ad partem operis destinati longe gravissimam*.

⁵ "...so bilden die Institutionen Quintilians den Kodex der humanistischen Didaktik". Otto Willmann, *Didaktik als Bildungslehre*, Abschnitt I, § 21, 2, pág. 199.

O estudo do latim clássico segundo o modelo ciceroniano acabou deturpado no culto fanático a Cícero, igual ao que os averroístas medievais e renascentistas tributaram a Aristóteles em filosofia, de tal modo que muitos só sabiam imitar servilmente as obras de Cícero, a tal ponto que, entre outros, se destacou Erasmo no combate a essa idolatria literária no célebre livro *Ciceronianus*, em que denunciou a ridicularia do *ciceronismo*. Segundo Erasmo, certas pessoas constituíram a nova seita dos ciceronianos que repudiavam com empáfia os escritos latinos que não reproduzissem o estilo e o vocabulário de Cícero e constrangiam os jovens ao arremedo fanático e simiesco do grande escritor latino, mas o resultado é que não existia quem menos reproduzisse o encanto do estilo de Cícero do que essa malta servil⁶. Esse desvio pedagógico ocorreu ao arrepio das boas intenções dos humanistas que haviam erigido Cícero em padrão ideal da linguagem latina⁷.

Assim como, passada a fase áurea da Escolástica, advelo o *escolasticismo*, derrocada doutrinária e abusos metodológicos da escolástica decadente de que tanto zombou Rabelais, assim à fase esplendorosa do renascimento literário e do acme dos estudos da latimidade sucedeu nos séculos posteriores a *gramatiquice* que tanto atormentou os estudantes da Europa e das Américas, ao se transformar o conhecimento dos autores clássicos no rebarbativo aprendizado de regras e exceções gramaticais decoradas, por vezes, à força de golpes. Dava-se o caso de estudarem os alunos a gramática latina por anos a fio, sem serem capazes de traduzir correntemente uma página sequer de qualquer escritor latino. Na sua *Autobiografia*, do primeiro quartel do século XVI, narra Tomás Platter que, ao começar seus estudos na escola de mestre Myconius, era incapaz de declinar uma palavra sequer da primeira declinação e, no entanto, sabia de cor a gramática de Donato (sic). Quando Myconius iniciou as suas aulas, os alunos tiveram de aprender a declinar e conjugar todas as palavras de uma comédia inteira de Terêncio, e Platter teve a grande sorte de só levar um leve tabefe⁸. A *gramatiquice* já estava em marcha...

⁶ "At alter quantus est Ciceronis simius! Vides igitur non continuo melius dicere eum qui proplus accedit ad Ciceronem, nec peius qui dissimilior est". Erasmus von Rotterdam, *Dialogus cui titulus Ciceronianus sive De optimo dicendi genere*, in *Ausgewählte Schriften*, siebenter Band, pág. 338.

⁷ Esses humanistas foram Gasparino Barzizza, Poggio Bracciolini, Lourenço Valla e Paolo Cortesi, agora muitos outros. Cf. Giacomo Devoto, *Il ciceronianismo*, in *Il linguaggio d'Italia*, pág. 266.

⁸ Thomas Platter, *Autobiographie*, pág. 53.

Capítulo IV

A polêmica sobre o estudo dos clássicos e contra a Idade Média

Como sói acontecer nas grandes épocas de transição e de crise cultural, os ânimos inflamaram-se nos séculos XIV e XV por causa da leitura das obras clássicas. A que se deveria, contudo, essa pendência, se durante a Idade Média os clássicos latinos haviam sido conservados pelos monges e haviam servido de textos nas escolas monásticas e episcopais?

Acontece que as restrições a certas obras clássicas datavam do período patrístico e remontavam, pois, à antigüidade cristã. Muitos eclesiásticos e Santos Padres haviam repudiado a maior parte dos clássicos latinos e gregos, já devido à imoralidade das obras ou ao incentivo que os autores davam ao vício, já pela viveza de certas cenas cuja descrição podia ser excitante e maisã para a formação dos adolescentes e para os cristãos em geral, uma vez que o próprio Jesus recomendou: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação, pois o espírito está pronto mas a carne é fraca" (Mateus, 26, 41). E São Paulo, aludindo à revelação e à graça divina, lembra aos cristãos uma realidade básica da vida moral: "Trazemos esse tesouro em vasos de barro" (Aos Coríntios II, 4, 7). Sim, é essa a verdade inarredável: Trazemos o tesouro da graça e do conhecimento sobrenatural em *ostráquinoi skeuosin*, em vasos de barro... Daí o cuidado constante, a vigilância pertinaz dos educadores cristãos quanto às leituras dos jovens e aos textos escolares.

Entre os Santos Padres o escrito mais ponderado e famoso sobre essa questão foi o livrinho de São Basílio Magno sobre o modo de ler os autôres pagãos¹. Esse opúsculo de São Basílio, aliás, viria a gozar de alto conceito e de grande voga entre os humanistas do Renascimento, que lhe perfilharam a concepção de que os jovens devem ser como as abelhas e aproveitar nos livros mais indicados o que neles houver

¹ Saint Basile, *Aux jeunes gens sur la manière de tirer profit des lettres helléniques*. Paris, Les Belles Lettres, 1965, 74 págs. Cf. Ruy Afonso da Costa Nunes, *História da Educação na Antigüidade Cristã*, cap. VI, págs. 143-149.

de bom e apreciável. Por isso, segundo a posição basiliense, não se refugam os clássicos mas os educadores devem vigiar o emprego dos textos, pois nem todos são necessários à formação literária dos jovens, e as obras ou os seus trechos imorais devem ser censurados. Aliás, essa atitude de educadores sensatos já fora assumida na Roma antiga quando, tendo-se em vista o bem público, havia um censor incumbido de zelar pela moralidade pública².

O primeiro ato da polémica sobre os clássicos, na madrugada do humanismo renascentista, desenrolou-se entre o poeta Albertino Mussato e o dominicano frei Giovannino de Mântua. Mussato enalteceu a poesia e deu-lhe o epíteto de arte divina. O filósofo e teólogo frei Giovannino escreveu-lhe, então, uma carta contra a poesia, e disse que preferia expor as suas dúvidas em prosa e não em versos, pois não queria, como doutor na sagrada teologia, fazer-lhe ofensa com se sujeitar ao jugo das regras poéticas. Frei Giovannino resumiu o pensamento de Mussato em nove argumentos e declarou elegantemente que eles suscitavam sérias dúvidas quanto ao pretendo carácter divino da poesia, mas que se fossem plenamente confirmados, ele, frei Giovannino, poderia reconsiderar a merecida inclusão da poesia na sabedoria divina.

No século XIV, ainda, na sua obra *Genealogiae deorum gentilium libri* (Lib., XIV, 7, 9), Boccaccio trata da poesia *quam negligentes abiciunt et ignari*, que os homens negligentes e ignorantes desprezam, mas que é um dom maravilhoso concedido a poucos, e consistente em fêrvida e requintada busca da expressão oral ou escrita do que houver sido encontrado pela inspiração. Boccaccio afirma que os poetas são "fabulosos", *fabularum compositores*, isto é, autores de fábulas, mas isso, acrescenta, é mais útil que prejudicial, já que a fábula é um modo de falar por meio de exemplos ou de demonstrações com o auxílio da expressão figurada, de tal forma que, removido o véu simbólico, aparece clara a intenção do poeta³. Boccaccio esclama:

² Na biografia de Cato, o Velho, *Cato Senior* (Cap. XVI), diz Plutarco que a dignidade de censor era o ápice das honras, e como que o complemento do governo pois ela comportava, além de outras faculdades, a do exame da vida e costumes dos cidadãos: "Est hic magistratus quasi fastigium ceterorum honorum, et reliquarum reipublicae administrationum velut perfectio, ac praeter aliam protestatem in vias moresque civium inquisitionem habet." *Plutarchi Vitae graece et latine*, T. I, pág. 412. "Na época histórica os censores têm um papel político que lhes fornece a ocasião de exercer uma magistratura moral". Eles presidiam ao recenseamento quinquenal dos cidadãos, e podiam infligir-lhes censuras que ficavam inscritas, com os seus motivos, na lista do censo. Jean Gaudemet, *Les Institutions de l'Antiquité*, págs. 181-182.

³ "Fabula est exemplaris seu demonstrativa sub fignento locutio, cuius amoto cortice, patet intentio fabulantis". Boccaccio, *Genealogiae deorum gentilium*

rece finalmente que, nos primeiros séculos cristãos, a Igreja não recomendou o estudo da literatura e da mitologia, devido à proximidade do paganismo, e pelo temor de que a leitura dos mitos levasse certos cristãos, ainda fracos, a se deixarem fascinar pelo velho fermento e, como os cães, a retornarem ao vômito. Hoje, porém, graças a Jesus Cristo, diz ele, os cristãos têm vigorosa a fé, e o execrável nome dos pagãos foi expulso para as trevas eternas juntamente com os seus erros. Por isso, os temas mitológicos e poéticos podem ser examinados e tratados sem perigo.

A grande polêmica sobre a leitura dos clássicos no século XIV feriu-se, de fato, entre Coluccio Salutati e o monge camaldulense frei Giovanni di San Miniato e, em seguida, com o sábio dominicano, o Bem-aventurado Giovanni Dominici. Pouco depois da morte de Boccaccio, em 1378, Salutati resolveu-se a defender Virgílio, quando o Chanceler de Bolonha, o seu amigo Zonarini, chamou o autor da *Eneida* de mentiroso. Salutati provou, então, a importância de Virgílio para a fé cristã, tendo salientado vários lanços edificantes e de valor apologético na obra do poeta mantuano. A questão irrompeu de novo, quando uma estátua de Virgílio, em Mântua, foi atirada ao rio Mincio, ao que se dizia, por obra de Carlo Malatesta. Salutati protestou e reafirmou a sua confiança em Virgílio. Em 1400, Coluccio Salutati já era consagrado defensor dos clássicos. Giovanni di San Miniato escreveu-lhe uma carta mostrando-se preocupado com a sua vida espiritual e com a sua paixão pelos clássicos. Giovanni era o representante típico dos conservadores adversários do Renascimento. Salutati respondeu, então, que Deus é verdade, e que nas obras dos escritores pagãos há fragmentos da mesma que ao estudioso cabe recolher. Assim, Giovanni di San Miniato escreveu a Ângelo Corbinelli, sequeiro de Salutati, e criticou-lhe o tempo perdido com a leitura de Virgílio e Ovídio, argumentando que a literatura paga leva os homens ao pecado e que, segundo São Jerônimo, os poetas são o alimento do demônio. Giovanni dizia não fazer objeção a Sêneca, a Aristóteles e a outros, mas achava que a sua prosa não fazia falta na língua original. Assim, Corbinelli mostrou a carta a Salutati que lhe deu ampla resposta e expôs, de modo sistemático, a sua posição de humanista perante os clássicos. Pois foi essa carta de Salutati que suscitou a obra de Dominici *Lucula Noctis*, uma vez que o monge camaldulense, ao sentir o pulso do adversário, remeteu a carta a frei João Dominici O.P., que retrucou no vigoroso e soberbo volume da *Lucula Noctis*, cujo título provém das palavras do Prólogo do Evan-

gelho de São João, *et lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt*" (Jo. I, 5).

Dominici escreveu a *Lucula* em 1405, e essa obra, segundo Hunt, "é um compêndio do pró e do contra na questão dos clássicos"⁴. O sábio e austero dominicano examinou a fundo a questão, tendo seguido em sua exposição o método escolástico. Coluccio Salutati começou a responder a Dominici no inverno de 1405-1406, mas não chegou a terminar a sua réplica, pois morreu aos 4 de maio deste ano. Na resposta a frei Giovanni di San Miniato dizia Salutati que os poetas merecem ser lidos por três motivos: a exuberância e a precisão do vocabulário, as figuras e os belos ornamentos da linguagem, e a reta orientação de nossa vida através do louvor das virtudes e da censura aos vícios. Coluccio acrescenta que a poesia é mais importante que a filosofia, e que a ciência filosófica contribui para a perfeição do poeta. Sinal da superioridade da poesia, diz ele, é que os filósofos são numerosíssimos, enquanto raros são os verdadeiros poetas⁵.

Na carta a frei João Dominici declara Coluccio Salutati que não pode estudar a Sagrada Escritura quem ignora a gramática e as letras, e mostra a importância da retórica e da dialética para afirmar, triunfante, que a poesia pressupõe o *trivium* e o *quadrivium* — é a arte e o poder que se vale das figuras da linguagem e dos versos para exprimir interiormente as idéias e para expressá-las exteriormente aos outros, de tal modo que nada nela se encontra de oposto à fé ou à Sagrada Escritura, máxime porque esta mesma Escritura nada mais é que poesia, *cum certum sit ipsam divinam Scripturam nihil aliud esse quam poeticam*. A poesia, portanto, conclui Salutati, é arte que começa depois de todas as artes, e após a arte das artes, isto é, a filosofia e a teologia... pois delas se vale para se exprimir de modo suave, elegante e sutil...⁶.

João Dominici, por sua vez, analisa as razões favoráveis e as contrárias à leitura dos clássicos e, sem negar a importância da cultura lite-

⁴ Edmund Hunt C.S.C., *Iohannis Dominici Lucula Noctis*, pág. XIX.

⁵ "Quod, si nulla doceat ratio, potest tamen et debet et tibi et aliis abunde sufficere, cum infinitos videntis esse philosophos, miram autem caritatem et penuriam poetarum". Salutati, *Dall'Epistolario*, vol. IV, pág. 201, in *Il Pensiero Pedagogico dello Umanesimo*, a cura di Eugenio Garin, págs. 38-39.

⁶ "Et cum sit ab omnibus, sicut ostendimus, generata, post omnes artes et ipsam artem artium, philosophiam et theologiam, haec ars incipit, et cunctas utpote preambulas sibi que necessarias presupponit, quicquid dici potest tum suaviter, tum ornate, tum subtiliter narratura..." Salutati, *De laboribus Herculis*, I, 3; vol. I, pág. 17, in *Il Pensiero Pedagogico dello Umanesimo*, a cura di Eugenio Garin, pág. 68.

rária, realça os perigos da leitura indiscriminada para o bem da inteligência e da moralidade. Dominici foi catedrático de teologia por muitos anos, dedicou-se com êxito à pregação, assim como foi apreciado diretor espiritual. A suma da sua concepção está contida, assim nos parece, num sermãozinho em italiano, publicado pela primeira vez em 1970, *Quel che si deve sapere*. O essencial para o homem, diz Dominici, é alcançar a vida eterna e salvar-se. Para atingir esse fim ele precisa de sabedoria que o ajude a chegar a Deus. Essa sabedoria resume-se no *Credo*, e é preciso saber dos meios pelos quais se alcança o *Credo*: buscar e praticar a virtude, e evitar os vícios e pecados. Nesse caminho do saber, entretanto, há os que querem subir ao céu e os que descem ao abismo. Muitos pretendem especular com sutilezas mas não conseguirão subir ao céu pois, enfermos e cheios de muitos erros, serão condenados. Não é a especulação que impede o ascenso ao céu, mas o não querer saber de Deus⁷.

Segundo Innocenzo Colosio O.P., tentou-se classificar a figura de Dominici como um inimigo do estudo dos clássicos, mas não se levou em conta o homem e o seu pensamento, especialmente sabendo-se que este se exprime em muitas obras ainda inéditas. Antal, Bertucci e Dehove, por exemplo, consideram o autor da *Lucula* como um homem sensato que, perante o estudo dos clássicos, só exige precauções legítimas para o benefício moral dos jovens. Muitos outros críticos, todavia — e são a maioria — consideram Dominici adversário irredutível da cultura antiga. Assim, Bochl, Falconi, Filthaut, Formigari, Gilson, Martinelli, Simon e Saitta. Alguns quiseram ver em João Dominici um rígido escolástico, e Levasti discerne no Bem-aventurado a formação teológica medieval mas com fermentos do primeiro renascimento, e acha que ele respirava a atmosfera do fim do século XIV mas com pleno conhecimento das aspirações dos seus contemporâneos. Colosio acha que qualquer conclusão sobre a personalidade de Dominici ainda é prematura, já que boa parte dos seus escritos permanece inédita⁸.

⁷ *Giovanni Dominici. Saggi e Inediti*, in *Memorie Domenicane*, 1970, N.º 1, págs. 197-198.

⁸ "A tali domande non può esser data una risposta esauriente finché buona parte della produzione del Dominici rimane sepolta nei manoscritti delle biblioteche. Accanto alle opere, che, per *fas* o per *nefas*, lo hanno reso famoso, come la *Lucula* e la *Regola*, per la polemica umanistica, o a quelle di interesse più spirituale, come il *libro d'amore di carità*, il *Trattato delle dieci questioni*, o, più recentemente, le *Lettere spirituali*, rimangono da conoscere la letteratura del Dominici e come professore e come predicatore". Innocenzo Colosio O.P., *Il B. Giovanni Dominici come uomo scrittore e come maestro di vita spirituale specialmente religiosa*, in *Giovanni Dominici Saggi e Inediti*, in *Memorie Domenicane*, 1970, N.º 1, pag. 54.

Além da polêmica sobre os estudos clássicos, houve durante o Renascimento intensa campanha contra os escolásticos medievais, que atingiu o clímax nas obras de Francisco Rabelais. Não resta dúvida de que houve no fim da Idade Média o declínio da Escolástica com abusos e deficiências nas doutrinas e no uso do método. Todavia, na Itália o preconceito contra a escolástica acentuou-se contra a linguagem dos filósofos e teólogos que os humanistas chamavam de gótica ou bárbara, do ponto de vista da excelência do latim literário ciceroniano, embora o latim do século XIII tivesse servido bem de veículo para o exercício da filosofia e da teologia⁹. Na França, entretanto, as coisas correram de modo diferente, porque aí o Renascimento proveniente da Itália só se difundiu mesmo no fim do século XV e no início do XVI. Assim, por exemplo, Jorge Hermônimo de Esparta chegou a Paris em 1476, e teve como alunos Reuchlin, Lefèvre, Budé e Erasmo. Janus Láscares, que deu aulas a Budé, chegou a Paris em 1495, e Jacques Lefèvre d'Étaples foi aluno de Marsílio Ficino em 1491. Por conseguinte, enquanto a Itália já atingira o fastígio do Renascimento, a França ainda balbuciava as primeiras letras renascentistas. Ora, Francisco Rabelais nasceu em 1494 (?), fez os primeiros estudos no início do século XVI; foi franciscano, beneditino, padre secular e médico, tendo publicado *Pantagruel* e *Gargântua* com a intenção medicinal de fazer rirem os doentes, já que se apercebera dos benefícios do riso para a saúde. Foi o iniciador do que se pode chamar de risoterapia ou, para usar de étimos gregos, da *gueloterapia*. Logo, Rabelais não frequentou jamais os autênticos escolásticos do século XIII, não lhes conheceu as obras fundamentais, mas foi educado, já no início do Renascimento francês, quando em muitas regiões, conventos e escolas perduravam ainda resquícios das doutrinas e dos métodos tradicionais, desfigurados, evidentemente, pela desídia e pela incompetência. Para fazer rir os leitores, Rabelais caricaturou os escolásticos da Sorbonne que tratou com empáfia e desacato e, no fervor da exaltação renascentista, acabou, também, por caricaturar os preceptores e os programas da nova escola renascentista. Essas caricaturas foram traçadas no cenário desregrado de urina, flatos e excreções, pelos quais Rabelais tinha verdadeira obsessão, como se colhe da leitura das suas obras. No capítulo XIV do *Gargântua*, depois que este já revelara a sua notável inteligência através de surpreendente invenção,

⁹ "...Le temps n'estoit tant loüé ne commode es lettres comme est de present, et n'avoys copie de telz precepteurs comme tu as eu. Le temps estoit encores tenebreux et sentant l'infelicité et calamité des Goths qui avoient mis à destruction toute bonne littérature. Mais, par la bonté divine, la lumière et dignité a esté de mon eage rendue es lettres..." Rabelais, *Pantagruel*, Livre II, Chapitre VIII, in *Oeuvres de Rabelais* (Garnier), Tome I, pag. 185.

o seu pai Grandgousier resolveu confiar-lhe a educação nas letras latinas ao teólogo Tubal Holofernes. Sob a orientação de tal sábio, Gargântua levou 5 anos e 3 meses para aprender o alfabeto, e 13 anos, 6 meses e 2 semanas para estudar quatro livros de gramática e de literatura. No capítulo XV, devido ao descorçoamento de Grandgousier com a palermice do filho, Gargântua é confrontado com Eudemão, o jovem "moderno" que estudou dois anos sob a nova orientação humanística e que demonstrou ser inteligente e culto. No capítulo XXIII, Gargântua é confiado ao novo preceptor Pornócrates que lhe deu um purgante de heléboro-de-atúlcira para o livrar das alterações e dos maus hábitos do cérebro. Aí começou o novo tipo de ensino, e entrou a ser ministrado o programa ideal da pedagogia renascentista tão elogiado por Rabelais mas que nos parece ridículo e absurdo. Assim, por exemplo, Gargântua não perdia uma hora do dia e estudava desde que acordava até a hora de dormir. Enquanto despertavam Gargântua com safanões às 4 horas da manhã, o jovem pajem Anagnostes lia uma página da divina Escritura em voz alta e clara. Enquanto Gargântua permanecia na privada, o preceptor repetia-lhe a leitura e explicava os pontos difíceis e obscuros, de modo que o discípulo nem podia aproveitar de tal retiro para algumas meditações ou projetos. Lia-se um livro em voz alta durante as refeições, e depois a conversa girava em torno de assuntos científicos com a consulta a obras especializadas. Na hora do recreio, o baralho e as cartas servem para Gargântua aprender matemática, astronomia e música. Alta noite, antes de se deitar, o preceptor e Gargântua olham para o céu e estudam astronomia. Aí, o preceptor faz um resumo de tudo o que foi aprendido durante o dia e, só então, a encerrar essa jornada de ritmo alucinante de estudos, é que o pobre Gargântua vai dormir, depois de fazer as suas orações.

Com efeito, como se pôde verificar, segundo o ideário de Rabelais, o programa escolar era enciclopédico, e o horário consagrado à aprendizagem, absurdo. Onde se colhe que ele 모sou tanto da educação escolástica decadente quanto da instrução renovada do Renascimento. Atente-se, ademais, para a famosa carta de Gargântua ao seu filho Pantagrue. Diz o gigante ao seu herdeiro que na sua juventude, apesar dos esforços paternos, o tempo não era tão propício e cômodo para as letras como agora, sobre não haver então a fartura de preceptores de que Pantagrue dispõe mas, por vontade divina, ainda no seu tempo as letras recuperaram a luz e a dignidade. Rabelais chega a dizer que agora o mundo possui muitos sábios, doutos preceptores e amplas bibliotecas e que nem no tempo de Platão, Cícero ou Papiniano havia tanta comodidade para os estudos. Gargântua traça, então, o programa de estudos que Pantagrue devia cumprir com o auxílio do

preceptor Epistemão. Primeiramente, ele deverá estudar as línguas grega, latina, hebraica, caldaica e árabe. Em seguida, além das artes liberais já estudadas, deverá aprender a fundo astronomia, pondo de lado a astrologia e a adivinhação. Depois aprenderá o direito civil e mais a ciência dos fatos da natureza: os peixes dos mares, rios e ribeiros; pássaros, árvores, arbustos, molts e ervas; metais e pedrarias. Em seguida, dedicar-se-á meticulosamente aos livros de medicina dos gregos, árabes e latinos, sobre estudar, também, os talmudistas e os cabalistas, e praticar a dissecação. Por fim, algumas horas do dia devem ser consagradas ao *Novo Testamento* em grego, e ao *Antigo Testamento* em hebraico. Após esses estudos enciclopédicos, que eram o objeto de consideração das universidades, e ao começar a tornar-se adulto, Pantagrueu deveria abandonar o sossego dos estudos para aprender cavalaria e exercitar-se nas armas. Rabelais, todavia, juntamente com o enlevo pelo novo saber e pela nova educação, manteve-se fiel à sua crença católica e, por isso, faz Gargântua recomendar a Pantagrueu no fim da sua missiva o temor e o amor de Deus, e dar-lhe o célebre conselho: "a ciência sem consciência não passa de ruína da alma", *et science sans conscience n'est que ruine de l'âme*. Gargântua também adverte o filho quanto às más companhias de que deve fugir, aconselha o amor ao próximo, a veneração pelos preceptores, e diz-lhe que não receba em vão as graças que Deus lhe dê, *et les graces que Dieu te a données, icelles ne reçoipz en vain*.¹⁰

De tudo isso se depreende que a concepção pedagógica de Rabelais mantém o legado nuclear da fé cristã, insiste apenas na modificação dos programas, segundo o novo figurino do saber humanístico, e propõe de modo jocoso e exagerado a renovação dos métodos pedagógicos, dos processos didáticos, enaltecendo o sistema de ensino particular por meio de preceptor. Essa proposta pedagógica é feita entre as bordoadas rissonhas e cacógrafas aos escolásticos imaginários da França, máxime aos *sorbonagres*, termo que etimologicamente significa os *onagros* ou burros da Universidade da Sorbonne.

¹⁰ "Mais parce que selon le sage Salomon, Sapience n'entre point en ame malivole, et science sans conscience n'est que ruine de l'ame, il te convient servir, aymer, et craindre Dieu, et en luy mettre toutes tes pensées et tout ton espoir; et, par foy formee de charité, estre à luy adjoinct, en sorte que jamais n'en soys desamparé par peché." Rabelais, *Pantagrueu*, Livre II, Chapitre VIII, pág. 187.

Capítulo V

As escolas dos humanistas

Na aurora do Renascimento alteia-se a figura prodigiosa de Giannozzo Manetti, tão bem retratado por Vespasiano de Bisticci nas *Vite di uomini illustri del secolo XV*. Manetti é o homem-símbolo da nova educação, e na sua pessoa encarna-se o novo ideal pedagógico harmoniosamente congado com o espírito da educação medieval. Nasceu em Florença em 1396, foi secretário do papa Nicolau V e morreu exilado em Nápoles, em 1459. Seu pai Bernardo fez com que, bem cedo, aprendesse a ler e a escrever, "secondo la consuetudine della città", a fim de que se preparasse para o ofício de negociante. Durante meses Giannozzo exercitou-se no uso do ábaco e, aos dez anos, já foi para o banco onde desempenhou a função de caixa e, depois, a de contabilista. Todavia, ele sonhava com a fama e a glória e daí acertou conslgo que não havia outro caminho para tal meta a não ser o estudo das letras. Assim, aos vinte e cinco anos, renunciou a qualquer outro prazer e, sem o consentimento do pai, fechou-se em casa a estudar, tendo limitado as saídas ao estritamente necessário. Só dormia cinco horas por noite, e jamais o dia o encontrou no leito, "e mal di tempo ignuno il dì lo trovò nel letto". Com a máxima aplicação, Manetti estudou as sete artes liberais. Dominou facilmente a gramática latina com duas lições diárias, e leu os poetas "mais necessários", como Virgílio e Terêncio e, em seguida, obras de Cícero e de retórica. A fim de estudar lógica, filosofia e teologia, passou a freqüentar o círculo acadêmico do convento agostiniano do Santo Spirito onde travou relações com notáveis personalidades de estudiosos. Como fosse vizinho do convento, com a devida licença, abriu uma porta de comunicação entre o seu quintal e a morada dos frades, onde passava a maior parte do tempo a ouvir duas ou três lições e a participar de debates públicos sobre todas as ciências. Com mestre Evangelista de Pisa estudou lógica e ética, e com Girolamo de Nápoles, a filosofia natural. No entanto, diz Vespasiano de Bisticci, como Giannozzo Manetti achasse que em vão se fatigava quem só atendesse ao estudo das obras dos pagãos sem aprender teologia, decidiu consagrar a esta o resto da vida. Estudou então as *Sentenças* de Pedro Lombardo com os respectivos comentários e, sob a orientação do

agostiniano Girolamo de Nápoles, a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, que tinha pelo maior doutor da Igreja, assim como Aristóteles lhe parecia o máximo doutor dos pagãos. Passou, depois, a estudar geometria com Giovanni dell'Abaco, Benedetto Strozzi e outros, e tornou-se geômetra notável, "e diventò meraviglioso geometra". Af, Giannozzo resolveu aprender a língua grega com alguns eruditos que se achavam em Florença, e com frei Ambrogio degli Agnoli, o famoso Traversari, leu várias obras em grego, principalmente a *Ciropédia* de Xenofonte. Manetti adquiriu extrema proficiência em grego, como o atestam as suas traduções. Nesses intensos estudos até aqui descritos, manteve-se durante nove anos e, depois de haver aprendido muito bem as artes liberais, a filosofia, o grego e a teologia, decidiu, ainda, estudar a língua hebraica para compreender o fundamento das leis divinas, e veio a ser tão douto nessa como nas duas outras línguas.

Em suma, percebe-se a razão pela qual se pode considerar Giannozzo Manetti como o homem-símbolo e o homem-programa da escola humanística. Ele soube colocar o vinho velho em odres novos. Tornou-se perito nas línguas clássicas, aprendeu o hebraico, foi incomparável geômetra, exímio tradutor de obras gregas, estudioso da filosofia e da teologia e acalentou o sonho da fama e da glória. Esse consumado humanista soube também perpetuar a melhor tradição da mentalidade medieval pois, como diz num lanço da sua obra *De dignitate et excellentia hominis*, os dotes esplêndidos da natureza humana são dons do Senhor onipotente, que nos ajudam a viver neste mundo, alegres e descontraídos, por meio das boas obras, e a fruir, depois, eternamente, da divina Trindade de Quem procedem todos os bens¹.

No início da Idade Moderna a educação passou por modificações profundas, tanto na sua concepção como nos meios usados para a consecução dos seus objetivos. Primeiramente, ela começou a visar de modo claro e definido à formação integral do homem, o seu desenvolvimento intelectual, moral e físico, em contraste com a educação medieval que se esmerava na formação religiosa e intelectual e dava às escolas superiores um alcance prático, um objetivo profissionalizante, uma vez que as faculdades de teologia preparavam mestres, assessores de papas e bispos, eclesiásticos aptos para o devido exercício do ministério sacro; as faculdades de direito adestravam os advogados e os conselheiros de reis, príncipes, papas e bispos, tanto para o exercício da rendosa carreira da advocacia como para as funções políticas e diplomáticas que requeriam o conhecimento do direito canônico, enquanto as faculdades de medicina formavam os médicos que aten-

¹ Giannozzo Manetti, *De dignitate et excellentia hominis*, Liber Quartus, in *Prosafori Latini del Quattrocento*, pág. 445.

diam, a bom preço, aos doentes que os procuravam. Temos disso claro testemunho, no fim do século XIII, nas lamúrias de Rogério Bacon no seu *Compendium studii philosophiae* contra as escolas mercantilizantes de direito e medicina, máxime a *cupida facultas juris*, que recrutavam os melhores estudantes, de tal modo que faltavam bons cultores e desprendidos estudiosos das ciências filosóficas e teológicas. Ora, os humanistas do Renascimento conceberam de tal maneira a educação do homem que as suas doutrinas educacionais deram origem na prática ao ginásio moderno, às escolas terminais de nível médio e superior que, sem pertencerem à categoria universitária, proporcionavam aos jovens excelente formação intelectual. Com o tempo, esse tipo de escola criada pelos humanistas veio a constituir a moderna escola média ou curso secundário, enquanto no plano universitário se projetavam as faculdades das artes como autênticas escolas superiores de filosofia, ciências e letras, a verdadeira sede do saber teórico e da investigação pura no seio da universidade. Noutro capítulo vamos examinar as doutrinas educacionais dos humanistas.

Quanto aos meios usados nas escolas para o alcance dos seus novos objetivos, trataram os humanistas de publicar textos críticos das grandes obras da cultura clássica concernentes às *letras*, à *filosofia* e às *ciências*, de forma que, pelo menos no século XV e na primeira metade do XVI, os estudantes davam atenção tanto à beleza do estilo cicéroniano como à profundidade do pensamento platónico e aristotélico e às informações científicas prestadas pelos antigos astrónomos, naturalistas, físicos, médicos, geógrafos e historiadores da Antiguidade que começariam a ser estudados através do esforço e do talento pessoal de alguns, juntamente com a observação dos fenómenos e da realidade sensível. Esses processos de ensino foram estimulados e impulsionados de modo notável pela invenção da *impressão* que permitiu a disseminação dos livros, através do mundo, a preços módicos, ao mesmo tempo que levava à renovação dos processos didáticos. Ademais, os educadores humanistas fizeram questão de dar aos seus alunos educação física; ao lhes proporcionarem passeios, jogos, natação, equitação, exercícios corporais e o manejo das armas, para que assim a sua escola cumprisse a contento o antigo programa clássico condensado no adágio *mens sana in corpore sano*, a mente equilibrada num corpo sadio. Por fim, os educadores humanistas não esqueciam do objetivo moral e religioso da escola e nisso eles próprios, muitas vezes, serviam de exemplo, como no caso famoso de Vitorino de Feltre. Por conseguinte, como observa Otto Willmann, a escola renascentista se propôs os mesmos *fins supremos* colimados pela Idade Média cristã, tanto que os humanistas recorriam prazerosamente aos Santos Padres da Igreja que haviam conseguido conciliar o espí-

rito da Antigüidade pagã com a consciência católica e cristã, como o revelam a tradução, a publicação e as freqüentes citações da obra de São Basílio sobre a leitura dos autores pagãos, bem como o recurso constante às obras de Santo Agostinho.

Apesar da profunda dedicação à retórica, uma vez que a escola renascentista foi orientada pelo ideal oratório de Quintiliano, os alunos egressos das novas escolas dos humanistas só tinham ocasião de demonstrar e exhibir os seus conhecimentos e as suas habilidades em comemorações festivas como banquetes e sessões de academias ou ao ensejo de funerais e necrológios e, se fossem sacerdotes, nos púlpitos das igrejas, já que as condições políticas das nações européias, na época do Renascimento, não permitiam a vivência e a atuação políticas peculiares à ágora ateniense ou fórum romano onde brilharam os grandes gênios da oratória antiga. A única exceção renascentista foi a Inglaterra, como adverte argutamente Willmann, ao observar que só os ingleses possuíam uma vida pública estatal, *ein öffentliches Staatsleben*, um terreno para a arte viva e verdadeira da eloquência e uma classe destinada a ser a detentora das qualidades políticas e que para isso devia ser educada. Desse modo, a formação da juventude aristocrática — *our noble and our gentle youth* — vinha a constituir tarefa semelhante à da educação do cidadão livre na Antigüidade, e que consistia na instrução desinteressada, isto é, sem intuito profissionalizante, no desenvolvimento harmonioso da personalidade e na habilitação para o manejo do gládio espiritual e ao mesmo tempo da sua expressão tangível, a palavra².

As escolas mais célebres do século XV, e que se tornaram paradigmas para os estabelecimentos congêneres das cidades italianas e de outras nações, foram as de *Guarino de Verona* e de *Vitorino de Feltre*.

Sobre a escola de *Guarino de Verona* dispõe-se de copiosa informação através das suas *Cartas*, da *Oração Fúnebre* proferida por Ludovico Carbone, do *Panegrico* de Guarino de Verona, da autoria de Glano Pannonio, dos testemunhos dados por Ângelo Decembrio, e de vários outros documentos mas, principalmente, do livro escrito por Battista Guarino que, sob a orientação do pai, expôs com precisão os programas e os métodos da escola guariniana.

O colégio interno, *contubernium*, consagrado ao ensino das humanidades, foi estabelecido de forma modelar por Gasparino Barzizza de Bérgamo, professor de retórica em Pavia e em Milão e que, em 1408, abriu escola na sua casa em Pádua para instruir nobres venezianos até 1421, quando se transferiu para Milão. Guarino inspirou-se na escola de Barzizza. Estudara grego em Constantinopla com Crisóloras

² Otto Willmann, *Didaktik als Bildungslehre*, § 24,3, pág. 229.

e lecionara em Florença e em Veneza. Em 1420 fez contrato com a Comuna de Verona para dirigir escola pública de letras, dar aulas de retórica e sobre as *Epístolas* e as *Orações* de Cícero com o objetivo de ensinar a arte da eloquência³. Guarino tinha permissão para receber alunos estrangeiros e para dar aulas particulares pagas pelos interessados. Afluíram, então, à sua escola alunos provenientes da Europa inteira e não só leigos como religiosos, por exemplo, o dominicano Alberto de Sarzana e o franciscano São Bernardino de Siena. Guarino era auxiliado na direção da escola pela esposa, pelos filhos e por outros colaboradores. Em 1424 foi convidado pelo marquês Niccolò d'Este para se estabelecer em Ferrara como preceptor do seu filho e herdeiro Leonello com licença de acolher, ainda, outros alunos. Guarino aceitou e, após o casamento do seu pupilo, adquiriu uma casa em 1435 e abriu a sua própria escola, tão bem freqüentada desde 1436 que o Município tratou de fundar um *Studio publico*, tendo sido Guarino nomeado professor cívico de retórica. O marquês Leonello, por sua vez, ampliou a escola e obteve do Imperador para ela plenos direitos de universidade em 1442. Desse modo, a brilhante universidade de Ferrara nasceu diretamente da influência exercida na cidade pelo magistério de Guarino.

Nas escolas de Verona e Ferrara os alunos conviviam diuturnamente com o mestre e tinham em comum com a sua família a casa, a mesa e os estudos. Guarino dispensava-lhes educação física, intelectual e moral ao mesmo tempo que lhes servia de brilhante e inesquecível exemplo de erudito filólogo, restaurador e analista dos textos antigos, professor afável e competente. O mestre de Verona assinalou-se pelo rigoroso método dos estudos. Antes dele, Pier Paolo Vergerio havia enumerado as matérias do ensino e havia dado bons conselhos para o estudo na sua obra *De ingenuis moribus*. Barzizza dera cursos sobre Cícero, Quintiliano e Sêneca, mas Guarino, que pessoalmente não escreveu sobre o seu método, distribuiu sistematicamente o ensino em três cursos: elementar, gramatical e retórico, pondo em prática a recomendação feita por Quintiliano na *Institutio Oratoria*⁴. O filho de

³ Veja-se o texto do contrato em *Guarino e l'insegnamento a Verona*, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, pág. 486.

⁴ "Primus in eo qui scribendi legendique adeptus erit facultatem grammaticis est locus."

"Et finitae quidam sunt partes duae, quas haec professio pollicetur, id est ratio loquendi et enarratio auctorum, quarum illam methodicen, hanc historicen vocant. Adiciamus tamen eorum curae quaedam dicendi primordia quibus aetatis nondum rhetoricam capientis instigant." M. Fabii Quintiliani *Institutionis Oratoriae*, Libri Duodecim (Teubner). Lib. I, IV, 1. — Lib. I, IX, 1. Vol. I, págs. 18 e 45.

Guarino de Verona, Battista Guarino, conservou e transmitiu aos pósteros os ensinamentos pedagógicos paternos, e consignou-os na obra *De ordine docendi et discendi* (1459) que contém os programas e os métodos a serem usados por mestres e alunos da escola de Guarino⁵. Battista compôs essa obra aos 25 anos, sob a supervisão do pai, que faleceu no ano seguinte.

No curso elementar Guarino ensinava os alunos a lerem e a pronunciarem as palavras com exatidão e clareza, baseando-se nas indicações de Crisóloras. Os alunos aprendiam a declinar palavras e a conjugar verbos no *Donatus minor*, compêndio elementar de gramática. O curso gramatical dividia-se em duas partes: a *metódica* e a *histórica*. Na primeira estudavam-se as regras morfológicas e sintáticas e, na segunda, as obras históricas. Os alunos deviam aplicar os conhecimentos teóricos da gramática em exercícios escritos e orais. Assim, por exemplo, deveriam distinguir bem os verbos ativos dos neutros e reconhecer as seis classes de verbos ativos, valendo-se nesse estudo das *Regulae* compostas pelo próprio Guarino. Aprendiam, depois, prosódia e métrica e as primeiras noções de grego, pois, como ensinava Guarino, "não pode ser douto quem ignora a doutrina dos versos" e esta não pode ser bem aprendida sem o conhecimento do grego, língua extremamente necessária, *pernecessariam*, às letras latinas, já que a maior parte dos vocábulos do latim deriva da língua grega.

Na segunda parte do curso, os alunos adquiriam conhecimentos históricos e mitológicos através do estudo direto dos autores: Valério Máximo, Justino, Virgílio, Estácio, Ovídio, Sêneca, Terêncio, Juvenal, Plauto, Horácio, Pérsio, Ptolomeu, Estrabão, etc. Estudava-se a retórica nas obras de Cícero e Quintiliano, e da leitura do *De officiis* e das *Tusculanae* os alunos passavam ao estudo da *Ética* de Aristóteles, das obras de Platão e de algumas noções de direito civil. A esta altura dos estudos, segundo Guarino, os jovens já não precisariam mais de preceptor e poderiam, por sua vez, ser mestres competentes de outros alunos, *sed ipsi alitis praeceptores erunt idonei*, e poderiam ler e entender por sua própria conta. Desse modo, a pedagogia humanista procurava levar os alunos suavemente à formação do próprio critério

⁵ Battista Guarino, *De ordine docendi et discendi*, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, págs. 434-471. Como diz Battista Guarino na conclusão da obra: "Hic est enim et docendi ordo, et studendi praecepta, quibus non minus doctissimus quam optimus, parens meus et praeceptandi iure avus tuus discipulos instruebat". *Ib.*, pág. 470. A alusão ao *avus tuus* decorre do fato de ter sido a obra dedicada ao seu jovem e nobre aluno Maffeo Gambara da Brescia, que seria neto de Guarino de Verona "no campo dos estudos".

Para ligeiro conspecto da obra, cf. Garin, *L'Educazione in Europa 1400/1600*, pág. 129-130.

intelectual. "Essa forma de ginásio", diz Garin, "vinha substituir, de fato, os cursos universitários"⁶. Estava constituído o típico colégio renascentista.

Na segunda parte da obra, Battista expõe o modo como os jovens deviam estudar, conforme a orientação dada por Guarino. Eles devem pensar que um dia se tornarão doutores. Esse é um pensamento confortador e estimulante. Devem, ainda, procurar expor a outrem aquilo que têm aprendido, pois nada mais útil que disreterear com outras pessoas sobre as coisas ouvidas e estudadas. Os alunos não devem limitar-se às aulas, mas devem empenhar-se a fundo na leitura dos textos e dos seus comentadores, tomando nota das sentenças e do valor dos vocábulos, e, ao estudarem por própria conta, dediquem-se à leitura das obras opulentas e eruditas tais como as *Noites Áticas* de Aulo Gélío, as *Saturnais* de Macróbio, a *História Natural* de Plínio, e a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. Para se adiantarem no grego, ensinava Guarino, os alunos não devem depender apenas do professor mas precisam recorrer ao método bilíngüe, aproveitar as obras traduzidas para o latim e, desse modo, ler o original confrontando-o com a tradução. A leitura em voz alta, por sua vez, é benéfica não só para o entendimento como para digestão... conforme o ensinamento dos médicos e dos conhecedores dos segredos da natureza. Importa muito, dizia Guarino, proceder com ordem, evitar a leitura confusa de vários livros ao mesmo tempo, devendo estabelecer-se horas separadas para cada leitura e para a redação. Convém, outrossim, aproveitar ao máximo o tempo para os bons estudos sem desperdiçá-lo em nugas⁷.

Os programas de ensino, o método de estudo, as edições dos clássicos, o labor filológico, o ensinamento das línguas clássicas, consagraram Guarino de Verona como grande mestre e mentor da educação humanística cuja influência se estendeu à Itália e à Europa através dos seus discípulos. Como observa agudamente Eugénio Garin, no caso de Guarino não se tratava só de uma grande escola de retórica mas de um curso de cultura geral que abria aos seus discípulos imensa perspectiva científica e filosófica, uma vez que as línguas clássicas bem dominadas e os textos antigos constituíam a maior biblioteca de que o mundo dispusesse, até mesmo no campo das ciências, uma vez que incluíam as obras científicas e filosóficas de Arquimedes,

⁶ Garin, *L'Educazione in Europa 1400/1600*, pág. 130.

⁷ A respeito do modo de estudar veja-se a preciosa carta de Guarino a Leonello d'Este (1434) em que ele declara expor algumas regras e como que um método, tal como o aprendera com Manuel Crisóloras, seu mestre de virtude e de doutrina. *Guarini Veronensis Epistolae*, XXVI, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, pág. 380.

Ptolomeu, Hipócrates, Galeno, Platão, Aristóteles, e eram estudadas a fundo.

Outro famoso mestre do Renascimento Italiano, sábio, virtuoso e educador integral, foi Vitorino de Feltre. Enquanto Guarino brilhou mais como intelectual, filólogo e professor de línguas clássicas, Vitorino, sobre ter sido fino humanista e homem erudito, foi um proficiente artista da educação, assim como pessoa de vida santa e exemplar. Tal como Sócrates, com quem foi comparado por seus discípulos, ele nada escreveu, com exceção de pequeno escrito sobre ortografia e de algumas cartas. Daí o seu apelido de "Sócrates cristão", por ter sido educador virtuoso e exemplar que atuava mais pela influência exercida sobre os discípulos do que pelas páginas escritas. Vitorino da Feltre nasceu em Pádua em 1378, estudou na terra natal e em Veneza onde foi aluno de Vergerio, Barzizza e Guarino. Em Pádua e Veneza dirigiu internatos, sempre fiel ao princípio: cobrar dos ricos para sustentar os pobres. No ambiente refinado e luxuoso das mansões principescas do Renascimento Italiano e no cenário absolutamente aristocrático e elitista da educação humanista, Vitorino foi uma personalidade ímpar, gloriosa e notável exceção entre os humanistas, pois se comprazia em cultivar os talentos dos alunos carentes de recursos para estudar. Aliás, só aceitava na sua escola poucos alunos, engenhosos e modestos. Em 1423 aceitou o convite do marquês de Mântua, Gianfrancesco Gonzaga, para lhe educar os filhos na suntuosa residência da Zolosa, a mansão da alegria, que ele transformou em casa de jogos e da escola, a *Giocosa*. Juntamente com jovens príncipes e nobres, Vitorino educava — tal a condição que impôs para aceitar o convite do príncipe Gonzaga — jovens plebeus e pobres que ele sustentava com o seu salário, com o pagamento dos ricos e com o auxílio de Paola de' Malatesta, esposa do príncipe Gianfrancesco. Os alunos da *Giocosa* chegaram a setenta, e Vitorino contou com a colaboração de mestres de grego, música, canto e desenho. O nível do ensino era tão excelente que, em 1430, Jorge de Trebizonda veio ensinar grego na *Giocosa* e, em 1440, foi a vez de Teodoro Gaza. O que se sabe da vida, do ensino e da escola de Vitorino de Feltre deve-se às biografias escritas pelos seus discípulos Sassolo de Prato, Francesco de Castiglione, Francesco Prendilacqua e Bartolomeu Platina, e ao famoso biógrafo Vespasiano de Bisticci, que explica a razão de Vitorino ter permanecido solteiro: poder consagrar-se inteiramente aos estudos e à educação da juventude⁸.

⁸ "Non voglie mai moglie, perchè ella non gli fusse impedimento agli suoi studi. Era di lui opinione, oltre alla continenza che noi abbiamo detto, che fusse vergine". Reza o texto, ainda, que Vitorino era observantíssimo seguidor da religião cristã, rezava diariamente o Ofício divino como um padre, jejuava nas

Vitorino iniciava a instrução dos seus alunos com o ensino da gramática feito diretamente nos textos de Virgílio, Homero, Cícero e Demóstenes. O ensino da oratória abrangia o estudo da dialética e da retórica com exercícios contínuos de declamação, devendo os alunos imaginarem falar no fórum, perante o povo e no senado. Em seguida, estudavam-se as matemáticas: aritmética, geometria, astronomia e música, que deviam ser aprendidas de modo agradável e por meio de jogos. Terminados os cursos do trívio e do quadrívio, e julgando os alunos aptos para o estudo da filosofia, Vitorino enviava-os a *Accademia* de Platão e ao *Liceu* de Aristóteles e achava que, depois de terem estudado toda a filosofia, estavam prontos para ter êxito nos cursos de medicina, direito civil e teologia.

Na escola de Vitorino o esquema das disciplinas, o currículo, era tipicamente medieval, mas o modo de ensiná-las era novo, pois o ensino era feito diretamente nos textos clássicos gregos e latinos, e o seu objetivo era a aquisição da polimatia. Ademais — traço típico da sua pedagogia — Vitorino fazia questão de proporcionar aos alunos intensa educação física. De acordo com o testemunho de Francesco de Castiglione, achava Vitorino que o corpo se aquece mais com o exercício físico do que com o calor do fogo, e ele tratava de exercitar pessoalmente os alunos no jogo da bola, na corrida, no salto, no lançamento do disco e na luta. Vitorino dizia que esses exercícios beneficiavam a saúde e contribuíam para aguçar a mente. À moda ateniense, exercitava também os alunos na música. Segundo Bartolomeo Platina, queria que os jovens se habituassem às comidas simples, aos cozidos, e colocava na sobriedade e na continência a fonte da saúde, da vivacidade e da agudeza mental. Na escola e no internato Vitorino impunha aos alunos regras de vida metódica, a observância de austera disciplina, da higiene pessoal e da civilidade. Enfim, como observa Francesco de Castiglione, “ele desejava fazer reviver a antiga e refinadíssima arte de educar a juventude”. E os seus discípulos atestaram e comprovaram que o conseguiu. À escola de Vitorino de Feltre acorreram alunos de toda a Itália para receber educação física, intelectual, moral e religiosa, e Vitorino foi, sem dúvida, o mestre mais completo da Renascença⁹.

vigílias de preceito, e assim queria que o fizessem os alunos a isso obrigados pela idade. Ele era homem de oração assídua, exemplo de piedade e sabia levar os alunos ao cumprimento dos seus deveres religiosos. Vespasiano da Bisticci, *Biografia di Vittorino da Feltre*, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, pág. 702.

⁹ “Quando, aos 2 de fevereiro de 1446, Vittorino morreu, extinguiu-se por certo a figura de educador mais característica e mais alta de todo o Renascimento”. Garin, *L'Educazione in Europa 1400/1600*, pág. 136.

Na crista do Renascimento Italiano fulgura o nome de um santo franciscano, letrado e amigo de humanistas, pregador de invulgar eloquência que deixou precioso sermão em italiano e em latim, a saber, São Bernardino de Siena (1380-1444). Depois de ter compulsado os clássicos antigos e Dante Alighieri, estudou direito e teologia, licenciou-se em direito canônico e ingressou na Ordem dos Frades Menores em 1402. São Bernardino exerceu profícuo apostolado através da Itália como exímio pregador popular. Numa época desprovida de jornais, rádio e revistas, o púlpito era um dos principais meios de comunicação e uma das sedes do magistério. Pois bem, São Bernardino, amigo dos humanistas Ambrogio Traversari, Vespasiano de Bisticci, Leonardo Bruni, e elogiado por Poggio como *vir doctus et prudens*, não só vergastou nos sermões os vícios vergonhosos e a usura, como ensinava a doutrina cristã e sabia dar bons conselhos aos estudantes, tal como numa das pregações quaresmais de 1427, quando apresentou as suas preciosas regras de vida e de estudo aos estudantes da Universidade de Siena. De três coisas, dizia o santo, qualquer pessoa precisa neste mundo: bondade, disciplina e ciência. Essa última se alcança através do *estudo* que exige a estima do saber, é *diletto*, e a abstenção das más leituras, *separazione*, sobre ser útil para a vida inteira. A aquisição da ciência pelo estudo requer a *quietazione*, a serenidade obtida pelo domínio das paixões, das inclinações desordenadas e dos caprichos; a *ordinazione*, método de vida, organização do trabalho intelectual como ter, por exemplo, hora certa para comer e dormir, critério na escolha de mestres e de livros; *continuazione*, perseverança, paciência no aprendizado, e ler, por exemplo, um livro de cada vez; *dilettazione*, deleite, isto é, ter gosto pelo que se estuda, lê ou aprende dos mestres, assim como adquirir o hábito de ruminar as leituras, de refletir. Por fim, *discrezione*, a discricção que consiste em discernir o que mais convém ao próprio estado e à própria situação.

O papa João Paulo I, o cardeal Albino Luciano, que teve um pontificado meteórico, quando era Patriarca de Veneza escreveu o livro *Illustrissimi*, coleção de cartas publicadas na revista popular e cristã *Mensageiro de Santo Antônio*. Essas cartas escritas com muita finura e bom humor eram endereçadas a famosas personalidades como Dickens, Marconi, Péguy, Penélope, Pinóquio, etc. Desse modo, o Patriarca de Veneza ministrava ao povo preciosos ensinamentos e lições de vida. Na carta dirigida a São Bernardino de Siena ele declara: "Com a tua licença, vou tentar recordar agora as tuas 'sete regras' abreviando-as e... adaptando-as na intenção dos estudantes de hoje", e passa a discorrer, então, sobre a *estima*, o amor ao estudo; a *separação*, abstenção das más companhias e das más leituras; a *quietação*,

"uma faixa de silêncio em torno da mente de quem estuda"; a *ordenação*, a ordem, o equilíbrio e a justa medida; a *continuidade*, constância no estudo e nos bons propósitos; a *discrição*, ou seja, "dar o passo de acordo com o tamanho da perna", e o *deleite*, quer dizer, "não se pode estudar detidamente, se não se toma gosto pelo estudo"¹⁰. Os programas das escolas renascentistas podem ter hoje apenas interesse histórico, mas as regras de vida dadas por São Bernardino de Siena têm valor perene.

¹⁰ Albino Luciani, *Ilustríssimos Senhores* (ed. Loyola), págs. 86-91. Diz o autor no fim da sua carta a São Bernardino de Siena: "Querido São Bernardino! Escreveu Enéias Sívio Piccolomini, teu conchadão e Papa com o nome de Pio II, que, por ocasião da tua morte, os senhores mais poderosos da Itália repartiram entre si as tuas relíquias. Para os pobres senenses, que tanto te amavam, não sobrou nada. Só ficou o burrinho, em cujo dorso alguma vez montaras quando te sentias cansado da viagem nos últimos anos de tua vida. Um dia, as mulheres de Siena viram o pobre animal passar, detiveram-no, depilaram-no todinho e guardaram aqueles pelos como relíquias.

"Em vez do burrinho, eu pelei e 'depenel', estragando-o, um dos teus belíssimos sermões. Será que estas 'penas' vão ser todas dispersas pelo vento, ou alguma delas, pelo menos por alguém, será recolhida?". *Id.*, pág. 91.

a ressaltar é que as *humanidades* passaram a ocupar o primeiro posto no programa da Faculdade das Artes que, desse modo, teve o ensino tradicional da dialética e da filosofia suplantado pelo das letras clássicas. Note-se que em Bolonha a Faculdade das Artes renovou-se mas não se eclipsou nem foi absorvida pelos colégios. Deram-lhe inusitado brilho mestres conceituados como Antônio Urceo Codro, Francesco Filelfo e o seu filho Mário, Filipe Bertoldo, o Velho, no século XV, e o aristotélico Pietro Pomponazzi, os averroístas Alessandro Achillini e Tibério Bacillieri, no século XVI, que regeram cátedras de retórica, poesia latina, literatura e filosofia gregas. Por outro lado, sobre haverem florescido as letras clássicas na Faculdade das Artes em Bolonha e Pádua, renovou-se a prática acadêmica medieval da *recitatio* ou leitura pública de obras recentes que eram apresentadas pelos mestres aos membros da faculdade ou da universidade. Essa prática acadêmica, retomada no século XV, fora comum na Itália e em Paris no século XIII³. A Universidade de Pádua, cidade então dependente de Veneza, destacou-se, também, como centro das letras no século XV, juntamente com a de Pisa que prosperou graças à sua fusão com a de Florença em 1472, e se tornou foco do humanismo clássico. Criaram-se nela cátedras de poesia, eloquência, matemáticas, astronomia, e reorganizou-se o ensino do direito e da medicina. A Universidade de Pavia (1361) notabilizou-se no ensino do direito e das letras, teve estreitas relações com a França, principalmente após a conquista do Milanês por Luís XII. A Universidade de Ferrara, erigida entre 1388 e 1391, foi restaurada por Leonello d'Este em 1442 e teve por reitor o humanista Teodoro de Gaza. A Universidade de Florença, fundada em 1349, foi centro irradiante do humanismo. Boccaccio foi o primeiro catedrático de estudos dantescos, desde 1373. Crisóloras, professor de grego desde 1396, e nessa universidade brilharam eruditos famosos como Ambrósio, o camaldulense, Aurispa, Guarino e Filelfo, sobre ter sido a cidade de Dante o centro do movimento filosófico neoplatônico. No século XVI Roma ultrapassou Florença no campo das letras e das artes, e distinguiu-se no terreno do ensino com a Universidade da Sapientia, o Colégio Caprânica, as Academias e o colégio para estudos gregos, fundado por Leão X em 1515, e dirigido por João Láscaris. Não resta dúvida, como observa Stephen D'Irsay, de

nazione generale di Filosofia naturale". Sorbelli, *Storia della Università di Bologna*, vol. I, pág. 253.

³ Sobre a *recitatio* veja-se os seguintes artigos: Lynn Thorndicke, *Public Readings of New Works in Mediaeval Universities*, in *Speculum*, vol. I, 1926, págs. 101-103; *A note on a note to a note*, *ib.*, págs. 103-104; *Public recitals in universities of the fifteenth century*, in *Speculum*, vol. 3, 1928, págs. 104-105. Caro Lynn, *The repetitio and a repetitio*, in *Speculum*, vol. 6, págs. 123-131.

que as universidades italianas nunca se opuseram à difusão do renascimento literário mas foram, ao invés, "viveiros do humanismo" ¹.

A aparição de mestres de retórica e poesia segundo o estilo italiano, ao norte dos Alpes, deu-se à roda da metade do século XV. A Universidade de Lovaina, fundada em 1425, acolheu os estudos clássicos e, desde 1443, a Faculdade das Artes contou com um professor de humanidades, o *rethor publicus*. A sua grande atividade humanística tomou impulso notável entre 1490 e 1520, quando Erasmo, Van den Dorp — o futuro papa Adriano VI — Luís Vives, Costers e de Palude aí residem e formam o *contubernium*, a camaradagem letrada que Sêneca tanto elogiou (*Epist. Mor.* VI), e que foi poderoso instrumento formativo dos antigos educadores. Em Lovaina fundou-se, outrossim, novo colégio destinado ao ensino filológico, o *Colégio Trilingüe*, em 1517, e o seu criador foi o luxemburguês Jerônimo Busleiden que o idealizou para o ensino eficaz do latim, do grego e do hebraico. Em Lovaina, ainda, a primeira oficina tipográfica, de João da Vestfália apareceu em 1474, e em 1512 lá se achava na universidade o "Aldo da Bélgica", Thierry Martens, mestre em Artes e editor da *Utopia* de São Tomás More.

Em 1445 Enéas Sílvio Piccolomini, o futuro papa Pio II, proferiu retumbante discurso na Universidade de Viena em prol da poesia antiga e dos poetas profanos, e os cursos de literatura latina começaram a ser ministrados regularmente na Faculdade das Artes da Universidade de Viena, desde 1451. A introdução da cultura humanística nas universidades eslavas e germânicas de Praga, Cracóvia e Viena deveu-se em grande parte aos contactos dos universitários europeus com os humanistas italianos nas universidades da Itália e nos grandes concílios do século XV. Ademais, muitos círculos de professores humanísticos formaram-se por instigação dos príncipes que favoreciam os letrados contra os partidários da escolástica ².

No sugestivo ensaio sobre *O Humanismo e o Ensino da Universidade de Paris no tempo do Renascimento* alude Renaudet à Sorbonne como o bastião da escolástica decadente onde os mestres seculares — nem frades nem monges, mas clérigos — cultivam, na sua maioria, a filosofia nominalista e aborrecem os alunos e os estudiosos, que se achavam em busca do novo saber, com o método antiquado e anquilosado por meio do qual só sabem "reler textos e comentar comentários com

¹ Stephen D'Irsay, *Histoire des Universités Françaises et étrangères des origines à nos jours*, T. I, pág. 243.

² Sven Stelling-Michaud, *Quelques remarques sur l'histoire des universités à l'époque de la Renaissance*, in *Les Universités Européennes du XIV^e au XVIII^e siècle*, págs. 71-83.

uma aridez incurável que empobrece as doutrinas outrora vivas e atuantes”⁶. Apesar das tentativas feitas por Pierre Crockaert, de Bruxelas, para renovar o ensino do tomismo — Francisco de Vitória, o grande escolástico espanhol foi seu discípulo — e em que pese a atividade nominalista e ocamista capitaneada pelo escocês João Mair e por Jacques Almain em Paris, os estudos filosóficos e teológicos declinaram do antigo esplendor, e a Faculdade de Teologia, ciosa do seu papel de guardião da ortodoxia e de suas antigas glórias, opôs-se à introdução do humanismo na universidade, o qual acabou por se instalar nos colégios que substituíram e suplantaram a Faculdade das Artes. Em Paris, Fichet e Heynlin, doutores em teologia, abriram a sua oficina tipográfica na Sorbonne em 1470, e ressuscitaram a escrita carolíngia à guisa de caracteres da imprensa. Diante da oposição dos teólogos da Sorbonne, a pensarem como João Mair que “a ciência não precisa de linguagem bela”, o ensino das letras abrigou-se nos colégios de Montaigu (Monte Agudo), de Navarra, e no de Santa Bárbara, dirigido pelo português Diogo de Gouveia, o Velho, e neles se encontraram vários famosos e díspares personagens como Mathurin Cordier, calvinista e fundador do colégio de Guena em Bordéus, o orientalista Guilherme Postel e Santo Inácio de Loiola que se tornou Mestre em Artes em 1534. Fato marcante e decisivo para o triunfo da nova educação humanística na França foi a fundação do *Collège de France* feita pelo rei Francisco I, estimulado por Margarida de Navarra e pelo bispo de Paris, Etienne Poncher, mas influenciado principalmente pelo grande helenista Guillaume Budé. Os leitores reais do *Collège de France* gozavam de proteção especial do rei e os seus cursos eram anunciados em latim no bairro das escolas. Em 1530 o rei instituiu duas cátedras de grego, duas de hebraico e uma de matemáticas. Em 1531 estabeleceu-se nova cátedra de hebraico, e em 1534 Bartolomeu Latomus foi incumbido de um curso de latimidade. Em 1538 surgiram cátedras de línguas orientais, filosofia, grego, latim, matemáticas e medicina. A Sorbonne opunha-se aos mestres de línguas, pois receava que professores leigos e incompetentes em teologia atentassem contra a pureza da Sagrada Escritura. E a essa prevenção logo acresceu o temor do luteranismo. No entanto, apesar dessa tenaz oposição dos

⁶ “Les maîtres séculiers qui seuls officiellement appartiennent à la Faculté, professent pour la plupart la critique nominaliste, renouvelée, dans la première moitié du XIV^e siècle, par Guillaume d’Ockham”. Augustin Renaudet, *L’Humanisme et l’Enseignement de l’Université de Paris au temps de la Renaissance*, in *Aspects de l’Université de Paris*, pág. 136. Sobre os mestres da Universidade de Paris no início do Renascimento francês veja-se o estudo de H. Elie, *Quelques maîtres de l’Université de Paris vers l’an 1500*, in *Archives d’Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age*, 1951.

sorbonistas, "foi nos colégios parisienses", diz Stelling-Michaud, "que se operaram as transformações profundas do ensino durante o Renascimento e, através deles, o movimento humanístico foi introduzido na França. Os mestres dos colégios parisienses serviram, em ampla medida, de veículos do humanismo"⁷. Esses novos colégios, "veículos do humanismo", alinharam-se ao lado dos antigos colégios religiosos de Cluny, dos Bernardinos, Premonstratenses, Frades Menores, Frades Pregadores, Carmelitas, etc., que haviam decaído da sua antiga prosperidade. Essas novas escolas proporcionavam aos seus alunos cultura geral, preparavam para o ensino das Faculdades superiores e tinham marcante caráter internacional, uma vez que eram freqüentadas por inúmeros estudantes estrangeiros, principalmente escoceses, portugueses, espanhóis, alemães, e dos quais muitos ficavam a lecionar em Paris. Nesse trepidante meio acadêmico vieram estudar Calvino e Inácio de Loyola, Guilherme Farel e São Francisco Xavier e os portugueses Gouveias. O aspecto mais saliente dos novos colégios é que eles assumem, de um lado, o papel das Faculdades das Artes que se anulam como escolas superiores de filosofia e de letras clássicas, como no caso do *Collège de France*, e de outro lado, neles se organiza de modo autônomo o ensino secundário. Esse caráter dos colégios parisienses iria imprimir-se nos colégios das províncias, tal como o colégio de Guiana em Bordéus, de Angoulême, Lyon, Dijon, Nîmes, Tournon, Auch, Albi, Alençon e Toulouse, e os seus princípios foram aplicados tanto pelas academias e colégios protestantes como pelos colégios dos jesuítas, pois Calvino, Farel, Teodoro de Beza, Inácio de Loyola, Francisco Xavier e os primeiros jesuítas foram estudantes ou mestres em Paris⁸. No colégio de Montaigu — assim denominado devido ao nome do fundador, o arcebispo de Rouen, Giles Aycelin de Montaigu — diz Santo Inácio de Loyola na sua *Autobiografia*, que estudou humanidades juntamente com meninos, "pela ordem e maneira de Paris", e o mesmo pode dizer-se dos seus estudos no colégio de Santa Bárbara, bem superior ao de Montaigu no cultivo das letras⁹. Villoslada distingue quatro aspectos característicos do *modus parisiensis* adotado em todos os colégios jesuítas, inclusive no Brasil colonial: 1) a divisão em classes dos estudantes da mesma disciplina, conforme a idade e o aproveitamento: *maiores, profectiones, rudiores*; 2) a proibição de os

⁷ Sven Stelling-Michaud, *La storia delle università nel medioevo e nel Rinascimento: stato degli studi e prospettive di ricerca*, in *Le Origini dell'Università*, a cura di Girolamo Arnaldi, pág. 171.

⁸ Michel Reulos, *L'Université et les Collèges*, in *Bulletin de la Association Guillaume Budé*, 3^e série, n.º 2, juin 1953, págs. 40-42.

⁹ San Ignacio de Loyola, *Autobiografia*, cap. VIII, in *Obras Completas de San Ignacio de Loyola* (BAC), pág. 129.

alunos freqüentarem arbitrariamente as aulas de vários professores; 3) as repetições, sem as quais as lições seriam quase inúteis, e os debates públicos; 4) o contacto direto dos mestres com os alunos, a fim de zelarem pela moralidade da sua conduta ¹⁰.

Segundo Le Goff, além do declínio das universidades como centros profissionais, que perderam a parada para os colégios, ocorreu, ainda, a sua degeneração como corporações e o seu estreitamento ou apoucamento como centro de formação social. O desfinhamento corporativo ocorreu em virtude da explosão da universidade em faculdades cada vez mais independentes, uma vez que os universitários iam deixando de ser clérigos e as faculdades dependiam sempre menos da Igreja. Já que a secularização dos universitários lhes permitia o casamento, de tal modo que os médicos tinham essa licença desde 1452 e os juristas e os artistas a obtiveram na segunda metade do século XVI, os teólogos católicos acabaram por ficar isolados na prática da santa renúncia, tanto mais que nos países protestantes o celibato fora abolido. Quanto à redução das universidades como centros de formação social, isso decorreu das modificações na situação dos mestres e dos alunos. A primeira causa dessa mudança, diz Le Goff, foi o empobrecimento dos professores universitários que, na sua grande maioria, eram muito mal remunerados, já que só alguns professores célebres, geralmente estrangeiros, eram regamente pagos, sobre haverem se debilitado os recursos da Igreja que não podia outorgar benefícios a todos os candidatos às sinecuras ou prebendas. A segunda causa, do lado discente, foi o desprezo da burguesia, classe em ascensão, pelas universidades, pois os burgueses contribuíam para a fundação de colégios que ministravam o ensino secundário, de tal modo que os alunos dessas escolas nelas dispunham da formação intelectual necessária à sua condição social. Daí o florescimento dos colégios urbanos, paralelo à modificação da clientela das universidades, pois o número dos estudantes pobres diminui cada vez mais, e elas passam a ser freqüentadas por nobres estrangeiros ou por aristocratas franceses estranhos à vida pública do reino ¹¹.

Diferentemente de outras nações, a Inglaterra, durante os séculos medievais, o Renascimento e a Idade Moderna até ao século XIX, só contou com duas universidades, em Oxford e em Cambridge. Principalmente depois de 1400, os estudantes alojavam-se em residências académicas, "Halls" (*Aulae, Hospitia*), fiscalizadas pela universidade.

¹⁰ R. Garcia-Villoslada, S.I., *Ignacio de Loyola. Un español al servicio del Pontificado*, págs. 106-107.

¹¹ Jacques Le Goff, *La conception française de l'Université à l'époque de la Renaissance*, in *Les Universités Européennes du XIV^e au XVIII^e siècle*, págs. 94-100.

A residência, "hall", era alugada pelo mestre das artes, o "Principal", que devia ser credenciado pela universidade e devia impor a disciplina aos estudantes. Cada uma dessas residências comportava de 10 a 20 pessoas e, no início do século XIV havia mais de cem em Oxford e, antes do século XVI, nelas viviam os estudantes que ainda não haviam obtido graus acadêmicos, assim como alunos graduados. Em Cambridge, as residências denominavam-se "Hostels" (*Hospitalia*). Os colégios oxonienses University College, Merton College e Balliol College, fundados no século XIII, destinavam-se a poucos inquilinos, geralmente aos universitários graduados, a fim de favorecer o acesso ao doutoramento. Esses colégios, por conseguinte, eram desfrutados por uma minoria de acadêmicos, embora os pobres pudessem ser beneficiados por bolsas. No período de 1450 a 1550, esclarece Pantin, os colégios passaram por duas modificações importantes. A primeira foi a introdução ou a aceitação de estudantes pobres como serviçais dos ricos, já que estes preferiam agora alugar um quarto antes que uma casa particular, como fora costume. A segunda transformação foi a diminuição das residências, "halls", cujo número, cerca de 50 em 1450, baixou para 8 em 1550, e as que sobreviviam nesta data tinham tantos estudantes quanto um colégio. Deste modo, no Renascimento, em vez de muitas residências minúsculas, havia, na metade do século XVI, uns 20 colégios ou residências razoavelmente amplos¹². Juntamente com essas modificações da organização universitária, deram-se mudanças nos programas e nos interesses intelectuais. Os teólogos passaram a preferir a teologia patristica à escolástica, e na Faculdade das Artes aumentou a influência dos estudos humanísticos devido em grande parte às visitas de estudiosos ingleses à Itália, tal como William Grey do Balliol College e William Selling, mais tarde prior da catedral de Cantuária, sobre haver sido feita a prescrição nos cursos da Faculdade das Artes, desde 1431, da *Nova Rhetorica* de Cícero, das *Metamorfoses* de Ovídio, da obra de Virgílio, para o estudo da retórica. As universidades de Oxford e de Cambridge tinham o privilégio da jurisdição testamentária. Por isso, através dos registros e dos arquivos acadêmicos podem conhecer-se os livros doados à universidade na época do Renascimento ou possuídos pelos seus mestres, e entre as obras aparecem o *Liber ruralium commodorum*, tratado de agricultura escrito por um juiz italiano, à volta de 1300, em estilo elegante e baseado nos clássicos, as *Elegantiae* de Lorenzo Valla, uma *Ars scribendi epistolas*, provavelmente do veneziano Francesco Negro, duas

¹² W. A. Pantin, *The conception of the universities in England in the period of the Renaissance*, in *Les Universités Européennes du XIV^e au XVIII^e siècle*, pág. 103.

coleções de cartas de Gasparino Barzizza e de Pio II (Aeneas Sylvius), a gramática grega de Teodoro de Gaza, obras de Salústio, Suetônio, Plínio, Valério Máximo, Diógenes Laércio, as *Metamorfoses* de Ovídio, *Cartas* de Filelfo e Augustinus Datus, obras de Erasmo e Rodolfo Agri- cola, etc. A imprensa universitária na Inglaterra remonta ao ano de 1478. No início do século XVI chega-se à proibição da leitura de Erasmo. Em Oxford trava-se luta entre os "Gregos", os humanistas helenizantes, e os "Trolanos", os seus adversários escolásticos escotis- tas, e os juristas, discípulos de Accursius. Animador dos "Gregos" foi o humanista beneditino Robert Joseph, monge de Evesham, estu- dante do colégio beneditino, Gloucester College, em Oxford, e que deixou 176 cartas endereçadas a amigos, monges ou seculares, de Oxford e alhures. Ao lado dos "Gregos" alinham-se o cardeal Wolsey e Thomas Morus, o humanista mais notável da Inglaterra, amicíssimo de Erasmo. O Corpus Christi College, fundação nova, de Cambridge, conta com o ensino organizado das línguas clássicas. Em Cambridge, também, os humanistas são protegidos por João Fisher, bispo de Rochester, Chanceler da universidade, que convidou Erasmo para dar cursos de grego, e criou o Colégio São João para o estudo do grego e do hebraico. A partir de 1520, restaurou-se o estudo do direito, da filosofia e das matemáticas mas essa animação acadêmica foi sustada pelo cisma de Henrique VIII. Pantin é do parecer que houve nas universidades inglesas mais coexistência pacífica do que se pensa entre o ensino humanístico e o medieval, asseverando que os estatutos das universidades eram muito mais lentos para mostrar a influência do humanismo do que a renovação prática do ensino. Ele destaca, outrossim, as modificações do ensino nas residências e colégios através da adoção do duplo sistema tutorial. Na universidade havia os cursos ordinários com as lições magistrais; e nos colégios, aulas matutinas com a repetição ou *recitatio* orientada pelos "tutores", de tarde e, ademais, havia em Oxford e em Cambridge o ensino individual dado pelo orientador ou "tutor" ao seu aluno, dentro do sistema eminentemente aristocrático do colégio inglês renascentista. Assim, o sistema de ensino dispensado pelas residências e colégios e pelo sistema tuto- rial estabeleceu-se firmemente no período de 1450 a 1550 com uma organização didática flexível e aberta às inovações, que permitia con- ciliar os elementos medievais e humanistas da cultura, e que fortaleceu a Faculdade das Artes, sede do saber teórico e do humanismo. No entanto, a constituição democrática da universidade inglesa como cor- poração com cargos eletivos, de tradição medieval, sofreu um colapso devido à imposição do poder oligárquico dos "Principais", especial- mente no reinado de Isabel I. No período de 1450 a 1550 a univer- sidade inglesa ainda é uma instituição eclesiástica, mas já se iniciara a

sua laicização, particularmente na Faculdade de Direito cujos estudantes se destinavam a carreiras leigas, como no caso do ilustre São Tomás More. Por outro lado, predominam nessa época os jovens nobres nos colégios universitários. No fim do século XVI, devido às convulsões religiosas da Inglaterra, as universidades estavam estagnadas, tanto que Francis Bacon declara no *Novum Organon* que nos costumes e nos estatutos das escolas, academias, colégios e de estabelecimentos congêneres destinados a serem as sedes dos homens doutos e do cultivo do saber, tudo se acha em oposição ao progresso das ciências¹³.

Na Espanha, a Universidade de Salamanca, a "Atenas espanhola", segundo Beltrán de Heredia, adotou prontamente o humanismo e, desde 1484, humanistas italianos nela ministraram cursos de letras clássicas, como, por exemplo, Siciliano Marineo e Pedro d'Anghiera, mas o humanismo foi adotado oficialmente através dos estatutos e constituições de 1561-1562, e Salamanca resplandeceu culturalmente com as suas opulentas bibliotecas, o seu *Colégio Trilingüe* e o estudo meticoloso dos clássicos pagãos e cristãos, com o ensino atualizado da astronomia e da anatomia e com as suas 60 cátedras universitárias disputadas por meio de concursos públicos em que os candidatos eram julgados pelo pessoal acadêmico que assistia aos exames e votava, depois, em escrutínio secreto. Entre 1440 e 1525 surgiram os famosos *Colegios mayores*, de São Bartolomeu, do Arcebispo, de Cuenca e de Oviedo. Em Salamanca brilhou o gênio do mestre dominicano Francisco de Vitoria que, sobre haver sido considerado um prodígio da natureza, foi excelente professor que restaurou os estudos teológicos, renovou os métodos de ensino e adaptou a moral à vida quotidiana, individual e social. Vitória introduziu no seu ensino duas práticas didáticas típicas de Paris, onde estudara: a exposição da Teologia através da *Suma* de Santo Tomás de Aquino, em vez das *Sentenças* de Pedro Lombardo, que era o texto oficial, e a anotação das lições dos professores, feita pelos estudantes. Vitória não foi evidentemente o reformador solitário do Estudo Salmantino mas, segundo Valpuesta O.C.D., "a sua glória principal foi encaminhar esses desejos de reforma e atualização dos estudos de professores e discípulos"¹⁴. Por isso,

¹³ "Rursus in moribus et institutis scholarum, academiarum, collegiorum, et similium conventuum, quae doctorum hominum sedibus et eruditionis culturae destinata sunt, omnia progressui scientiarum adversa inventuntur". Francis Bacon, *Novum Organon* ou mais precisamente *Aphorismi de interpretatione naturae et regno hominis*, Lib. I, XC, in *The Works of Francis Bacon*, vol. I, pág. 197.

¹⁴ Vicente Beltrán de Heredia, *Francisco de Vitoria*, pág. 43; Pedro Maria Valpuesta O.C.D., *Francisco de Vitoria, Professor*, in *Ciencia Tomista*, T. 97, 1970, pág. 617.

cabe-lhe o título encomiástico dado por Getino na obra *El Maestro Fr. Francisco de Vitoria*, de "el Socrates alavés (burgalés)". Todavia, a maior sede do humanismo e da teologia no século XVI, na Espanha, foi a instituição fundada pelo Cardeal Francisco Jiménez de Cisneros — Gonçalo foi o seu nome batismal trocado por ocasião da profissão religiosa na Ordem Franciscana reformada, dita Observância — em Alcalá de Henares, a antiga *Complutum*, a trinta quilômetros de Madri. A sua pedra fundamental foi lançada aos 14 de março de 1498, e a Aula inaugural sobre a Ética de Aristóteles foi proferida por Pedro de Lerma em agosto de 1508, antes do início do calendário escolar em outubro. Cisneros preparou, antes, a cidade de Alcalá com obras de engenharia, ao drenar pântanos e ao construir casas, tornando-a um lugar saudável e acolhedor. A universidade foi criada sobretudo para cultivar com primor a sagrada teologia cujo estudo abrangia cátedras das escolas em voga como a tomista, a escotista e a nominalista sobre serem lecionadas e mantidas com munificência todas as ciências: letras clássicas, filosofia, matemáticas e ciências positivas, mas com a exclusão do direito civil. Cisneros reuniu em Alcalá um círculo fúlgido de sábios entre os quais estavam Antonio de Nebrija, Pedro Campo, Miguel Carrasco, Fernando Balbas, Bartolomeu de Castro, Pedro de Santa Cruz, Antonio Rodrigo e João de la Fuente. Cisneros imitou a Universidade de Paris e convidou mestres espanhóis que lá se haviam formado para virem ensinar em Alcalá as Artes e a Teologia, e dotou a universidade de esplêndida biblioteca e de amplos recursos financeiros. Alcalá contou com numerosos colégios, sendo o de São Lucas hospital universitário e o de São João da Penitência escola feminina dirigida por freiras franciscanas. O centro da universidade era o *Colegio Mayor de San Ildefonso*. Cisneros havia planejado 18 colégios que nas *Constituciones de colegios pobres* de 1513 foram reduzidos a sete: o *colegio dos teólogos* sob a invocação da Mãe de Deus, o dos *religiosos*, sob a invocação de S. Pedro e S. Paulo para 13 Observantes franciscanos e mais dois da mesma Ordem, embora não fossem da Observância. O terceiro era o *colegio dos filósofos* sob a invocação de Santa Catarina de Alexandria para 48 colegiais. O quarto dos *lógicos e sumulistas* sob a invocação de Santa Balbina para 48 alunos pobres. O quinto de *gramáticos* e de *gregos* sob a invocação de Santo Eugênio, primeiro arcebispo de Toledo, para 30 gramáticos latinos e 6 gregos. O sexto colégio era de *gramáticos gregos* sob a invocação de Santo Isidoro para 30 gramáticos e 6 gregos. O sétimo, sob a invocação de São Lucas, para os *estudantes pobres e doentes*. Ao visitar a Universidade de Alcalá em 1525, Francisco I, rei da França, prisioneiro de Carlos V, admirou-a e declarou que Cisneros sozinho concebera e realizara o que na França, a Universidade de Paris, fora obra de muitos reis.

Em 1528-1529 foi instituído o *Colégio Trilingüe* de Alcalá sob a invocação de São Jerônimo. Associada à universidade, Cisneros criou uma das suas obras mais notáveis, a Bíblia poliglota complutense, *Biblia Sacra Polyglota*, chamada de *Complutense* por ter sido composta e impressa em Alcalá. O primeiro tomo, que depois veio a ser o quinto, com o Antigo Testamento em grego e a tradução latina de São Jerônimo, foi impresso aos 10 de janeiro de 1514, e o último foi terminado no dia 10 de julho de 1517. Cisneros contou para esse empreendimento com as luzes de muitos sábios como os judeus convertidos Pablo Coronel, Alfonso de Zamora e Alfonso de Alcalá; o grego Demétrio Ducas, de Creta, e os humanistas João de Vergara, Hernán Núñez e Bartolomeu Castro. Como diz Stephen D'Irsay, o Renascimento teve em todos os países da Europa duplo aspecto, pois foi Renascimento clássico e Renascimento cristão, mas na Espanha esse duplo aspecto foi, ainda, mais acentuado e, se o estudante das universidades espanholas era homem de estudo e de religião, ele era principalmente homem de religião, e os grandes humanistas espanhóis contribuíram para a grande renovação espiritual que partia da Espanha para curar a Europa atormentada, e muitas vezes enleada nos erros¹⁵. Convém lembrar, ainda, as outras universidades espanholas que se renovaram ou foram criadas no século XVI, tal como a de Valença, onde se explicavam os poetas latinos desde 1424 e onde se cultivaram o direito e a filosofia e as de Lérida, Barcelona, Sigüenza, Santiago de Compostella, Sevilha, Saragoça, Valladolid e outras.

Em Portugal os humanistas educaram a aristocracia quer na qualidade de preceptores, quer como mestres das escolas públicas. No fim do século XV, Cataldo Sículo foi professor de D. Jorge, filho bastardo de D. João II, e de D. Fernando de Menezes, conde de Alcoutim. Em 1523, D. João III chamou de Salamanca o helenista português Aires Barbosa para ser preceptor do seu irmão, o cardeal-infante D. Afonso. Em 1533, Nicolau Clenardo veio de Salamanca para ser o preceptor doutro infante, D. Henrique, o futuro cardeal. O francês Diogo Sigeu foi incumbido por D. João III, em 1542, de instruir o duque D. Teodósio e os seus irmãos e, mais tarde, o infante D. João. André de Resende e Pedro Nunes também foram preceptores na família real. Além disso, muitos jovens portugueses iam estudar noutros países, especialmente na Itália, na França e na Espanha, e esse movimento rumo às universidades estrangeiras foi estimulado pelo governo, tanto que em 1527 ou 1528, à instância de Diogo de Gouveia, diretor ou principal do Colégio de Santa Bárbara, concede-

¹⁵ Stephen D'Irsay, *Histoire des Universités Françaises et Etrangères, des origines à nos jours*, pág. 341.

ram-se 50 bolsas em Paris, por 10 anos, para estudantes de Artes e de Teologia. A Universidade de Lisboa, por sua vez, foi reformada e transferida por D. João III para Coimbra. Essa transferência, resolvida em 1532, foi realizada aos 9 de abril de 1537, quando se trasladaram para Coimbra as cátedras de Teologia, Cânones, Leis e Medicina, uma vez que as Artes vinham a ser ensinadas nos colégios do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra pelos cônegos crúzios e onde havia desde 1537 cadeiras de lógica, gramática, grego, latim, lecionadas nos colégios de Santo Agostinho e de São João, e a de teologia, instalada no próprio mosteiro. Em 1544 só restou sob o jurisdição dos crúzios o doutoramento em teologia, pois os demais estudos passaram a integrar a Universidade de Coimbra. Após a criação de mais uma cátedra de teologia, a universidade passou a contar com três, além do currículo preparatório de letras clássicas e de filosofia. Os mestres procedentes de Paris e de Alcalá, e que já lecionavam em Santa Cruz, foram incluídos na Universidade de Coimbra para a qual o rei contratou outros mestres estrangeiros ou portugueses mas radicados em outros países como, por exemplo, o Dr. Francisco Monzon de Alcalá, o licenciado Luís de Alarcão de Salamanca, o Dr. Martinho Navarro Azpilcueta e o Dr. Manuel da Costa, de Salamanca. "Na realidade", afirma Saraiva, "a reforma joanina fez nascer uma universidade nova", e esse objetivo é que explica, de fato, a transferência da universidade¹⁶. A fim de dispor em Coimbra de estabelecimento semelhante ao *Collège de France*, D. João III fundou, em 1547, o *Colégio Real*, mais conhecido como *Colégio das Artes e Humanidades*, inaugurado aos 21 de fevereiro de 1548. Era independente da universidade, funcionava como externato e internato, com as despesas por conta do rei. Dispunha de 16 mestres: 2 de primeiras letras; 8 para lecionarem gramática, retórica e poesia; 3 para o ensino das artes; 3 para hebraico, grego e matemáticas. O ensino foi organizado pelo principal André de Gouveia que trouxe professores do colégio da Guiana de Bordéus, que constituíram em Coimbra o grupo dos "bordaleses": os franceses Nicolas de Grouchy, Elias Vinet, Arnaldo Fabrício, Guilherme Guérente, e os dois ingleses Patrício e Jorge Buchanan, e alguns portugueses como Diogo de Teive e João da Costa, além dos lusitanos recrutados em Portugal, onde já lecionavam, mas chamados de "parisienses", por serem antigos bolsistas do Colégio de Santa Bárbara em Paris. O "principal" André de Gouveia faleceu aos 9 de junho de 1548 e o seu sucessor, Diogo de Gouveia Sobrinho, foi deposto em favor do bordalês João da Costa em 1549. Supõe-se que no período bordalês o ensino no Colégio das Artes se pautou pelos métodos, pela organi-

¹⁶ Antonio José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, vol. II, pág. 182.

zação e pelos programas do Colégio da Guiana de Bordéus. Por fim, o *Colégio das Artes*, centro irradiante do humanismo em Portugal, foi entregue pelo rei aos jesuítas, aos 10 de setembro de 1555. A Companhia de Jesus conservou a famosa escola, ilustrada pelos *conimbri-censes* do célebre Curso aplaudido e adotado em toda a Europa, até ao ano de 1759.

Na metade do século XV, Aeneas Sylvius, durante a viagem pelas regiões transalpinas, colligiu preciosas informações sobre os estudos nas universidades do Santo Império, que divulgou em carta (*Epist.* 165). Nos países germânicos o ensino medieval subsistia e não se cogitava de humanismo nas universidades. Conrado Celtes, discípulo e amigo de Guarino, de Marsílio Ficino, Pompônio Leto e Marco Masurus, introduziu em Viena as gramáticas de latim, grego e hebraico por meio de novos compêndios e, na última década do século XV, a universidade vienense ministrava o ensino de geografia e matemáticas, e os autores clássicos passaram a ser estudados nas academias como a Sociedade Literária Renana, a Confraria Vistulana, etc. Ocorreu, também, na mesma época, a descoberta e o cultivo da língua e da literatura alemãs. Promoveram-se cursos sistemáticos de música e de ciências físicas nas universidades de Viena, Erfurt, Friburgo e Bâle, pertencendo a esta última o manual mais antigo de musicologia, o *Lilium Musice plane* de Keinspeck. Atribuiu-se lugar importante no ensino universitário à História, disciplina em que se salientaram o primeiro reitor de Tübinga, Vergerhaus ou Nauclerus, Agricola, Irenicus, Beatus Rhenanus e Wimpheling, que tornaram as universidades de Bâle, Heidelberg e Estrasburgo centros de estudos históricos, tal como as de Viena, Bâle, e principalmente Erfurt, foram sedes do renascimento literário e focos de irradiação do humanismo. Notabilizaram-se, então, os grandes editores-impressores de Bâle como Frobenius, Amerbach e Oporinus (Herbster). Novas disciplinas foram incluídas no currículo da Faculdade das Artes, embora as das Faculdades superiores ficassem quase intangíveis. A nova cultura, segundo Paulsen, triunfou completamente à volta de 1520, quando já invadira as principais universidades e promovera a reforma dos currículos. Três coisas, diz Paulsen na sua obra sobre as universidades germânicas, chamam a atenção nesse período. Primeiramente, o latim clássico substitui o velho latim escolástico de uso eclesiástico, ao mesmo tempo em que as traduções latinas de Aristóteles são substituídas por traduções humanísticas mais novas. Em segundo lugar, introduziu-se o ensino do grego no currículo universitário e, em terceiro lugar, promoveu-se o ideal pedagógico da imitação dos clássicos greco-latinos. Paulsen critica a metáfora ingênua e cediça das trevas e da barbárie escolásticas a serem espancadas pelo nascente sol do humanismo, com

afirmar que o caso não era tão simples, uma vez que a filosofia escolástica revivera nos séculos XVI e XVII e foi restaurada no século XIX. Ademais, observa Paulsen, "uma espécie de movimento ondulatório é perceptível na história da vida intelectual. Períodos de ascensão lógico-filosófica alternam com períodos de interesse poético-literário, e mudança dessa espécie ocorreu no fim do século XV e no início do século XVI"¹⁷. No entanto, precisamente quando a nova cultura poético-literária parecia ter alcançado plena vitória sobre o velho sistema escolástico, diz ainda Paulsen, ele foi por sua vez surpreendido por um movimento de origem e de espécie completamente diferente, a reforma luterana, que abafou por um momento o movimento estético-literário do Renascimento que só afetara os próceres da sociedade e da cultura. De início, a Reforma parecera aliada do movimento humanístico, mas logo as coisas mudaram e, em 1522-1523, os olhos dos humanistas abriram-se para a situação e eles deram as costas para uma reforma que, ainda mais que a velha Igreja, se opunha à cultura e à investigação. Todavia, acabou havendo uma composição das tendências opostas e restaurou-se a aliança da reforma com o humanismo graças ao talento e aos esforços de Melanchthon que tornou a Universidade de Wittenberg a mais popular da Alemanha e facto iluminante de humanismo e de teologia. Em ensaio sobre a concepção das universidades alemãs Steinmetz indica as cinco orientações da universidade na Alemanha ou Alemanha do século XVI: 1) a desconfiança da concepção católico-conservadora de universidade, consolidada na escolástica decadente, quanto às idéias do Renascimento italiano; 2) a idéia humanística de universidade baseada na unidade dos clássicos antigos com a Patrística greco-latina e que culminou na *Philosophia Christi* de Erasmo; 3) a idéia reformista-protestante de universidade que Melanchthon desenvolveu a partir da aliança do luteranismo com o humanismo; 4) a idéia de universidade do protestantismo radical, "a ala esquerda da Reforma", que esconjura os clássicos pagãos; e 5) a concepção de universidade da Reforma católica expressa nas orientações dadas pelo Concílio de Trento e caracterizada de forma clássica no *Ratio studiorum* dos jesuítas, que logrou conciliar o ideal do humanismo clássico com a mundividência cristã¹⁸.

Em suma, desde breve alinhavo sobre as universidades e colégios do Renascimento ressalta que, no início da Idade Moderna, as Faculdades das Artes, ora praticamente se anulam ante os colégios onde se

¹⁷ Friedrich Paulsen, *The German Universities and University Study*, pág. 31.

¹⁸ M. Steinmetz, *Die Konzeption der deutschen Universitäten im Zeitalter von Humanismus und Reformation*, in *Les Universités Européennes du XIV^e au XVIII^e siècle*, págs. 119-120.

estudam os clássicos e as ciências, ora absorvem a orientação humanística, reformam os currículos e se consolidam de tal maneira que vêm a constituir autênticas Faculdades de filosofia, ciências e letras, conforme a tradição medieval, mas com a diferença de se haverem tornado agora escolas terminais e de não serem mais meros cursos propedêuticos às Faculdades superiores, enquanto, de outro lado, os colégios renascentistas dão origem às escolas modernas do curso secundário.

Capítulo VII

Varia paedagogica

Sob este título enfeixamos uma série de considerações sobre vários dados e temas concernentes à educação renascentista.

No tocante à Educação elementar, cumpre ressaltar a notoriedade e o adiantamento das cidades italianas que primavam pelo zelo quanto à instrução, reflexo, aliás, do seu progresso econômico e do seu afã de cultura, sobre ter sido a Itália o berço da latini-dade. No fim da Idade Média, cada cidade, e até mesmo cada vilarejo, dispunha da própria escola onde se instruía boa parte da população urbana. Informa Villani na sua *Crônica* que, à roda de 1338, havia em Florença uns oito ou dez mil meninos e meninas que sabiam ler; de mil a mil e duzentos que sabiam fazer cálculos, enquanto nas quatro grandes escolas quinhentos e cinquenta a seiscentos alunos aprendiam gramática e lógica¹. Ao comentar essas informações de Villani, na sua obra *O Renascimento Italiano*, diz Macek que essas cifras são sur-preendentes, uma vez que na Boêmia, por exemplo, só foram alcançadas lá pelo século XVIII. As próprias comunas rurais nada ficavam a dever aos grandes centros, já que fundaram escolas e pagaram professores para os meninos aprenderem a ler, a escrever, assim como a conhecer um pouco de latim. Embora as crianças não frequentassem regularmente a escola no meio rural, o nível cultural da população campestre era superior ao de outros países europeus². Muitas vezes, em famílias mais abastadas, as crianças recebiam a primeira instrução no próprio lar. O famoso São Bernardino de Sena, nascido em 1381, adquiriu as primeiras noções de ábaco ou cálculo com a sua tia Diana

¹ "Troviamo ch'e fanciulli e fanciulle che stanno a leggere da otto a diecimila. I fanciulli che stanno ad imparare l'abbaco e algorismo in sei scuole, da mille in milledugento. E quelli che stanno ad apprendere la grammatica e loica in quattro grandi scuole, da cinquecentocinquanta in seicento". Dino Compagni, *La Cronica e passi scelti dalla Cronaca di Giovanni Villani*, págs. 383-384.

² "Benché la frequenza scolastica dei bambini delle campagne non fosse regolare, tuttavia il livello culturale della popolazione rurale nell'Italia rinascimen-tale superava nettamente quello di tutti gli altri paesi europei". J. Macek, *Il Rinascimento Italiano*, pág. 236.

e começou a estudar a gramática latina aos 12 anos em Siena com mestre Onófrío, e retórica e lógica com mestre Giovanni di Buccio³. Em Lisboa havia, em meados do século XVI, segundo informa António José Saraiva, 34 mestres e duas mestras de ler que, em 1620, já chegavam a sessenta. Os professores eram pessoas humildes, como o mulato Afonso Álvares que também ganhava a vida com autos populares. Juntamente com o ensino popular começaram a aparecer as cartilhas impressas, como a de João de Barros e, depois, a de D. Frel João Soares, que serviam para o aprendizado da leitura por meio do método intuitivo, de modo que o aluno lia a palavra árvore, por exemplo, vendo ao lado do termo a gravura da mesma. João de Barros, portanto, com a sua cartilha já utilizava o método intuitivo em livro didático, muito tempo antes de Comênio com o seu *Orbis pictus*⁴. O ensino elementar, no entanto, que na Idade Média dependeu, de regra, das escolas paroquiais, e no Renascimento Italiano, das escolas públicas mantidas pelas Comunas e, na Europa em geral, de professores particulares, só começou a organizar-se devidamente no início da Idade Moderna, nas escolas dos *Padres Escolápios*, da ordem religiosa fundada por São José de Calasans no fim do século XVI, e nos colégios dos Irmãos das Escolas Cristãs, da ordem fundada por São João Batista de La Salle no século XVII.

O suíço Thomas Platter presta valiosas informações sobre o ensino elementar na Alemanha em sua *Autobiografia*. Platter percorreu a Suíça e a Alemanha no começo do século XVI em companhia do seu primo Paulus, estudante mais velho que era o seu protetor. Diz ele que havia na cidade de Breslau sete paróquias, e cada uma possuía uma escola. Corria então o rumor de que havia na cidade mais de mil estudantes e escolares. Os primeiros estudavam letras em nível adiantado e estes aprendiam, ainda, as primeiras letras. Todos viviam de esmolas. Breslau dispunha de hospital e médico só para os estudantes, que eram bem tratados. Platter, que ficou doente por três vezes, observa que havia no hospital bons leitos, mas cheios de grandes piolhos, graúdos como sementes de cânhamo, de modo que ele preferia, como vários outros colegas, deitar no chão da sala comum. No inverno os escolares aí dormiam, enquanto os estudantes dispunham de quartinhos. No verão, porém, devido ao calor, iam dormir no cemitério, depois de levarem para lá montes de relva com que improvisavam leitos. Quando chovia, porém, refugiavam-se mesmo na escola

³ "Con lei (Diana) fece i primi studi e imparò lo prime devozioni". Piero Bargellini, *San Bernardino di Siena*, pág. 13.

⁴ António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, vol. II, págs. 184-185. Na gravura 18 desse volume pode apreciar-se uma página impressa da cartilha de João de Barros.

e, se havia tempestade, cantavam quase a noite inteira. Ao referir à sua estada em Zurique, antes de se haver tornado protestante, fala Platter dos seus santos padroeiros. Recorria a Nossa Senhora, para que intercedesse por ele junto ao seu divino Filho; a Santa Catarina de Alexandria, para que o ajudasse a se tornar sábio; a Santa Bárbara, para não vir a morrer sem os santos sacramentos, e a São Pedro, para que lhe abrisse a porta do céu. Tomás Platter relata as vicissitudes e peregrinações da sua vida estudantil e descreve a exploração a que estavam sujeitos os pequenos escolares por parte dos estudantes mais velhos. Além de servirem de empregados, mendigavam para eles que sempre ficavam com o melhor bocado e tratavam os garotos com ameaças e pancadas, como se fossem escravos. Rabelais, por sua vez, dá idéia dos costumes dos estudantes parisienses, ao descrever as aventuras do gigante Pantagruel. Assim, quando este chegou a Paris, encontrou um estudante a quem perguntou: "E vós, senhores estudantes, como ocupais o tempo? *Et à quoy passez vous le temps, vous autres messieurs estudiens audict Paris?*" E o estudante respondeu: "A deambular e a vociferar pelas ruas, a correr atrás das mulheres, a visitar bordéis e a frequentar tabernas em comezainas e bebedeiras". Na falta de dinheiro, eles vendiam os códices que eram os seus livros de estudo, e insistiam com os tabeliães para que escrevessem a seus pais a pedir auxílio⁵. Aliás, segundo Estêvão Pasquier, em muitas casas de cômodos de Paris, os quartos, de um lado, eram alugados a estudantes e, de outro, às prostitutas, *filles de joie*, de modo que havia, ao mesmo tempo, sob o mesmo teto, escola séria e de sem-vergonhice⁶.

Erasmo, no *Elogio da Loucura*, com a sua vasta experiência de letrado e de mestre através da Europa, alude aos Professores de Gramática, salientando a miséria e a falta de asseio, *qui semper famelici... foetore paedoreque contabescant*, e diz que nas suas escolas, antes galés ou lugar de torturas, *vel plastrinis potius*, eles se comprazem sadicamente, com ar feroz e aos gritos, em aterrorizar as crianças com varas, palmatórias e correias. No entanto, julgam-se felizes, convencidos da excelência do seu ensino, ao inculcarem às crianças os seus delírios, enquanto desprezam sobranceiramente os gramáticos dotados de verdadeiro mérito⁷.

Finalmente, a coroar esse rol de boas informações sobre o ensino elementar, sobre estudantes e mestres do Renascimento, temos o depoi-

⁵ Rabelais, *Pantagruel*, chap. VI, in *Oeuvres de Rabelais*, Tome I, pág. 176.

⁶ "Les chambres étoient d'un côté louées a escolliers, d'un autre à filles de joie; il y avoit sous un même toit école de réputation et de putasserie tout ensemble". Jean Delumeau, *La Civilisation de la Renaissance*, pág. 422.

⁷ Erasmus, *Laus stultitiae*, in *Ausgewählte Schriften*, vol. II, pág. 116.

mento precioso de outro grande humanista, Melanchthon, prestado à volta de 1533, na sua Oração sobre as misérias dos pedagogos, *De miseris paedagogorum Oratio*. No exórdio confessa Melanchthon não existirem homens mais infelizes que os pedagogos ou professores de primeiras letras, nem nas galés ou masmorras. Ele acha que um dos grandes males do ensino é que o menino, ao vir para a escola, já se acha corrompido pela indulgência dos pais e pelos vícios precoces e, por isso, não alimenta amor pelas letras mas concebe, bem ao contrário, violento ódio contra elas. Menos trabalho que o pedagogo, diz Melanchthon, tem o saltimbanco que ensina o camelo a dançar ou o asno a tocar lira. O protótipo clássico do trabalho inútil, prossegue, é a figura mítica de Sísifo condenado a empurrar imensa rocha monte acima, e que volta incessantemente ao sopé. Pois bem, mais quadra ao pedagogo a atribuição do trabalho inútil que ao Sísifo da lenda. Melanchthon passa, então, a descrever as dificuldades com as quais o pedagogo depara na escola. O menino não segura o livro, a não ser forçado pelo professor. Se este fala ou explica um ponto, o aluno cai no sono. Se no dia seguinte o mestre for tomar a lição, verificará com certeza que nada resta na mente do discípulo. Ajustar, então, a boca do menino à pronúncia latina é tarefa infinda, *infinitus labor*, e nem se pense em habituá-lo a conversar em latim. Por serem ignaros, os meninos evitam a companhia das pessoas cultas e, perante o professor que só fala em latim, ficam mudos como estátuas. E vai por aí afora o humanista luterano, a desfiar o rosário das aflições dos mestres e, ao término observa que, na parte referente à retribuição, é uma catástrofe. Os pedagogos tiritam de frio na miséria e mal se defendem da fome. A ingratidão dos alunos é imensa, pois acham que não devem favor algum aos professores e, como nada aprendem, odeiam-nos tanto quanto detestam as letras.

Os pais, por sua vez, não ficam atrás dos filhos e põem-se a resnonear depois de desembolsarem a insignificante remuneração. Quando os filhos porventura agem bem, jamais cuidam de louvar o professor mas, se agirem mal, este logo é acusado e vituperado. Certa vez, conta Melanchthon, ao ver um jovem fazer um gesto inconveniente à refeição. Diógenes pregou um tapa no pedagogo. Pois assim, diz ele, fazem os pais que, ao verem as faltas dos filhos, transferem logo a culpa para os professores. Por isso, conclui, se se compararem os gêneros de vida com o dos pedagogos, facilmente se colherá que não existe outro mais infeliz que o deles⁸.

⁸ "Si quis huc conferat pro nostris omnia vitae genera, inveniet in nullo tantum calamitatum quantum in nostro..." Melanchthon, *De miseris paedagogorum oratio*, in *Melanchthons Werke*, T. III, *Humanistische Schriften*, págs. 79-80.

Um aspecto da educação muito interessante no século XV foi o Debate sobre as artes, de que restam documentos valiosos nos textos editados e inéditos apresentados por Eugênio Garin em *La disputa delle arti nel quattrocento*. No século XIII dizia Santo Tomás de Aquino que a ciência teológica era superior às ciências especulativas e às práticas, tanto devido à certeza das suas conclusões provenientes da luz excelsa da revelação divina, ao seu assunto que transcende o alcance da própria razão, quanto por causa do seu objetivo que é o mais amplo que se possa cogitar, pois é a felicidade eterna, objetivo para o qual se ordenam os fins das ciências práticas. Galileu, ao invés, um dos fundadores da ciência moderna, achava que a nobreza de uma ciência depende mais da certeza do seu método que da dignidade do seu objeto. Ora, entre essas posições, a de Santo Tomás de Aquino, teólogo medieval, e a de Galileu, cientista moderno, situaram-se os debates dos humanistas sobre as ciências e as artes, particularmente agudos entre juristas e médicos. Alguns humanistas, a partir de Salutati, consideraram as leis, embora de modo não muito claro, como representantes da *humanitas*, enquanto outros, como Bruni e Poggio, condenaram os juristas, escarneceram do direito romano e, em pó de Bracciolini, exaltaram a medicina tomada como investigação e saber. Curiosa posição, no entanto, foi assumida por Bernardo de Siena (Lapini da Montalcino) no comentário aos *Trionfi* de Bernardo Illicino. No comentário ao *Trionfo della fama*, ele trata de elevar a arte militar, *milizia*, ao nível das ciências, relacionando-a com as leis, tendo argumentado, ao que parece sofisticadamente, que as letras, as ciências e a filosofia só visam ao bem particular, enquanto as armas têm por objeto o bem geral. Daí serem elas superiores às letras quanto à fama, e a disciplina militar, mais digna de louvor que qualquer outra. Niccoletto Vernia consagra uma questão ao debate relativo à superioridade da medicina sobre o direito. Niccoletto acha que a medicina é ciência nobre muito subalternada à filosofia natural mas que não deve ser comparada ao direito civil, porque o conhecimento peculiar ao direito não pode ser chamado propriamente de ciência mas apenas de noções práticas que não conduzem seguramente à felicidade, sendo o direito incapaz de fazer demonstrações propriamente ditas. Já a medicina, que toma os seus princípios à filosofia natural, comporta demonstrações *a priori* e *a posteriori* e, por isso, é *l'dima* ciência. Finalmente, Antonio de Ferrariis, *il Galateo*, dedicou um escrito especial, o *De dignitate disciplinarum ad Pancratium*, ao debate sobre as artes, em que professa a sua predileção pelos estudos teóricos e admite que a vida contemplativa ou teórica é superior à ativa, principalmente porque ela nos assemelha mais a Deus, a cuja imagem e semelhança o homem foi feito. E se a filosofia e as artes

ou ciências pertencem ao gênero da vida contemplativa, a retórica pode ser agregada, devido à sua finalidade, ao direito e à arte militar, que pertencem ao gênero da vida ativa.

Essa questão debatida sobre as artes no século XV não foi discussão vã ou mero bizantinismo. Na verdade, constituiu uma séria investigação e disputa sobre a natureza da ciência e da filosofia, sobre as suas relações com os gêneros de vida, e temos que ela pôde ser e veio a ser perfeitamente retomada hoje, quando se examina, por exemplo, o estatuto das ciências humanas, o lugar e a importância das disciplinas literárias e científicas no currículo da escola média ou de segundo grau, assim como o gênero de vida que levam o médico, o puro biólogo, o físico nuclear e o engenheiro, etc.

Rpálce especial merece no quadro deste capítulo a figura ímpar do maior educador francês do século XV, Jean Gerson, Chanceler da Universidade de Paris que, sobre fiscalizar as faculdades e as escolas elementares, especialmente o internato dos coroinhas de Notre-Dame, exerceu extensa e intensa atividade doutoral e pastoral em Paris, tendo composto obras teológicas dogmáticas, ascéticas e morais, excelentes estudos pedagógicos, e tendo deixado, ainda, um rico sermão. Dada a ressonância e a amplitude da sua atividade religiosa e cultural, já se proclamou que a primeira parte do século XV pode ser chamada de "século de Gerson"⁹.

Sobre a educação dos meninos no claustro da catedral de Notre-Dame, Gerson escreveu a *Doctrina pro pueris ecclesiae parisiensis*, penetrante e avisado regulamento educacional calcado na experiência da vida infantil e da vivência escolar de um internato sobre haver, ainda, composto sermões só para os meninos e vários pequenos escritos educacionais. No tratado *De parvulis ad Christum trahendis*, Gerson apresenta a sua justificação pessoal da educação das crianças e realça a importância capital dessa tarefa com observar que há muitos modos de encaminhar as crianças a Cristo. Um é a *pregação pública*, outro é a *advertência secreta*, o terceiro é a *formação escolar*, e o quarto — próprio da religião cristã — é a *confissão*. Pensem os outros o que quiserem, diz Gerson, mas na minha simplicidade eu acho que a confissão bem feita é o caminho mais eficaz para Cristo¹⁰. Sem dúvida, embora conciso, o tratado *Pro pueris ecclesiae parisiensis* foi uma das obras pedagógicas mais apreciáveis do século XV, ainda que dedicado mais à educação moral que à intelectual. É interessante

⁹ Delaruelle-Labande-Ourliac, *L'Eglise au temps du Grand Schisme et de la crise conciliaire (1378-1449)*, in Fliche-Martin, *Histoire de l'Eglise*, pág. 860.

¹⁰ Jean Gerson, *De parvulis ad Christum trahendis*, in *Oeuvres Complètes*, vol. IX, *L'Oeuvre Doctrinale*, págs. 675-676.

observar que, muitos séculos antes de São João Bosco, expôs Gerson de modo cristalino os princípios do *método preventivo*. Antes de tudo, diz ele, o mestre-diretor da escola deve ser integérrimo, condição fundamental para o êxito da formação escolar, *ante omnia sit magister eorum incorruptissimus*. Depois, façam-se aos meninos *frequêntes exortações* sobre o amor e o serviço de Deus, para que assim possam alcançar o paraíso e evitar os tormentos do inferno. Recomendando-se-lhes constantemente *evitar os pecados*, tanto porque a Deus nada escapa como por possuírem um anjo-da-guarda. É preciso que se lhes ensine, de maneira especial, a *se guardarem castamente da impureza* nos pensamentos, nas palavras e nas ações. Os meninos devem ser levados à prática da confissão freqüente que — para Gerson no século XV — deveria ser feita quatro ou seis vezes ao ano. . . e se tivessem doze ou treze anos, deveriam ser induzidos a receber a Santa Comunhão, ao menos uma vez ao ano. "Queremos, ainda", prossegue Gerson, "que se recite diariamente o Offício da Santa Virgem, segundo o costume antigo." O professor de gramática e lógica deve ser também homem de costumes íntegros, tal como o mestre-diretor da escola, e ambos devem distribuir de tal modo o horário que sempre um deles assista aos meninos, *quod semper unus eorum assistat pueris*, tanto em casa como fora dela, onde quer que os alunos se achem. Por isso, os professores não devem ter outras ocupações na Igreja ou alhures, que possam perturbar o cumprimento da assistência escolar. Em determinadas horas os meninos devem ter *aula de canto*. O horário deve comportar tempo suficiente para o ensino da gramática, da lógica, da poesia, *versus*, e para a explicação em língua vulgar, o francês, dos *Evangelhos* e das *Epístolas*, de tal modo que os meninos aprendam a entender devidamente o que lêem ou rezam em latim e, desse modo, sejam estimulados à devoção. O período mais propício para essas aulas é de manhã antes do almoço, e de volta da recitação das Vésperas até a hora da ceia. Ademais, durante as refeições os coroinhas devem abster-se de conversas e um deles deve fazer a leitura de um bom livro em voz alta. Tal como nas escolas dos professores particulares, os meninos devem ser argüídos individualmente sobre as lições nas horas restantes. Eles devem contrair o hábito de acusar o companheiro que semela a cizânia na comunidade ou comete atos indecorosos. Devem ser proibidos, outrossim, os jogos que levem à avareza, à impudícia ou à cólera, tal como os dados, cartas e quejandos. Em compensação, os meninos devem gozar de amudados e breves *recreios* após as refeições e quando estiverem cansados, mas um dos mestres sempre deve estar presente, *et sit semper praesens unus magistrorum*. Nenhum menino deve sair de casa para cantar fora, a não ser com licença especial dos superiores. E segundo antigo costume, deve sempre haver

uma lâmpada acesa diante da imagem da Virgem e, durante a noite, no quarto. Nenhum menino pode passar de noite à cama do companheiro mas permanecer no próprio quarto com o colega designado. Não lhes é permitido, também, de dia ou de noite, formar grupos separados dos demais colegas mas todos devem estar sempre juntos ao mesmo tempo e às claras, à vista de todos. Nenhuma pessoa de fora pode conviver com os meninos nem ser admitido a estudar com eles, a não ser com licença especial dos superiores. Além disso, os empregados estão proibidos de ter qualquer familiaridade com eles. Para as punições, recomenda Gerson que se usem as varas com brandura, *de virgis temperate*, e nunca se recorra a instrumentos contundentes ou a castigos humilhantes, pois os meninos devem sentir que são amados e não ficarem expostos ao escárnio, e devem ser levados à prática do bem, mais por meio da mansidão do que da severidade. Os meninos também devem ser proibidos de comerem demais de manhã ou noutras horas, para que não se lhes prejudique a voz nem se infrinja a regra da sobriedade. No coro eles devem assentar-se distantes uns dos outros e conservar-se em silêncio. Por último, devem aprender a observar com diligência e correção as cerimônias do culto divino, conservadas há muito tempo na catedral de Notre-Dame. Como se colhe do exposto, Gerson compendiou num regulamento sóbrio e precioso as normas da educação conveniente a um internato e certos princípios perenemente válidos para a educação.

Capítulo VIII

As utopias educacionais

No panorama cultural do Renascimento, no século XVI, e já penetrando além das balizas desse período histórico, século XVII adentro, contam-se as utopias que floresceram no ambiente efervescente das idéias novas, dos descobrimentos marítimos, da crise religiosa e social da época. Nota-se que os dois autores mais importantes de utopias, Tomás More e Tomás Campanella, denunciam em uníssono a exploração dos trabalhadores e a ociosidade dos nobres. Logo no começo da *Utopia* assevera S. Tomás More que a principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres que passam a vida como zangões ociosos a nutrir-se do trabalho de outrem¹, e Campanella na *Cidade do Sol* afirma que os seus habitantes não têm escravos, ao contrário da cidade de Nápoles onde numa população de trezentos mil pessoas só cinqüenta mil trabalham, e as quais logo morrem de tanto penar, e *questi patiscono fatica assai e si struggono*². São Tomás More publicou a *Utopia* no fim de 1516 em Lovaina, e Tomás Campanella compôs a *Cidade do Sol* no cárcere em 1602, e em italiano para que tivesse maior difusão, e reescreveu-a, ainda na prisão, em 1611. A obra, traduzida depois para o latim, foi publicada pela primeira vez em 1627 em Francfort pelo jurista alemão Tobias Adanaí.

As utopias renascentistas são descrições imaginárias de mundos ou sociedades mais perfeitas e nas quais não só aparecem os desejos e os sonhos de vida humana justa e feliz — como se o homem pudesse nesta vida organizar a sociedade perfeita apenas por meio da razão — como também nelas se exprimem os anseios por certas instituições ou por certas regras sociais que viriam a ser perfeitamente exequíveis em épocas posteriores, tal como o sistema da educação pública e uni-

¹ "Tantus est ergo nobilium numerus, qui non ipsi modo degant ociosi tanquam fuci laboribus aliorum, quos puta suorum praediorum colonos augendis redditibus ad vivum usque radunt". Thomas Morus, *Utopia*, Liber I, pág. 30.

² Tommaso Campanella, *La Città del Sole*, in *Opere di Giordano Bruno e di Tommaso Campanella* (La Letteratura Italiana. Storia e Testi, vol. 33), pág. 1089.

versal, a retribuição condigna dos trabalhadores assalariados, o aumento do tempo de lazer, etc. Em certas utopias exprime-se, outras vezes, a própria mentalidade conservadora do autor que concebe um tipo de sociedade em que os velhos privilégios de casta não possam ser abalados, tal como ocorre na utopia de Lodovico Zuccolo, nascido à volta de 1568, *Il Porto overo della Republica d'Evandria*. A imaginação utópica nos séculos XVI e XVII acusa a influência imediata exercida pelos grandes descobrimentos marítimos e a notícia de sociedades exóticas como as dos incas e a dos astecas, sobre ser o pensamento utópico estimulado pelo desassossego social devido à rivalidade entre cidades e Estados bem como pelas injustiças económicas e pela desigualdade social que levam os utopistas a retratarem, em traços nítidos, as figuras de homens talentosos e honestos mas explorados de modo aviltante por nobres e burgueses madraços de notável estupidez. Interessa-nos, todavia, apenas ressaltar alguns aspectos educacionais do pensamento utópico da época renascentista. Na ilha da *Utopia*, segundo o relato do navegante português Rafael Hytleacus, diz More, a agricultura é a arte comum a todos os habitantes, homens e mulheres, que são instruídos nela desde a infância, em parte através das regras aprendidas na escola, *in schola traditis praeceptis*, e em parte nos campos mais próximos da cidade; e esse trabalho feito quase por divertimento, *per ludum*, concorre, ainda, para exercitar o corpo. Ademais, cada utopiano deve aprender uma arte especial como o lanifício, a tecedura do linho ou os ofícios de pedreiro, ferreiro ou carpinteiro, enquanto as mulheres mais robustas trabalham apenas a lã e o linho. Além disso, a maioria é educada na profissão do pai, embora cada pessoa possa se dedicar à arte pela qual se sente mais atraída. Os Sifograntes cuidam que ninguém se entregue à ociosidade, mas os operários não se embruteçam no labor insano como ocorre *ubique fere*, em quase toda a parte, e os utopianos consagram apenas seis horas ao trabalho, três de manhã e três de tarde, com intervalo para o almoço e o repouso. O tempo livre é empregado ao bel-prazer e consagrado principalmente às letras. Há cursos públicos diários a funcionar antes de o sol ralar, e a eles só estão obrigadas as pessoas selecionadas para o estudo das letras, mas quem quiser pode participar deles, homens ou mulheres, gente de qualquer profissão. Quem não tem propensão para o estudo, exercita-se no próprio ofício. De noite, os utopianos divertem-se, aplicam-se aos jogos, exceto aos ineptos e perniciosos jogos de azar, bem como se dedicam à música e à conversação. Os estudantes não trabalham, a fim de se consagrarem exclusivamente às ciências e às artes, mas só tomam esse rumo por indicação dos sacerdotes, pelos votos secretos dos Sifograntes e com a permissão dada pelo povo. Se um desses

eleitos, sem embargo, não corresponde às expectativas, é prontamente devolvido à categoria dos operários, *ad opifices retruditur*. O único escopo da instituição do Estado utopiano é que os cidadãos possam desfrutar do maior lazer possível, a fim de se dedicarem ao livre cultivo do espírito. O povo na Utopia vive na abundância e não conhece pobres nem mendigos. Lá não existe o ócio, não se vêem tabernas, prostíbulos nem sociedades secretas, *nullae latebrae, conciliabulum nullum*, nenhum pretexto para a corrupção, e espantam-se os utopianos com saber que noutras terras um ricoço grosso como chumbo, com o engenho de uma acha de lenha, desonesto e estulto, possa manter como dependentes muitos homens sábios e bons, só porque a sorte lhe reservou um montão de moedas de ouro, *aureorum numismatum cumulus*. Quanto à escolha dos estudantes, poucos são os eleitos que devem primar, desde a infância, pela índole apreciável, engenho exímio e inclinação para o estudo, *ad bonas artes*. Todavia, todas as crianças recebem educação literária, e a maior parte do povo, durante a vida inteira, consagra os seus lares aos estudos. Os utopianos aprendem as várias artes na própria língua. Alheios aos nomes dos sábios de outras terras e às suas descobertas, conhecem tudo o que sabemos, diz Hytlodaeus, da música, da aritmética, da dialética, da geometria, da astronomia, e cultivam com empenho a filosofia da natureza e a ética. Os utopianos desconhecem o Cristianismo mas professam a religião natural, e admitem doutrinas demonstráveis racionalmente, tal como a imortalidade da alma — nascida para a felicidade por disposição da bondade divina —, os prêmios após a morte para as virtudes, e os castigos para os crimes. Os utopianos também apreciam imensamente a língua grega e cultivam a medicina no âmbito da filosofia natural. Quase no fim da sua obra Tomás More esclarece que compete aos sacerdotes a educação da infância e da juventude, e os abnegados mestres tanto se aplicam ao ensino das boas letras quanto à educação moral e à recomendação das virtudes, e procuram instilar no ânimo dos educandos os bons princípios, úteis para a conservação do Estado, desde a mais tenra infância. É interessante verificar que, segundo o ideário utópico de Tomás More, todos podem estudar em princípio mas, de fato, só estudam os escolhidos pela sua disposição e capacidade, embora a formação geral esteja sempre ao alcance de todos sob a forma de educação permanente a ser adquirida, por toda a vida, nas horas de lazer.

As grandes e inestimáveis Crônicas do grande e enorme gigante Gargântua, obra de Rabelais, apareceram em 1532 como vitoriosa sátira aos romances de cavalaria. No capítulo 52 do Livro I, depois de vencer Picrocole e depois de ter levado os seus amigos, capitães das tropas, perante Grandgousier, que os recompensou com ricas possessões, quis

Gargântua dar ao seu amigo monge, o valente e voraz Frère Jean des Entommeures, a abadia de Seuilé ou de Borguell ou de Saint-Florent, mas o monge recusou todas e confessou ter o desejo de fundar uma abadia ao seu gosto, "*oultroye moy de fonder une abbaye à mon devis*". O pedido agradou a Gargântua que deu de presente ao amigo toda a região de *Theleme*, para que ele fundasse uma ordem diferente de todas as outras. Gargântua então determinou a construção da abadia de *Télema* que não seria guarnecida de muros, não teria relógios, acolheria mulheres e homens belos, bem conformados e simpáticos. A abadia seria mista, e qualquer homem ou mulher podia retirar-se dela, quando bem entendesse, assim como, em vez de fazerem os votos de castidade, pobreza e obediência, poderiam casar-se, enriquecer e viver em liberdade. As mulheres seriam recebidas na abadia de *Télema* dos 10 aos 15 anos, e os homens, dos 12 aos 18. A abadia era grandiosa com 9.332 quartos, dotada de grandes e belas bibliotecas com livros em grego, latim, hebraico, francês, toscano e espanhol, e eram distribuídas, conforme a língua, pelos vários andares. As galerias eram decoradas com as antigas proezas e com as histórias e descrições da terra. Na bela e rica abadia viviam os telemitas com luxo e volúpia tendo à sua disposição, perto do jardim, artífices de todos os gêneros, tal como ourives, bordadores, alfalates, tapeceiros, etc. Os telemitas acordavam, comiam, bebiam, trabalhavam e dormiam quando o queriam, e a vida obedecia à cláusula: *Fay ce que voudras*, faze o que quiseses. Eles eram tão bem formados que todos sabiam ler, escrever, cantar, tocar instrumentos harmoniosos, falar cinco ou seis línguas e nelas compor em verso ou em prosa. Eram hábeis cavaleiros capazes de manejar todas as armas. Quando algum deles resolvia abandonar a abadia, levava consigo a mulher que amasse, para se casar. Essa utópica abadia, que seria um absurdo monástico, exprimia o sonho de um pedagogo humanista que concebeu a morada imaginária do sibarita intelectual, e na qual se vive a fazer o que se deseja sem peias nem entraves, como se não existira o pecado original e o homem fosse naturalmente bom e razoável. A abadia telemita, observa Jean Servier, é uma sociedade sem lei, mais favorável que qualquer outra ao desenvolvimento feliz do indivíduo, e na qual em vão se procuraria algum sistema econômico ou cuidado com a repartição das riquezas. Os telemitas são intelectuais ou "humanistas que encarnam o sonho orgulhoso de serem príncipes e filósofos esclarecidos, os únicos guias possíveis para a multidão ignorante e tola"³.

A *Cidade do Sol* de Frei Tomás Campanella O.P. é um diálogo poético entre um religioso da ordem cavaleiresca dos Hospitalários e um

³ Jean Servier, *Histoire de l' Utopie*, pág. 119.

Almirante genovês que serviu a Cristóvão Colombo, viajou em torno da terra, desembarcou na ilha da Taprobana e foi parar na Cidade do Sol, situada no alto de uma colina que se ergue em vasta planície. Ela divide-se em sete círculos enormes designados com os nomes dos sete planetas e é dirigida por um supremo governante chamado Sol, que significa Metafísico na nossa língua, assessorado por três Príncipes: *Pon*, *Sin* e *Mor*, nomes que se traduzem como *Poder*, *Sabedoria* e *Amor*. *Poder* cuida das guerras, da paz e da arte militar. *Sabedoria* zela por todas as ciências, doutores e magistrados das artes liberais e mecânicas, e tem sob as suas ordens tantos Oficiais quantas são as ciências: o Astrólogo, o Cosmógrafo, o Geômetra, o Lógico, o Retórico, o Gramático, o Médico, o Físico, o Político e o Moral. Ele tem um único livro onde se enfeixam todas as ciências e pelo qual ensina o povo segundo o método pitagórico. *Sabedoria* fez pintar em todas as muralhas, nas partes interna e externa, representações de todas as ciências. No primeiro círculo acham-se as figuras matemáticas e completa descrição da terra. Na segunda, pedras, minerais e metais, lagos, mares, rios, vinhos, óleos e licores. No terceiro círculo estão as plantas, as ervas, os peixes e os frutos do mar. No quarto vêem-se pássaros, répteis, serpentes, dragões e insetos de todas as espécies. No quinto aparecem os animais terrestres perfeitos, e no sexto, todas as artes mecânicas com os seus respectivos inventores e o modo como são usadas no mundo. Enfim, os muros da Cidade do Sol constituem uma verdadeira enciclopédia ilustrada. O terceiro Oficial, *Amor*, cuida da geração, da educação, dos remédios, das especiarias, da semeadura e da colheita, dos cereais, dos alimentos, e de tudo que se refere à comida, ao vestuário e à geração, e dirige os mestres dedicados a essas várias artes. Os Solares são provenientes da Índia e resolveram levar vida filosófica tendo tudo em comum, de tal modo que todos são ricos, porque possuem o necessário à existência, e são pobres, porque nada lhes pertence. A jornada do trabalho é de quatro horas, e os habitantes da Cidade do Sol, embora pagãos, vivem felizes, orientados pela razão e de acordo com a natureza. A educação das crianças inicia-se logo após a sua amamentação. Se é menina, é confiada às mestras; se menino, aos mestres. Aprendem o alfabeto, como se fosse divertimento, estudam as pinturas instrutivas das paredes, exercitam-se na corrida e na luta, de pés descalços e cabeça descoberta, e até aos seis anos vestem roupa colorida. Ai, começam o estudo das ciências e das artes e, por último, das ciências mecânicas. Os meninos de engenho avesso ao estudo são enviados a trabalhar no campo. As ciências são aprendidas com tanta facilidade que num ano as crianças ficam a saber mais do que nós, após dez ou quinze anos de estudos. O aprendizado do alfabeto e da língua é feito através

de passeios diante dos muros ilustrados, estando os meninos divididos em quatro grupos, sendo guiados e ensinados por quatro anciãos que, depois, os fazem jogar e correr, sempre de pés descalços e cabeça descoberta e assim, até aos sete anos, quando são conduzidos às oficinas das artes mecânicas, dos sapateiros, pintores, ourives, etc., onde se lhes examinam as inclinações. Após os sete anos, passam a receber aulas de ciências naturais. Em cada grupo, quatro mestres diferentes se revezam durante quatro horas de aula, e enquanto uns alunos estudam, outros exercitam o corpo ou executam serviços públicos. Depois, todos se aplicam às matemáticas, à medicina e às outras ciências, e há entre eles disputa e emulação. Por fim, tornam-se Oficiais da ciência ou da arte mecânica em que mais se tenham salientado. Dirigem-se, também, ao campo onde vão aprender na prática os trabalhos agrícolas e a criação de animais. É tido por mais nobre o aluno que mais artes aprende e melhor trabalha. Os Solares caçam de nós outros por chamarmos os artifices de ignóbeis, e por considerarmos nobres os que não aprenderam arte alguma, vivem no ócio e na luxúria e mantêm inúmeros servidores para a ruína da república. Nas refeições feitas em comum os jovens servem aos mais velhos, e os alunos que mais se distinguiram de manhã nos estudos, nas disputas das ciências e nas artes, recebem uma porção maior de alimento. Os costumes são puros, e as relações sexuais fiscalizadas por um grande médico, o Doutor da medicina. Os sodomitas são censurados e condenados a levarem por dois dias o calçado preso ao pescoço. Esse castigo significa que eles pervertem a ordem natural das coisas pondo os pés sobre a cabeça. Se reincidirem, aumentam os castigos, e aos incorrigíveis chega a aplicar-se a pena de morte. Quem se abstém do coito até aos vinte e um anos é enaltecido com honras e canções. Como se trabalha durante quatro horas por dia, o resto do tempo é consagrado aos jogos e ao estudo, à leitura, às conversas, a debates e passeios, enfim, a tudo o que agrada e é útil ao corpo e à mente. Não se praticam jogos sedentários ou de azar. Por certo, o aspecto mais saliente da educação na Cidade do Sol é o enaltecimento das artes mecânicas, a dignificação do trabalho manual e a aplicação às ciências especulativas ou aos trabalhos agrícolas ou técnicos, de acordo com a inclinação e a capacidade dos meninos e jovens.

A utopia composta por Ludovico Agostini, *La Repubblica immaginaria*, constitui um diálogo entre os dois interlocutores *Finito* e *Infinito*. O autor distinguiu-se nas artes cavaleirescas, freqüentou a corte dos Della Rovere em Urbino e doutorou-se com louvor em Direito civil e canônico. Agostini manifesta na sua utopia certas opiniões bem diferentes das que foram expressas pelos seus antecessores imbuídos de humanismo ou de naturalismo. Reconhece que os móveis básicos

da conduta são a *honra* e a *utilidade*⁴, e diz que para se alcançar a união dos cidadãos é preciso acabar com os privilégios particulares, ficando as diferenças das distinções reservadas aos magistrados. É de parecer que aos jovens cumpre ensinar nas escolas públicas mais os exercícios das virtudes morais que as doutrinas das artes liberais. Agostini acha que devem ser eleitos tantos médicos quantos quarteirões houver na cidade, e em cada um destes deve haver também um pároco, um cirurgião, uma farmácia e duas lojas com o necessário à alimentação, deixando-se sem prescrição de número as lojas de aviamentos de cozinha. O chefe espiritual da nossa república cristã, diz Agostini, é o bispo da cidade que deve convocar várias vezes por mês ao parlamento todos os párocos da diocese e, diariamente, os da cidade para discutirem os casos quotidianos.

Lodovico Zuccolo, nascido em 1568, compôs a utopia *Il Porto overo della Republica d'Evandria*, publicada entre os seus *Diálogos* apenas em 1625, e concede mais atenção à questão educacional que Ludovico Agostini. Os pobres da Província, diz Zuccolo, são alojados em moradas semelhantes a mosteiros, afastadas das cidades uns dois quilômetros e meio mais ou menos. Recebem roupa gratuitamente e têm outras despesas pagas pelo erário mas eles ressarcem, ao menos em parte, esses gastos com o próprio trabalho, exercendo vários ofícios. Em compensação, os ricos, e de boa saúde, vivem no ócio. Por isso, os filhos dos nobres e dos cidadãos opulentos são confiados, dos 10 aos 20 anos, aos Pedônomo, homens maduros e sábios que lhes ensinam as letras, a música, a dança, o desenho, a equitação, o manejo das armas e a prática de jogos, da corrida, do salto, da luta e outros exercícios úteis ao serviço militar e benéficos para a saúde. Acima de tudo, porém, os Pedônomo ensinam os jovens a temer e a reverenciar a Deus, a obedecer aos Magistrados, a honrar pai e mãe, a respeitar os mais velhos, a estimar amigos e parentes, a não mentir, não enganar e não ofender ao próximo. O importante, diz Zuccolo, é que os Evandros tratam de inculcar, desde cedo, nos jovens os bons costumes sem os quais de nada valem as leis, como ocorre entre os Italianos que descaram a educação dos jovens em público e em particular e, por isso, apesar de milhares de leis, glosas e comentários, vivem cheios de fraudes e vícios. Dos 20 aos 45 anos, os nobres de Evândria participam das guerras e, em tempos de paz, exercitam-se na caça, em torneios e noutros esportes que concorrem para desenvolver a agilidade, a robustez e para ensinar o ofício da guerra. Em

⁴ "...l'onore e l'utile sono quelli che reggono tutta la machina della prudenza humana". Ludovico Agostini, *La Republica immaginaria*, in *Il pensiero pedagogico della Controriforma*, a cura di Luigi Volpicelli, pág. 501.

Evândria promovem-se espetáculos doze vezes ao ano e banquetes, vinte e quatro vezes. Das festas participam todos os habitantes de qualquer idade ou condição, mas aos banquetes só comparecem os ricos, enquanto os edis distribuem gratuitamente aos pobres farinha, vinho, óleo e carne salgada⁵. Ademais, em Evândria as artes são hereditárias e passam de pai a filho. Quem tem mais de dois filhos deve instruir pelo menos um no seu ofício mas só poderá instruí-los no estilo dos nobres se, tendo a riqueza suficiente, obtiver licença do Magistrado. Cada cidade tem seis Censores, homens idosos e experientes nas tarefas da guerra e da paz, incumbidos de corrigir com plena autoridade os jovens díscolos. Por isso, os seus cuidados estendem-se aos pais, para que estes eduquem bem os filhos, de tal modo que se um destes for atropelado por uma carruagem ou por um cavalo, exceto no caso de crueldade comprovada do condutor, a punição recairá sobre o pai e a mãe do acidentado por não terem tido o devido cuidado com ele. Os Censores também zelam pela paz e pela economia dos lares, e vivem atentos à publicação dos livros para que não se editem obras pornográficas e atentatórias aos bons costumes. As leis e os atos públicos, as artes e o ensino exprimem-se na língua materna de Evândria, e rigorosos decretos impedem os jovens de estudar no estrangeiro, para não gastarem dinheiro fora da pátria e retornarem, ainda por cima, ignorantes, doentes e viciados.

Como se colhe da utopia de Zuccolo, o ensino em Evândria é declaradamente aristocrático. As castas são ali rigidamente separadas, e a única esperança de um plebeu mandar o filho aprender letras e artes é no caso de ele dispor de riqueza suficiente para obter a suspirada licença outorgada pelo Magistrado. Nisso a República de Evândria difere profundamente da *Utopia* de More ou da *Cidade do Sol* de Campanella.

Por último, vamos acenar à utopia baconiana da *Nova Atlântida* que pertence, a rigor, ao século XVII pelo espírito científico e pelo caráter industrial que a anima. Em *New Atlantis* Bacon opera a transição da utopia à realidade através do ideal da ciência aplicada que já impregnava a cultura no tempo em que se construiu o modelo da ciência experimental e nascia a ciência moderna. Como diz o secretário particular de Francis Bacon no prefácio da obra, Millorde com essa fábula quis descrever um colégio de artes e de indústria, uma escola científica e técnica, sob o nome de *Casa de Salomão* ou *Colégio dos Trabalhos*

⁵ "Perchè le genti meschine non sono nè al governo della Republica ammessi, nè al mestiere dell'arme, nè manco possono intraventre ai publici convivii". Lodovico Zuccolo, *Il Porto ovvero della Republica d' Evandria*, in *Il pensiero pedagogico della Controriforma*, a cura di Luigi Volpicelli, pág. 518.

dos Seis Dias. Evidentemente, como diz o prefaciador, o modelo concebido por Bacon ultrapassa a sua descrição mas a maior parte das coisas indicadas pode ser produzida pelo poder do homem⁶.

O Narrador de *New Atlantis* explica que aportou um dia numa ilha distante e desconhecida dos nautas onde, após boa acolhida e o devido reconhecimento dos viajantes, teve a honra de vir a saber através do Governador da ilha a respeito da origem da *Nova Atlântida*, e de visitar a *Casa de Salomão* considerada *the lanthorn of this kingdom*, o farol desse reino. A *Nova Atlântida* fora fundada, milhares de anos antes, pelo rei Salomona que instituiu a ordem ou sociedade chamada de *Casa de Salomão* ou *Colégio da Obra dos Seis Dias*, seis dias para lembrar o prazo no qual Deus criou o mundo, e daí o rei Salomona ter fundado essa casa para investigar a verdadeira natureza de todas as coisas, *he instituting that House for the finding out of the true nature of all things*. Os Novos Atlantes, explicou o Governador, mantêm comércio com outros povos, que lhes desconhecem a identidade, não com o fito de obter ouro, metais preciosos ou mercadorias para só conseguir a luz do desenvolvimento proveniente de todas as partes do mundo, *to have light (I say) of the growth of all parts of the world*. Finalmente, o Pai da Casa de Salomão, *the Father of Salomon's House*, explicou minuciosamente ao Narrador a organização do Colégio ou Sociedade cujo alvo "é o conhecimento das Causas e dos secretos movimentos das coisas e o alargamento dos limites do Império Humano para a realização de todas as coisas possíveis"⁷. O Pai da Casa de Salomão descreveu, então, os departamentos da instituição, as suas

⁶ "Certainly the model is more vast and high than can possibly be imitated in all things; notwithstanding most things therein are within men's power to effect". Francis Bacon, *The Advancement of Learning and New Atlantis*, pág. 214.

⁷ "The end of our Foundation is the knowledge of Causes, and secret motions of things; and the enlarging of the bounds of Human Empire, to the effecting of all things possible". Francis Bacon, *New Atlantis*, pág. 239.

"O que oferece mais interesse na *Nova Atlântida* é a sua moderníssima preocupação com a aplicação prática — quase diríamos industrial — dos descobrimentos científicos...

"Poucos encantos pode ter para nós a *Nova Atlântida*, uma vez que estamos a viver hoje em dia numa Casa de Salomão, e tal como a Bacon, deslumbram-nos as riquezas e as maravilhas que contém. Mas lentamente começamos a compreender que o saber e o progresso científico não são sinónimos de felicidade humana. E começamos também a suspeitar que, na realidade, não importa aos partidários do progresso a felicidade dos seus semelhantes, a não ser o poder que adquiririam para si mesmos, graças a tal saber e a tal adiantamento. Por isso, Bacon fala tão extensamente sobre os privilégios, o poder e as honras de que gozavam os membros da Casa de Salomão, e tão pouco sobre as venturas que haviam proporcionado ao povo.

iniciativas, os seus feitos, as pesquisas e as invenções logradas através de estudos e experimentos nas várias áreas teóricas e práticas do saber. Mostrou ao Visitante os jardins botânico e zoológico, os laboratórios, as farmácias, as oficinas de artes mecânicas, as casas da Física (perspectiva e som), a casa da matemática, e as tarefas dos vários sócios-pesquisadores dos quais doze buscam novidades científicas e livros através do mundo; são os mercadores da luz, *Merchanis of Light*; três colecionam experimentos descritos nos livros; são os batedores, *Depredators*; três são coletores de experimentos de todas as artes, ciências e práticas, ou seja, homens do mistério, *Mystery-men*; três ensalam novos experimentos; são os pioneiros ou mineiros, *Pioneers or Miners*; três catalogam e organizam os experimentos dos quatro grupos anteriores; são os compiladores, *Compilers*; três examinam todas essas realizações dos colegas, a fim de verificarem como seria possível extrair delas utilidades para a vida humana; são os doadores ou benefatores, *Dowry-men or Benefactors*; três outros programam novos experimentos a partir dos precedentes; são as lâmpadas, *Lamps*; três realizam esses experimentos; são os inoculadores, *Inoculators*. Por último, três sintetizam as descobertas em mais amplas observações, axiomas e aforismos; são os intérpretes da natureza, *Interpreters of Nature*.

A Casa de Salomão da Nova Atlântida é a utopia que, desde o século XVII, começou a corporalizar-se nas universidades, nos laboratórios, nos museus e institutos científicos, nas indústrias, e que veio a encontrar a sua expressão máxima nas grandes instituições de pesquisa de todo o gênero no século XX, tanto de origem particular como de natureza estatal, e que collimam o saber teórico e prático impulsionador do progresso intelectual e suscitador de bens e comodidades para a vida humana. E essa nova sociedade científica e tecnológica precisa ajustar as escolas, os currículos e os processos didáticos à finalidade técnica e científica das imensas e múltiplas casas salomônicas que orientam os passos dos estudantes e dos novos desbravadores do campo dos conhecimentos teóricos e práticos no século XX.

"Agora estamos também em melhores condições de avaliar os perigos da 'ciência sem consciência'. A possibilidade de que o domínio da energia atômica precipite o fim de nossa civilização, despojou a ciência da sua fascinante auréola". Maria Luisa Berneri, *Viagem através de Utopia*, págs. 158 e 161.

Capítulo IX

As doutrinas pedagógicas

Depois de termos considerado, de maneira sucinta, os principais fatos educacionais do Renascimento, vamos apresentar algumas das doutrinas pedagógicas mais importantes¹. É preciso frisar que os grandes humanistas tiveram o cuidado e o enlevo de tratar dos estudos, e que as concepções educacionais do século XV, formuladas pelos mestres italianos, se difundiram através da Europa e deram o tom às obras e às doutrinas atinentes à educação compostas no século XVI. Erasmo, Melanchthon, Vives e Montaigne não acrescentaram nada de essencial ao pensamento pedagógico dos humanistas italianos. Em capítulo anterior procuramos delinear o ideal formativo do humanismo renascentista, e agora vamos rastrear-lo nas obras dos seus principais representantes.

A primeira e fundamental obra pedagógica do humanismo italiano foi o pequeno tratado de Pier Paolo Vergerio, *De ingenuis moribus et liberalibus adolescentiae studiis*, dos nobres costumes e dos estudos liberais da juventude, livro composto entre 1400 e 1402, dedicado a Ubertino de Carrara, aristocrata paduano. Essa obra, segundo Garin, é uma espécie de manifesto em prol da educação dos jovens filhos das novas classes dirigentes cidadinas, para a formação dos doutos e, em geral, dos grupos que deverão colaborar com os "senhores" e, no devido tempo, lhes ocupar o posto². Diz Vergério que os pais zelosos do bem-estar dos filhos devem fazer três coisas: dar aos filhos nome nobre e conveniente, educá-los em cidades esplêndidas onde possam obter glória e ensinar-lhes as boas artes. A melhor

¹ Só podemos apresentar algumas das doutrinas mais importantes, porque o tema é vasto e as teorias, numerosas, de maneira que o nosso trabalho neste capítulo é mais o de mapear o panorama das obras mais significativas da pedagogia renascentista, pois seria necessário um grosso volume para a exposição meticulosa de todas as concepções educacionais formuladas nessa época. Procuramos cingir-nos às obras que se nos afiguram mais interessantes e chamar a atenção do estudioso, de maneira especial, para o alcance e o valor dos teóricos italianos, ficando para a Terceira Parte o elenco biográfico dos grandes educadores e tratadistas europeus.

² Garin, *L'Educazione in Europa 1400/1600*, pág. 119.

riqueza e o patrimônio mais seguro para a vida que os pais podem proporcionar aos filhos é formá-los nas artes liberais e nas honestas disciplinas. A natureza nobre e o engenho liberal de um menino ou jovem consistem em despertar para o amor da glória e do louvor e com ele se inflamarem, e manifestam-se também na docilidade espontânea para com as pessoas mais velhas, docilidade que vem a ser a disposição para aprender, para ser instruído e educado. A melhor forma de ensinamento, diz Vergério, é o bom exemplo do amor à virtude e da vida honesta, dado por homens vivos e retos. Por isso, o jovem estudioso, amante da virtude e da verdadeira glória, deve imitar a vida de um ou mais homens veneráveis pela probidade e copiar-lhes os costumes, até quando o puder. Onde, a obrigação para as pessoas de idade de serem verdadeiramente modestas e exemplares.

A boa educação da juventude, prossegue Vergério, é de máximo interesse para o Estado que a promoverá através das leis. Depois de aludir aos vícios peculiares às idades do homem: a luxúria na adolescência, a cobiça na maturidade e a avareza na velhice, Vergério discorre sobre a importância da castidade para os jovens que devem evitar o ócio e a soldão, precisam ser confiados a pessoas de bons costumes e de vida impecável, assim como devem ser regrados no uso da comida, da bebida e do sono. Ademais, o jovem deve ser educado na reverência às coisas santas, na prática da religião, desde a mais tenra idade. Vergério faz, então, profunda observação cujo alcance podemos bem avallar nesta época de irreverência na sociedade de consumo do século XX: "Com efeito, que haverá de restar entre os homens de venerável e de venerado, se a Divina Majestade é desprezada?" Vergério recomenda cuidado especial para que os jovens não profram blasfêmias contra Deus, não ridicularizem as cerimônias do culto e não façam juramentos vãos. Além disso, eles devem ser exortados a honrarem os velhos que devem considerar como pais. Estende-se, também, a respeito de vários preceitos de civilidade como o modo de receber e despedir visitas, de cumprimentar pessoas idosas, de tratar com os inferiores, com parentes e amigos. No fim do Livro Primeiro, tece o autor considerações endereçadas aos governantes e aos nobres, dizendo-lhes que precisam saber escutar, particularmente aqueles que os admoestam para o bem e que, se os pais são excessivamente indulgentes para com os filhos ou se estes crescerem sob a orientação de mãe viúva e complacente, então será preferível educar os filhos noutra cidade ou fora de casa, confiando-os aos cuidados de parentes e de amigos.

No Segundo Livro, trata Vergério dos *Estudos Liberais*, e declara que "eles são os estudos dignos do homem livre, pelos quais se exercitam ou se cultivam a virtude e a sabedoria, se dispõem o corpo e a alma

para as coisas mais excelentes, que nos permitem alcançar glória e honra, prêmios prometidos, após o da virtude, ao homem sábio"³. Esses estudos devem ser empreendidos, desde a infância, pois serão úteis aos dois gêneros de vida liberal, um dos quais consiste na reflexão, na especulação, e o outro, nos negócios e nos empreendimentos sobre serem o conhecimento e o hábito da escrita necessários para o primeiro gênero e vantajosos para o segundo. Quem pretende consagrar-se às atividades sociais e às tarefas do governo deve conhecer história e filosofia moral. As outras disciplinas são liberais, porque convêm a homens livres, mas a filosofia o é porque o seu estudo torna livres os homens. A ética proporciona os princípios de bem viver, e a história ilustra-os com os exemplos que devemos seguir. A eloquência, que ensina a falar com elegância, faz também parte da ciência civil. Em seguida, Vergério discorre sobre o aprendizado do desenho, da poesia, da música, da ciência natural, da medicina, do direito, da teologia, mas observa que cada pessoa deve dedicar-se especialmente a uma só disciplina para a qual se sinta mais inclinado e apto. Vergério insiste na necessidade de se possuir idéias claras, para que se possa aprender com proveito, e na utilidade das discussões para se chegar ao conhecimento verdadeiro. Ele adverte o estudioso contra a excessiva avidez do saber que o leva a querer abarcar todas as disciplinas ao mesmo tempo, o que resulta em se abraçar apenas vento. A leitura deve ser dosada para servir de lúcido cibo espiritual, e na marcha dos estudos é preciso ter ordem, método e paciência. Vergério afirma que o primeiro passo para o saber é a capacidade da dúvida. Por fim, recomenda a prática da ginástica, os exercícios militares, e disserta sobre os passatempos mais convenientes como o canto, a dança, e critica o tiro ao alvo e os jogos de azar. Observa que a simples variação do gênero das leituras já serve de descanso mas que ao estudioso convém sempre fazer, por algum tempo, repouso completo.

Leonardo Bruni, influenciado por Vergério, escreveu para a nobre senhora Battista Malatesta o tratado *De studiis et litteris liber* que se pode considerar, diz Salita, "o programa do novo espírito humanístico sobre a formação do homem, e que teve profunda repercussão, embora fosse dedicado a uma senhora, a esposa de Galeazzo

³ "Liberalia studia vocamus, quae sunt homine libero digna: ea sunt, quibus virtus ac sapientia aut exercetur aut quaeritur, quibusque corpus aut animus ad optima quaeque disponitur, unde honor et gloria hominibus quaeri solet, quae sunt sapienti prima post virtutem proposita praemia". Pier Paolo Vergerio, *De ingenuis moribus et liberalibus studiis adolescentiae*, Pars altera, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, a cura di Eugenio Garin, pág. 130; Garin, *Educazione umanistica in Italia*, pág. 82.

Malatesta"⁴. Leonardo lembra à sua correspondente os exemplos de erudição dados por Cornélia, filha de Cipião, o Africano, pela poetisa Safo e pela bela e culta Aspásia, conclamando-a à aquisição da cultura, da verdadeira e nobre erudição que congrega o conhecimento das letras com a ciência das coisas⁵. Para bem se iniciar no estudo das letras, Bruni acha necessário que só se leiam os livros escritos por autores latinos de indiscutível excelência, *qui ab optimis probatissimisque latinae linguae auctoribus scripti sunt*, evitando-se os escritores bisonhos e vulgares, como se fossem desgraça e ruína para o nosso engenho, *a calamitate quadam et labe ingenii nostri*. Leonardo Bruni continua a exaltar a *perícia das letras*, a leitura de obras egrégias e clássicas e a concomitante formação do juízo pessoal e passa, em seguida, a tratar da *ciência das coisas*, *scientia rerum*. A pessoa destinada a alcançar excelência no plano da cultura, diz Bruni, deve ser animada por ardentíssimo desejo de saber e não deve desprezar disciplina alguma, embora algumas destas não precisem ser conhecidas minuciosamente, tal como a geometria, a aritmética, a astronomia e até mesmo a retórica. A mulher cristã, prossegue, deve procurar adquirir, antes de tudo, bom conhecimento da Sagrada Escritura. Ela que investigue, discuta e indague, mas ame sobretudo os escritores antigos como Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Ambrósio, São Cipriano, e os Padres Gregos, Gregório Nazianzeno, João Crisóstomo e São Basílio Magno. A mulher, porém, não deve limitar-se às obras religiosas mas deve ser induzida aos estudos profanos, e deve aplicar-se primeiramente à leitura dos livros de filosofia moral, de tal modo que para ela devem ser propostas como fundamentais as duas disciplinas atinentes à vida moral e à religião, isto é, a ética e a teologia, às quais acrescentar-se-ão as outras, à guisa de complementação e de ornamento. Convém, portanto, ler e aprender muito, mas perscrutar e aprofundar tudo, para se colher o que for proveitoso para os próprios estudos. O conhecimento da história é muito valioso, pois vale a pena saber da origem e do progresso do próprio povo, dos fastos dos povos livres e dos grandes reis sobre servir o conhecimento do passado de guia sábio e prudente. Convém, outrossim, ler os discursos dos oradores que elogiam a virtude e fulminam os vícios e, além disso, ler e entender os poetas, pois "ao meu ver", diz Bruni,

⁴ Giuseppe Saitta, *Il Pensiero Italiano nell'Umanesimo e nel Rinascimento*, vol. I (1949), pág. 265.

⁵ "Eruditionem autem intelligo non vulgarem istam et perturbatam... sed legitimam illam et ingenuam, quae litterarum peritiam cum rerum scientia coniungit". Leonardo Bruni, *De studiis et litteris liber*, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, a cura di Eugenio Garin, pág. 146.

"é falha a educação literária de quem desconhece os poetas" ⁶. Enfim, para se atingir a excelência e para alguém se tornar verdadeiramente culto, é necessário ler muito, dedicar-se ao estudo das obras dos filósofos, poetas, oradores, historiadores e de toda a espécie de escritores, e completar essa riqueza de informações com notável perícia literária através do domínio da escrita e da redação, porque "se as letras sem os conhecimentos reais são estéreis e vazias, o conhecimento das coisas, embora vasto, se desprovido da bela forma literária, parece obscuro e impenetrável" ⁷. Eis aí, portanto, a fórmula notável do ideal humanístico da formação: *peritia litterarum* e *scientia rerum*, juntamente com a afirmação peremptória da necessidade e importância da educação da mulher, segundo Leonardo Bruni.

Outra obra educacional meritória do século XV, em forma epistolar, é o escrito de Aeneas Sylvius Piccolomini, o futuro papa Pio II, endereçado ao príncipe Ladislau, rei da Hungria e da Boêmia, o *Tractatus de liberorum educatione*, redigido com intuítos políticos e que faz parte da ampla literatura renascentista relativa à *educação do príncipe*. Ninguém precisa mais de sabedoria, diz Piccolomini, que o governante, uma vez que o rei inepto arruína a si mesmo e ao povo, *rex insipiens se perdit et populum*, e só são perfeitos os homens que conseguem entrelaçar a atuação civil com a filosofia, e que reivindicam para si mesmos os bens de ambas. Exemplos preclaros de homens desse tipo foram na Antiguidade Pércles, Arquitas, Dião de Siracusa, o tebano Epaminondas e os romanos Ciplão, Catão, Marcelo e César. Enéas Sívio faz votos para que Ladislau neles se inspire e, no seu reinado, que a Hungria, fatigada por tantas calamidades, e a Boêmia, oprimida pelos erros cruéis da heresia, logrem, por fim, respirar e readquiram o seu primitivo esplendor. Ele confessa ter composto o seu opúsculo a pedido de Gaspar, preceptor do príncipe, e diz que o dividiu em quatro partes nas quais considera os estudos convenientes a um rei quando menino, jovem, adulto e velho. Ao falar dos preceptores ou mestres, diz Enéas Sívio que eles devem ser instruídos e de costumes irrepreensíveis. Em seguida, trata do cuidado do corpo, e explica como deve ser a alimentação dos meninos, procurando mostrar as vantagens da sobriedade e dos exercícios, e afirmando que o repouso é o tempero do trabalho, *laboris condimentum est otium*. Depois ele passa a discorrer sobre a formação intelectual e faz o elogio

⁶ "Mea quidem sententia mancus quodammodo in litteris est, qui poetas non didicit". Leonardo Bruni, *ib.*, pág. 158.

⁷ "Nam et litterae sine rerum scientia steriles sunt et inanes, et scientia rerum quamvis ingens, si splendore caret litterarum, abdita quaedam obscuraque videtur". Leonardo Bruni, *ib.*, pág. 166.

do intelecto, o dom mais precioso do homem, mais valioso que a nobreza, a riqueza, a glória, a beleza, a saúde e a força, atributos que se podem perder ou fenecem com o tempo, enquanto a velhice só faz aumentar a ciência e o discernimento intelectual. Por isso, nada é mais importante que o intelecto e a razão, *nil prestantius intellectu et ratione*. Piccolomini trata, então, da filosofia necessária a todos, inclusive ao rei, e das artes liberais como a gramática, a literatura, a história, a retórica, a dialética, a música — e desta, ao menos, um discreto conhecimento, *mediocris cognitio* —, a geometria que aguça o engenho e confere ao espírito rapidez de percepção, a aritmética e um pouco de astronomia. Piccolomini insiste na conveniência da adequada instrução religiosa dos meninos. Como cristão, diz ele, devem aprender a oração dominical, a Ave Maria, o Evangelho de São João, o *Credo* e as doutrinas fundamentais do pecado, dos dons do Espírito Santo, dos mandamentos da lei de Deus, das obras de misericórdia, dos Novíssimos, e afirma que os príncipes devem ser modestos e respeitosos para com a Santa Igreja. "Quanto mais alto o berço", explica, "tanto mais te debes comportar com humildade, submeter-te à religião e participar dos officios sagrados". No tocante às relações com o clero, Enéias Silvio recomenda: "Acautela-te para não pensares que estás acima da religião, por te competir o nome de altíssimo Príncipe. Nas coisas de Deus não és senhor mas filho da Igreja, sujeito à autoridade do sacerdote"⁴.

Maffeo Vegio da Lodi escreveu um tratado de educação com forte inspiração agostiniana, *captus non ab re igitur tanto Augustini amore*, o *De educatione liberorum et eorum claris moribus* em que examina minuciosamente a formação moral, intelectual e física das crianças. Maffeo Vegio chama a atenção para a importância das classes escolares com poucos alunos⁵, e adverte que os meninos sem inclinação para os estudos deparam com vários outros caminhos como o comércio, a agricultura, a vida militar e o sacerdócio que eles podem trilhar para adquirir um estado de vida ou uma profissão honrosa e útil à sociedade.

⁴ "Cave ne tibi religionem putes esse subiectam, quamvis maximi principis nomine gaudes. Non dominus sed filius ecclesiae sacerdotis imperio in his, quae sunt dei, subiectus est." Aeneas Sylvius Piccolomini, *Tractatus de Liberorum Educatione*, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, a cura di Eugenio Garin, pág. 230.

⁵ "Requienda est autem ita praeceptorum eruditio, ut discipulorum tamen nimia multitudo fugienda sit. Evitandae igitur erunt scholae quo nimio discipulorum concursu frequententur." Maffeo Vegio da Lodi, *De educatione liberorum et eorum claris moribus*, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, a cura di Eugenio Garin, págs. 182 e 184.

Como observa Garin, com plena razão, "nota característica comum da educação do humanismo é o seu sentido social, civil", pois escolas e métodos surgem para atender a alguma necessidade cidadã que, ao mesmo tempo, exprimem e definem. Francesco Patrizi da Siena, por exemplo, achava que sem o estudo das letras ninguém podia ser chamado de cidadão numa cidade livre, e que o bom cidadão é homem honesto e útil à república, enquanto o egoísta e o avarento não merecem esse título¹⁰. Matteo Palmieri no seu diálogo *Della vita civile* ensina que a filosofia tem duas partes: a que investiga os segredos da natureza, *filosofia natural* e a que trata dos costumes, *ética*, sendo esta a mais útil, pois os homens devem estudá-la para viverem bem e harmoniosamente na sociedade¹¹. Nelas cumpre serem bem instruídos os magistrados aos quais compete a promoção do bem comum e não a caça às vantagens pessoais.

Outro ilustre representante da educação para a vida civil foi Leon Battista Alberti, autor do famoso tratado *I Libri della Famiglia*, em quatro livros. É dever dos pais, diz Alberti, educar os filhos na honestidade para o proveito próprio, da família e da pátria, e para o bem desta valem muito mais os cidadãos virtuosos e honestos do que os ricos e poderosos¹².

Antonio de Ferrarlis no seu *De educatione*, composto em 1504, vibra de patriotismo e conclama os seus concidadãos à educação cívica da juventude. Diz que, após a vinda dos franceses e dos espanhóis à Itália, abastardaram-se os costumes, passou a prevalecer o uso da mentira e do dolo, de tal modo que se um homem não sabe ou não quer mentir e enganar, é tido por mal-educado e ignorante. Ele pensa que a educação dos gauleses e espanhóis ou melhor celtas e iberos, francos e godos, nada tem de bom, uma vez que descuram as letras, afastam-se dos costumes italianos, dos ensinamentos dos filósofos e da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, "e nada pode haver de bom e de útil para uma vida honesta e feliz onde se desprezam as letras". É preciso que o Príncipe não anteponha a barbárie gótica à latimidade, que use sempre a língua natal e conheça o latim, que os jovens estudem filosofia, poesia, história, direito, medicina e teologia. Os espanhóis, diz Antônio de Ferrarlis, nada nos ensinaram

¹⁰ Garin, *L'Educazione in Europa 1400/1600*, pág. 137.

Francesco Patrizi da Siena, *Il buon cittadino* na obra *De' Discorsi*, in *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, a cura di Felice Battaglia, pág. 220.

¹¹ Matteo Palmieri, *Della vita civile*, *ib.*, pág. 197.

¹² "E stimasi meglio essere alla patria, s' non erro, e' cittadini virtuososi e onesti che i ricchi molto e possenti". Leon Battista Alberti, *I Libri della Famiglia*, a cura di Ruggiero Romano e Alberto Tenenti, pág. 51.

que prestasse e só difundiram a usura, o furto, a pirataria e as efeminações, e "com tais vaidades corromperam a severidade dos nossos costumes" ¹³.

Francesco Patrizi da Cherso na sua utopia *La città felice*, depois de asseverar que o homem tende naturalmente para o Sumo Bem e para a felicidade, diz que, por consistir a felicidade sobretudo nas operações da virtude, se os cidadãos quiserem ser felizes, que sejam então primeiramente virtuosos. Daí, a necessidade de se educarem as crianças para a vida honesta e para o ideal da virtude. Isso exige que se feche o caminho aos avanços dos vícios. Por isso, é preciso evitar, por exemplo, que os meninos vejam pinturas lascivas ou escutem comédias ou poemas imorais, e os adultos que os escandalizarem com ações ou ditos desonestos deverão ser punidos severamente em público. Patrizi da Cherso destaca o papel formativo da gramática e da música com observar que a primeira é fundamental para as leis e para a comunicação social, e a segunda concorre para aquietar as paixões e estimular o espírito e, como todos os homens tendem naturalmente à imitação, convém que conheçam e imitem os grandes feitos e os belos exemplos, através do estudo da história ¹⁴.

Na Itália, tão dividida politicamente e fragmentada em cidades-estados, ecoou potente e persuasiva a voz de Niccolò Machiavelli no seu livro *Il Principe* que, desde o século XVI, teve influência profunda na formação da mentalidade política. Maquiavel pensava especialmente, ao compor a sua obra, na necessidade de haver um governante poderoso e atilado, capaz de unificar politicamente o povo italiano.

Ao contrário de todos os educadores até aqui citados, e que exaltaram a virtude, a honestidade e a retidão moral, ele aconselha aos governantes a conduta humana ou civil e a animalesca ou brutal e, por verificar que nem todos os homens são bons e mantêm a palavra empenhada, ensina que não se está obrigado a agir de boa fé com eles, *non può, pertanto, uno signore prudente né debbe osservare la fede. . . tu etiam non l'hai ad osservare a loro* ¹⁵. Nesse famoso capítulo XVIII de *Il Principe*, Maquiavel faz a apologia da dissimulação e da hipocrisia, ao demonstrar que os fins justificam os meios. Ele chega a dizer que seria perigoso para um príncipe possuir todas as boas qualidades, mas que aparentá-las é muito útil. Assim, embora o Príncipe seja desonesto e mal-intencionado, é elogiável e vantajoso

¹³ "E con tali vanità corruperro la severità dei nostri costumi". Antonio de Ferraris, *De educatione*, in Garin, *Educazione umanistica in Italia*, pág. 178.

¹⁴ Francesco Patrizi da Cherso, *Della Historia*, in *Il pensiero pedagogico del Rinascimento*, a cura di Felice Battaglia, págs. 311-322.

¹⁵ Niccolò Machiavelli, *Il Principe*, pág. 156.

que finja possuir as cinco qualidades: piedade, fé, integridade, humanidade e religião. A obra de Maquiavel veio a tornar-se o fermento venenoso da moderna educação política e a bíblia do descaramento lida com fervor pelos adeptos da tirania e do despotismo.

Concomitantemente à crescente configuração do papel do Príncipe nas Senhorias ou nas monarquias, entra a esfumar-se no século XVI o ideal formativo do cidadão, peculiar às repúblicas como Florença e em seu lugar propõe-se a figura exemplar do serviçal ou colaborador do Príncipe, a saber, o Cortesão que, por viver na corte, deve possuir e ostentar certas qualidades e certo tipo de conduta, devendo aparecer como homem elegante, gentil, prendado, loquaz e culto. O conde Baldesar Castiglione descreveu o cortesão ideal e mostrou a espécie de educação que ele devia receber no livro de tanta repercussão na Europa e que suscitou, durante séculos, imitadores por toda a parte: *Il Cortegiano*. Nesta obra, pondera Garin, só persistem as formas da educação humanística, as puras formas exteriores, uma vez que desaparece a cultura formativa da personalidade integralmente livre. No Livro I, declara Castiglione que o ofício principal, e o mais próprio do cortesão, vem a ser o das armas, especialmente das que se usam entre cavaleiros. O cortesão também deve saber lutar e montar a cavalo, exercitar-se na caça, na montada, na natação, no salto, na corrida e no jogo da bola. Depois Castiglione passa a dissertar sobre a educação intelectual, e mostra que o cortesão precisa saber falar e escrever e ornamentar tanto o corpo quanto a alma, e o principal adereço espiritual, além da bondade, são as letras¹⁶. Ademais, o cortesão deve ser músico, saber cantar, tanger instrumentos musicais, entender de arte, apreçar pintura e escultura. No Terceiro Livro o conde Baltasar discorre sobre as qualidades e a educação conveniente à mulher que, além dos ornatos comuns a ela e aos homens, deve possuir os que lhe são próprios. As damas devem saber vestir-se, enfeitar-se, ter conhecimento das letras, de música, pintura e dança mas, sobretudo, devem saber amar, assim como o cortesão precisa saber despertar e animar esse amor. Bem adestrado e ornamentado, o cortesão está apto a prestar ao seu Príncipe os serviços mais relevantes.

Na linha dessa literatura cortesã e palaciana inscreve-se a obra de Monsenhor Giovanni Della Casa, *Galateo ovvero De' Costumi*, manual de civilidade e etiqueta em que o autor insiste na importância

¹⁶ "Ma, oltre alla bontà, il vero e principal ornamento dell'animo in ciascuno penso lo che siano le lettere, benchè i Franzesi solamente conoscano la nobiltà delle arme e tutto il resto nulla estimino..." Baldesar Castiglione, *Il Libro del Cortegiano*, a cura di Giulio Preti, Il Primo Libro, cap. XLII, pág. 83.

das boas maneiras para a convivência humana. Homem experiente, diplomata afeito aos costumes de cortes e palácios, letrado, arcebispo de Benevento e núncio pontifício em Veneza, Giovanni della Casa esboça em traços nítidos a figura do homem bem-educado, equilibrado e sensato, e discorre no *Galateo* sobre a conduta conveniente em reuniões, nas festas, à mesa, em conversas e apresenta minuciosamente o rol de preceitos higiênicos e de normas de civilidade indispensáveis para que o homem "seja nos seus costumes e nas suas maneiras gracioso e agradável". Della Casa não teve a pretensão de escrever obra moral mas quis apenas ensinar os preceitos mais comezinhos da boa convivência social¹⁷.

O século XVI foi muito fecundo em escritos pedagógicos mas, de regra, os seus autores nada mais fizeram que parafrasear e desenvolver os temas propostos e tratados pelos educadores italianos dos séculos XV e XVI. Dentre eles avultam, acima da média, Erasmo de Roterdã e Luís Vives. Desidério Erasmo foi a expressão máxima do humanismo no século XVI e, embora não gostasse de lecionar — pois achava que o ensino lhe tomaria o tempo a ser consagrado aos estudos — deu vários cursos através da Europa, teve experiência do magistério público e individual, e compôs algumas obras, pequenos escritos, a respeito de educação como o *De civilitate morum puerilium*, a *Institutio Principis Christiani*, a educação do príncipe cristão, tratado de moral cristã e humanista, o *De pueris instituendis*, sobre a educação das crianças entre três e seis anos, o *De ratione studii*, plano de estudos com excelentes conselhos a respeito da instrução de meninos dos 10 aos 15 anos, escrito principalmente na intenção dos jovens que pretendessem se consagrar aos estudos humanísticos. Erasmo acha que estes devem começar com as gramáticas grega e latina reduzidas a pouquíssimas noções mas as melhores possíveis, *optima*, já que as línguas se aprendem através da conversa com quem fala corretamente e por meio da leitura assídua dos bons autores, *ex eloquentium auctorum assidua lectione*. No tratado *De pueris statim et liberaliter instituendis cum aliis compluribus...* (1529) Erasmo declara que os meninos devem iniciar cedo os estudos, uma vez que o homem nasce

17 "Ma perché io non presi a mostrarti i peccati, ma gli errori degli uomini, non dee esser mia presente cura il trattar della natura de' vizii e delle virtù, ma solamente degli acconci e degli sconci modi che noi l'uno con l'altro usiamo". Giovanni Della Casa, *Galateo ovvero De' Costumi*, pág. 112.

"...la dolcezza de' costumi e la convenevolezza de' modi e delle maniere e delle parole giovano non meno a' possessori di esse che la grandezza dell'animo e la sicurezza altresì a' loro possessori non fanno." Giovanni Della Casa, *ib.*, pág. 32.

inclinado por natureza ao conhecimento. Os lavradores, diz ele, conhecem a idade dos bois e condicionam as suas tarefas às suas forças. Ora, com muito maior zelo se há de fazer isso na instrução dos filhos. De acordo com os costumes e a mentalidade da aristocracia renascentista, Erasmo aconselha no caso de não haver em casa quem saiba as letras, que se contrate quanto antes um letrado, depois de cuidadosa investigação dos seus costumes e da sua cultura. A impressão que Erasmo guarda das escolas é a pior possível. Hoje em dia, assevera, não se vê homem tão ruim e inútil e tão pouca coisa que o vulgo lhe não atribua suficiente aptidão para reger uma classe ou dirigir uma escola, e nesta só se escutam choros, lamentos e ameaças espantosas. Af os meninos se tomam de aversão pelas letras, e esse aborrecimento infantil irá persistir na idade adulta. Erasmo observa que nem todas as crianças têm capacidade para os estudos, nem todos os meninos querem estudar. Com aqueles, porém, que os apreciam é preciso usar de métodos atraentes. A matéria a ser aprendida deve ser bem dosada, precisa estar ao nível da criança, e ser apresentada como se fosse um jogo. Os meninos devem exercitar-se nos idiomas, ler fábulas e apólogos. Erasmo insiste na necessidade do zelo quanto à formação dos mestres que terão a incumbência de formar reta e liberalmente os filhos dos cidadãos, e acha loucos os pais que confiam os filhos a uma mulherzinha bêbada para que os inicie na leitura e na escrita, já que "exorbita da lei natural que a mulher tenha autoridade sobre varões"¹⁸. Realce especial no *De pueris instituendis* merece o passo em que Erasmo flagela o bárbaro costume do trote aos principiantes das artes liberais. É espantoso, diz ele, esse desatino de jovens aplicados aos estudos liberais, porém é mais assombroso, ainda, que esses desmandos ocorram sob a vista complacente de mestres e educadores...¹⁹. Lembre-se ainda de que na base das convicções pedagógicas erasmianas está a certeza de que o homem é dotado de livre-arbítrio, como o demonstrou no seu *De libero arbitrio Diatribe sive Collatio* em que defendeu a liberdade humana contra a doutrina

¹⁸ "Multo etiam stultius est, quod quidam filios suos mittunt ad ebriosam mulierculam, ut legendi scribendique parent facultatem. Praeter naturam est, foeminam in masculos habere imperium, tum nihil immittit eo sexu, si qua ira commoverit animum, et incalcescit facillime, vix autem conquiescit, nisi vindicta satiata". Erasmus, *De pueris statim ac liberaliter instituendis*, in *Opera Omnia*, ed. Vander, T. I, cl. 504 C.

¹⁹ "Mirum est ad eum modum insanire juvenes liberalibus studiis deditos, sed magis mirum est haec o juventutis moderatoribus approbari. Tam foedis, tamque crudelibus ineptiis praetextitur nomen consuetudinis, qua si malae rei consuetudo quicquam sit aliud, quam error inveteratus, hoc majore studio revellendus, quod jam ad plures serpsit". Erasmus, *ib.*, cl. 507.

nefasta de Lutero²⁰. E é da existência do livre-arbítrio que depende, em última análise, a possibilidade da educação moral, assim como a escolha que o homem faz do seu destino, a opção pelo bem ou pelo mal, a aceitação ou a recusa de Deus.

Na Inglaterra, Sir Thomas Elyot, influenciado por Palmieri e Castiglione, Erasmo e Tomás More, divulgou o conceito da *vita civile* peculiar ao humanismo italiano na sua obra *The booke named the Governour* publicado em Londres em 1531. Roger Ascham, na sua obra póstuma, *The Schoolmaster* (1570), propôs a educação do bom ministro religioso e do cortesão, "civil gentleman", a serviço do Príncipe e da pátria. Essa obra sobre o mestre-escola foi composta para a educação dos seus três filhos, e Ascham preocupa-se com a religião, a moralidade e, sobretudo, com o método de estudo e com o aprendizado do latim.

No entanto, não há dúvida de que o maior escritor teórico da pedagogia renascentista foi o espanhol Luís Vives que procurou dar embasamento psicológico à educação e compôs o tratado de pedagogia mais notável do século XVI, o *De tradendis Disciplinis seu de institutione christiana* (1531), além de ter redigido outros escritos educacionais como o *Contra os Pseudodialéticos*, *Pedagogia Pueril* (*De ratione studii puerilis*), *A Arte de falar* (*De ratione discendi libri tres*), *Da deliberação* (*De consultatione*), *Sobre a disputa* (*De disputatione liber*) e a *Redação epistolar* (*De conscribendis epistolis*). Merece realce especial dentre as suas obras filosóficas o tratado sobre a alma, *De anima et vita*, devido à sua importância para a educação. Na Primeira Parte da obra *Sobre as Disciplinas*, ao examinar as causas da corrupção das artes, Vives afirma que a causa comum das calamidades nos negócios públicos e particulares, bem como nos domínios sagrado e profano é o mercantilismo, a cobiça do dinheiro, tanto que nas escolas onde o maior número de alunos proporciona maiores ganhos aos docentes, "não há nenhuma seleção de alunos e abrem-se a todos as portas indistintamente...". E Vives passa a denunciar a venalidade usual na outorga dos títulos acadêmicos de doutoramento e licenciatura de tal forma, diz ele, que na França, principalmente, como também na Alemanha e na Itália superabundam sapateiros, alfaiates, cozinheiros, carroceiros, marinheiros, carpinteiros, vagabundos e ladrões, convertidos em doutores e licenciados. Os laureados em direito, diz Vives, provocam o riso, e as academias de medicina

²⁰ Erasmus von Rotterdam, *De libero arbitrio Dialectice sive Collatio*, in *Ausgewählte Schriften*, T. 4, págs. 1-193, e *Dialecticae adversus servum arbitrium Martinii Lutheri, Liber Primus*, ib., págs. 197-675. *Opera Omnia*, ed. Vander, T. 10.

despejam anualmente sobre as aldeias, vilas e cidades, hordas de carneiros e verdugos e "esses são os semeadores e propagadores da ignorância por toda a Europa", e que se caracterizam por incrível insolência, pois só a sabedoria torna bons os homens, enquanto a sua simulação os torna completamente maus.

A Segunda Parte do *De disciplinis* versa sobre a arte de ensinar e é interessantíssima, com preciosos ensinamentos e com aprecláveis informações sobre a situação dos estudos no século XVI. No Livro II, Vives refere-se à melhor localização dos prédios escolares, às qualidades e à seleção dos mestres e ao seu salário que deve provir dos cofres públicos. No Livro IV, discorre sobre as artes liberais, a medicina, o direito e a história, e recomenda que se conheçam e valorizem as artes mecânicas e as profissões populares. No adendo à obra sobre as disciplinas, *Vida e Costumes do Humanista*, Vives trata dos estudos clássicos e liberais e afirma que o seu objetivo é o bem público de que resulta perdurável recompensa para os seus cultores, não por estes grangearem dinheiro nem por conseguirem vantagens temporais ou por se atolarem em prazeres reprováveis e efêmeros, mas por se engrandecerem humanamente tanto os mestres, como os discípulos. Ele fala, depois, dos debates públicos que poderiam concorrer para exorcizar "a peste maligna da ignorância", se fossem menos espetaculares e se não se desse tanta importância ao público que rodeia os polemistas. Por último, deixando de lado muitos nomes ilustres de pedagogos e de obras educacionais, vale a pena indicar a breve *Oração de Sapiência* (*Oratio pro Rostris*) do português André de Resende como excelente síntese da concepção do saber e da universidade na época do Renascimento.

Capítulo X

Religião e educação

Durante a Idade Média os povos da Europa foram educados pela Igreja Católica. As escolas paroquiais disseminadas pelas cidades e pelos campos iniciavam as crianças na vida intelectual, ensinando-lhes a leitura em latim, o cálculo e o canto. Nas escolas monásticas externas, nas episcopais e capitulares, os jovens podiam aprender as sete artes liberais com as disciplinas literárias e científicas do trívio e do quadrívio. A partir do século XII, máxime nas cidades italianas, as autoridades municipais começaram a fundar escolas de primeiras letras e de artes liberais, pagando salários aos professores contratados, ao mesmo tempo que muitos mestres e até mestras como, por exemplo, em Florença, davam aulas particulares de alfabetização e letras. No ocaso da Idade Média, a grande novidade no campo das escolas elementares e das artes liberais foi a fundação da Congregação dos *Irmãos da Vida Comum* ou jeronimianos que, desde o fim do século XIV, passaram a se consagrar ao ensino, se espalharam pela Holanda, Bélgica e Alemanha mas desapareceram ante o vórtice destruidor da reforma protestante.

Gerard Groote (1340-1384), formado na Universidade de Paris, convertido à vida espiritual mais fervorosa, impressionado com a corrupção do clero e com a decadência dos costumes, foi inspirado por Deus a empenhar-se em verdadeira reforma religiosa. Natural da Holanda, Gerard contou com o auxílio de Florêncio Radewin, *magister artium*, proveniente de Praga, e que se converteu à vida devota, depois de ter ouvido um sermão pregado por Groote em 1380 ou 1381. A fundação da fraternidade dos Irmãos da Vida Comum começou com a vida comunitária de clérigos pobres que tinham tudo em comum, exerciam o apostolado entre leigos e eclesiásticos, e se sustentavam por meio da cópia de manuscritos. De início, padres e leigos viviam em comunidade, todos liam a Sagrada Escritura, os clérigos faziam sermões, e todos rezavam na língua vulgar e não no latim tradicional. A Congregação dos Irmãos foi aprovada após a curta existência do seu fundador que, juntamente com Florêncio Radewin, encaminhou vários jovens para o Capítulo dos Cônegos de Windeshelm que eles fundaram

para os que quisessem praticar a vida canônica associados aos Irmãos da Vida Comum. Desse modo, estes vieram a inscrever-se entre outros movimentos de reforma religiosa na época e difundiram-se primeiramente em cidades da Holanda e, depois, na Alemanha e na Bélgica, nas cidades de Münster (1401), Delft (1450), Lovaina, Cassel, Bruxelas, etc., ao mesmo tempo em que se multiplicavam também os mosteiros de Irmãs organizadas juntamente com os Jeronimianos. No começo, Groote e Radewin abriram pensões para jovens estudantes, para clérigos pobres, e só manifestavam cuidados de ordem moral e espiritual, conservando-se alheios às preocupações da arte e do humanismo.

Em sua bela e clássica tese *De opera scholastica Fratrum Vitae Communis in Nederlandiâ*, C. Bonet-Maury desfez a lenda e a falsa informação divulgadas nos séculos XVIII e XIX de que os Irmãos da Vida Comum só teriam mantido pensões para estudantes pobres e não se teriam consagrado à atividade docente¹. Bonet-Maury afirma que a Congregação dos Irmãos da Vida Comum passou por três fases. A primeira, de 1371 a 1400, foi a *idade mística*, em que os seus fundadores e membros só tinham preocupações de caráter espiritual e de reforma religiosa. A segunda, de 1400 a 1450, foi a *idade escolar*, em que os Irmãos começaram a ensinar crianças e a dirigir escolas elementares estabelecidas junto às suas casas. Por fim, a terceira fase, de 1450 a 1600, foi a *idade literária ou humanística*, em que os Irmãos converteram as suas casas em ginásios e se aplicaram ao cultivo do humanismo. Muitas vezes, as escolas que os Irmãos dirigiram já existiam antes mas elas lhes foram confiadas pelos magistrados das cidades e eles lhe comunicaram novo espírito com profundo devotamento. De início, por conseguinte, os Irmãos, de acordo com o ideal de Gerard de Groote, só ensinaram a ler, escrever e cantar dando, também, aos alunos boa formação moral e aulas de doutrina cristã. Aos poucos, porém, tornaram-se diretores e mestres de ginásios clássicos. A escola era dirigida por um reitor que escolhia os mestres, dividia os alunos em classes e selecionava os textos escolares. Os professores, às vezes, eram formados em universidades e muitos eram antigos pensionistas das casas dos Irmãos. Segundo Bonet-Maury, os Jeronimianos ou Jerônimos repartiram os alunos em classes, de acordo com a sua idade e adiantamento, e a sua promoção era feita através de exames. A escola dividia-se em dois cursos: o *elementar* em que as crianças aprendiam a ler, escrever, aritmética e gramática,

¹ "Hanc autem sententiam ut falsam rejicio, utpote quae repugnet multis et consonis testibus infra citandis". G. Bonet-Maury, *De opera scholastica Fratrum Vitae Communis in Nederlandiâ*, pág. 2.

e o clássico ou humanístico em que os meninos estudavam grego, retórica, dialética e as restantes disciplinas humanísticas. E cada um desses dois cursos subdividia-se em classes cujo número variava de escola para escola, e em cada classe reuniam-se grupos de oito a dez alunos para formar a *decúria* presidida por um dos estudantes, o *decurião* ou *monitor* que devia orientar ou advertir os demais. Nas principais escolas havia muitos alunos por classe; em algumas setenta, e em outras, como nas dos mestres Hegius, Synthemius, Murmellius e Forrentinus, até noventa. A disciplina era severa e valia para os ricos e os pobres, os nobres e os plebeus. Aos poucos elaborou-se um *Ratio studiorum* que seria determinado mais tarde com precisão por Sturm e pelos jesuítas, devendo lembrar-se que Santo Inácio frequentou em Paris o colégio Montaigu assistido pelos Irmãos da Vida Comum.

"Essas escolas acham-se nas origens do espírito moderno que elas associaram à reforma dos costumes e à difusão de uma vida espiritual mais pessoal"². Os Irmãos da Vida Comum compuseram antologias de textos espirituais, os *rapiaria*, divulgaram obras clássicas de espiritualidade nos seus sermões em língua vulgar, na qual também difundiram a Sagrada Escritura. Filho de ferreiro, e membro da Congregação dos Cônegos de Windesheim, foi Tomás de Kempis o autor mais provável do livro *Imitação de Cristo* que tanto contribuiu para a difusão da *devotio moderna*, a nova forma de devoção que insiste mais na vida interior pessoal que na liturgia, que sempre foi o ponto central da devoção monástica³.

Para a atividade literária dos Irmãos da Vida Comum concorreu a maravilhosa arte inventada por Gutenberg, diz Bonet-Maury, e os Jeronimianos se apressaram a empregá-la, editando livros religiosos e manuais escolares. Dos seus estabelecimentos saíram homens ilustres no magistério e nas letras como J. Célio, A. Hégio, J. Síntio, J. Standonk, J. Sturm, Nicolau de Cusa, Erasmo de Rotterdã e outros. Pode entender-se perfeitamente agora o acerto das observações feitas por João Janssen na sua obra *História do Povo Alemão*. Ele declara que as escolas superiores e as populares, no fim da Idade Média, haviam progredido de modo notável na maior parte dos territórios do Império Germânico, que os manuais de instrução religiosa recomendavam aos fiéis o sustento dessas escolas, cujo número nas cidades e nas aldeias aumentava sensivelmente de dez em dez anos. Segundo

² Delaruelle-Labande-Ourliac, *L'Eglise au temps du Grand Schisme et de la crise conciliaire* (1378-1449), in Fliche-Martin, *Histoire de l'Eglise*, T. 14, pág. 930.

³ Sobre a "Devotio Moderna" veja-se o artigo de Ricardo García Villoslada S. J., *Rasgos característicos de la "Devotio Moderna"*, in *Manresa*, vol. 28, 1956, págs. 315-350.

Janssen, no início deste século ainda havia mais de cem regulamentos escolares em alemão ou flamengo editados entre 1400 e 1521. Por isso, diz ele, "de modo algum as escolas elementares surgiram por iniciativa de Lutero. Seria mais certo afirmar que a revolução religiosa foi, por longo tempo e em muitos lugares, nefasta, *schädlich*, tanto para o ensino superior como para o ensino primário"⁴.

Marinho Lutero, após o rompimento com a Igreja e depois do desaparecimento da rede escolar católica multissecular, viu-se a braços com o problema da abertura de novos estabelecimentos e com a organização do ensino nas regiões dominadas pelo seu partido religioso. Na carta *A Nobreza cristã da Nação Alemã a respeito da melhoria do Estado Cristão*, Lutero ataca as universidades tradicionais, de modo procaz, aprova a sua extinção e conclama os senhores a fundarem bibliotecas e a forçarem os pais a instruir os filhos. Tanto nas escolas superiores como nas elementares o ensinamento mais considerado e seguido devia ser o da Sagrada Escritura e para as crianças, o do Evangelho. Cada cidade deveria ter uma escola para meninas onde, pelo menos durante uma hora diariamente, elas ouvissem a leitura do Evangelho em latim ou em alemão. No apelo *Aos Magistrados de todas as cidades alemãs para que construam e mantenham escolas cristãs* (1523), Lutero exorta os Conselheiros a fundarem escolas onde os jovens estudassem latim, grego e hebreu, história, canto, música e matemática. Juntamente com Melanchthon, ele tratou de organizar as escolas de Saxe e da Turíngia. Nas *Diretivas aos Inspectores escolares*, de 1538, Lutero prescreve as normas fundamentais para a organização das escolas. Para ele a religião é a base da educação, os pais são responsáveis pela educação dos filhos, a frequência à escola é obrigatória, ao Estado compete a organização do ensino, os métodos didáticos devem adaptar-se à natureza da criança, e é necessário haver preparação metódica dos professores. A maior parte das novas escolas luteranas foi aberta nos antigos mosteiros e conventos, e o plano

⁴ "Das Volksschulwesen hatte demnach keineswegs erst mit dem Auftreten Luthers begonnen". Johannes Janssen, *Geschichte des deutschen Volkes*. T. 7, pág. 23.

Conforme Richard Wickert, a reforma luterana constituiu, de início, um retrocesso para as escolas humanísticas. A Universidade de Erfurt em seis anos desceu de 311 para 14 alunos, e o mesmo aconteceu nas outras universidades germânicas. A rapidez dessa decadência deveu-se às correntes anticulturais que existiam na Igreja protestante, a saber, nos espíritos fanáticos que arremeteram contra a ciência e na multidão materialista que não podia compreender a utilidade dos estudos lingüísticos e das artes liberais. De que valia se preocupar com estudos eruditos, se já não se podia atender às crianças nos mosteiros e se já se possuía a Bíblia na língua materna? Wickert, *Historia de la Pedagogia*, traducción de la 4ª edición alemana, pág. 58.

de estudos de Lutero e Melanchthon, adotado no eleitorado de Saxe, excluía das escolas latinas o ensino do alemão e o uso da língua materna. No apelo aos Magistrados, Lutero recomenda uma ou duas horas de aulas diárias para os meninos que no resto do tempo se deviam ocupar em casa a aprender um ofício manual ou profissão a que se destinassem, e uma hora diária para as meninas que trabalhariam depois em casa. Os melhores alunos seriam escolhidos para mestres, pregadores e ministros eclesiásticos. Portanto, Lutero envidou esforços a fim de promover a educação e de fundar escolas nos territórios dominados pelo seu credo, e alcançou, de fato, bons resultados, mas como diz Riboulet, "é impossível ver nele o fundador do ensino popular que existia desde séculos. Não é o seu fundador, como César não é o inventor do telescópio nem Nabucodonosor o inventor da locomotiva"⁵. Filipe Melanchthon foi o ministro da educação de Lutero. Escreveu manuais escolares, organizou o sistema escolar de Saxe, redigiu juntamente com Lutero as *Diretivas aos Inspectores escolares* e o livro *Visita das Escolas*, reorganizou as universidades de Marburg, Koenigsberg, Iena, Halmstadt, Dorpat, Leipzig e Heidelberg, e dava orientação e assistência aos mestres luteranos da Germânia.

Ulrico Zuínglio, o reformador suíço, patrocinou a organização de duas boas escolas latinas em Grossmünster e em Fraumünster, e de um seminário pedagógico para formar ministros eclesiásticos. Ele apresentou as suas idéias pedagógicas num escrito de circunstância, o opúsculo dedicado ao seu futuro enteado Gerold Meier de Knonau, *Como formar jovens bem educados*, de 1 de agosto de 1523. No exórdio Zuínglio confessa nutrir há tempo a intenção de escrever um livrinho sobre a educação dos futuros cidadãos, e que aproveitava o retorno de Gerold Meier de uma estação de águas em Baden, para lhe enviar o opúsculo como um presente. A obra divide-se em três partes, e longe de ser um tratado de pedagogia, é apenas um ramalhete de conselhos educacionais. Nos aforismos da Primeira Parte Zuínglio trata dos deveres do jovem para com Deus; na Segunda, dos deveres para consigo mesmo, e na Terceira, dos deveres para com o próximo. Na Segunda Parte Zuínglio discorre a respeito dos estudos e recomenda o aprendizado do hebraico, do grego e do latim, em razão do conhecimento da Sagrada Escritura. Depois ele fala de comida e bebida, elogia a sobriedade, refere-se à roupa, condena o luxo, alude à escolha da esposa e ao dinheiro cuja paixão juntamente com a da glória deve ser condenada. Aconselha um discreto conhecimento, "uma honesta

⁵ Riboulet, *História da Pedagogia*, pág. 294.

luntura", das matemáticas, entre as quais inclui a música, diz que o cristão deve abster-se do exercício das armas, e só admite o serviço militar obrigatório, "se ele tiver por alvo a defesa da pátria e daqueles cuja proteção Deus nos confiou". Zúínglio prescreve a todos os cidadãos, particularmente aos futuros pregadores, a aquisição de um ofício que sirva para garantir a própria subsistência. Por fim, na Terceira Parte trata dos deveres do jovem para com o próximo, da conduta a ser mantida nas reuniões, do domínio da cólera, da posição a ser assumida perante a calúnia, dos divertimentos dos quais exclui e condena o jogo de cartas, e aconselha ao moço exercícios físicos como a corrida, o salto, o arremesso do disco, a ginástica, a luta e a natação, enfim, todos os esportes mas, de modo especial, "os que estiverem mais de acordo com as tradições helvéticas", e recomenda, ainda, que a conduta, sobretudo as palavras, sejam inspiradas pelo desejo de ser agradável ao próximo⁶.

João Calvino, nos *Regulamentos Eclesiásticos* de 1541, lançou as bases do Colégio de Genebra que só começou a tomar forma a partir de 1556, e para o qual compôs, com o auxílio de Teodoro de Beza, a lei escolar denominada *Ordem do Colégio*.

Guilherme Farel redigiu o *Sumário*, obra teológica com um capítulo chamado *Sobre a instrução das crianças*, em que aconselha o estudo da Sagrada Escritura, das línguas grega, latina e hebraica, da história e das leis.

Pierre Viret fundou em 1537 a Academia de Lausanne e escreveu a *Instrução Cristã*, diálogo em dois volumes entre um professor e seu aluno sobre a teologia e as ciências: física, química, geometria, medicina, astronomia e meteorologia.

Antonio Froment fundou uma concorrida escola em Molard, onde explicava a Sagrada Escritura. Teodoro de Beza foi professor e reitor das Academias de Lausanne e Genebra, e Mathurin Cordier e Sebastião Castélio lecionaram no Colégio de Genebra.

O Concílio de Trento (1545-1563) teve por objetivo a definição da doutrina católica juntamente com a condenação das heresias protestantes, a reforma dos costumes e da disciplina dos eclesiásticos. Os decretos conciliares com a prescrição das reformas iriam levar anos até serem seguidos à risca e postos em prática em todos os rincões do mundo católico. As doutrinas cristãs definidas pela Igreja foram compendiadas no *Catecismo Romano* que, segundo Luigi Volpicelli,

⁶ Ulrich Zwingli, *Comment former des jeunes gens bien élevés*. Tradução de Pierre Mesnard.

foi "o verdadeiro tratado de pedagogia da época"⁷. Em 1564 saiu o *Index librorum prohibitorum*, abolido pelo Concílio Vaticano II, a fim de indicar e proscrever os livros portadores de doutrinas heréticas ou imorais, e ao mesmo tempo reanimou-se o Tribunal do Santo Ofício com a Inquisição a serviço da proteção da fé católica contra as heresias. Criado pelo Concílio de Toulouse, em 1223, para debelar a heresia albigense, o tribunal religioso da Inquisição era secundado pelo *braço secular* do poder civil que aplicava as penas de prisão, confisco dos bens ou morte por decapitação ou na fogueira. Desde a Idade Média, a heresia era tida por crime pior que o de lesa-majestade, suscetível de condenação à morte do réu que se não arrependesse. Na época renascentista, na Península Ibérica, o tribunal civil da Inquisição, agregado ao tribunal religioso, projetou-se de tal modo que se veio a instalar na estrutura social da época como autêntico órgão repressivo de polícia política e secreta, a serviço da monarquia. Não resta dúvida, como observa Aldo Agazzi, de que a Inquisição cometeu atrocidades contra pessoas e atentou contra a liberdade de consciência, mas essas mesmas violências foram perpetradas pelo poder público desse tempo, pelos luteranos e anglicanos contra os católicos, e Calvino instalou em Genebra um regime de terror incomparável. A Inquisição católica foi um sinal desses tempos de intolerância e crueldade⁸.

Em atendimento às determinações do Concílio de Trento para a renovação espiritual da sociedade cristã, surgiram numerosos livros consagrados às questões educacionais e nos quais se insistia na reforma interior das pessoas, da família, no papel da mãe como educadora, enquanto se atribuía ao Príncipe o dever de trabalhar em prol do bem comum dos cidadãos, e se reafirmava a autoridade da Igreja como o próprio fundamento da educação. Essa literatura educacional despontou na Europa inteira. Volpicelli selecionou nessa linha de pensamento os textos mais significativos aparecidos na Itália na sua obra *Il pensiero pedagogico della Controriforma*. Sobre a autoridade da Igreja reúnem-se textos do *Catecismo Romano* e de Ludovico Della Torre em *L'alo, overo l'educatore del giovane principe*. Sobre a autoridade da família, com longos passos quanto ao pai e à mãe de família, à educação das crianças, dos adolescentes e dos filhos adultos, aparecem textos de Sílvia Antoniano, *Tre libri Dell'educatione christiana de i figliuoli*; de Torquato Tasso em *I Discorsi dell'Arte Poetica* e

⁷ Luigi Volpicelli, *Il pensiero pedagogico della Controriforma*, pág. XXII. *Catecismo Romano*. Tradução do Padre Valdomiro Pires Martins, Editora Vozes Limitada.

⁸ Aldo Agazzi, *Historia de la Filosofia y la Pedagogia*, T. II, pág. 98. O leitor desejoso de ler uma obra curta e substanciosa sobre a Inquisição consulte Bernardino Llorca S. J., *La Inquisición Española*. Estudio crítico.

L'Aminta; de Gio. Pietro Giussano, *Istruzioni e Documenti a' Padri per saper bene governare le loro famiglie*; de Francesco Lanospigio, *Istruzione famigliare*; de Giovanni Leonardi, *Institutione di una famiglia christiana e Memoriale alle donne maritate, per vivere virtuosamente con i mariti loro*; de Bartolomeo Meduna, *Lo Scolare*; de Ludovico Della Torre, *L'idea della Madre di Famiglia*; de Andrea Ghetti da Volterra, *Della educazione dei figliuoli*; de Ansaldo Cebà, *Il Cittadino di Repubblica*; de M. Gio. Battista Giraldi Cinthio, *Discorso intorno a quello che si conviene a giovane nobile et bene creato nel servire un gran Principe*; de Lelio Pascale, *L'Aio*; de Cesare Crispolti, *Idea dello scolare che versa negli studi, affine di prendere il grado del Dottorato*; de Orazio Lombardelli, *Degli uffizii, e costumi de' Giovani, Il giovane studente e Della tranquillità dell'animo*; de Antonio Possevino, *Cultura degli ingegni*; de Orlando Pescetti, *Orazione d'Orlando Pescetti, dietro al modo dell'instituire la gioventù*. Leve-se em consideração que na Sessão V, dispôs o Concílio de Trento que, além do estudo da Sagrada Escritura nas catedrais e nos mosteiros, se criassem cátedras de gramática, base da cultura na época, a ser ensinada gratuitamente nas igrejas aos clérigos e a outros estudantes pobres. Ao Concílio tridentino seguiu-se, com efeito, a renovação do ensino catequético e literário. O grande animador desse Renascimento na Itália foi o Cardeal São Carlos Borromeu — em Portugal foi D. Frei Bartolomeu dos Mártires, e na Inglaterra o Cardeal Pole — que incumbiu Sílvio Antoniano de escrever a sua grande obra sobre a educação cristã. Surgiram, outrossim, várias associações para o ensino da doutrina cristã como a Irmandade ou *Confraria da Doutrina Cristã* fundada por Marco de Sadis Cusani, auxiliado pelos sacerdotes Henrique de Pietra, César Barônio e por vários leigos virtuosos. César de Bus fundou em Avinhão a *Congregação dos Padres Doutrinários*, e o Beato Hipólito Galantini, artesão florentino, criou outra *Congregação da Doutrina Cristã*. Ademais, cumpre ressaltar que, em decorrência do Concílio de Trento, foram instituídas escolas especiais para a formação de sacerdotes, ou seja, os seminários, de que foi zeloso promotor e legislador o insigne Cardeal Carlos Borromeu⁹.

Fator precípua da renovação educacional nos países católicos foi a criação de altíssimas ordens religiosas que instituíram escolas para nobres e plebeus, órfãos e meninas.

⁹ Veja-se o *Regulamento* para os clérigos do Seminário de Pádua extraído dos Años de São Carlos Borromeu, in *Il pensiero pedagogico della Controriforma*, a cura di Luigi Volpicelli, pág. 555-560.

Os *Clérigos Regulares de Somasca* ou *Somascos*, fundados por São Jerônimo Emiliani ou Miani como a "companhia dos servos dos pobres", em Somasca, em 1534, abriram escolas de leitura, escrita e canto sacro para os meninos pobres e abandonados. Os *Clérigos Regulares da Mãe de Deus*, fundados por São João Leonardi em 1574, e os *Oblatos de Santo Ambrósio*, instituídos por São Carlos Borromeu, dedicaram-se à educação, e, particularmente, ao ensino da doutrina cristã.

São Filipe Neri fundou, em 1575, a *Congregação do Oratório*. Os Oratorianos reuniam nos seus oratórios os jovens das ruas para lhes ensinarem a doutrina cristã juntamente com as letras, proporcionando-lhes entretenimentos e trabalho em ambiente alegre animado pelo canto e pela música. Segundo Capececiattro, o nome de *Oratório* deveu-se principalmente, de acordo com os biógrafos do santo, "ao grande amor de Felipe pela oração e ao grande desejo que ele teve de fundar uma congregação de Padres para os quais a oração fosse alma e vida"¹⁰. Os Oratorianos tiveram imitadores, e outra Congregação do Oratório foi fundada na França pelo Cardeal De Bérulle no século XVII, e tanto o Oratório italiano como o francês se distinguiram no campo da educação e da cultura.

Os *Clérigos Regulares de São Paulo* ou *Barnabitas*, fundados por Santo Antonio Maria Zaccaria, devotaram-se inicialmente apenas ao ministério pastoral e ao apostolado das missões populares. A partir de 1605, no entanto, começaram a dedicar-se ao ensino e à direção de colégios. Tudo começou com as *escolas Arcimboldi*. Em 1603 o papa Clemente VIII já propusera aos Barnabitas a fundação de um colégio em Ragusa, na Dalmácia, mas o projeto não foi adiante. Aconteceu que o prelado Monsenhor João Batista Arcimboldi, cujo palácio paterno em Milão era contíguo à residência dos Barnabitas da Igreja de Santo Alexandre, lhes deixou, ao morrer, um legado de quarenta mil ducados para que fundassem um colégio gratuito para os jovens milaneses.

O Capítulo geral da Ordem, em 1605, aprovou o princípio da instrução e da educação da juventude, e as primeiras escolas receberam o nome do seu benfeitor, *Arcimboldi*. Primeiro surgiram os cursos de retórica e de humanidades, depois, as classes inferiores e, na metade do século, os cursos de filosofia e de teologia. Sobre esse modelo da escola de Santo Alexandre em Milão surgiram logo mais outras escolas, e "a partir desse momento a educação da juventude tornou-se uma das principais obras do ministério dos Barnabitas"¹¹. A ins-

¹⁰ Alfonso Capececiattro, *La Vita di S. Filippo Neri*, vol. II, pág. 29.

¹¹ A. Dubois, B., *Les Barnabites. Clercs Réguliers de Saint-Paul. 1533*, pág. 33.

ências de São Francisco de Sales eles dirigiram colégios em Annecy e Thonon no Ducado da Sabóia e em Montargis na França, tendo o santo autor de *Filoteia* obtido, em 1644, patente real para os Barnabitas fundarem colégios em qualquer ponto da França. Os Barnabitas sempre foram ótimos educadores e muitos deles se distinguiram na filosofia, nas letras, nas ciências e na teologia, e os seus colégios de excelente nível avultaram entre os estabelecimentos católicos de educação.

Santa Ângela Merici fundou, em 1535, a primeira Ordem religiosa feminina consagrada à educação das meninas e moças, a *Companhia de Santa Úrsula*. Por causa da padroeira, as filhas de Santa Ângela Merici foram chamadas de Ursulinas. A forma original da *Companhia de Santa Úrsula* equivalia à dos Institutos Seculares hodiernos e era muito avançada para o seu tempo. Ela se preservou no próprio berço da Ordem em Bréscia, mas, desde 1566, por determinação de São Carlos Borromeu, as Ursulinas passaram a usar hábito e a viver em comum, sujeitas ao bispo diocesano e, desde 1612, em Paris, começaram a viver enclausuradas como monjas com a obrigação de rezar o Ofício no coro e com votos solenes. No entanto, desde então, multiplicaram-se os seus colégios pela Europa e pela América. Elas ostentam o título glorioso de primeira Ordem educadora de meninas e moças e, ao mesmo tempo, missionária, que começou por colaborar na educação das jovens índias do Canadá¹².

No início da Idade Moderna, a *escola elementar* foi sistematicamente organizada pelos *Clérigos Regulares Pobres da Mãe de Deus das Escolas Pias* ou *Escolápios*, *Piaristas*. Essa Ordem foi fundada pelo sacerdote espanhol São José de Calasanz em Roma, em 1617 mas, na realidade, as primeiras *Escolas pias* já haviam começado a aparecer em 1579 na paróquia de Santa Dorotéia, nos arredores de Roma, para o ensino do catecismo, quando São José de Calasanz pertencia à *Confraria da Doutrina Cristã* do Beato Hipólito Galantini. Por isso, embora a consideração da obra dos Escolápios pertença mais ao estudo da educação no século XVII, a origem do instituto piarista situa-se, de fato, no ambiente pós-tridentino do fim do século XVI, e podemos assinalar-lhe aqui o aparecimento e as características fundamentais. Como explica o escolápio padre Jorge Sántha, no fim de 1597 ou no começo de 1598, São José de Calasanz deu o seu nome e a sua ajuda

¹² Teresa Ledóchowska OSU, *Angèle Merici et la Compagnie de Ste-Ursule a la lumière des Documents*, 2 vol.

Ruy Afonso da Costa Nunes, *Ângela Merici, o Renascimento e a Educação*, in *Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo*, Volume 2, Número 1, 1976, págs. 68-78.

às escolas quotidianas de Santa Dorotéia que já existiam e foram transferidas no começo de 1600 para dentro de Roma, ainda sob a direção da *Confraria da Doutrina Cristã*, até que, em 1601, passaram a depender inteiramente de Calasanz. As elas começaram a ser chamadas de "Pias", e os mestres, de "Irmãos" ou "Operários" da Congregação das Escolas Pias de Roma¹³. Os Escolápios dedicaram-se ao ensino elementar que organizaram metodicamente em Roma, embora tenham tido depois proficientes cursos de latimidade. Segundo o ideal e o fervor do santo fundador, ministraram de início *ensino gratuito* às crianças pobres, embora mais tarde tenham se orientado para o ensino dos filhos das famílias burguesas e pagantes, tal como as demais congregações criadas para o atendimento dos pobres nos dias gloriosos e históricos da sua fundação. Os Escolápios distribuíam os estudantes em diferentes classes com o professor a dar ensino simultâneo a dezenas de alunos, e foram influenciados pelo modelo escolar dos *Irmãos da Vida Comum*. As classes dos colégios dividiam-se em duas seções: a *elementar* com as classes de ler, escrever e contar, e a *médla* ou de *gramática* com seis classes: quatro de gramática, uma de humanidades e de retórica, e outra de poética. Nas cidades principais como Roma, Florença e Nápoles, havia quatro classes de gramática. Na escola elementar liam-se livros na língua vulgar, praticava-se a escrita, o cálculo e a música. Mérito de Calasanz foi a *aplicação do método de ensino simultâneo à escola elementar* ou primária, e nas *Constituições* ele prescreveu exames de admissão e de promoção, e as classes tinham número limitado de alunos, programa próprio, mestre fixo e método peculiar. Daí a atribuição a São José de Calasanz da criação da primeira escola elementar e popular organizada no sentido atual do termo, embora não se tratasse de escola pública e democrática, o que só seria possível com a participação oficial dos governos e a manutenção assegurada pelos cofres públicos, como iria ocorrer no século XIX na América. No *Documento básico da pedagogia calasanzica* dá-se ênfase ao espírito religioso das Escolas Pias com as prescrições de índole religiosa quanto ao ensino da doutrina cristã e às práticas devotas, depois de breve apresentação da estrutura da escola, do horário, programa e método de trabalho¹⁴. Os Escolápios

¹³ Jorge Sántha, Sch. P., *Ensayos críticos sobre S. José de Calasanz y las Escuelas Pias*, pág. 323.

"O nome de Escolas Pias quer dizer: escolas cujos modos de agir são todos de bondade e benignidade". P. Valentin Caballero, *Orientaciones Pedagógicas de San José de Calasanz*, 2ª edición, pág. 303.

¹⁴ Breve relación del modo empleado en las Escuelas Pias para enseñar a los alumnos pobres, que de ordinario son más de setecientos, no sólo las letras, sino también el santo temor de Dios, in Sántha, Sch. P., *San José de Calasanz, Su Obra. Escritos*, pág. 746.

projetaram-se como grandes educadores, e as suas Escolas Pias difundiram-se pela Europa, inclusive nos países protestantes.

A Ordem religiosa que mais atuou no campo da educação devido às suas concepções, ao método pedagógico, à quantidade de escolas, ao número de professores, às iniciativas, ao brilho excepcional e ao fervor religioso, foi a *Companhia de Jesus*, criada por Santo Inácio de Lolola em 1534. Dos seus méritos pedagógicos fala bem alto o insuspeito filósofo inglês Francis Bacon: "Quanto à pedagogia, examinal as escolas dos Jesuítas; não se fez nada de melhor" ¹⁵.

A instituição de colégios como tarefa da Companhia de Jesus não estivera na intenção inicial de Santo Inácio de Lolola, mas logo se lhe impôs, ao se dar conta da sua importância para a renovação cristã da Europa e para a extensão do reino de Deus nas terras de missão. Segundo James Brodrick S.J. em *The Origin of the Jesuits*, a pequena universidade da Companhia de Jesus criada em Gandia, na Espanha, por insistência de São Francisco de Borja, é que teria estado na origem das atividades educacionais do nascente Instituto Inaciano. Gandia teria sido "a mãe de todos os majestosos colégios jesuítas do porvir" ¹⁶. Informa, no entanto, o padre Leonel Franca S.J., que o primeiro Colégio a ter sido dirigido pelos Inacianos foi o de Messina, na Itália, a partir de agosto de 1548, seguido pelo de Palermo em 1549 e pelo Colégio Romano em 1551. Na organização do Colégio de Messina o modelo adotado pelos jesuítas foi o *estilo parisiense*. "Em matéria de repetições, disputas, composições, interrogações e declamações", diz Leonel Franca, "o método adotado foi o de Paris, o *modus parisiensis*, que aparece constante e freqüente na correspondência destes tempos primitivos" ¹⁷. Os colégios jesuítas disseminaram-se pela Europa, e nas regiões em que se implantaram conseguiram deter a marcha de reforma protestante. Espalharam-se, ainda, por outros continentes, e no Brasil foram as sedes iniciais da religião, da cultura e da civilização, e por toda a parte, enquanto lhes foi possível, os jesuítas deram ensino gratuito em suas escolas.

A realização pedagógica mais notável dos jesuítas foi a elaboração do seu método pedagógico, o *Ratio studiorum*. O historiador e pedagogo protestante alemão Paulsen reconhece que o método pedagógico dos jesuítas assimilou tudo que havia de valioso no plano cultural do

¹⁵ "Ad Paedagogiam quod attinet, brevissimum foret dictu. Consule scholas Jesuitarum: nihil enim, quod in usum venit, his melius". Francis Bacon, *De augmentis scientiarum*. Liber sextus. caput IV, in *The Works of Francis Bacon*, vol. I, pág. 709.

¹⁶ James Brodrick S. J., *El Origen de los Jesuitas*, pág. 190.

¹⁷ Leonel Franca, *O método pedagógico dos Jesuítas*, pág. 8.

século XVI, adaptou-se às exigências da época renascentista, e foi preparado com grande sabedoria e diligência incomum¹⁸. O aspecto mais impressionante do *Ratio studiorum* é que não se trata de um plano arquitetado por um pedagogo solitário e genial no recesso do seu gabinete nem de um projeto realizado por educador provector, após uma brilhante carreira de mestre. Nada disso. O *Ratio studiorum* dos jesuítas foi obra da cooperação dos melhores educadores da Europa durante cinquenta anos, baseado na prática escolar de vários países e inspirado nos melhores tratados pedagógicos tradicionais e contemporâneos. As primeiras tentativas de organização do método remontam às Congregações Gerais da Companhia em 1565 e 1573, suposta a experiência escolar anterior. O plano dos estudos, já pronto, foi enviado à revisão em 1591 pelo Padre Geral Cláudio Aquaviva, e este, em janeiro de 1599, comunicou a todas as províncias da Ordem a edição definitiva do *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*, e essa comunicação equivalia à promulgação de uma lei, como nota Leonel Franca.

Segundo o *Ratio studiorum*, o curso de estudos abrange o ensino das letras em cinco classes: gramática superior, média e inferior, humanidades e retórica. O ensino da filosofia tinha a duração de três anos, e o de teologia dividia-se em quatro anos. O método abria campo para a investigação pessoal e recomendava em filosofia a doutrina de Aristóteles e, em teologia, a de Santo Tomás de Aquino. Os processos didáticos compreendiam os seguintes passos: a *preleção*, completa explicação de um texto (aspecto etimológico, gramatical, literário e histórico); o *debate* ou *concertatio*, com a participação ativa do aluno; *lições decoradas*, pois de nada vale compreender o assunto sem reter o que se aprende; os *exercícios escritos*, e a *imitação* dos bons modelos na composição e no discurso.

A educação moral desenvolvia-se através da conduta modelar dos mestres, da vigilância dos alunos, da seleção das leituras, das exortações públicas e dos conselhos em particular. Só se dava uma aula semanal de doutrina cristã, pois o cristianismo devia ser praticado diariamente através da vida de oração e dos atos de devoção.

Os jesuítas também empregaram o teatro com grande êxito na formação literária, estética e moral da juventude. Organizaram *academias*, e aproveitaram no ensino o valor psicológico da *emulação* para o rendimento escolar dos jovens. Cuidaram, também, com muito esmero, da *preparação dos professores*, principalmente através do tirocínio escolar fiscalizado por mestres experientes. O *Ratio* contém um código

¹⁸ Paulsen consagra 53 páginas aos jesuítas no capítulo VII do 1.º tomo da sua obra *Geschichte des gelehrten Unterrichts* (1896), págs. 379-432.

perfeito de instruções para a conduta escolar com as *Regras* do Provincial, do Reitor, do Prefeito dos estudos, dos Professores das faculdades, de teologia, filosofia e letras, dos Estudantes, do Bedel e das Academias, sobre regular com prudência notável a disciplina nos colégios e a administração dos castigos.

A Companhia de Jesus, além de possuir grandes teólogos, filósofos e cientistas, contou, logo de início, com egrégios educadores como São Pedro Canísio (1521-1597), autor de admirável *Catecismo* em latim e alemão; Jerônimo Nadal (1507-1580), autor da obra *Os estudos da Companhia*; Tiago Ledesma (1519-1575) que escreveu um Compendio gramatical e uma *Sintaxe mais completa*, um *Catecismo* e o tratado *Dos estudos das artes liberais*; São Roberto Belarmino (1542-1621), Doutor da Igreja, autor de famoso *Catecismo* muito difundido na Itália, e da *Gramática de Hebraico*; Tiago Pontano (Spanmüller) (1542-1626) que compôs muitos livros de assuntos clássicos; Francisco Sacchini (1570-1625), autor de várias obras pedagógicas, e José de Jouvençy (1643-1719), professor no Colégio *La Flèche* e no *Louis-le-Grand*, de Paris, autor da obra *Método de aprender e ensinar*. Poder-se-iam citar, ainda, muitos outros pedagogos de escol.

Enfim, os jesuítas lograram conciliar de modo feliz o humanismo renascentista com o Cristianismo, fizeram dos colégios centros de saber, sementeiras de sábios e de bons cidadãos e, por meio deles, concorreram para o fortalecimento e para a difusão da fé católica.

Segunda parte

Os educadores

Intróito

Esta segunda parte do livro é dedicada à apresentação sumária dos traços biográficos dos principais educadores do período renascentista, incluindo os pedagogos humanistas italianos do século XV junto com os precursores do Humanismo no século XIV, os educadores de várias nações europeias bem como os de pura cepa religiosa católica ou protestante. As idéias e os feitos de vários deles já foram examinados nos capítulos anteriores. Nesta Segunda Parte pretendemos apenas oferecer aos estudiosos um esboço biográfico dos educadores renascentistas, com informações básicas sobre a sua vida e a sua obra. Nossa lista não é exaustiva. Citamos os que nos parecem mais importantes seja pela atuação, seja pelas idéias, e apresentamo-los em diversos capítulos divididos segundo a respectiva nacionalidade, e nessa resenha limitamo-nos aos italianos, espanhóis, franceses, portugueses, ingleses e alemães.

O educador é o homem consagrado à formação das crianças, dos jovens e até mesmo dos adultos. Ele é, fundamentalmente, homem de ação, já que lhe cabe agir no lar, na escola ou em qualquer outra agência social, em prol da educação intelectual, moral e física. No nosso elenco biográfico, no entanto, também figuram educadores teóricos que refletiram e escreveram sobre temas educacionais. Com essa observação, limitamos com precisão o quadro de personagens renascentistas a ser esboçado, pois deixamos de lado humanistas, filósofos, teólogos, sábios e artistas que não atuaram ou não escreveram diretamente a respeito de educação, embora as suas idéias ou realizações possam ter influído nas novas gerações ou possam ter tido ampla repercussão social. Nosso fito é bem modesto. Tentamos delinear os traços biográficos dos educadores de escolas no período renascentista, e fazemos questão de realçar em primeiro lugar o papel capital e proeminente dos educadores italianos do século XV, que formularam os ideais e traçaram os planos da educação da Renascença. E nesse campo é de justiça frisar a importância das obras publicadas por Eugenio Garin, grande especialista no humanismo do Renascimento.

Capítulo XI

Os educadores italianos dos séculos XIV e XV

Dante Alighieri

Notável representante da cultura medieval e precursor do Humanismo renascentista. Descendente de família nobre, nasceu em Florença em fim de maio ou no começo de junho de 1265, filho de Alighiero e de Madonna Bella. Depois de ficar viúvo, o pai de Dante casou-se com Monna Lapa di Chiarissimo Cialuffi, que lhe deu mais três filhos. Dante fez os seus primeiros estudos em conventos de Florença e sob a orientação de Brunetto Latini. Dedicou-se com ardor à leitura dos clássicos latinos, especialmente Virgílio, Horácio, Ovídio e Cícero. Conheceu o pensamento dos Santos Padres da Igreja, assim como estudou as obras dos doutores escolásticos, principalmente as de Santo Tomás de Aquino. Desde os 12 anos de idade, apaixonou-se por Beatriz, filha de Folco dei Portinari, menina de 9 anos que sempre amou à distância e a quem imortalizou em suas obras. Beatriz casou-se com Simone dei Bardi, e Dante, com Gemma, filha de Manetto Donati, em 1285, com a qual teve quatro filhos. Participou intensamente da vida política florentina e acabou condenado em sua terra ao exílio perpétuo e à morte na fogueira. Depois de peregrinar durante anos por várias cidades, terminou a vida em Ravena na noite entre os dias 13 e 14 de setembro de 1321. A sua obra principal, síntese da cultura da Idade Média, é a *Divina Commedia*. Deixou, ainda, obras poéticas e em prosa: *La Vita Nuova*, *Le Rime*, *Il Convivio*, tratado filosófico-moral, *De Vulgari Eloquentia*, que trata da língua e das formas poéticas, *Monarchia*, *Epistolae*, *Eclogae*, *Quaestio de aqua et terra*.

Albertino Mussato

Político, soldado historiador e poeta pré-humanista, filho de Giovanni Cavalerio, Albertino nasceu em Pádua em 1261. Casou-se em 1296 com Mabília e teve os filhos Vitaliano, Egídia e outras mulheres. Ganhou a vida como repetidor de lições para estudantes e a preparar textos para as escolas. Em 1282 era notário, e em 1296, como cavaleiro, iniciou a sua carreira pública. No Natal de 1315 foi o primeiro

poeta italiano a ser coroado solenemente desde a Antigüidade. Além de obras poéticas como a tragédia *Ecerinis*, escreveu obras históricas como *De Gestis Henrici VII Caesaris* (a *Historia Augusta*) e livros filosóficos em prosa: *De lite inter Naturam et Fortunam*, *Contra casus fortuitos*. Deixou ainda 18 *Epistolae*, das quais as mais importantes são a I sobre tragédia e história, a V e a XVIII em louvor e defesa da poesia que defendeu contra o juiz Giovanni de Vigonza e o dominicano Giovannino de Mântua. Mussato enaltece a arte pagã e o valor da cultura antiga, enquanto frei Giovannino dizia que as obras de Homero e de Virgílio e dos seus promotores não passam de delírios pueris semelhantes ao jogo.

Francesco Petrarca

Pilho de Pietro, notário, e de Eletta, nasceu a 20 de julho de 1304. A família mudou-se para Avinhão, e durante quatro anos — provavelmente entre 1313 e 1317 — Francisco estudou um pouco de latim com Convenevole da Prato. Em 1318, com 14 anos, foi para a universidade de Montpellier, a fim de estudar Direito. Passados quatro anos foi enviado junto com o irmão Gherardo, e sob a orientação de um pedagogo, à Bolonha, que se lhe tornou a "pátria poética". Tomou gosto aí pela nova poesia toscana. Em abril de 1326 retornou a Avinhão, onde abandonou os desagradáveis estudos jurídicos. Conheceu Laura, a sua musa inspiradora, em 6 de abril de 1327 na igreja de Santa Clara em Avinhão. Desde 1330 viveu em Lombez na Gasconha, na corte de Avinhão e em Roma. Em 1337 voltou para Avinhão e recolheu-se à solidão de Valchiusa. Empreendeu várias viagens, viveu em Parma, em Pádua, em Milão, em Veneza e em Pavia, tendo falecido em Arquia, à noite, entre 18 e 19 de julho de 1374. Petrarca foi poeta notável, consciente propagandista da nova idade cultural que já repontava no século XIV, adepto fiel da crença cristã, mas homem profundamente enfiado. Deixou as seguintes obras: *Canzoniere*, *I Trionfi*, *De viris illustribus*, *Africa*, *Rerum memorandarum Libri IV*, *Secretum meum*, *De vita solitaria*, *De otio religiosorum*, *De remediis utriusque fortunae*, *Bucolicum Carmen* e as epístolas latinas, métricas e em prosa, dividindo-se estas últimas em *Familiares*, *Senis*, *Sem Nome* (*Libellus sine nomine*, 19 cartas sem os nomes dos destinatários devido a motivos políticos) e as *Várias*. Redigiu, também, várias polémicas: a) *Invectivarum contra medicum quendam Libri IV*; b) *De sui ipsius et multorum ignorantia*; c) *Invectiva contra quendam Gallum innominatum sed in dignitate positum*; d) *Apologia contra culusdam Galii calumnias* ou *Invectiva contra eum qui maledixit Italian.*

Giovanni Boccaccio

Nasceu em Paris casualmente, em 1313, de um amor ilegítimo, quando seu pai, comerciante, ali esteve e seduziu a moça Joana com promessa de casamento. Boccaccio foi ativo pioneiro do humanismo renascentista e difusor das belezas da poesia antiga. Seu pai, Boccaccio ou Boccaccino di Chellino, casou-se em Florença com Margherita di Gian Donato de' Martoli e mandou vir da França o filho cuja mãe falecera prematuramente. Boccaccio estudou com Giovanni da Strada e demonstrou inclinação para a poesia, mas o pai queria que ele fosse comerciante e, por isso, enviou-o para Nápoles, onde os florentinos tinham importante centro de negócios. Boccaccio passou então seis anos imerso na atividade comercial, e mais seis nos estudos de direito canônico. Em Nápoles estudou astronomia com o genovês Andalo del Negro; fez estudos sob a orientação de Paolo da Perugia, bibliotecário do rei Roberto de Anjou, versado em mitologia, e relacionou-se com o poeta Cino da Pistoia. Manteve relações, depois, com os amigos fiéis de Petrarca, a quem conheceu em 1350, tal como o jurista Giovanni Barrili, Dionigi da Borgo S. Sepolcro, o notário real Barbato da Sulmona e, sob a orientação do monge calabrés Barlaam, começou o estudo do grego que continuou em Florença sob a direção de outro calabrés, Leôncio Pilatos, professor no *Studium* de Florença e o primeiro tradutor dos poemas homéricos em sua época. Aos 23 anos, na manhã do sábado santo, dia 30 de março de 1336, na igreja de São Lourenço, e no oitavo ano de permanência em Nápoles, Boccaccio encontrou-se com a jovem que ele imortalizou sob o nome de Flammetta e que distribuía generosamente o seu amor no círculo da sua nobre prosápia. Tratava-se de Maria, dos Condes de Aquino. Ela inspirou ao jovem poeta os romances e poemas: *Filocolo*, *Filostrato*, *Teseida*, *Ameto*, *Flammetta* e *Amorosa Visione*. Boccaccio dedicou a Hugo IV, rei de Chipre, a enciclopédia *De genealogiis deorum*, obra em quinze livros sobre personagens mitológicas e sobre o significado dos mitos. Nos dois últimos o autor fala de si próprio e expõe as suas idéias. Além da famosa obra irreligiosa e obscena *Decamerone* e do *Corbaccio*, compôs outras obras eruditas, a saber, *Bucolicum Carmen*, *De casibus illustrium virorum*, *De claris mulieribus*, e um dicionário geográfico para ajudar a compreensão das obras clássicas, *De montibus, silvis, fontibus, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*. Giovanni Boccaccio faleceu em Certaldo, na Toscana, a 31 de dezembro de 1375, depois de se ter arrependido da vida dissoluta que levava, tendo morrido piedosamente cristão e tendo legado a sua biblioteca ao frade agostiniano Martino da Signa, do convento do Santo Espírito em Florença, sob a condição de que rezasse pela sua eterna salvação.

Coluccio Salutati

Lino Coluccio Salutati nasceu em Stignano in Valdinievole, a 26 de fevereiro de 1331, e formou-se notário em Bolonha em 1351. Depois de exercer várias funções, tornou-se Chanceler da Comuna de Florença em 1375, cargo que ocupou até a morte em 4 de maio de 1406. Foi amigo de Petrarca e de Boccaccio, e difundiu o humanismo em Florença assim como através da Itália e da Europa. Embora não tenha escrito sobre assunto educacional, defendeu os *studia humanitatis* e empenhou-se em discussões, em defesa da nova orientação cultural, com o monge camaldulo Giovanni da San Miniato e com o cardeal dominicano, o Bem-aventurado Giovanni Dominici, autor do tratado *Lucula Noctis*. Coluccio ajudou na promoção dos estudos gregos e empenhou-se para a vinda de Manuel Crisóloras a Florença. Escreveu as seguintes obras: *Orationes*, *Declamatio Lucretiae*, *De saeculo et religione*, *De verecundia*, *De fato, fortuna et casu*, *De nobilitate legum et medicinae*, *De tyranno*, *Invectiva in Florentinos*. Coluccio deixou incompleta a sua obra em 4 livros *De sensibus allegoricis fabularum Herculis*.

Giovanni Conversino da Ravenna

Nasceu em 1343 em Buda, na Hungria, onde o pai oriundo dos montes do Frignano no Modenese servia de médico ao rei Luís de Anjou. Levado, quando menino, para a Itália, estudou em Ravenna as primeiras noções de latim com Donato degli Albanzani, donde se trasladou para Bolonha a fim de fazer curso de direito, tendo se diplomado notário aos 19 anos. Pouco depois achava-se em Pádua, na escola de Pietro di Moglio. Foi depois professor em vários lugares e escolas. Em 1382 foi professor de Arte Retórica. Ocupou o cargo de Chanceler da república dalmata de Ragusa, assim como dos Carraresi de Pádua. Serviu em embaixadas em Florença, Bolonha e Roma. Conheceu Petrarca e Boccaccio, tornou Pádua o principal centro do renascimento do latim clássico e influenciou os seus famosos discípulos Vitorino de Feltre, Guarino de Verona, Sicco Polentone e Benvenuto de Imola. Faleceu à volta de 1406.

Giovanni Dominici

O Bem-aventurado cardeal Giovanni Dominici nasceu em Florença no fim de 1355 ou no início de 1356, filho de Domenico Banchino, comerciante de seda, e de Paola, da nobre família dos Zorzi. Aos 17 anos vestiu o hábito dominicano em Santa Maria Novella. Estudou

em Florença, Pisa e em Paris, para onde seguiu entre 1377 e 1380, tendo conhecido em Florença e em Pisa Santa Catarina de Sena. Dominici ocupou posições de relevo na ordem dominicana e colaborou na sua reforma junto com o Bem-aventurado Raimundo de Cápuia. A partir do fim de 1381, consagrou-se à pregação em Florença e, depois, noutras paragens. Admirado pelos dotes oratórios e pelos profundos conhecimentos, foi contratado para ser Lector Bíblico, isto é, professor de Sagrada Escritura no *Studium* florentino. A partir de 1404, cumpriu também várias missões diplomáticas. A 29 de julho de 1407 foi nomeado arcebispo de Ragusa e elevado ao cardinalato a 23 de abril de 1408. Depois de importante atuação eclesiástica de alto nível, faleceu em Budapest a 10 de junho de 1419. Giovanni Dominici foi teólogo, escritor, poeta, professor, pregador, diplomata, cardeal e santo reformador. Nunca desanimou ante as calúnias e perseguições dos zollos.

Coluccio Salutati, Chanceler da República em Florença e prócer do humanismo, teve por adversários ideológicos o colega de Bolonha Giuliano Zonarini e o ascético monge camáldulo de Santa Maria dos Anjos, Giovanni da San Miniato. A questão discutida era saber se convinha permitir aos jovens a leitura e o estudo dos poetas pagãos. Foi, então, que solicitado por Giovanni Da San Miniato, interveio Dominici na pendência com o magnífico tratado *Lucula Noctis* (1405) que ele dedicou ao Salutati, e no qual assumiu papel intermediário entre os extremados defensores e os acérrimos adversários do estudo dos clássicos. Dominici acha que os textos devem ser selecionados e os jovens devem receber esmerada formação cristã. Condena o espírito paganizante dos humanistas e não os clássicos. Ele também escreveu outras obras teológicas e deixou sermões inéditos, poesias e cartas, assim como redigiu em italiano a *Regola del governo di cura familiare* (1400), da qual uma parte é dedicada à educação dos filhos.

Gasparino Barzizza

Gasparino di Pietrobono, considerado o patriarca dos educadores modernos e fundador da escola-internato, que Vitorino de Feltre desenvolveria e tornaria famosa, é chamado de "Barzizza" por causa do lugarejo bergamasco em que nasceu em 1359 ou, segundo alguns autores, entre 1360 e 1370. Gasparino estudou com o cremonense Giovanni Travesio e a 12 de julho de 1392 recebeu do bispo de Pavia o grau de doutor em gramática e retórica. Foi professor de primeiras letras em Bérgamo, lecionou no *Studium* de Pavia de 1400 a 1407. Esteve depois em Veneza, em Pádua, de 1407 a 1421, onde ensinou e se doutorou em Artes, tendo ministrado cursos de retórica aristoté-

lica. Dirigiu escola em Milão em 1421, retornou a Pavia em 1430, onde foi injustamente substituído no seu cargo de professor no *Studium*. Além de emérito professor, Barzizza foi lúcido filólogo e investigador de códices, procurando achá-los ou adquiri-los de todos os lados, e aplicando-se com desvelo à crítica textual. Desse modo examinou as *Cartas*, os tratados *De senectute* e *De amicitia*, *De oratore*, e outras obras de Cícero, assim como escreveu *Epistolae ad exercitationem accommodatae*, *Exordia*, *De orthographia*, *De compositione* e *Synonima Ciceronis*. Gasparino foi o melhor latinista do seu tempo que tratava o latim como língua viva e conhecia a fundo a obra ciceroniana. Era pobre, e para poder sustentar a família abriu um pensionato em sua casa de Pádua (1407-1421), onde viviam o grego Jorge de Trebizonda, que viera estudar latim na Itália, certo professor sem família, três sobrinhos do cardeal Branda Castiglioni de Piacenza, um filho dos marqueses Malaspina, Vitorino de Feltre, Francisco Filelfo, talvez Leão Batista Alberti e outros. Havia nesse internato bons professores contratados, pessoas de confiança para o exercício da vigilância feita, às vezes, pelos próprios filhos de Barzizza, que morreu em 1431.

Leonardo Bruni Aretino

Leonardo Bruni d'Arezzo nasceu entre 1370 e 1374, foi aluno de Giovanni Malpaghini de Ravenna, recebeu a influência de Coluccio Salutati, cuja atividade quis prolongar em Florença. Aprendeu grego com Manuel Crisóloras, traduziu obras de Plutarco, Xenofonte, Demóstenes, Esquilo, Platão, Aristóteles e a famosa homilia de São Basílio sobre os estudos clássicos, trabalho de ampla repercussão, e compôs em 1401 os diálogos, *Dialoghi ad Petrum Histum*, dedicados a Pier Paolo Vergerio, e nos quais discorre sobre o método dos estudos e sobre a polémica entre Antigos e Modernos. Escreveu doze livros de *Historiae Florentini Populi*, o *Isagogicon moralis disciplinae* (1424) e o tratado pedagógico *De studiis et litteris*, composto entre 1422 e 1425, dedicado à senhora Batista de Malatesta, e em que formula o seu ideal dos estudos de Humanidades, assim como um plano de educação feminina no qual atribui à mulher a mesma dignidade e idêntica formação à dos homens. Leonardo Bruni Aretino morreu Chanceler dos Signori de Florença a 8 de março de 1444.

Pier Paolo Vergerio

Nasceu em Capodistria, talvez a 23 de julho de 1370, filho de Vergerio di Giovanni de' Vergeri e de Ysabetta de Azonis. Estudou gramática

em Pádua em 1385, ensinou dialética em Florença e foi estudar direito e grego com Manuel Crisóloras. Ensinou lógica em Bolonha em 1388 e morou intermitentemente em Pádua, Bolonha e Florença. Mantinha relações com os humanistas de Florença, Ravena e Pádua e difundiu o humanismo além dos Alpes, ao ensejo da sua viagem em companhia do cardeal Zabarella por ocasião do Concílio de Constância e, após a morte do purpurado, quando prestou serviços ao imperador Sigismundo. Morreu em Budapeste, na Hungria, a 8 de julho de 1444. Além de vários escritos humanísticos, compôs, de 1400 a 1402, o tratado *De ingenuis moribus et liberalibus adolescentiae studiis*, obra dedicada a Ubertino de Carrara, filho do nobre paduano Francisco Novello. Nela Vergério discorre sobre os costumes convenientes aos jovens nobres e ricos, sobre as artes liberais, a escolha da profissão, os divertimentos e a educação física. Esse tratado exerceu profunda influência em Guarino de Verona e em Francisco Wimpfeling.

Vittorino da Feltre

Nasceu em Feltre em 1373, segundo Sassolo da Prato. Conforme outro biógrafo seu discípulo, Prendilacqua, o nascimento ocorreu em 1378. Vittorino era filho de Ser Bruto de' Rambaldoni e da esposa Monda. Estudou em Pádua com mestre Giovanni di Conversino da Ravenna. Dedicou-se à retórica, à lógica, à física e à ética, e por voto do senado acadêmico de Pádua foi contado entre os doutores, tendo obtido o título de *Magister artium* em 1410. Prosseguiu nos estudos e teve alunos particulares. Foi aluno de Blagio Pelacani, considerado o maior matemático italiano do seu tempo. Ofereceu-se como doméstico ao matemático a fim de custear as lições, só pedindo em troca os rudimentos da matemática. No entanto, como trabalhasse em vão sem ganhar a justa compensação alvitrada, desistiu do plano e do acordo e tratou de estudar sozinho, tendo recorrido aos livros de Euclides e de outros matemáticos e tendo adquirido, desse modo, invejável preparo na disciplina. Ensinou retórica em Pádua durante um ano (1421), consagrando-se ao ensino particular em Veneza, dando aulas de latim a Jorge de Trebizonda, que em troca lhe dava lições de grego com a leitura do diálogo platônico *Górgias*. Aceitou, então, o convite feito por Gianfrancesco Gonzaga e em 1423 passou a dirigir a escola *Glucosa* até a morte, em 2 de fevereiro de 1446. Deixou algumas cartas, um pequeno tratado de ortografia e o exemplo admirável de vida consagrada à educação e ao ensino que revela ter ele sido, de fato, o maior educador do Renascimento.

Das biografias escritas pelos discípulos que o conheceram de perto — Sassolo da Prato, Francesco da Castiglione, Francesco Prendi-lacqua e Bartolomeo Platina, aluno de um discípulo de Vitorino, Ognibene da Lonigo — podem extrair-se os traços marcantes da personalidade e da vida de Vitorino de Feltre. O idealizador da "Casa Alegre" era de baixa estatura, magro; gostava de esportes e jogava bola quase diariamente. Convidado pelo príncipe Giovanni Francesco Gonzaga de Mântua para ser preceptor dos seus filhos, teve por discípulos: Ludovico, Carlo, Gianlucido, Margherita e, depois, Cecilia e Alessandro. Acorreram, também, à sua escola estudantes provenientes da Itália inteira, da Grécia, da França e da Alemanha. Vitorino, todavia, impusera como condição para aceitar o convite do príncipe Gianfrancesco a liberdade de acolher e sustentar em sua escola alunos pobres mas talentosos e aos quais concedeu gratuitamente instrução, abrigo, roupas e livros, graças à compreensão e à munificência do príncipe e ao auxílio de cidadãos ricos. À educação dos alunos pobres Vitorino aplicava todos os recursos que podia conseguir. Na sua escola aristocrática por natureza e fundação e onde trabalhavam vários mestres contratados e bem pagos, Vitorino conseguiu instruir gratuitamente em várias matérias setenta alunos ao mesmo tempo e exercitava-os nas artes para as quais revelassem mais pendor. Vitorino de Feltre foi mestre austero, ascético, de conduta ilibada e exemplar. Vestia-se de modo simples, sem luxo. Dividia cuidadosamente as horas do dia, dormia pouco, levantava-se de madrugada, rezava de joelhos em terra e flagelava o corpo. Recitava diariamente, ajoelhado, o Offício da Santa Virgem, além de outros salmos, e fazia com que as filhas do príncipe participassem dessas orações. Sempre viveu solteiro e casto. Como diz Sassolo da Prato, além de preceptor prudentíssimo, Vitorino foi homem integérrimo e muito santo. Comia invariavelmente à mesma hora e moderadamente e, além de frugal, praticava a abstinência. Era de índole amável e mansa. Amava extremosamente os discípulos como pai, consagrando-se com o máximo desvelo aos deveres oficiais de diretor e mestre, às práticas esportivas e ministrando aos alunos aulas particulares nas suas horas de descanso. Sempre soube ser generoso para com os inimigos gratuitos. Além de procurar ser virtuoso e sábio, Vitorino de Feltre não descurava para si mesmo os exercícios físicos, tal como o jogo da bola, o salto e a corrida. Ele chegou a pensar em abraçar a vida religiosa numa Ordem, mas ao ponderar a utilidade pública para a qual parecia ter nascido, resolveu consagrar-se ao ensino como leigo. Achava que qualquer menino podia dedicar-se ao estudo, desde que possuísse capacidade para isso. Em Veneza, por exemplo, só aceitou poucos alunos bem dotados intelectualmente e modestos, tendo devolvido aos pais opulentos os filhos

que deixavam a desejar quanto ao engenho e aos costumes. De acordo com o depoimento do seu antigo aluno, o bispo de Aiaccio e depois de Aleria, Giovanni Andrea de' Bussi, Vitorino foi o primeiro professor a ministrar curso sobre Tito Lívio. Ele foi, acrescenta o bispo, "o Sócrates do nosso tempo, ornamento e decore do próprio século, fama e glória da Academia de Mântua... hospedeiro ou melhor pai dos estudantes pobres, mestre de sabedoria e campeão de bondade..." As suas próprias custas, Vitorino enviava alunos às escolas públicas para se instruírem em física, direito civil e canônico e não se irritava por irem estudar com outros mestres. A sua autoridade e o seu prestígio levaram Filelfo e Guarino de Verona a lhe confiarem os próprios filhos para serem instruídos e educados. Além de sustentar alunos pobres, Vitorino não deixava sem auxílio nenhum pobre, viúva, órfão ou religioso que a ele recorressem nos apuros e dava grandes esmolas, *larghi aiuti*, como frisa Francesco Castiglione, seu biógrafo.

Cumpra reconhecer e proclamar este fato histórico: Vitorino de Feltre foi o maior educador renascentista e é modelo perene dos professores.

Guarino de Verona

Guarino del Guarini, conhecido pelo nome da cidade natal de Verona, nasceu em 1374, filho de mestre Bartolomeu, artesão metalúrgico, e de Libera di Zanino, de cognome "de Guarinis". Aos 12 anos ficou órfão de pai e sob os cuidados da piedosa mãe que lhe inculcou a fé religiosa. Estudou latim com o professor Marzagala e continuou os estudos em Pádua e em Veneza. Em Pádua entabulou relações com proeminentes estudiosos como Vergério, Sicco Polentone e outros. Foi colega de estudos ou tutor de pessoas pertencentes a ilustres famílias venezianas. Recebeu, outrossim, a influência de Giovanni di Conversino. Guarino passou no estudo e no ensino os primeiros trinta anos de sua existência nas cidades de Verona, Veneza e Pádua. Em 1403 dirigiu-se a Constantinopla em companhia do comerciante veneziano e funcionário do Estado, Paolo Zane, e lá permaneceu quase cinco anos, tendo compartilhado do lar de Manuel Crisóloras, que já retornara da Itália onde ensinara grego em Florença e em Pavia. Durante a estada em Bizâncio, Guarino viajou pela Grécia, colecionou manuscritos e exercitou-se em traduzir textos de Luciano e Plutarco para o latim. Em 1408, com 34 anos, voltou para Veneza. Em 1410 foi para Bolonha, onde conheceu Poggio, Leonardo Bruni e outros humanistas, secretários da cúria pontifícia. Por intermédio de Bruni, veio Guarino a abrir escola e a tornar-se professor de Antigüidade greco-romana em Florença, tendo sido prestigiado por distintos cidadãos como Palla Strozzi e Ambrósio Traversari. Ao reabrir-se o *Studium*

de Florença em 1412, Guarino passou a ocupar o antigo posto de Crisóloras, tendo sido nomeado para a cátedra de grego mantida pela municipalidade. Em 1414, para fugir às rivalidades e às perseguições, Guarino retirou-se para a sua amada Veneza, onde estabeleceu escola de grego, às instâncias do amigo Francesco Barbaro. Aprofundou-se, então, no estudo de Cícero, dos princípios da retórica e da pedagogia de Quintiliano, o que lhe valeu para fundamentar o próprio método de ensino a respeito do qual escreveu um livro o seu filho Battista Guarino. Segundo Platina, ele estabeleceu com Vitorino de Feltre *un cambio di merce* pelo qual Vitorino ensinava a Guarino a correção e as elegâncias da língua latina, recebendo de volta lições de língua grega. Em 1418, Guarino casou-se com Tadea Cendrata, que lhe alegrou a vida com treze filhos. Voltou a Verona, foi nomeado professor público de Retórica. Aí teve Guarino frades franciscanos e dominicanos por colaboradores, e um destes últimos, Alberto de Sarzana, foi seu discípulo. Em sua casa, para reforçar os ganhos, Guarino admitia pensionistas. Durante o verão, a família e os alunos transportavam-se para a vizinha Valpolicella. Em 1429 foi convidado pelo marquês Niccolò d'Este de Ferrara para ser preceptor do seu filho e herdeiro Leonello, podendo, ainda, aceitar outros alunos da cidade. Devido à grande afluência de candidatos, o município fundou um *Studium* público e Guarino foi nomeado professor de Retórica. Leonello, agora Marquês, obteve do Imperador os direitos de Universidade para o *Studium* de Ferrara, que se tornou luzido centro de estudos humanísticos onde Guarino labutou incansavelmente até à morte em 1460, aos 86 anos.

São Bernardino de Sena

Nasceu em Massa Marittima, distrito da República de Siena, a 8 de setembro de 1380, de Albertolo degli Albizzeschi e de Raniera degli Ayveduti. Foi educado pelos tios paternos — perdera o pai em 1386 e a mãe em 1383 — em Siena, onde estudou gramática, retórica e a obra de Dante. De 1396 a 1399 estudou direito no Ateneu de Siena, continuando a interessar-se pelos clássicos latinos. A partir de 1398, dedicou-se ao estudo da Sagrada Escritura e da Teologia, tendo obtido a licenciatura em Direito Canônico. Em 1402, com 22 anos, distribuiu seus bens aos pobres e ingressou na Ordem dos Frades Menores e recolheu-se ao convento de São Francisco, em Siena, onde tomou o hábito de frade menor a 8 de setembro de 1402 e cantou a primeira missa a 8 de setembro de 1404. Consagrou-se, de início, aos estudos teológicos e franciscanos e aplicou-se logo mais inteiramente à pregação, propagando a devoção ao Nome de Jesus. A partir de 1430,

redigiu os seus tratados teológicos e deixou nos Sermões precioso patrimônio de ensinamentos sobre educação.

Francesco Barbaro

Francesco di Candiano Barbaro nasceu de família patriciana em Veneza à volta de 1395 e morreu em janeiro de 1454. Foi aluno de Giovanni Conversino di Ravenna, em Veneza, e tomou lições com Barzizza, em 1408, onde se doutorou a 5 de outubro de 1412. Sob a direção de Guarino, a partir de 1414, aplicou-se ao estudo do grego, e em 1416 publicou traduções de *Aristides* e de *Catão Maior* de Plutarco. Em 1415 foi a Florença, onde entrou em contacto com os círculos humanísticos. Escreveu a obra *De re uxoria*, em que dá preceitos quanto aos livros antigos e em que se refere à educação dos filhos. Dedicou-se então à carreira política, tendo sido primeiro embaixador e, depois, governador, *podestà*, em várias cidades. Em Brescia resistiu com habilidade militar ao assédio de Piccinino. Deixou rico epistolário com muitas notícias humanísticas, históricas e literárias.

Battista Guarino

Filho mais novo de Guarino de Verona, nasceu em 1434, em Ferrara, e foi o único filho de Guarino a revelar aptidões para o estudo. Educado pelo pai, tornou-se seu auxiliar na orientação dos estudantes do internato. Em 1455, com 21 anos, Battista obteve cadeira de Retórica em Bolonha e lá ensinou durante dois anos, tendo retornado em seguida para a casa paterna em Ferrara. Battista especializou-se no labor filológico da crítica dos códices. Em 1459, aos 25 anos, escreveu sobre o método de ensino e de leitura dos autores clássicos, *De ordine docendi et studendi*, obra em que sintetizou os princípios orientadores do ensino de Guarino na escola de Ferrara. Após a morte do pai em 1460, Battista foi eleito seu sucessor na universidade. O livro de Battista sobre o ensino e a leitura dos clássicos é menos abrangente que os tratados de Vergílio e de Enéias Sílvio. Battista confere preeminência aos autores gregos, pois o homem educado, a seu ver, é o bom conhecedor das letras gregas e latinas antigas. Battista Guarino morreu em 1513.

Leon Battista Alberti

Nasceu em Gênova em 1404, de pais florentinos, e faleceu em Roma em 1472. Foi homem de saber universal e de muitas habilidades, assinalando-se como ensaísta, arquiteto, matemático, arqueólogo e

esteta. Estudou em Veneza, Pádua e Bolonha, onde se formou em direito canônico. Viveu em Roma, defendeu a importância e a validade da língua vulgar, e como arquiteto construiu o Palácio Rucellai em Florença, a igreja de São Francisco em Rimini e a fachada de Santa Maria Novella em Florença.

Escreveu *Philodoxus*, comédia autobiográfica em latim, e *Pupillus*. Sua obra principal é *Della Famiglia*, em três livros e composta aos 30 anos, na qual discorre sobre a educação dos filhos, o matrimônio, a organização familiar e a economia doméstica.

Aeneas Sylvius Piccolomini (Pio II)

Enéias Sílvio Piccolomini nasceu a 18 de outubro de 1405 em Corsignano, lugarejo perto de Siena. Estudou nesta última cidade e depois, durante dois anos, recebeu a orientação educacional de Filelfo. Foi nomeado bispo de Trieste por Nicolau V a 19 de abril de 1447, e de Siena em 1450. Desempenhou importantes missões como legado pontifício na Boêmia, na Morávia, na Silésia e nos ducados austríacos. Antes de receber ordens sacras, e após o Concílio de Basiléia, serviu de secretário do Imperador Frederico III em 1442 e conviveu com Ladislau, futuro rei da Boêmia, quando menino de 10 anos, e ao qual dedicou pequeno tratado pedagógico em forma de carta. Foi feito cardeal em 1456 e, por fim, eleito papa com 53 anos, a 19 de agosto de 1458. Conhecia grande parte da Europa: Itália, França, Alemanha, Inglaterra e Escócia. Com o auxílio do cardeal Nicolau de Cusa, reconciliou o Império com a Santa Sé. Lutou intensamente por uma cruzada contra os turcos. A instâncias do Cusano, escreveu famosa carta ao sultão Maomé II, que, de fato, é um longo tratado, exortando-o a converter-se ao Cristianismo, a exemplo de Constantino e de Clóvis. Faleceu a 15 de agosto de 1464. Antes de receber ordens sacras escreveu a comédia *Chrysis* (1443) em Nuremberg, quando secretário imperial, e a *História de Dois Amantes* (1444). Deixou obras históricas como a *História de Frederico III* e as preciosas memórias *Commentarii rerum memorabilium*. Ficou incompleta a *Descrição do mundo conhecido* em seu tempo, e compôs para o jovem Ladislau da Hungria, mais tarde rei da Boêmia, um tratado de educação dos filhos, *De liberorum educatione*, primorosa síntese da concepção humanística sobre formação do príncipe.

Giannozzo Manetti

Político e humanista, nasceu em Florença a 5 de maio de 1396 e morreu exilado em Nápoles em 27 de outubro de 1459. Segundo

Eugênio Garin, Manetti uniu amplíssimo saber à fé profunda. Exerceu magistraturas e participou de embaixadas em Pescia, Pistola, Scarperia, Gênova, Rimini, Veneza, Siena, Roma e Nápoles. Escreveu obras históricas, orações, dissertações filosóficas e teológicas e fez traduções do grego e do hebraico. O seu livro mais importante é o *De dignitate et excellentia hominis* (1532), em quatro livros, em que ele procura exprimir a nova consciência renascentista. Compôs a obra apologética em 20 livros, *Adversus judaeos et gentes pro catholica fide*, e as obras históricas e biográficas: *De illustris longaevis*, *Historia Pistoriensium* e as *Vidas* de Nicolau V, Sócrates, Sêneca, Dante, Petrarca e Boccaccio.

Francesco Filelfo

Nasceu de uma família obscura de Tolentino em 1398. Estudou com Gasparino Barzizza, frequentou a universidade de Pádua e aos 18 anos começou a ensinar oratória. Foi estudar grego em Constantinopla com Crisóloras. O imperador Paleólogo enviou-o como seu embaixador a Budapest junto ao imperador Sigismundo. Em 1427 foi para Veneza com a esposa e os filhos a fim de lecionar língua e literatura gregas. Transferiu-se logo para Bolonha, onde regeu a cátedra de retórica e de filosofia, mas devido à política mudou-se para Florença, onde abriu escola de literatura grega e latina. Incompatibilizado com os eruditos e com os Medici de Florença, aceitou convite do duque Filippo Maria Visconti e foi para Milão. Esteve depois em Nápoles e lecionou filosofia moral em Roma e, por fim, retornou a Florença como professor de língua e literatura gregas e aí faleceu poucos dias após a sua chegada, a 31 de julho de 1481, com 83 anos. Filelfo teve três mulheres e vinte e quatro filhos. Deixou obras em prosa e em versos. Não escreveu tratado de pedagogia, mas formulou regras educativas nos seus escritos, principalmente no *De morali disciplina*, em 5 livros, com o último incompleto. Essa obra foi composta aos 77 anos de idade. Deixou 37 livros de cartas em latim e uma única em italiano dirigida ao duque Filiberto de Savola, que contava 14 anos, quando o autor tinha 81 anos.

Cardeal Domingos Capranica

Domingos Capranica nasceu em 1400, estudou em Pádua direito com Júlio Cesarini, letras clássicas e Sagrada Escritura. Foi feito cardeal por Martinho V aos 23 anos. Para auxiliar os estudantes pobres de teologia e letras construiu um palácio em Roma que ainda hoje é colégio de formação sacerdotal chamado pelo nome do fundador. Capranica destinou-lhe rendimentos suficientes para o sustento de 30 estudantes. Considerava-os membros da sua família e para eles

redigiu um regulamento de vida. Reuniu no seu palácio rica biblioteca com dois mil manuscritos. Capranica não passava dia sem ler as obras dos Santos Padres e dos filósofos e sem se dedicar à redação de algum escrito. Deixou cartas para humanistas como Filelfo e para São João Capistrano, Geral da Observância Franciscana, e ainda discursos, memórias sobre temas políticos e os tratados *O desprezo do mundo* e *a Arte de bem morrer*. Capranica viveu cercado de humanistas, orientou e protegeu Aeneas Sylvius Piccolomini, que lhe serviu de secretário, e exerceu profunda influência sobre a vida literária de Roma. Faleceu em 1458.

Francesco Patrizi

Literato e político, nasceu em Siena a 20 de fevereiro de 1413 ou 1412, e morreu em Gaeta em 1492. Amigo de Aeneas Sylvius Piccolomini, estudou na terra natal e adquiriu ampla cultura latina e grega. Participou da política e foi banido para Verona em 1457. Por intervenção do amigo, o Papa Pio II (Piccolomini), a pena foi revogada, Patrizi foi ordenado padre e logo eleito bispo de Gaeta em 1461, assim como encarregado do governo de Foligno. Por causa de injustas acusações de má administração, passou os últimos anos de vida entregue apenas ao governo da sua diocese. Foi autor de poesias, orações latinas, e compôs dois tratados políticos.

Maffeo Veggio

Nasceu em Lodi em 1406, estudou letras em Milão, dialética e direito em Pavia. Morou em Florença e em Roma e morreu em 1458. Em 1433 escreveu a obra *De verborum significatione*, em que analisa o significado de muitos termos do *Digesto*. Na obra *De rebus memorabilibus basilicae S. Petri* fez um estudo de arqueologia cristã recorrendo aos métodos usados por P. Bracciolini e F. Blondo no estudo da Roma pagã. Em 1444 compôs o tratado de educação em seis livros, *De liberorum educatione et claris moribus*, em que apresenta a concepção cristã da pedagogia humanística, tendo realçado a importância da erudição clássica e da cultura patristica, dos exercícios físicos, do trabalho, da educação moral e religiosa e da formação do cidadão.

Matteo Palmieri

Nasceu em Florença, de família modesta, a 13 de janeiro de 1406, e aí morreu a 13 de abril de 1475. Estudou com humanistas famosos, desempenhou cargos políticos e escreveu, quando jovem, o diálogo

sobre a vida civil, *Della vita civile*, em 4 livros, obra pedagógica sobre o bom cidadão. Deixou, ainda, vários escritos, como a crônica latina *De temporibus*, que se estende da criação do mundo até o ano de 1449, uma *História de Florença*, uma *História da Guerra Pisana* de 1406, a biografia em latim do senescal Nicolò Acciaiuoli e o poema doutrinário em tercetos *La Città di Vita*, composto entre 1451 e 1465, pálida imitação da Comédia dantesca distribuída em cem capítulos.

A obra *Vita Civile* de Matteo Palmieri é um diálogo inspirado nas idéias de Quintiliano, Plutarco e Cícero, que se inscreve na temática renascentista da educação humanista tendo por alvo a vida civil "e por esperança", como diz Toffanin, "um mundo libertado e unificado pela sabedoria". Escreveu, ainda, as obras *De institutione reipublicae* e *De regno*. Na primeira trata do governo livre, e na segunda exalta o regime monárquico. Essas duas obras influenciaram o estudo das questões políticas na época do Renascimento.

Sassolo da Prato

Filho do médico Lourenço, nasceu, ao que parece, em Florença, entre 1416 e 1417. Recebeu educação da mãe e estudou com Filelfo. Relacionou-se com Poggio Bracciolini, Guarino de Verona e Leonardo Bruni. Conviveu por muito tempo com Vitorino de Feltre e escreveu-lhe a biografia. Em 1446 esteve em Ferrara e mais tarde em Roma. Gravemente doente, e por não achar alojamento em Arezzo, atirou-se ao rio donde foi retirado com vida, tendo falecido logo em seguida numa hospedaria a 20 de agosto de 1449. Apesar da sua grande erudição, de algumas cartas e de um opúsculo sobre questões gramaticais, só legou à posteridade um escrito valioso, a vida de Vitorino de Feltre, em forma de carta, *Saxolus Pratensis ad amicum suum de Victorini Feltrensis vita et disciplina*.

Francesco da Castiglione

Nasceu em Florença entre 1410 e 1420. A mãe levou-o em 1434 para Mântua, onde foi aluno de Vitorino de Feltre. Tendo voltado para Florença, foi aí professor de grego, secretário do arcebispo Santo Antonino e cônego da igreja de São Lourenço. Faleceu em 1484. Mons. Emilio Sanesi refere-se a ele na *Vita di Sant'Antonino* como "il fedele Francesco".

Francesco Prendilacqua

Natural de Mântua, foi aluno de Vitorino, de quem escreveu a *Vida* em forma de diálogo. No fim do século XV foi para Gênova. Quase

nada se sabe da sua vida, e se desconhecem as datas do seu nascimento e morte. Além da biografia de Vitorino, publicada apenas no século XVIII, dele só restam uma Oração a Bárbara de Brandeburgo pela morte da filha Dorotéia e uma carta a Antônio d'Elci.

Bartolomeo Sacchi ou Il Platina

Nasceu em Piadena nel Cremonese em 1421, estudou em Mântua sob a direção de Ognibene da Lonigo, aluno de Vitorino de Feltre, em Florença com Argirópulos em 1457, e foi recebido em 1461 em Roma na Academia de Pompônio Leto. Morreu em 21 de setembro de 1481. Deixou muitos escritos, entre os quais se destacam o *Liber de vita Christi ac omnium Pontificum* de 1474, o *De principe*, o *De optimo cive* e o *De falso et vero bono*, assim como ligeiro esboço biográfico de Vitorino, composto entre 1461 e 1465.

Giovanni Pontano

Nasceu na Úmbria, em Cerreto, perto de Spoleto, a 7 de maio de 1426. Estudou em Perugia, foi para junto de Afonso de Aragão, desenvolveu atividade política e faleceu em 1503. Deixou muitas obras. Discorreu sobre assuntos astrológicos na tradução e nos comentários ao *Centiloquium* do Pseudo-Ptolomeu (1477), no *De rebus caelestibus* (1494). Tratou do acaso no *De fortuna* (1500) e redigiu vários escritos de moral: *De oboedientia*, *De prudentia*, *De fortitudine*, etc. Compôs os diálogos *Charon*, *Antonius*, *Aegidius*, *Actius*, *Asinus*, a obra histórica *De bello neapolitano* (1494), o tratado *De sermone* e o *Principe*, obra de pedagogia política.

Antonio de Farrarilis

Chamado no círculo humanístico de *Il Galateo*, originário de Galatona in Terra d'Otranto, aí nasceu em 1444. Foi médico, filósofo, bom conhecedor das línguas clássicas e do espanhol. Serviu de médico e secretário a Afonso, duque da Calábria, a quem acompanhou na guerra de Otranto (1480) e em outras. Foi médico de Ferrante, o Velho (1490), e fidelíssimo aos Aragoneses de Nápoles. Passou a vida na Itália meridional, em Galatona, Lecce, Napoli, Bari e Gallipoli — onde morreu a 12 de novembro de 1517 — com pequena estada em Veneza (1475) e outra mais longa em Roma (de 1510 em diante). Não publicou nenhum dos seus 60 opúsculos. Destacam-se entre as suas obras: *De morbo articulorum*, *podagra et morbo gallico* (1494), o diálogo *Heremita* (1496), *De laudibus Venetiarum* (1501), *De pugna*

Iremecim equitum (1503), *Esposizione del Pater noster* (1504), *De donatione Constantini Magni facta Ecclesiae* (1510), *De situ Iapygiae* (1511), *Descriptio urbis Callipolis* (1512 ou 1513) e o pequeno tratado — que mais nos interessa — *De educatione* (1504-1505), dedicado ao humanista Crisostomo Colonna, que dirigia então, na Espanha, a educação do filho de Frederico de Aragão.

Jacopo Sadoletto

Filho do jurista Giovanni Sadoletto, nasceu em Módena em 1476. Estudou em Ferrara e em Roma, onde foi secretário do papa Leão X e bispo de Carpentras. Paulo III nomeou-o cardeal. Morreu com 71 anos em Roma em 1547. Deixou um tratado de educação em forma de diálogo, *De liberis instituendis*, dedicado a Guilherme Bellai, em que propõe o seu ideal da união do homem cristão com o homem clássico. Não concebia a educação moral sem a vivência religiosa. Apresenta um plano de estudo gradual e prático das gramáticas grega e latina, assim como de retórica, música, ginástica, canto, matemática e filosofia, principalmente a moral considerada sob a orientação de Platão e de Aristóteles. Era sua convicção que é preciso regenerar a família para que se possa formar bem o indivíduo e o cidadão.

Sperone Speroni

Nasceu em Pádua em 1500 e faleceu em 1588. Foi professor de filosofia em Pádua de 1520 a 1528. Escreveu obras poéticas, comentários literários e os diálogos *Delle lingue*, *Della retorica*, *Dell'amore*, *Della dignità delle donne*. Estudou em Bolonha com Pomponazzi e ensinou lógica em Pádua até 1528. Além de ser filósofo, foi orador e poeta. Escreveu poesias líricas, discursos sobre a *Commedia* de Dante, o *Furioso* de Ariosto, a *Eneida* de Virgílio, diálogos e a tragédia *Canace*, de 1542, mas publicadas só em 1546. Entre os diálogos destaca-se o *Delle lingue*, em que se faz campeão da língua vulgar, enaltecendo-lhe a dignidade literária.

Cristoforo Landino

Cristóvão de Bartolomeu Landino nasceu em Florença em 1424. Estudou direito em Volterra até 1439. Em 1458 começou a lecionar poesia e oratória no *Studium* florentino. Exerceu funções de relevo no governo de Florença, e morreu no castelo de Borgo alla Collina no Casentino em 1504. Como professor e escritor, defendeu a dignidade da língua vulgar. Deixou as obras *De vera nobilitate* (1472), *De nobilitate animae dialogi* em 3 livros (1472), *Disputationes Camaldu-*

lenses em 4 livros (1475), *Commento a Virgilio* (1478), e mais um comentário à *Divina Comédia* de Dante.

Angelo Poliziano

Agnolo di Benedetto ou Angelo Ambrogini, chamado de Poliziano, nasceu em Montepulciano a 14 de julho de 1454, filho de um jurista-consulto que, por motivo de briga particular, foi degolado em 1464. Levado pela família para Florença, aprofundou-se no estudo do grego, recebeu lições de Argirópulos e de Cristóvão Landino, e foi amigo de Marsílio Ficino e de Pico della Mirandola. Em Florença sempre gozou das mercês dos Medici, e no *Studium* da cidade dos humanistas lecionou retórica, e dentre os seus cursos sobressaíram os dedicados a Quintiliano e a Aristóteles. Ficou famoso pelas polémicas sobre a imitação e o estilo. Traduziu várias obras gregas como, por exemplo, a *Ilíada* até o Canto V, e deixou vários escritos em prosa e poesia como *Stanze per la giostra*, *Orfeo*, *Odae* e *Sylvae*, *Miscellaneorum centuria prima* e as *Epistolae*. Foi mestre procurado, inclusive por estudantes vindos de Portugal. Faleceu na noite de 28 a 29 de setembro de 1494.

Santa Ângela Merici

Ângela Merici nasceu no dia 21 de março de 1474 em Desenzano, na costa sul do lago de Garda, na granja de Grezze, num lar de camponeses profundamente cristãos. Orfã de pai aos 15 anos e, logo mais, de mãe, viveu sob a tutela do seu tio Bartolomeu Biancosi em Saló, às margens do lago de Garda. Ao lhe morrer o tio, Ângela voltou a Desenzano, na diocese de Verona, no território da República de Veneza onde viveu entregue aos trabalhos do campo e às obras pias. Em 1516, foi morar em Brescia com o casal amigo Jerônimo e Catarina Patengola e aí, como terciária franciscana, entregou-se à vida de oração, pobreza e penitência. Seguiu como peregrina para a Terra Santa em 1524 e no dia 25 de novembro de 1535, com vinte e sete discípulas, Ângela fundou a Companhia de Santa Úrsula que se dedicou na cidade de Brescia aos doentes, aos pobres e à instrução cristã das crianças e das jovens. As virgens pertencentes à Companhia de Santa Úrsula deviam viver no seio das suas famílias, dar bom exemplo de vida cristã, prestar assistência às mães pobres desamparadas e aos doentes. As primeiras Ursulinas viviam segundo o estilo dos atuais Institutos Seculares — que não são Ordens nem Congregações — e, por isso, Ângela Merici foi autêntica inovadora no setor da vida apostólica feminina no período anterior ao Concílio de Trento e na época

da difusão da heresia protestante. Além disso, as Ursulinas passaram a consagrar-se mais tarde — depois de assumirem por exigências superiores a forma de vida canônica de ordem religiosa — à educação das meninas e à obra missionária em países distantes. Por essa razão, a Companhia de Santa Ursula foi a primeira ordem religiosa feminina dedicada exclusivamente à educação feminina e às missões. Onde, o seu grande mérito e originalidade no tempo em que surgiu. O nome de Companhia das Virgens adveio da visão tida por Ângela e na qual ela contemplou virgens a caminharem com os anjos numa escada que levava ao céu, quando Deus lhe ordenou a fundação da Companhia. Ângela escolheu a mártir Santa Ursula por patrona do seu instituto e, no seu último *Legado*, determinou que, de acordo com o tempo e com a necessidade, a forma da organização da Companhia podia ser modificada. Ângela Merici morreu no dia 27 de janeiro de 1540, depois de haver ditado ao seu secretário, o padre Gabriel Cozzano, a *Regra Primitiva* da Companhia, o *Testamento* (Legados) e as *Recomendações*. Foi canonizada por Pio VII em 24 de maio de 1807. Em qualquer História da Educação a sua obra deve figurar com realce por ter sido pioneira da educação feminina no início da Idade Moderna, quando havia muita teoria e pouca prática a respeito da educação feminina sobre terem as ordens religiosas femininas tradicionais cuidado da formação das meninas apenas *per accidens*, uma vez que o seu objetivo primeiro era a vida contemplativa, o solene louvor de Deus conforme a Regra de São Bento. Santa Ângela Merici, plena do espírito franciscano, tomou a peito a instituição da Companhia das Virgens que uniriam ao labor da santificação pessoal o exercício das obras de misericórdia corporal e espiritual através da educação das meninas e da assistência aos pobres e aos doentes. Santa Ângela preveniu as suas discípulas para que no desempenho de cargos de direção ou de magistério não fizessem acepção de pessoas, em obediência ao famoso conselho do apóstolo São Paulo, que é de molde a evitar o cometimento de muitas injustiças nas escolas e no seio dos institutos religiosos. "Amai todas as vossas filhas igualmente", diz Santa Ângela, "não tendais preferência mais por uma do que por outra, pois todas são filhas de Deus. . . Podeis saber se aquelas que vos parecem as mais insignificantes e as mais desprovidas de valor não vão tornar-se as mais generosas e as mais agradáveis à sua Majestade? E quem pode julgar o fundo dos corações e os pensamentos secretos da criatura? Por isso, acolhei-as e suportai-as a todas igualmente." Hoje as Ursulinas consagram-se tanto aos altos estudos como à dignificante tarefa da educação de filhas dos trabalhadores como autênticas evangelizadoras. Durante o Renascimento, antes do Concílio de Trento, Santa Ângela instituiu a sua obra em prol da educação feminina num projeto

pedagógico original. Em 1566 as Ursulinas passaram a viver em comunidade, revestidas do hábito religioso, por imposição de São Carlos Borromeu, que aplicava impertérrio às determinações do Concílio de Trento que tratara de sanar os abusos seculares de muitas ordens religiosas. Em 1612, na França, as filhas de Santa Ângela passaram a adotar o estilo de vida monástica, tendo sido compelidas a fazerem os votos solenes, a viverem enclausuradas e a recitarem o Ofício no coro. E, de acordo com esse figurino, as Ursulinas espalharam-se pelo mundo, ainda que em Brescia, felizmente, a Companhia de Santa Úrsula perdurasse de acordo com o plano original de Santa Ângela Merici.

A bula do Papa Paulo V, de 9 de abril de 1615, às Ursulinas de Toulouse, traçou o programa que elas deviam seguir nas escolas: instrução gratuita das meninas, outorgando a primazia às práticas de piedade e da virtude, ao ensino da doutrina cristã e do modo de governar uma casa e, em segundo lugar, recomendação do ensino das letras, da leitura, da escrita, dos trabalhos de agulha e de outros, convenientes a uma jovem bem-educada. E a 4 de maio de 1639, começou a epopéia missionária das Ursulinas com a partida, do porto de Dieppe para o Canadá, da Bem-aventurada Maria da Encarnação, grande mística, "a Teresa do Novo Mundo", com a primeira equipe de Ursulinas que ia dedicar-se no Canadá à educação das meninas e jovens, assim como à atividade educativa entre os indígenas.

Capítulo XII

Os educadores italianos do século XVI

Baldassare Castiglione

Nasceu a 6 de dezembro de 1478 em Casático, no território de Mântua, filho de Cristóforo — soldado e cavaleiro — e de Luígia, da família Gonzaga, reinante em Mântua. Castiglione foi educado nesta cidade e em Milão, tendo frequentado nesta última a escola de Giorgio Merula e de Demétrio Calcondila, mestres de humanidades latina e grega. Frequentou a corte milanese de Ludovico Sforza e de Beatriz d'Este, prestou serviços a Francisco Gonzaga, duque de Mântua, e juntou-se em seguida a Guidobaldo de Montefeltro, que o levou para a sua corte de Urbino. Tomou parte em campanhas militares e serviu como diplomata de Urbino junto a Henrique VII da Inglaterra e na cúria pontifícia de Leão X. Prestou serviços também ao Marquês de Mântua e, por fim, ao imperador Carlos V.

Baldassare casou-se em 1516, em Mântua, com Ippolita Torelli. Esteve na Espanha a serviço do Papa Leão X e morreu em Toledo a 2 de fevereiro de 1529. Escreveu poesias e cartas, mas ficou famoso com o seu livro *Il Cortegiano*, publicado em Veneza em 1528, obra em que se exprimem a vida e a cultura da corte renascentista de Urbino, e no qual Castiglione discorre com fluência e segurança sobre a educação do homem e da mulher da corte.

Pietro Aretino

Nasceu em Arezzo, em 1492, de família humilde. Estudou em Perúgia e dedicou-se à pintura e à poesia. Passou por várias cidades e fixou-se em Veneza, onde colheu louros e riquezas e onde faleceu a 21 de outubro de 1556. Deixou poesias, obras sacras e epístolas.

Alessandro Piccolomini

Da nobre estirpe de Pio II, nasceu a 13 de junho de 1508, em Siena, e aí morreu a 12 de março de 1578. Viveu em Pádua, onde lecionou filo-

sófia moral até 1540. Permaneceu em Roma durante sete anos, donde retornou já idoso para Siena. Foi eleito arcebispo de Patraso em 1574, e ao mesmo tempo coadjutor do arcebispo Fr. Brandini Piccolomini, de Siena. Distinguiu-se como filósofo aristotélico e prolífico escritor. Traduziu várias obras do grego e do latim, compôs obras poéticas, científicas, as comédias *Amor costante* e *Alessandro*, traduziu a *Retórica* e a *Poética* de Aristóteles, tendo exornado esta última com *Anotações* repletas de apreciáveis idéias estéticas. Escreveu obras filosóficas como *L'istrumento della filosofia*, 1551; *Filosofia Naturale*, 1551-1554; *Filosofia Morale*, 1560, e redigiu, ao que parece, a primeira obra filosófica em língua vulgar, *Della istituzione morale Libri XII*, 1560, 1575, 1582 e 1594. Na juventude, quando levava vida licenciosa, escreveu um diálogo leviano com aspectos de alcance pedagógico: *Raffaella ovvero la bella creanza delle donne*, 1539. Alessandro Piccolomini morreu em Siena.

Girolamo Miani (Emiliani)

Santo, fundador da *Ordem dos Somascos*, foi proclamado pelo papa Pio XI, a 14 de março de 1928, "Patrono universal dos órfãos e da juventude abandonada".

Jerônimo nasceu em Veneza, em 1486, de Ângelo Miani ou Emiliani, senador, e de Dionora Morosini, descendente de doges. Nada se sabe da sua infância e da sua juventude, até se ter uma notícia sobre o seu ingresso na vida pública em 1506. Foi soldado da República. Feito prisioneiro na luta contra a Liga de Cambrai, recuperou a fé, e prometeu a Nossa Senhora reformar a vida desordenada que até então levava. Libertado miraculosamente, dirigiu-se ao santuário de Santa Maria, em Treviso, e fez o voto à Virgem Santíssima de consagrar-se aos pobres, aos órfãos, aos enfermos e a outros necessitados. Continuou ainda na carreira das armas, até que em 1527 retornou a Veneza e se dedicou inteiramente a Deus. Distribuiu o seu patrimônio aos pobres e iniciou a sua missão apostólica e caritativa em 1528. Cuidava dos doentes nos hospitais dos Incuráveis e do Bersaglio, recolhia pobres órfãos abandonados na sua própria casa, ensinava-lhes os rudimentos da doutrina cristã e o trabalho da lã, até que lhes instituiu o asilo de São Basílio em 1528, núcleo das suas futuras fundações. Jerônimo quis ingressar na Ordem dos Teatinos, recentemente fundada, mas foi dissuadido por amigos que lhe recomendaram prosseguir na assistência aos órfãos e aos desvalidos. Ele, então, abriu mais um orfanato perto da Igreja de São Rocco e, logo mais, em várias cidades do Vêneto e da Lombardia. Fundou orfanatos em Bréscia e em Bérgamo e nesta cidade abriu um instituto para órfãos e outro para órfãs. Em 1533 fundou uma casa

para a recuperação de mulheres decaídas; na cidade de Como fundou o instituto masculino de Santo Alexandre e o feminino, chamado de Madalena. Aos poucos uniram-se a Emiliani os dois sacerdotes Alessandro Besozzi, Agostinho Barilli e vários outros que se lhe associaram levados pelo mesmo ideal de santificação e da prática de obras de misericórdia para com os órfãos. Os membros da nova ordem religiosa celebraram o seu primeiro capítulo em 1532 sob a denominação de "Companhia dos servos dos pobres". Ela estabilizou-se no segundo capítulo, promovido por Jerônimo Emiliani em 1534, em Somasca, perto de Bérgamo, que se tornou a sede da instituição, aprovada por Paulo III em 1540 e elevada por São Pio V, em 1568, a Congregação dos Clérigos Regulares de Somasca. Daí os seus membros se chamarem somascos.

Na época dos círculos refinados dos humanistas e das escolas aristocráticas para os nobres e os ricos burgueses, São Jerônimo Miani fundou orfanatos masculinos e femininos, assim como casas para a reabilitação de mulheres decaídas em Milão, outros orfanatos em Pavia e em várias cidades da Itália, como vimos, tendo assentado esses estabelecimentos na disciplina do trabalho e na integral educação religiosa, moral e civil. Pleno de méritos, Jerônimo faleceu santamente em Somasca a 8 de fevereiro de 1537. Foi canonizado por Clemente XIII a 12 de outubro de 1767. Como dizia em carta aos seus irmãos de Ordem, datada de Veneza, 21 de junho de 1535: "Amados irmãos em Cristo e filhos da Ordem dos Servos dos pobres... o nosso fim é Deus, fonte de todos os bens, e devemos confiar só n'Ele e em mais ninguém..." O poeta Parini celebrou o protetor dos órfãos em famoso soneto, de 1765, em que diz:

"...tutti con affetto uguale
sa gli uomini abbracciar quell'alma immensa,
e fa suo cittadino ogni mortale."

A alma imensa de Emiliani sabe abraçar com o mesmo afeto todos os homens, e faz de cada mortal o seu concidadão.

A obra cristã e renascentista de São Jerônimo Emiliani continua a atuar beneficentemente na sociedade contemporânea.

Andrea Ghetti

Chamado André de Volterra, nasceu em Val di Cecina no início do século XVI. Pertenceu à Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Foi pregador ilustre, principalmente nas cidades de Vicenza e Pádua e, em 1543, professor de teologia. Participou do Concílio de Trento

e morreu em Volterra a 2 de junho de 1593. Pertenceu, outrossim, ao rol dos pedagogos e deixou as obras: *Della grazia e delle opere*, 1544, e o escrito educacional *Discorso sopra la cura et diligenza che debbono avere i padri et le madri verso i loro figliuoli, sì nella civiltà, come nella pietà cristiana*. Essa obra, publicada em Bolonha em 1572, foi reeditada em 1929 na Biblioteca Agostiniana da Libreria Editrice Fiorentina.

Ludovico Agostini

Nasceu em Pesaro a 6 de janeiro de 1536. O pai era gonfaloneiro ou síndico municipal, e a mãe servia à duquesa Vittoria Farnese della Rovere. Ludovico pôde estudar e aplicar-se às artes cavaleirescas e chegou a doutorar-se em direito civil e canônico na Universidade de Bolonha. Depois de desilusões amorosas e da morte do pai, Agostini consagrou-se à música, à poesia e à religião. Morreu pobre a 29 de julho de 1612 e, além de obras poéticas, musicais, e das cartas, escreveu, de interesse para a pedagogia, a obra utópica, *La repubblica immaginaria*.

Antonio Possevino

Nasceu em Mântua em 1534. Foi preceptor de Francisco, filho de Ferrando Gonzaga e sobrinho do cardeal Hércules Gonzaga, em Ferrara e em Pádua. Morto o pai do seu pupilo, com este seguiu para Nápoles onde, em 1559, ingressou na Companhia de Jesus. Possevino, depois, fixou residência em Pádua, e aí conheceu São Francisco de Sales, então estudante de direito. Seguiu, em 1590, para Roma, foi reitor do colégio dos jesuítas de Bolonha, donde se transferiu para Veneza, tendo falecido em Ferrara a 26 de fevereiro de 1612. Antônio Possevino cumpriu importantes missões diplomáticas na Suíça, na Rússia, na Polônia, na Hungria, etc. Os seus escritos foram reunidos na obra *Bibliotheca selecta de ratione studiorum, ad disciplinas et ad salutem omnium gentium procurandam, recognita novissime ab eodem et aucta et in duos tomos distributa*. A primeira edição é de 1593. A obra inclui 18 livros, sendo mais importante o primeiro *De cultura ingeniorum* que contém as suas concepções pedagógicas. Nos livros restantes da *Bibliotheca*, Possevino trata de Sagrada Escritura, teologia, catequese, educação militar, eclesiástica e dos Religiosos, e das missões. Na segunda parte (Livro 12.º ao 18.º) ele examina as disciplinas profanas: a filosofia, o direito, a moral, a medicina, as matemáticas, a história, a poesia e a retórica.

Bartolomeo Meduna

Este original pedagogo do século XVI nasceu em Motta del Friuli ou em Livenza, lecionou teologia, e escreveu as suas obras na metade do século, tendo falecido em data ignota, tal como se desconhece a do seu nascimento. Além de uma *Vida da santa Virgem Maria* (1574) e de um livro sobre a vitória da armada cristã contra os turcos (1572), deixou o interessante escrito pedagógico *Lo Scolare* editado em Veneza em 1588. Essa obra em três livros foi escrita em forma de diálogo entre o pedagogo Alessandro Piccolomini e dois professores da Universidade de Pádua, a saber, o jurista Marco Mantova e Bernardo Tomitano, médico e literato, e um estudante. O diálogo teria sido mantido em Siena em 1575. Trata da educação dos filhos, da saúde, das artes liberais, das virtudes e dos vícios, do exercício das armas, das letras, etc.

Sílvio Antoniano

De família humilde, foi um dos eminentes promotores da restauração católica no século XVI. Nasceu em 1540 em Castello, diocese de Penne. Cedo revelou-se talentoso em música e poesia. Dedicou-se com afinco aos estudos e, aos 17 anos, laureou-se em direito em Ferrara em cuja universidade ensinou letras e retórica. A convite de Pio IV foi para Roma onde se tornou secretário do cardeal Carlos Borromeu e, em 1563, professor da Universidade de Roma. Antoniano aplicou-se ao estudo da teologia e ordenou-se sacerdote a 12 de junho de 1568. Vinte anos mais tarde foi eleito cardeal. Colaborou na elaboração do *Catecismo Romano*, jóia doutrinária do Concílio de Trento, difundiu os estudos humanísticos, e escreveu poemas e orações em latim. A obra pedagógica, entretanto, que lhe deu fama e influenciou várias gerações de educadores, tendo sido reeditada muitas vezes até 1926, foi o tratado *Dell'educazione cristiana dei figliuoli, Libri Tre*. Sílvio Antoniano morreu em Roma em 1603.

Gian Pietro Glusani

Rebento de nobre estirpe, nasceu em Milão em 1540, doutorou-se em medicina, ordenou-se sacerdote, foi filósofo e teólogo pertencente à Congregação dos Oblados do Santo Sepulcro, fundada por São Carlos Borromeu de quem foi o primeiro e o mais importante biógrafo. Além de pertencer a uma congregação benemérita no campo da educação em Milão e na Lombardia, escreveu numerosos livros: muitas vidas de santos, instruções para os sacerdotes, *Delle Chiese privilegiate mila-*

nesi, *Istoria Evangelica per la dottrina al popolo, Trattato della venerazione che si deve alla Croce, Politica cristiana* em 10 livros e a obra educacional *Istruzioni e documenti a' Padri per saper governare le loro famiglie*, 1603. Gian Pietro morreu em Monza com 75 anos, em 1615.

Orazio Lombardelli

Foi ilustre na literatura e na pedagogia. Ignoram-se o lugar e a data do seu nascimento. Provavelmente sua terra foi Siena onde passou grande parte da vida, onde lecionou na universidade e onde morreu. Teria nascido à roda de 1542, entre 1540 e 1545. Casou-se com Delia Ballanti com quem teve um filho e uma filha. Pertenceu à Academia dos Intronati, de Siena, onde teve o título de "sbigottito", e à Umorosa de Cortona, onde se intitulava Tranquillo. Foi professor de humanidades na universidade e no seminário de Siena e, às vezes, professor particular. Escreveu numerosas obras de relevo pedagógico: *Dell' ufficio della donna maritata, Degli uffici e dei costumi dei giovani* 1578, tratado de educação moral e cívica, *Il giovane studente* 1591, *Gli aforismi scolastici* 1603, *De l'eccellenza* 1578, *Orazione De scientiarum dignitate, Della maniera di studiare, Discorso sul modo di esercitarsi nello studio della grammatica*, outras obras e três escritos sobre a pontuação e os acentos, primeira tentativa de estabilizar a ortografia da língua toscana.

Lombardelli, no tocante ao método de estudar, dá grande importância às recreações, aos passeios, ao sono moderado, e recomenda o registro psicológico dos alunos através da observação dos seus traços físicos, das impressões, juízos, reações, enfim, de toda a conduta. Ele morreu em Siena a 1 de outubro de 1608 com 73 anos.

Torquato Tasso

Nasceu em Sorrento a 11 de março de 1544, filho do poeta Bernardo Tasso, secretário do príncipe Ferrante Sanseverino, e de Porzia de' Rossi, de nobre família. Viveu em Salerno até 1551 e depois em Nápoles onde estudou por dois anos na escola dos jesuítas. Mudou-se depois para Urbino onde se dedicou aos estudos literários, matemáticos e filosóficos, ao mesmo tempo em que foi preceptor de Francisco Maria, filho do duque Guidobaldo II. Estudou direito em Pádua mas renunciou à jurisprudência a fim de se aplicar à filosofia, à oratória e às letras. Em 1559 foi para Veneza e entrou em contacto com os melhores literatos locais como Veniero, Gradenigo, Ruscelli, Molino,

Patrizio e Manuzio. Frequentou a corte do duque Afonso II em Ferrara. Desde 1575, o poeta manifestou sinais de desequilíbrio psíquico que o levaram até a insânia. Esteve com a irmã Cornélia em Sorrento, voltou a Urbino, vagou através de várias cidades, e ao tornar-se incômodo ao duque de Urbino foi por ele encarcerado como louco em 1479. Viveu depois em Roma, e, ao sentir-se mal, quis ser transportado para o mosteiro de Sant'Onofrio sul Gianicolo. Preparou-se piedosamente para a morte com lágrimas e confissões, e morreu a beijar o crucifixo na manhã de 25 de abril de 1595.

Tasso escreveu numerosas obras literárias entre as quais espelnde a preciosa gema do poema *Gerusalemme Liberata* composto de 1566 a 1575 e publicado em Veneza a 7 de agosto de 1580. Ele também compôs *Discorsi* e *Dialoghi* dos quais se destacam quanto à educação o diálogo *Il padre di famiglia*, e o *Discorso della virtù femminile e donnesca*, de 1582.

Giovanni Leonardi

São João Leonardi nasceu em Diecino, perto de Lucca, em 1541. Sétimo filho de Giacomo e Giovanna Lippi, de nobre família. Por vontade paterna interrompeu os estudos para o sacerdócio, a fim de aprender a arte de boticário e, aos 26 anos, após a morte do pai, retomou os estudos para o sacerdócio, e celebrou a primeira Missa na epifania do ano 1571. Leonardo consagrou-se com entusiasmo apostólico ao ensino do catecismo e à pregação, tendo fundado a Companhia da Doutrina Cristã, composta de leigos e aprovada por Clemente VIII em 7 de dezembro de 1604. Empenhado na reforma católica fundou em Lucca, em 1574, a "Congregação dos Clérigos Reformados", logo chamada de "Congregação dos Clérigos Regulares da Mãe de Deus" (1614), que deveria cuidar da instrução religiosa da juventude. Essa congregação recebeu aprovação pontifícia em 1583. São João Leonardi trabalhou em várias cidades, foi amigo do cardeal Barônio, de São Felipe Neri e de São José de Calasanz, morreu em Roma a 8 de outubro de 1609, e foi canonizado a 17 de abril de 1938. Além do instituto religioso dedicado ao ensino, Giovanni Leonardi compôs numerosas obras, muitas ainda inéditas, e entre os seus escritos ressaltam os pedagógicos: *Dottrina cristiana da insegnarsi dalli Curati nelle loro parrocchie a' fanciulli della città di Lucca e sue diocesi*, 1574; *Trattato della buona educatione dei figliuoli*, 1594; *Institutione di una famiglia christiana*, 1591; *Trattato utilissimo del vano ornamento delle donne*, 1673, o *Memoriale alle donne maritate, per vivere virtuosamente con i Mariti loro*, 1673.

Orlando Pescetti

Nasceu em Marradi, Castello della Toscana, à volta de 1556. Viveu em Verona onde por muito tempo foi professor público. Tomou parte em polémicas, sobretudo em defesa de Torquato Tasso, e fundou em Verona, no início do século XVII, uma escola a ser mantida pela comuna e cujo programa se opunha ao das escolas religiosas. Pescetti compôs vários escritos literários e dois opúsculos pedagógicos: *Præceptor sive qualem oporteat esse puerorum institutorem*, 1599, e a *Orazione d'Orlando Pescetti, dietro al modo dell'intituire da gioventù*, 1592. Orlando morreu entre 1622 e 1624.

Galileo Galilei

Não foi educador em sentido estrito, mas brilhante professor que lançou os fundamentos da ciência moderna. Nasceu em Pisa a 15 de fevereiro de 1564, e morreu em Arcetri a 8 de janeiro de 1642. Estudou em Pisa, Florença e novamente em Pisa. Coursou medicina e filosofia natural na Universidade dos Artistas, estudou matemática com tal empenho que veio a lecioná-la na Universidade de Pisa e, em 1591, em Pádua. Galileu inventou a balança hidrostática, aperfeiçoou o telescópio e deu impulso ao desenvolvimento do método experimental. As suas obras principais são: *Sidereus Nuncius*, 1610; *Il Saggiatore*, 1623, e *Il Dialogo dei massimi sistemi*, 1632.

Ansaldo Cebà

Poeta e helenista, nasceu em Gênova em 1565. Traduziu e comentou os *Caracteres* de Teofrasto, e escreveu as obras: *Rime*, 1596; os poemas sacros *Lazzaro il mendico*, 1614; *Ester*, 1615, várias tragédias, um diálogo sobre o poema heróico, *Il Gonzaga, Esercizi Academici*, 1621, *Il Doria*, 1621, e o livro de alcance pedagógico, *Il cittadino di Repubblica*, dedicado conforme o título "alla valorosa gioventù genovese", 1617. Cebà faleceu em 1623.

Tommaso Campanella

Nasceu em Stilo di Calabria a 5 de setembro de 1568, e morreu em Paris a 21 de maio de 1639. Entrou jovem na Ordem Dominicana. Para escapar à observância da Regra da Ordem, fugiu para Nápoles. Em 1593 estava em Pádua onde manteve contacto com Galileu. De volta à terra natal, após quatro processos por causa de heresia, infrações à Regra da sua Ordem, costumes e moralidade, envolveu-se na

conjuração da Calábria contra o domínio espanhol, fingiu de louco para escapar à pena de morte, e foi condenado à prisão perpétua, que se abrandou a ponto de Campanella poder dedicar-se aos estudos e à composição de livros. Viu-se livre da prisão a 23 de maio de 1626, viveu em Roma, e morreu em Paris no convento de Santo Honorato. Tomás Campanella deixou obras filosóficas, teológicas, políticas, cartas, e a utopia famosa, com aspectos pedagógicos, *A Cidade do Sol*.

Ludovico Della Torre

Parece ter nascido a 22 ou 23 de outubro de 1581, e era filho do marquês Guido Della Torre e de Donna Laura Sambonifacio. Participou do governo de Verona, exerceu vários cargos políticos e honoríficos. Ludovico escreveu importante obra pedagógica *L'Aio, ovvero L'Educazione del Principe giovane*, além das obras inéditas *L'Idea della Madre de famiglia*, *Discorsi sopra i rimedi alle inondazioni delle acque*, e duas *Orazioni em congratulatione al Principe di Venezia Francesco Contarini*. Ludovico Della Torre faleceu a 13 de março de 1632.

Cesare Crispolti

É o autor mais antigo desse nome e não deve ser confundido com outro escritor posterior. Nasceu em data desconhecida em Perugia. Doutorou-se em direito em 1591. Foi cônego laurenciano, consagrou-se aos estudos de história e de letras, tendo morrido em 1608. Dos seus escritos destaca-se para a pedagogia a obra *Idea dello scolare che versa negli studi affine di prendere il grado del Dottorato*, 1604.

Capítulo XIII

Educadores portugueses

Dom Duarte

D. Duarte, o "Eloquente", 11.º rei de Portugal, filho de D. João I e de Dona Felipa de Lencastre, nasceu em Viseu, a 31 de outubro de 1391, e faleceu em Tomar a 9 de setembro de 1438. Reinou durante cinco anos. Participou da conquista de Ceuta a 20 de agosto de 1415, quando foi armado cavaleiro por seu pai, casou-se com Dona Leonor de Aragão a 22 de setembro de 1428, tornou-se rei a 15 de agosto de 1433. Dom Duarte foi digno émulo de Marco Aurélio. Tinha pendor para a especulação, dedicou-se aos estudos, formou rica biblioteca que, afora as dos mosteiros e dos conventos, passa por ter sido a primeira a ser organizada em Portugal, e ordenou a codificação da legislação portuguesa. O seu nome cabe na História da Educação, especialmente devido à sua obra de filosofia moral, o *Leal Conselheiro*, inédita até 1854, e na qual Dom Duarte revela profundo conhecimento dos clássicos e dos Doutores da Igreja. Escreveu, ademais, um tratado especial de educação física, utilíssimo para a educação cortesã, a *Arte de Bem Cavalgar toda a sela*.

Dom Pedro

O infante Dom Pedro, duque de Coimbra e senhor de Montemor e Aveiro, quarto filho de D. João I e de Dona Filipa de Lencastre, foi regente do reino durante a menoridade de D. Afonso V. Nasceu em Lisboa a 9 de dezembro de 1392, e morreu na batalha de Alfarrobeira, a 20 de maio de 1449. Casara-se em 1429 com Dona Isabel, filha de Jaime II, duque de Urgel, da Casa de Aragão, e com a qual teve seis filhos. Príncipe inteligente e bem versado nas artes liberais, o infante Dom Pedro promoveu a versão portuguesa de diversas obras latinas, deixou valiosas cartas para o conhecimento da época, e compôs o livro da *Virtuosa Benfeitoria*, opulenta paráfrase do livro *De beneficiis* de Sêneca.

Diogo Lopes Rebelo

Ignoram-se a data e o local do seu nascimento. Foi o primeiro professor de gramática latina do duque de Beja, o futuro D. Manuel I. Foi estudar em Paris, ao que parece, em 1486, e lá permaneceu por oito anos até se bacharelar. Em 1495 foi estudar teologia no Colégio de Navarra em Paris, tendo obtido a licenciatura a 13 de janeiro de 1497. Começou então a lecionar no mesmo Colégio de Navarra e faleceu a 18 de março de 1498. Deixou várias obras e, entre elas, de valor pedagógico, o tratado *De republica gubernanda per regem*, Do governo da república pelo rei, dedicado ao antigo aluno D. Manuel I, quando este subiu ao trono em fins de outubro de 1495. Rebelo discorre sobre os deveres do monarca, a origem do poder, o tiranicídio, os judeus e a guerra justa.

Cataldo Parisio Sículo

Nasceu na Sicília, talvez em 1455, e faleceu em Lisboa provavelmente em 1517. Ensinou retórica na Universidade de Bolonha por algum tempo e veio para Portugal em 1485, a fim de ser preceptor de D. Jorge, filho bastardo de D. João II, permanecendo nessa ocupação até 1490. Viveu em Santarém e em Évora, e foi professor de nobres, assim como o introdutor e o paladino do humanismo em Portugal. Escreveu em latim sobre a tomada da Tânger e de Argel, redigiu muitas cartas e poemas latinos. O humanista siciliano carregou nas tintas, ao compor o próprio epitáfio:

Orador, vate, jurisconsulto, Cataldo

Aqui jaz, e consigo jaz Calíope.

Celebrando reis, cavaleiros, tantos poderes, triunfos,

Morreu de tristeza, frio, febre, fome.

Os cuidados pedagógicos de Sículo acentuaram-se com a idade. Na fase final da sua vida preocupou-se intensamente com a educação dos filhos, embora não se tivesse casado nem criado filhos. Advogava a severidade na educação dos jovens da nobreza.

Alres Barbosa

Nasceu em Aveiro à roda de 1470 e morreu a 20 de janeiro de 1540. Foi discípulo de Nebrija até 1486 e esteve na Universidade de Salamanca por volta de 1487-1488. Atraído pelo humanismo italiano, foi ouvir Ângelo Policiano em Florença. Feito Mestre de Artes, consagrou-se ao ensino do grego e da retórica em Salamanca desde 1495 e, após 28 anos de magistério, ganhou o epíteto de "Mestre gre-

go". A 11 de setembro de 1503 foi incorporado ao Colégio dos Mestres e Doutores da Universidade de Salamanca. Aposentou-se em 1523. A convite do rei D. João III, proporcionou formação humanística ao Cardeal-infante D. Afonso, e também por algum tempo ao futuro Cardeal-rei, o infante D. Henrique. Além de obras filológicas e históricas, de poesias e cartas, deixou a fraca composição *Antimoria*, que pretendia opor ao *Elogio da Loucura*, escrito por Erasmo.

Nicolau Clenardo

Humanista flamengo, biografado pelo Cardeal Cerejeira, nasceu em Diest, a 5 de dezembro de 1493 ou 1494, e faleceu em Granada a 5 de novembro de 1542. Licenciado em teologia pela universidade de Lovaina, e ordenado sacerdote, lecionou na sua alma-máter universitária grego e hebraico, a partir de 1520. Foi professor particular e público em Salamanca (1533) donde o trouxe André de Resende para Portugal no final de 1533, para ser mestre do infante D. Henrique, arcebispo de Braga, que residia então com a corte em Évora. Em 1537 Clenardo ensinou em Braga. Foi depois estudar árabe em Granada (1538), e mais tarde em Fez, no norte da África, em 1540. Escreveu manuais de grego e de latim e dois livros de cartas com preciosas informações sobre a cultura portuguesa no começo do século XVI. Nas cartas a Rutgero Réscio, a Vaseu (julho de 1537), e *A Cristandade*, expôs as suas idéias pedagógicas e recomenda o ensino atraente, o uso direto do latim no aprendizado dessa língua, e o recurso às lições metódicas, claras e simples.

Frei Antonio de Beja

Frei Antonio de Beja, natural da cidade indicada pelo seu apelido, nasceu em 1493, e pertenceu à Ordem dos Jerônimos, tendo sido licenciado em teologia e bem versado nas letras sagradas e profanas. Nada se sabe dos cargos que exerceu na Ordem, dos pormenores da sua vida nem da data do seu falecimento. Frei Antonio compôs a *Tradução da Epistola de S. João Crisostomo—Nemo laeditur nisi a se ipso*, Lisboa, 1522, e mais: *Contra os Julzos dos Astrólogos*, a obra pedagógica *Breve doutrina e ensinança de príncipes*, Lisboa, 1525 e *Memorial de Pecados*, Lisboa, 1529.

João de Barros

Nasceu provavelmente em Viseu (Vila Verde), quem sabe se em 1496, de família nobre que assumiu o nome da aldeia de Barros, entre

Douro e Minho. João era filho bastardo de Lopo de Barros. Exerceu vários cargos públicos, foi galardoado com uma capitania no Brasil e, depois de renunciar à feitoria da Casa da Índia, retirou-se para a sua quinta em Nermoll, perto de Pombal. Celebrizou-o a obra histórica *Décadas* (quatro) em que tece a apologia da pátria portuguesa. Deixou excelente espólio de obras pedagógicas: *Rópica Pnesma* ou *Mercadoria espiritual*, 1532; *Diálogo sobre preceitos morais*; *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*, 1539; *Gramática da Língua Portuguesa* e *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, 1540; *Diálogo de João de Barros com dois filhos seus sobre preceitos morais em modo de jogo*, 1540. É provável que tenha morrido em 1570.

Vasco Fernandes de Lucena

Ignora-se a data do seu nascimento em Lucena, na Andaluzia. Foi letrado, jurista, diplomata e conde palatino. Trasladou-se para Portugal no reinado de D. Duarte (1433-1438). Era quase nonagenário, quando ocupou o cargo de Cronista-mor do reino. Foi, ainda, Guardamora da Torre do Tombo e da Livraria Real, viveu na corte de D. Afonso V, D. João II, D. Manuel e D. João III. Participou de embaixadas a Nicolau V e Inocêncio VIII e dos concílios de Basileia e Bolonha. Traduziu para o português a *Instrução para Príncipes*, de Vergério, assim como obras de Plínio e de Cícero. Escreveu o *Tratado das Virtudes que pertencem a hum Príncipe*. De sua obra, entretanto, só nos resta o discurso *De oboedientia*, pronunciado em Roma em 1485.

Bartolomeu Felipe

Pouco se sabe da vida desse longo mestre nascido em Lisboa e falecido aos 110 anos. Foi bacharel em Cânones pela Universidade de Salamanca e Doutor pela de Coimbra. Lecionou direito em Salamanca, Lisboa e Coimbra. Além de obras latinas, como *De fictionibus tractatus*, Salamanca, 1536, e *Repetitio in cap. Scindite corda vestra*, de *Poenitentia*, Lisboa, 1539, compôs em castelhano o *Tratado do Conselho e dos Conselheiros dos Príncipes*, Coimbra, 1584.

André de Resende

Esta figura cimeira do humanismo lusitano nasceu, ao que parece, a 13 de dezembro de 1500 em Évora, e abandonou definitivamente este mundo a 9 de dezembro de 1573. Aos 8 anos estudou latim em

Lisboa com Estêvão Cavaleiro. Ingressou no convento de São Domingos em Évora. Aos 13 anos estudou com Nebrija na Universidade de Alcalá de Henares, tendo estudado Artes e Teologia em Salamanca (1518-1521). Esteve em 1528 em Paris, e em 1529 em Lovaina onde conviveu com os amigos de Erasmo: Conrado Goclênio, Rutgero Réscio, João de Campen e Nicolau Clenardo. É voz corrente que criou o termo *lusiadae* com o sentido de *portugueses*. Licenciou-se em teologia em Lovaina. Acompanhou seu aluno D. João de Mascarenhas, embaixador junto a Carlos V, e percorreu a Áustria, a Bélgica e a Itália. Em outubro de 1533 achava-se no convento dominicano de Évora. Foi preceptor dos três infantes, irmãos de D. João III, principalmente de D. Duarte, cuja biografia escreveu. Em 1 de outubro de 1534 pronunciou a *Oratio pro Rostris*, Oração de Sapiência, na abertura do ano letivo da Universidade de Lisboa, e que se toma pelo manifesto do humanismo em Portugal. Com anuência pontifícia abandonou a Ordem de São Domingos e passou ao estado clerical, à roda de 1540. André de Resende deixou mais de 150 livros, opúsculos, poemas e cartas em latim. É para se destacar a sua ação pedagógica na expansão do humanismo português. Foi Resende a pessoa incumbida pelo rei de Portugal de recrutar humanistas ilustres para virem lecionar em Portugal, tal como Clenardo para Évora, em 1533, e Vasco para o Estudo de Braga, em 1538. Entre os escritos de André de Resende realçam-se as obras históricas: *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, Évora 1553; os *Libri Quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae*, Évora 1593; e mais as biografias: *A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro*, Évora, 1570, e a *Vida do Infante D. Duarte*, inédita até 1789.

Pedro Margalho

Parece ter nascido em Elvas em data ignota, e faleceu em Évora em 1556. Antes de se ordenar sacerdote, estudou artes e teologia em Paris. Fez carreira universitária na Espanha em Valladolid e Salamanca, tendo lecionado artes (1517-1522) e filosofia moral (1525). Em Portugal foi membro do Colégio de Santiago, mestre do Cardeal-infante D. Afonso (1530), professor de teologia na Universidade de Lisboa (1530) e seu vice-reitor. Foi também desembargador do Paço, cônego da Sé de Évora e talvez professor de teologia nesta cidade, por volta de 1552. Entre os seus escritos avultam os *Logices utriusque scholia*, *Escólios em ambas as lógicas à doutrina de S. Tomás, do subtil Duns Escoto e dos nominalistas*, que Wilhelm Risse considera "um dos livros mais profundos da sua época".

Damião de Góis

Este historiador estrangeirado nasceu em Alenquer em 1502 e nessa mesma cidade faleceu em 1574. De família flamenga, residiu no paço lusitano desde 1518. Foi escrivão da feitoria de Antuérpia em 1523, e nos Países Baixos adquiriu cultura clássica e musical. De 1529 a 1533 viajou pelo norte da Europa e travou relações com Lutero, Melancthon, Erasmo, Münster, etc. Conviveu com Erasmo em Friburgo de Brisgóvia, e quando estudou em Pádua foi amigo de Bembo, Sadoleto e Ramúsio. Casou-se com Joana van Hargen. Foi Guarda-mor interino da Torre do Tombo, e encarregado pelo Cardeal D. Henrique de escrever a *Crônica do Felicitíssimo D. Manuel*, Lisboa, 1566-1567, e a *Crônica do Príncipe D. João*, Lisboa, 1567. No final de 1572 foi confinado pela Inquisição no Mosteiro da Batalha, e a 30 de janeiro de 1574 morreu em sua casa de Alenquer de uma síncope ou, talvez, assassinado, pois quando da trasladação do corpo, observou-se fratura do crânio. Além das obras históricas referidas, Damião de Góis escreveu *Opúsculos*, uma tradução da obra *De senectute* de Cícero, *Avisos que deve guardar um corteção*, *Tratado da theorica de música*, *Nobiliário de Portugal* e *História dos Xarifes*.

Pedro Nunes

Judeu português, nasceu em Alcácer do Sal, em 1502, e estudou filosofia e matemática na Universidade de Lisboa. Bacharelou-se em 1529, e lecionou filosofia moral, lógica e metafísica. Foi nomeado cosmógrafo em 1529 e passou, em 1547, a cosmógrafo-mor. Em 1544 foi nomeado professor da Universidade de Coimbra onde lecionou até 1562. Na função de cosmógrafo lidava com problemas de náutica e orientava pilotos. Faleceu em Coimbra em 1578. Deixou as seguintes obras: *Tratado da Esfera*, 1537, tradução da obra de João de Sacrobosco acompanhada pela tradução de mais dois outros livros; um resumo da mesma obra de Sacrobosco, e dois pequenos tratados sobre navegação; *De crepusculis*, 1542, com a tradução da obra do muçulmano Alhacen sobre o mesmo assunto; *De arte atque navigandi libri duo*, 1546, sobre o problema da navegação; *De erratis Orontii Finel*, 1546, sobre questões de geometria; *Petri Nonii Salaciensis Opera*, 1566, coletânea de seus escritos sobre navegação; *Liber de Algebra et Arithmetica y Geometria*, em espanhol, 1567, e outras obras inéditas.

D. Jerônimo Osório da Fonseca

Nasceu em Lisboa em 1506, filho de João Osório da Fonseca, ouvidor na Índia. Aos 13 anos foi mandado à Universidade de Salamanca

por sua mãe Dona Francisca Gil de Gouvêa para se aperfeiçoar em latim e grego. Pela vontade paterna começou a estudar direito, disciplina que lhe causava engulho, uma vez que só sentia atração pela história e pelas letras clássicas. Após a morte do pai dirigiu-se em 1525 a Paris e esteve, depois, na Itália onde conheceu Sadoletto, Bembo e outros humanistas. Em 1537 foi professor de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra, já sacerdote, e ali permaneceu por três anos. Vieram de seguida as honrarias, pois foi arcebispo de Évora em 1560, bispo do Algarve com sede em Silves em 1564, e depois em Faro em 1577. Os seus livros em latim foram reimpressos no estrangeiro e traduzidos para as línguas modernas. Faleceu em Tavira a 2 de agosto no ano malfadado de 1580, e deixou as seguintes obras: *De rebus Emmanueltis gestis*, 1571, isto é, a história do reinado de D. Manuel; *De nobilitate Civili Libri II*, *De Nobilitate Christiana Libri III*, 1542; *De vera sapientia Libri V*, 1578, etc; e a apreciada obra pedagógica *De regis institutione et disciplina*, 1572, ou seja, *Da instituição real e da sua disciplina*, pertencente à tradicional e rica galeria dos tratados clássicos *De regimine principum*.

Dom Aleixo de Meneses

Filho de D. Pedro de Meneses nasceu em lugar e em data ignorados, tendo falecido em Lisboa a 6 de fevereiro de 1569. Em 1515 foi para o Oriente, sob o comando de Lopo Soares de Albergaria, e percorreu o litoral da Arábia no comando de uma esquadra. Combateu em Málaça e na Índia, esteve em Marrocos e, em 1554, foi nomeado alcaide do futuro rei D. Sebastião a quem acompanhou desde que ele completou 4 anos até aos 14. Era ele quem determinava o tempo, a matéria e a hora das lições do seu real pupilo. Foi um educador devotado.

Fernão de Oliveira

Nasceu em Aveiro em 1507 e faleceu em Pedrogão em 1581. Em 1517 entrou para o convento de São Domingos em Évora, ordenou-se sacerdote, foi professor da Ordem e teve por aluno André de Resende. Passou a clérigo secular, e foi preceptor do filho de D. Antão de Almada e dos filhos do Barão de Alvíto. Escreveu o livro *Arte da Guerra do mar* e, em 1536, publicou a primeira edição da *Gramática da linguagem portuguesa*, a primeira gramática da língua nacional.

João da Costa

Nasceu em Vila Nova de Portimão cerca de 1511 e faleceu em Aveiro em 1578. Estudou artes, grego e teologia em Paris, e direito

em Bordéus, tendo sido diretor do Colégio das Artes de Coimbra em 1549. Morreu como prior da Igreja Matriz de São Miguel, em Aveiro.

Jerônimo Cardoso

Parece que nasceu em Lamego em data incerta e morreu em Lisboa em 1569. Foi professor de Humanidades, e escreveu manuais, dicionários, obras em prosa e em verso. Pronunciou a última Oração de Sapiência a 1 de outubro de 1536 — publicada em 1550 — na Universidade de Lisboa, antes da transferência da universidade para Coimbra.

Diogo de Teive

Nasceu em Braga à volta de 1514 e morreu em Lisboa depois de 1565. Estudou no Colégio de Santa Bárbara em Paris, cerca de 1525, e aí ficou até 1532 a estudar Humanidades e Teologia. Esteve em Salamanca entre 1532 e 1534, estudou direito na Universidade de Toulouse (1534-1536), deu cursos de retórica e poética em Bordéus, no colégio de Guena. Diogo continuou a estudar direito e grego em Paris (1538-1540), lecionou na Universidade de Montauban (1541-1542), frequentou a Faculdade de Direito de Poitiers em 1543, tendo continuado seus estudos em Toulouse em 1546. Por intermédio de André de Gouvêa veio para Portugal junto com outros professores de Bordéus com os quais integrou o grupo dos *bordaleses* que inauguraram o Colégio das Artes fundado em Coimbra por D. João III. Ordenou-se sacerdote e lecionou, no Colégio das Artes de Coimbra, a partir de 1552. Era o diretor dessa escola, quando ela foi confiada à Companhia de Jesus por D. João III, em 1 de outubro de 1555. Tornou-se abade de São Cristóvão em Vila Chã da Brancosa, diocese de Miranda do Douro no final de 1556. Diogo de Teive escreveu um *Commentarius* sobre o segundo cerco de D. (Coimbra, 1548), a tragédia *Ioannes Princeps*, discursos, poesias, os três livros dos *Epodos*, com as *Sententiae* e a *Institutio Sebastiani Regis*, obras consagradas à educação de D. Sebastião.

Aquiles Estação

Nasceu em Vidigueira a 12 de junho de 1524, tendo morrido em Roma a 17 de setembro de 1581. Estudou em Coimbra, Lovaina, Paris e Pádua. Passou em Roma os últimos 21 anos de vida. Foi bibliotecário do Cardeal Guido Sforza, secretário latino do papa São Pio V, sobre ter sido orador, poeta e filólogo. Legou em testamento a sua biblioteca ao Oratório de São Felipe Neri, e esse acervo de livros foi

o núcleo da Biblioteca Vallicelliana de Roma. Deixou, ainda, numerosas publicações.

Manuel Alvarez

Este ilustre mestre jesuíta nasceu na Ilha da Madeira em 1526. Escreveu o livro *De institutione grammatica*, impresso em Lisboa em 1572 e, também, em latim, o livro *De mensuris ponderibus et numeris*. Esse famoso madeirense, conforme Ferreira-Deusdado em *Educadores Portugueses*, foi uma das glórias pedagógicas de Portugal e escreveu uma gramática contra a qual o Marquês de Pombal "decretou o ódio e o desprezo", sem embargo da sua aceitação em todo o mundo culto da Europa e da sua alta valia educacional. Manuel Alvarez faleceu em Évora a 30 de dezembro de 1583.

Pedro da Fonseca

Nasceu em Proença-a-Nova em 1528, e morreu em Lisboa a 4 de novembro de 1599. Entrou para a Companhia de Jesus em 1548, estudou em Coimbra e em Évora e mais tarde foi reitor do Colégio das Artes da primeira cidade, e professor de teologia na segunda. Editou o texto crítico da *Metafísica* de Aristóteles que publicou junto com a tradução latina e os próprios comentários. Integrou o grupo dos autores *conimbricenses* que elaborou o famoso curso de filosofia em 8 volumes: Manuel de Góis, Sebastião do Couto, Cosme de Magalhães e Baltasar Álvares, *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesus*, 1592-1606, vasto comentário dedicado ao esclarecimento da obra de Aristóteles. Fonseca redigiu, ainda, a *Isagoge Philosophica*, 1581, as *Institutiones Dialecticarum*, 1564. Pedro da Fonseca foi chamado de "Aristóteles Português" e a sua obra foi lida e reverenciada em toda a Europa.

Manuel de Góis

Nasceu em Portel, Évora, em 1543, e trocou esta vida por outra melhor a 13 de fevereiro de 1597. Foi jesuíta e professor de filosofia no Colégio das Artes entre 1574-1578 e 1578-1582, tendo lecionado humanidades e retórica de 1564 a 1572. Latinista e perito em grego, foi encarregado de redigir em latim o *Curso Conimbricense*. Redigiu o *Comentário* aos 8 Livros dos Físicos (1.º volume do Curso), aos 4 Livros do Céu, Meteoros, Pequenos Naturais e Éticos (2.º volume), ao *Da geração e corrupção* (3.º volume), e aos 3 Livros sobre a Alma (a maior parte do 4.º volume).

Baltasar Álvares

Este ilustre mestre jesuíta nasceu em Chaves em 1560 e morreu em Coimbra em 1630. Ensinou latim em Lisboa, filosofia em Évora e Coimbra (1590-1598) e teologia no Colégio de Jesus até 1602 e, durante muitos anos, em Évora, onde se doutorou e foi Chanceler da universidade. De 1619 a 1628 editou 8 volumes das obras póstumas de Suarez, que morreu em 1617. Baltasar colaborou na composição do *Curso Conimbricense* com o *Tratado da Alma Separada* que apareceu no fim dos comentários de Manuel de Góis *In tres libros de Anima Aristotelis Stagiritae*.

Frei Heitor Pinto

Nasceu em Covilhã, em data ignorada, estudou Artes no Colégio da Costa em Guimarães, direito civil em Salamanca e Coimbra, e teologia em Coimbra. Professou no Mosteiro de Belém, da Ordem dos Jerónimos, a 8 de abril de 1543, e doutorou-se em teologia pela Universidade de Sigüenza em 4 de outubro de 1568. Humanista de escol, Frei Heitor Pinto conhecia a fundo latim, grego e hebraico e foi decidido adversário da heresia protestante. Além de várias obras latinas, compôs o livro de diálogos *Imagem da Vida Cristã* em que se destaca pelo mérito pedagógico o diálogo sobre a *Discreta ignorância*. Frei Heitor Pinto faleceu em 1584.

Os Gouveias

Diogo de Gouveia Sênior nasceu em Beja à roda de 1467 e faleceu em Lisboa em 1557. Foi tio dos três irmãos Marcial, André e Antônio de Gouveia, e do primo destes Diogo de Gouveia, o Moço. Gouveia Sênior tornou-se mestre em Artes por volta de 1500 em Paris, e licenciou-se em teologia a 29 de abril de 1510. Prestou serviços de diplomata aos reis D. Manuel e D. João III. Foi diretor do Colégio Santa Bárbara que transformou num instituto português da Universidade de Paris, onde estudaram bolseiros do rei lusitano que depois fundaram o Colégio das Artes de Coimbra, em 1548. Diogo de Gouveia foi adversário intransigente dos protestantes e zeloso custódio da ortodoxia católica e, graças à sua influência, os jesuítas foram convidados pelo rei de Portugal a trabalharem em Portugal e nas missões do Ultramar.

André de Gouveia, filho de Afonso López de Ayala e de Inês de Gouveia, nasceu em Beja, talvez em 1497, e morreu em Coimbra a 9 de junho de 1548. Foi educado, tal como os outros membros da sua

família, pelo famoso tio Diogo de Gouveia Sênior, diretor do Colégio Santa Bárbara em Paris. Inscreveu-se na universidade parisiense em 1522, tornou-se mestre em Artes em 1528, foi diretor do Colégio Santa Bárbara de 1530 a 1534, e do Colégio de Guena em Bordéus, de 1534 a 1547, tendo sido ainda reitor da Universidade de Paris por três meses em 1533. Só deixou alguns versos latinos e o texto latino do regulamento do Colégio de Guena que ele guindou ao píncaro da eficiência e da fama, a tal ponto que Montaigne em seus Ensaios (Livro I, cap. 26 in fine) proclamou-o "o maior diretor da França". Quando diretor dessa escola, aí lecionou o seu irmão *Antônio de Gouveia* (Beja, 1510? — Turim, 5-3-1566), o futuro jurista que defendeu em Paris a filosofia de Aristóteles contra os ataques do humanista Pierre de la Ramée.

Houve um Diogo de Gouveia, mais modesto, que nasceu em Coimbra onde se bacharelou em 1554 e se doutorou em teologia em 1556, tendo sido professor da ciência sagrada até a morte, ocorrida a 1 de dezembro de 1565. Já Diogo de Gouveia, o Moço, filho do Dr. Gonçalo de Gouveia, nasceu em S. Pedro da Arrifana em data desconhecida, e morreu em Palmela a 2 de abril de 1576. Foi educado pelo tio no Colégio de Santa Bárbara em Paris, do qual foi diretor de 1535 a 1544. Foi, também, reitor da Universidade de Paris na qual se doutorou em teologia. Diogo retornou a Portugal em 1545, tendo sido diretor do Colégio das Artes de Coimbra em 1548. Em Portugal, Gouveia, o Moço, ocupou vários cargos honoríficos, tendo sido cônego da Sé de Lisboa.

José de Anchieta

Este jesuíta, de gloriosa memória nos anais da História do Brasil, nasceu na ilha de Tenerife, uma das Canárias, em 19 de março de 1534, de nobre família. Começou os estudos na terra natal e continuou-os em Coimbra onde professou na Companhia de Jesus a 1 de março de 1551. Na qualidade, ainda, de Irmão escolástico veio para o Brasil junto com o governador D. Duarte da Costa, em 1553. Foi mestre do Colégio de Piratininga em 1554, e demonstrou notável engenho na educação dos meninos, filhos dos índios e dos colonos. Com objetivo educacional e catequético, Anchieta compôs orações, peças de teatro, cantos, manuais para o uso diário da escola, a *Arte da gramática da Língua Brasileira*, o *Poema da Virgem*, poesias, informações históricas e preciosas cartas sobre a obra missionária e a população indígena do Brasil de Quinhentos. Recebeu as ordens sacras em 1566, e consagrou-se de modo admirável à atividade missionária, tendo morrido com fama de santo a 9 de junho de 1597. Foi o Educador do Brasil.

Capítulo XIV

Educadores espanhóis

Antonio Martínez de Cala y Xaraba

É conhecido pelo seu apelido de *Nebrija*. Nasceu à volta de 1441 na antiga Nebrissa Veneria, hoje Lebrija (Sevilha), onde aprendeu latim e lógica. Estudou em Salamanca e em Bolonha e aplicou-se ao estudo das Letras Clássicas, Teologia, Direito e até da Medicina. Passou 10 anos na Itália. Depois, serviu por 3 anos a Don Alonso de Fonseca, arcebispo de Sevilha. Lecionou na Universidade de Salamanca durante 12 anos e, convocado pelo Cardeal Cisneros, ensinou em Alcalá. Participou da edição da Bíblia Poliglota, foi cronista do rei D. Fernando, o Católico, e a primeira pessoa a medir na Espanha um grau do meridiano terrestre, até os fins do século XV. Nebrija morreu em 1522. Deixou um opúsculo inédito sobre a educação dos filhos, *De liberis educandis libellus*. Compôs a primeira gramática da língua castelhana, publicada em Salamanca em 1492. Publicou uma gramática latina *Introductiones in Latinam Grammaticam, seu de sermone latino*, escrita em latim, e um Dicionário latino-espanhol e espanhol-latino. Escreveu uma *Arte Retórica* inspirada em Aristóteles, Cícero e Quintiliano, e as *Décadas, Rerum in Hispania gestarum decades*.

Antonio de Guevara

Parece ter nascido em 1480 em Treceño (Asturias de Santillana) e morreu em Valladolid em 1545. Aos 12 anos foi levado pelo pai à Corte dos Reis Católicos e, ao morrer a rainha Isabel, ingressou na Ordem Franciscana na qual desempenhou cargos de relevo, tendo sido Guardião em Ávila, Arévalo, Soria, e mais: definidor provincial, pregador, conselheiro e cronista de Carlos V, Inquisidor de Valencia, bispo de Guadix e, depois, de Mondoñedo. Percorreu as principais cortes da Europa. Antônio de Guevara empenhou-se na conversão dos mouriscos, fundou uma tipografia e dotou com benefícios vários hospitais e colégios. Escreveu obras pedagógicas para a educação de príncipes e cortesãos, tal como o *Libro llamado relox de príncipes en el cual va incorporado el muy famoso libro de Marco Aurelio* (Valla-

dolid, 1529) que foi traduzido para o latim, francês, italiano, inglês, alemão, holandês, dinamarquês e húngaro. Nessa obra Guevara ensina em três livros como o príncipe pode ser bom cristão, como se deve conduzir com a esposa e os filhos, e como há de governar a sua pessoa e a república. Outra obra do mesmo teor é *Aviso de privados y doctrina de cortesanos* (Valladolid, 1539). Deixou, ainda, as obras *El Libro titulado Monte Calvario*, *Epistolas familiares*, *Menosprecio de la Corte y alabanza de la aldea*, *De los inventores del arte de marear y de muchos trabajos que se pasan en las galeras*, *Décadas de las vidas de los diez Césares emperadores romanos desde Trajano a Alejandro*, *Oratorio de religiosos y ejercicio de virtuosos*, *De adventu Sancti Jacobi*, *Disputatio contra Judaeos*, *Crónica imperial de Carlos V*, etc. Antônio de Guevara morreu em Valladolid em 1545.

Luis Vives

João Luís Vives nasceu em Valença (Valencia) em 1492. Estudou na cidade natal e na Universidade de Paris onde permaneceu de 1509 a 1514. Em seguida, residiu e lecionou em Bruxelas. De 1514 a 1523 foi preceptor do príncipe Guilherme de Croy e professor da Universidade de Lovaina, tendo estabelecido relações amistosas com famosos humanistas como Erasmo, Tomás More e Guilherme Budé. Em 1523 dirigiu-se à Inglaterra a fim de ser preceptor da princesa Maria Tudor, filha de Henrique VIII, e lá permaneceu até 1528 quando, incompatibilizado com o rei por haver tomado o partido da rainha Catarina no caso do divórcio, foi morar de novo em Bruxelas, onde se casou com moça de origem espanhola, Margarida Valdaura. Vives foi o pedagogo teórico mais notável do Renascimento. Dentre as suas obras destacam-se os escritos pedagógicos: *De ratione studii puerilis* (*Pedagogia da Infância*, 1523), *Educação da Mulher Cristã*, *De institutione feminae christianae*, dedicado à educação da princesa Dona Maria, *Introdução à Sabedoria*, *Introductio ad sapientiam*; *De disciplinis* (1531), em que expõe as suas concepções didáticas, *Do Ofício ou Deveres do Marido* (1523) e, em 1538, o *De anima et vita* e os *Diálogos*. Vives morreu em Bruxelas em 1540.

Juan Lorenzo Palmireno

Nasceu em Alcañiz (Teruel) à volta de 1514 e morreu provavelmente em 1580. Lecionou latim e retórica em Saragoça e em Valença, e nesta universidade formou-se em medicina à roda de 1563. Destacou-se pela sua erudição e por notáveis dotes pedagógicos. Escreveu numerosas obras de latim, grego e retórica, entre as quais se destacam duas

obras pedagógicas *El estudioso de la aldea* (Valencia, 1568) e *El estudioso cortesano* (Valencia, 1573). Nesta última ensina que a vida prática é o objetivo da educação e por isso, trata da urbanidade, da medicina caseira, do modo de ganhar dinheiro e de viajar com segurança, etc. Merecem ainda realce as seguintes obras: *De arte dicendi libri quinque*, *De vera et facili imitatione Ciceronis*, *El latino de repente*, *Etimologia latina*, *Las reglas que Lorenzo Palmireno puso e la puerta de su auditorio*, *Refranes de mesa, salud y buena criança*, e o *Vocabulario del Humanista*.

Francisco Sanchez de Las Brozas

Nasceu em Brozas (Cáceres) em 1525. Estudou latim, grego, filosofia e teologia na Universidade de Salamanca onde ensinou grego em 1554 e retórica em 1574. Foi humanista de alto coturno e distinguiu-se pelo número e pela qualidade das suas obras didáticas: *Verae brevesque grammaticae latinae institutiones*, *Grammaticae graecae compendium* e, em versos rimados, a *Arte para saber latim*. O seu livro mais famoso foi *Minerva seu de causis linguae latinae* (1587). Deixou, também, obras retóricas: *De arte dicendi*, *Paradoxa*, *Organon dialecticum et rhetoricum*, uma paráfrase da *Arte Poética* de Horácio, e edições de clássicos como Horácio, Virgílio, Ovídio, Pérsio, e ainda de clássicos modernos como Garcilaso e Juan de Mena, livros que ornou com notas e paráfrases. Escreveu, também, obras científicas, a saber, a *Sphaera mundi*, *Universi divisio*, e editou a obra *De situ orbis*, de Pompónio Mela. Brozas morreu em 1601.

Pedro de Ribadeneyra

O seu verdadeiro nome era Pedro Ortiz de Cisneiros. Nasceu em Toledo a 1 de novembro de 1526 e morreu em Madri a 22 de setembro de 1611. Passou a chamar-se de Ribadeneyra em homenagem ao lugar de que procedia a sua avó, *la riba de Neyra*, na Galícia. Após a morte do pai, quando tinha 13 anos, viajou para Roma como pajem do cardeal Alexandre Farnésio a quem abandonou de repente, tendo ingressado na Companhia de Jesus. Viveu em Paris, em Lovaina e na Itália onde se aperfeiçoou nos estudos. Lecionou retórica em Palermo, pronunciou discursos em Lovaina e em Bruxelas. Foi provincial da Toscana, comissário na Sicília, reitor do Colégio Romano, e assistente das Províncias de Espanha e Portugal, tendo retornado à Espanha por motivo de saúde, a 18 de junho de 1574, passando a morar em Toledo e em Madri. Viveu 37 anos na Espanha e veio a falecer com 85 anos incompletos. Deixou numerosas biografias e obras

ascéticas e morais, destacando-se pelo alto valor pedagógico o *Tratado de la Religion e virtudes que deve tener el Príncipe christiano, para gobernar y conservar sus Estados. Contra lo que Nicolas Machiavelo y los Políticos deste tiempo enseñan* (Madrid, 1595). Essa obra foi reeditada na Espanha e traduzida para várias línguas e nela Ribadeneira destaca as virtudes próprias dos reis e dos príncipes cristãos.

Juan Huarte de San Juan

Nasceu em San Juan del Pie del Puerto, baixa Navarra, em 1529. Estudou filosofia em Baeza, e medicina em Alcalá de Henares, tendo se doutorado em 1559. Foi médico titular de Baeza e aí publicou em 1575 a obra *Examen de ingenios para las ciencias* em que aplica a psicologia à educação, e sustenta que a natureza concedeu certos dotes às pessoas, que as habilitam de modo especial para determinados estudos. Juntamente com Vives, foi Huarte um precursor da moderna psicologia diferencial, assim como da orientação profissional. Huarte determina os tipos de aptidão individual conforme o grau de *docilidade* e ensina que cabe ao professor diagnosticar o tipo de engenho dos alunos, selecionar os estudantes mais bem dotados para seguirem disciplinas especiais, orientar pessoalmente os alunos, organizar o currículo, o método e o horário dos estudos e atender ao engenho pessoal do estudante. O mestre, por sua vez, deve possuir doutrina sólida, claro engenho, e conhecimentos de medicina, psicologia, dietética e higiene. Juan Huarte faleceu em 1588.

Pedro Simón Abril

Nasceu em Alcaraz de la Mancha em 1530. Ensinou humanidades em Tudela e Saragoça e, também, a filosofia de Aristóteles. Ignora-se a data da sua morte, provavelmente em 1590. Traduziu, pela primeira vez, muitas obras clássicas para o castelhano no qual escreveu gramáticas de latim e grego, e recomendava que o ensino das ciências e das línguas estrangeiras fosse feito em espanhol, e nesse sentido dirigiu a Felipe II os *Apuntamientos de cómo se deben reformar las doutrinas para reducir las a su antigua entereza y perfección*. Pedro Simón Abril escreveu uma *Introductio ad logicam Aristotelis* em 4 livros (1572) que ele mesmo traduziu para o espanhol, publicou várias traduções de clássicos gregos e latinos, compôs gramáticas de latim, grego e espanhol, a *Comparación de la lengua latina y griega*, a *Latini idiomatis docendi et discendi methodus*, e várias outras obras. Abril foi ilustre e eficiente mestre de Humanidades e, sobretudo, excelente gramático.

Juan de Mariana

Nasceu em Talavera de la Reina no ano de 1536. Estudou Artes e Teologia em Alcalá. Ingressou na Companhia de Jesus aos 17 anos e, após o noviciado, prosseguiu nos estudos em Alcalá. Ensinou depois nos colégios de Roma, Palermo e Paris onde recebeu o grau de doutor em teologia. Retornou à Espanha por motivo de saúde e viveu em Toledo desde 1574 entregue ao estudo, tendo desempenhado, outrossim, o cargo de conselheiro do Tribunal da Inquisição. Mariana escreveu muitas obras entre as quais se destacam a *De rege et Regis institutione* (1598 ou 1599) e *Historia general de España* (1592). Em 1601 foi publicada em Colônia a obra *Tractatus septem*, um dos quais intitula-se *De mutatione monetarum*, que Mariana escreveu patrioticamente, diante da situação de descalabro das finanças da Espanha. Essa obra lhe acarretou rumoroso processo movido pelo duque de Lerma, ministro dos negócios públicos que tomou muitas idéias do livro como dirigidas contra a sua nobre personalidade. Em setembro de 1609 Mariana foi encarcerado no convento de São Francisco em Madri durante um ano, donde saiu sem ter sido condenado. Juan de Mariana escreveu até os seus últimos dias, tendo falecido na casa professa de Toledo a 16 de fevereiro de 1623.

Pedro Lopez de Montoya

Nasceu em Laguardia (Alava) em 1542. Estudou na Universidade de Salamanca, bacharelou-se em Artes em 1563 e três anos mais tarde em Teologia. Em 1569 tornou-se reitor do Colégio Trilingüe de Tordes. Foi censor de livros do Tribunal da Inquisição em Madri para onde se mudara em 1571. Protegido pela família Stuñiga e Requeséns, dedicou-lhe seus dois livros principais: *Libro de la buena educación y enseñanza de los nobles en que se dan muy importantes avisos a los padres para criar y enseñar bien a sus hijos* (Madri, 1595), e o *De recto usu divitiarum*. Montoya faleceu em data que permanece ignorada.

São José de Calasanz

Este grande santo e fundador do moderno ensino primário nasceu em Peralta de la Sal, vila antiga do reino de Aragão, a 31 de julho de 1558. Os seus pais, D. Pedro Calasanz e Dona Maria Gastón, pertenciam à velha nobreza daquele reino. O menino José estudou Humanidades em Estadilla, e Direito na Universidade de Lérida, Teologia na Universidade de Valença, tendo continuado esse estudo

na Universidade de Alcalá de Henares. Foi ordenado sacerdote a 17 de dezembro de 1583 em Urgel, aos 25 anos de idade. Em 1592 dirigiu-se para Roma. Foi preceptor na família Colonna, pertenceu a várias confrarias, dentre elas à da Doutrina Cristã, cujos membros se dedicavam ao ensino do catecismo a crianças e a adultos. Em 1597, abriu para os meninos pobres de Roma a primeira escola popular da Europa e denominou a sua instituição de "Escolas Pias" onde os meninos pobres recebiam educação gratuita. As "Escolas Pias" distinguiram-se das escolas catequéticas dominicais por serem quotidianas, darem noções de várias disciplinas, apresentarem divisão de classes, lições simultâneas, uso da língua italiana, horários rigorosos e exames finais. Com o objetivo de ministrar educação cristã à juventude, São José de Calasanz fundou e organizou a escola primária européia. As "Escolas Pias" surgiram em Trastevere, perto da igreja paroquial de Santa Dorotéia, no outono de 1597. Em 1617 as "Escolas Pias" foram elevadas à categoria de Congregação por Paulo V Borghese com o nome de "Congregazione Paolina dei Poveri della Madre di Dio delle Scuole Pie", e os seus membros passaram a ser conhecidos por Padres das Escolas Pias ou Escolápios.

Em 1622, Gregório XV outorgou às Escolas Pias o caráter de Ordem Regular com votos solenes de pobreza, castidade e obediência e mais um quarto voto de dedicação à educação cristã da juventude através da escola. Foram feitas fundações em Frascati, Savona, Carcare, Narni, Norcia, Napoli, no Grão-Ducado de Toscana em 1630 e, depois, na Alemanha, Polónia, Boémia e Morávia. São José de Calasanz, como outros fundadores de Ordens, padeceu incriveis sofrimentos por causa da sua obra. Chegou a sofrer injúrias e perseguições por parte dos próprios membros da sua Ordem. Faleceu em Roma a 25 de agosto de 1648. Foi beatificado em 1748, e canonizado em 1767 por Clemente XIII. Em 1646 Inocêncio X reduziu as "Escolas Pias" a simples Congregação sem votos. Em 1669 Clemente IX devolveu-lhes os privilégios antigos e o caráter de Ordem com votos solenes. O papa Pio XII, em 1948, proclamou São José de Calasanz "o protetor de todas as escolas populares do mundo".

Juan Pablo Bonet

Nasceu em Jaca (Huesca) em 1560. Estudou humanidades e teologia e ordenou-se sacerdote. Desempenhou relevantes cargos políticos, dedicou grande parte da vida à educação dos surdos-mudos e inventou um processo para ensiná-los a falar, exposto na obra *Reducción de las letras y arte de enseñar a hablar a los mudos* (Madri, 1620). Bonet escreveu, também, um *Tratado de las Cifras y su enseñanza*,

poesias e dois livros sobre a língua grega. Faleceu depois de 1620, sem que se possa precisar a data exata.

Don Diego Saavedra Fajardo

Nasceu em Algezares (Murcia) em 1584. Formou-se em Direito Civil e Canônico em Salamanca, e ingressou na carreira diplomática, aos 22 anos, como secretário do embaixador da Espanha em Roma. Desempenhou várias missões nas cortes da Europa e, por último, foi ministro plenipotenciário da Espanha no Congresso de Münster de 1643 em preparação à paz de Westfália. Escreveu obra pedagógica firmada no rico lastro da sua experiência, *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas* (1640), destinada à educação dos governantes, e na qual Fajardo se pauta pela convicção de que a política depende mais da virtude que da ciência. Saavedra Fajardo morreu em Madri em 1648. Deixou, ainda, as obras: *Introducción a la política y Razón de Estado del Rey Católico D. Fernando* (1631), e *República Literaria* (1670).

Juan de La Cuesta

Educador do século XVI do qual se ignoram as datas do nascimento e da morte. Parece ter nascido em Valdenúño Fernández (Guadalajara), e ter vivido e ensinado em Alcalá onde, conforme o seu próprio depoimento, teve muitos alunos. O seu objetivo principal foi ajudar a criança no aprendizado da leitura. Propôs e defendeu o método didático de grupos de trabalho e de ensino mútuo. Expôs as suas idéias pedagógicas na obra *Libro y tratado para enseñar a leer y a escribir* (Alcalá, 1589).

Capítulo XV

Educadores franceses

Guillaume Fichet

Nasceu em Petit-Bornand em 1433 e morreu em Roma à volta de 1480. Foi reitor da Universidade de Paris durante a guerra da Liga do Bem Público. Estudou com o humanista italiano Beroaldo. Doutor pela Sorbonne, foi bibliotecário da universidade. Instalou a primeira oficina tipográfica, e dedicava as tardes na universidade ao comentário dos autores antigos. Para instalar a tipografia, fez vir de Malençon a Paris os impressores Ulrich Gering, Michel Krantz e Martin Friburger e foi nisso ajudado pelo seu amigo Jean de la Pierre. Nessa oficina imprimiram-se em 1470 as suas *Letres* e os seus três livros de *Retórica*. Acompanhou à Itália o cardeal Bessarion em 1471 e foi nomeado camareiro pelo papa Sisto IV.

Robert Gaguin

Nasceu em Calonne (Ardens) em 1433 e morreu em Préavins, perto de Hazebrouck, em 1501. Pertenceu à Ordem dos Trinitários de que foi Ministro-Geral em 1473. Desempenhou função diplomática na dieta de Francfort em 1477, e participou dos debates teológicos da época. Favoreceu a introdução da imprensa em Paris, e achava que a retórica devia estar unida à filosofia. Escreveu em latim a primeira história dos reis da França, traduziu obras de César (1485) e a *Tercelra década* de Tito Lívio (1493). Deixou cartas e discursos. A história dos reis da França foi escrita em latim, *Compendium de origine et gestis Francorum* (1495), e Gaguin ainda escreveu em francês a obra *Passe-temps d'oysiveté*.

François Tissard

Nasceu em Amboise, em data ignorada. Estudou em Paris, seguiu o curso de direito em Orléans e, depois, foi para a Itália onde aprendeu o hebraico e o grego. De volta à França, foi nomeado professor da

universidade, e ocupou-se com introduzir aí o ensino do grego. Como era preciso comprar os livros escritos nesta língua em Veneza, isso os tornava muito dispendiosos. Tissard, então, fez imprimir em Paris um *Recueil*, uma coleção com as Sentenças dos Sete Sábios, os Versos Dourados de Pitágoras, o Poema de Focílides e alguns outros Opúsculos, e tudo isso acompanhado de um *Discours* latino de sua lavra para conclamar os leitores ao estudo da língua grega. Esse *Recueil* foi seguido por várias edições de obras gregas enriquecidas de prefácios. Tissard compôs, também, a primeira *Gramática Hebraica* feita na França, e dedicada ao jovem duque de Valois, futuro Francisco I. Tissard foi a primeira pessoa em França a fazer imprimir livros gregos e hebraicos, e o seu impressor, Gilles Gourmont, foi o primeiro a ter empregado em Paris caracteres dessas duas línguas. François Tissard morreu em 1508.

Lefèvre D' Étapes

Ignora-se a data exata do seu nascimento, talvez à roda de 1450. Faleceu em 1536. Mestre de Artes em Paris, começou a estudar grego com Hermônimo de Esparta e dedicou-se, ao mesmo tempo, às matemáticas, à astronomia e à música. Viajou para a Itália e esteve em Pavia, em Pádua, em Veneza, em Roma e em Florença. Lecionou por alguns anos em Paris, voltou a Roma e esteve na Alemanha onde estudou as obras de Nicolau de Cusa. De novo em Paris, consagrou-se ao estudo no recolhimento de Saint-Germain-des-Prés, protegido por Guillaume Briçonnet, bispo de Meaux. Publicou obras de Raimundo Lúlio, traduziu a teologia de João Damasceno, editou as obras de Nicolau de Cusa, escreveu comentários às obras de Aristóteles explicadas nas escolas de Paris. Publicou, desde 1494, a tradução latina por Marsílio Ficino do *Liber de potestate et sapientia Dei*, chamado *Pimander*, atribuído a Hermes Trismegisto. Lefèvre dedicou-se ao estudo da teologia, escreveu um *Comentário às Epístolas de São Paulo* (1512), o *Quintuplex Psalterium, gallicum, romanum, hebraicum, vetus, conciliatum* (1509). Em 1506 publicou as *Hecatonomies* com a apresentação de um programa de formação intelectual, moral e religiosa. Lefèvre desejava a reforma da Igreja mas sem a rebelião de Lutero e sem a ironia de Erasmo. Admitia as práticas populares de devoção sem exageros nem abusos, assim como queria a reforma da disciplina eclesástica sem revolta contra a hierarquia da Igreja.

Guillaume Budé ou Budaeus

Nasceu em Paris em 1467 e aí morreu em 1540. Era de família nobre e estudou Direito em Orléans. Acolheu em seu lar o refugiado grego

Hermônimo e dedicou-se ao estudo do grego, que completou graças ao ensino de João Láscais. Estudou ciências naturais, filosofia, história, teologia e medicina com Jacques Lefèvre. O rei Carlos VIII nomeou-o secretário, procurador, bibliotecário-chefe, corregedor do município, e embaixador em Roma junto a Júlio II e a Leão X. Devido à sua influência com Francisco I, fundou o Colégio das *Trois Langues*, que veio a ser depois o *Collège de France*. Em 1530 criou a biblioteca de Fontainebleau, origem da *Bibliothèque Nationale*. Budé relacionou-se com Erasmo, Tomás More, Pietro Bembo, Sadoletto, Berauld, P. Amy, Rabelais e Dolet, com os quais manteve correspondência em grego, latim e francês. Revolucionou os estudos jurídicos pela aplicação que lhe fez da filologia e da história. No plano religioso combateu a reforma protestante. Deixou as obras *De philologia* (Paris, 1530), *De l'institution du Prince* (1547), *Epistolae*, *De Asse* (1514), tratado sobre moedas e medidas de gregos e romanos, *Annotations sur les Pandectes* (1508), *Commentaires sur la langue grecque* (1529). No fim da vida afastou-se do catolicismo e criticou as desordens e a corrupção do clero, mas sem se tornar protestante.

Mathurin Cordier

Nasceu na Normandia em 1479. Passou a sua longa vida a ensinar crianças em Paris, Nevers, Bordéus, Lausanne, Neuchâtel e Genebra onde morreu a 8 de setembro de 1564, com 85 anos. No Collège de la Marche em Paris foi professor de Calvino. Pretendia ensinar o latim como língua viva por meio de colóquios escolares compostos de frases latinas com dificuldades graduadas que os alunos aprendiam de cor e dirigiam uns aos outros. No século XIX ainda eram usados em escolas da Suíça Francesa. Deixou várias obras de teologia, e escreveu livros didáticos como os *Colloquiorum scholasticorum libri IV ad pueros in latino sermone exercendos* (1561), o pequeno tratado *Le Miroir de la jeunesse* de 1559, impresso em 1560 com o título de *Civilité puérile*, os *Rudimenta grammaticae* (1559), e *L'interprétation en français des distiques latins qu'on attribue à Caton* (1559).

François Rabelais

Nasceu em La Devinière, perto de Chinon, à roda de 1494, e morreu em Paris em 1553. Seu pai era advogado. Nada se sabe sobre a sua primeira educação. Foi noviço no convento dos franciscanos de La Baumette, perto de Angers. Pelo fim de 1520 entrou noutro convento franciscano em Fontenay-le-Comte, principal cidade do Bas-Poitou (Vendéia). Frequentava um círculo de legistas que se entre-

tinham na casa do advogado André Tiraqueau a respeito de belas letras e de direito. Estudou grego, correspondeu-se com Budé. Devido à desconfiança da Sorbonne para com os livros escritos em grego, "a língua da heresia", Rabelais teve os seus livros gregos confiscados pelos Frades Menores. Com a proteção do bispo da diocese, Geoffroy d'Estissac, conseguiu autorização do Papa em 1524 para se transferir para a Ordem dos Beneditinos e para entrar na abadia de Maillevais, cujo abade era o próprio Geoffroy d'Estissac. Acompanhou esse prelado em viagens por Périgord, Poitou e Ligugé, perto de Poitiers. Em 1530 achava-se em Montpellier em traje de clérigo secular a estudar medicina, e onde obteve os seus primeiros graus universitários. Foi nomeado médico do hospital de Pont-du-Rhône em Lyon em 1532. Publicou então os *Aforismos* de Hipócrates que comentara na Faculdade de Montpellier e, logo, livros de recreação como o *Pantagruel* e um almanaque faceto, *Pantagruétique prognostication*. Rabelais esteve em Roma em companhia do bispo de Paris Jean du Bellay. Ao voltar, publicou em Lyon *La Vie inestimable de Gargantua, père de Pantagruel*. Numa segunda viagem a Roma com Jean du Bellay feito cardeal, perdeu o cargo de médico no hospital de Lyon, mas ganhou uma prebenda de cônego na igreja colegiada de Saint-Maur-les-Fossés, perto de Paris. Em 1538, no entanto, já estava a exercer a medicina em Narbonne, Lyon e em Montpellier, onde recebeu o grau de doutor. Seguiu, então, para o Piemonte como médico do governador Guilherme du Bellay, irmão do cardeal. De volta à França, publicou em 1546 o *Tiers livre des faicts et dicts héroïques du noble Pantagruel* que foi condenado pela Sorbonne. Rabelais passou, então, a Metz, território do Império, e logo foi para Roma, em 1548, junto com Jean du Bellay. De passagem por Lyon publicou os primeiros capítulos do *Quarto livro de Pantagruel*, cuja parte restante só foi publicada em 1552. Nos dois últimos anos de vida foi pároco de Meudon onde nunca residiu, tendo apenas usufruído o benefício a que renunciou pouco tempo antes de morrer. Nove anos após a sua morte, sob o título de *L'Isle sonante*, apareceram os 16 capítulos do *Cinquième livre de Pantagruel* cuja edição completa foi publicada em 1564 e que não é considerada inteiramente autêntica. *Pantagruel* e *Gargantua* são obras em que Rabelais satiriza a escolástica decadente da sua época e anuncia de modo bombástico um novo tipo de educação.

Elle Vinet

Nasceu em 1509, nos Vinets, perto de Barbezieux em Saintonge, de pai lavrador. Tornou-se mestre em Artes pela Universidade de Poitiers, e aperfeiçoou-se em Paris em grego e em matemáticas. Em 1539 foi

regente no colégio da Guiena em Bordéus, a convite do reitor André de Gouveia. Fez pequenas estadas em Coimbra e em Paris (1547-1550), e permaneceu em Guiena até à morte em 1587. Por três vezes foi reitor do Colégio de Guiena em 1556, de 1562 a 1570 e de 1573 a 1587. Vinet fez importante edição da obra de Ausônio (1575-1590), e do *Abrégé des sciences mathématiques* de Psellus, em 1557. Escreveu um tratado de matemática *De logistica Libri Tres* (1573), e compôs a obra *Schola Aquitanica*, programa de estudos do Colégio da Guiena (1583), tendo se inspirado no regulamento do tempo de André de Gouveia.

Pierre de La Ramée ou Ramus

Nasceu em Cuts (Vernandois) em 1515 e foi morto em Paris em 1572. Filho de nobre arruinado, trabalhou como criado no Colégio de Navarra para poder estudar. Doutorou-se em Artes. Escreveu contra Aristóteles *Dialecticae partitiones*, e *Aristotelicae animadversiones* (1543). Em 1551, devido à influência do cardeal de Lorraine, conseguiu uma cadeira no Colégio de França, *Collège de France*, onde foi o primeiro professor de matemática. Abandonou a cátedra, quando aderiu ao movimento da reforma protestante. Retomou-a de 1563 a 1567. Em 1568 viajou através da Alemanha donde retornou em 1570. Foi assassinado a mando de Charpentier, seu implacável inimigo. Sua obra pedagógica mais importante é *Scholae in Liberales Artes* (1548), em que trata de gramática, retórica, dialética, física e metafísica. Ramus assinalou-se pela luta empreendida contra Aristóteles e os escolásticos, empresa que seria herdada por Descartes. Contra Pedro Ramus o humanista português António de Gouveia escreveu a sua obra *Responsio pro Aristotele* (*Em prol de Aristóteles*).

Michel Eyquem de Montaigne

De nobre prosápia, nasceu no castelo de Montaigne em Périgord a 28 de fevereiro de 1533, e aí mesmo abandonou este mundo definitivamente a 13 de setembro de 1592. Foi educado cuidadosamente pelo pai que o confiou a um preceptor alemão, Horstanus, que só falava em latim com o menino. Aos 6 anos, Montaigne entrou para o Colégio de Guiena onde permaneceu durante 7 anos. Depois ele desempenhou cargos políticos, e freqüentou a corte. Casou-se em 1565 com Françoise de La Chassaigne, filha de um conselheiro do Parlamento. Montaigne estudou filosofia em Bordéus, e Direito em Bordéus e em Toulouse. Viajou através da Itália e da Alemanha, desde setembro de 1580 até novembro de 1581, viagem que ele des-

creveu no *Journal de Voyage*. Montaigne não foi educador nem escreveu obra estritamente pedagógica. Foi um pensador original com simpatia pelo estoicismo, influenciado pelo cepticismo desde 1576, e que dedicou alguns capítulos da sua obra *Ensaïos* a assuntos educacionais. Realçou a importância da educação física, opunha-se aos exercícios de memorização, e achava que o importante na instrução é formar o juízo, a capacidade crítica dos alunos. Esse é o ideal da "cabeça bem-feita" em oposição à cabeça chela de noções não digeridas cu mal assimiladas. Montaigne preconizava um tipo de ensino atraente que tornasse o estudo agradável para os alunos, e era do parecer que estes, para obedecerem às ordens, deviam conhecer antes as suas razões. Achava que os livros e o ensino apenas ajudam a desenvolver o engenho, e recomendava o estudo da História e as viagens como meios particularmente aptos para o desenvolvimento intelectual. Finalmente, achava que as crianças deviam adquirir noções das virtudes e dos vícios. Montaigne publicou a tradução da *Theologia naturalis sive Liber creaturarum* de Raimundo de Sabunda em 1569. De 1571 a 1580 escreveu os dois primeiros livros dos *Essais*, editados em 1580. O seu *Journal de Voyage* só foi publicado em 1774 por Meusnier de Querlon. Em 1588 publicou o terceiro Livro dos *Ensaïos*. Montaigne passou os últimos anos de vida a fazer a revisão da sua obra. Não aprovou a reforma protestante mas não viveu com espírito cristão e era católico "de tradição".

Pierre Charron

Nasceu em Paris em 1541, e aí morreu em 1603. Figura nesta galeria de pedagogos com o mesmo título de Montaigne. Foi advogado do Parlamento e, depois, ordenou-se sacerdote, tendo sido pregador famoso. Morou em Bazas, Lectoure, Agen, Bordéus, Cahors e Condom. Escreveu as obras *Les trois vérités* (1594), *Discours chrétiens* (1600), e o *Traité de la Sagesse* (1601) em que se inspirou nas obras de Sêneca, Plutarco, du Vair e, principalmente, nos *Essais* do seu grande amigo Montaigne.

Cesar de Bus

O Bem-Aventurado Cesar de Bus nasceu em Cavaillon (Comtat), a 3 de fevereiro de 1544, e morreu em Avignon a 15 de abril de 1607. Depois de ter estudado em Avinhão e de ter combatido os huguenotes como soldado, passou três anos de dissipação em Paris, mas converteu-se e começou a servir seriamente a Deus em 1574. Ordenou-se sacerdote em 1582, depois de se haver dedicado ao ensino do cate-

cismo em Cavaillon. Esse apostolado catequético era urgentíssimo, pois as guerras de religião haviam ocasionado a negligência dos pastores e provocado a ignorância da doutrina cristã tanto nas cidades como no campo. Bus foi auxiliado nessa tarefa piedosa pelo seu primo, também convertido, J.B. Romailhon, que se ordenou sacerdote em 1588. Cesar de Bus propôs um método catequético que consistia na simples e vívida explicação da doutrina às crianças e em instrução em forma de diálogos bem divididos, para os adultos, de acordo com o Catecismo Romano do Concílio de Trento. Bus e o primo Romailhon contaram com o auxílio de uma associação de catequistas baseados nos ideais de São Carlos Borromeu e de São Filipe Neri. Essa associação tornou-se uma congregação, em 1592, que fez a sua primeira fundação em Avinhão em 1593, e foi aprovada pelo Papa Clemente VIII em 1598 como congregação de sacerdotes seculares da Doutrina Cristã ou Padres Doutrinários. Em 1602 Romailhon e cinco outros sócios separaram-se de Cesar de Bus, por não concordarem com a transformação da sua sociedade em congregação com votos. Romailhon e seus companheiros associaram-se aos oratorianos de Pedro de Berulle. Bus e os seus discípulos permaneceram em Avinhão e prestaram os votos de obediência, pobreza e castidade, desde que receberam a aprovação papal. Cesar de Bus morreu em Avinhão a 15 de abril de 1607, e os Padres Doutrinários aumentaram em número de modo notável e dedicaram-se com afino e proveito à grandiosa obra de pedagogia catequética. Junto com Romailhon, Bus ajudara as Ursulinas a se estabelecerem na França. Para ajudar os seus discípulos na pregação e no ensino do catecismo, ele escreveu as *Instructions familières*, em 5 volumes (Paris, 1666). Pio VII proclamou César de Bus Venerável a 8 de dezembro de 1821, e Paulo VI declarou-o Bem-Aventurado.

Pedro Fourier

São Pedro Fourier nasceu em Mirecourt, na Lorena, a 30 de novembro de 1565. Iniciou os estudos na sua terra natal e cursou Humanidades e Filosofia na Faculdade de Artes de Pont-à-Mousson, em 1578. Seu pai era negociante de tecidos em Mirecourt. Fourier foi profundamente influenciado pelos seus mestres Louis Richeôme e Jacques Sirmond. Já como estudante revelou-se jovem piedoso e austero. Em 1585 iniciou o noviciado na abadia dos Cônegos Regulares de Chaumousey, entre Mirecourt e Épinal. Fez a profissão religiosa em 1586 e foi ordenado sacerdote a 29 de fevereiro de 1589 em Treviri. Retornou a Pont-à-Mousson para continuar os estudos de teologia. Foi pároco de Chaumousey e, por fim, de Mat-

taincourt, onde tomou posse a 1 de junho de 1597 e permaneceu até 1632. Como pároco, Pedro Fourier foi homem de vida austera e exemplar, e demonstrou extraordinário zelo no desempenho do seu ofício pastoral. A sua grande iniciativa educacional foi a fundação da Congregação de Nossa Senhora, das Cônegas de Santo Agostinho, com a cooperação de Alix Le Clerc, jovem piedosa de Remiremont, nascida em 1576. Essa congregação destinava-se à educação das meninas ricas e pobres. No dia de Natal de 1597, com quatro companheiras, Alix fez a sua consagração a Deus. O diretor espiritual da congregação era Pedro Fourier, que redigiu o primeiro regulamento em 1598. Em julho desse ano abriu-se a primeira escola em Poussay, logo transferida para Mattaincourt no ano seguinte, donde se mudou para a cidade de Saint-Mihiel. A obra cresceu com as bênçãos de Deus e o apoio de homens de boa vontade. Em 1603 abriu-se a escola de Nancy e, em seguida, em vinte cidades. Em 1628 Pedro Fourier conseguiu uma Bula que autorizava as Cônegas de Santo Agostinho a receberem alunas externas, embora o seu projeto fosse mais amplo e muito adiantado quanto à mentalidade da época. São Pedro Fourier destacou-se como grande missionário popular, como reformador dos Cônegos Regulares e como exímio diretor de consciência, mas o seu florão de glória foi a Congregação das Cônegas de Santo Agostinho que também mourejam no Brasil. Pedro Fourier faleceu em Gray a 9 de dezembro de 1640, foi beatificado em 1730 e canonizado em 1897.

São Pedro Fourier era dotado de notável bom senso e percepção aguda da realidade. Se antes da reforma dos Cônegos Regulares ele se preocupava com a educação das meninas, na *Primeira Memória* que dirigiu, em maio de 1627, a M. Virion na cúria romana, tendo em mira a aprovação da reforma dos Cônegos Regulares, ele exprime os seus cuidados e os dos seus confrades quanto à educação dos meninos. Diz São Pedro Fourier nessa *Memória*, que tanto entre os meninos do campo quanto entre os de outros lugares reinava a ignorância quanto à doutrina cristã e proliferavam os vícios danosos à piedade. Ele declara que os seus Cônegos Regulares desejam fazer para os meninos o mesmo que as Cônegas da Congregação de Nossa Senhora faziam para as meninas. Eles desejam, diz Fourier, abrir escolas e pequenos colégios de escrita e doutrina cristã nos seus mosteiros, para ensinarem gratuitamente os meninos pobres e ricos a ler, a escrever e a viver cristãmente como bons católicos e, aos que o quisessem, os princípios rudimentares da língua latina e, aos que tivessem as devidas inclinações, o canto da Igreja e as belas cerimônias do Ofício Divino. Nessa *Memória* espande o gênio católico e pedagógico de São Pedro Fourier, verdadeiro apóstolo da educação

popular na França no início da Idade Moderna, quando muitos espíritos se achavam desorientados devido ao paganismo de certos humanistas, à incoerência de vida de muitos eclesiásticos e, principalmente, por causa das perturbações determinadas pela difusão das idéias luteranas e calvinistas. Estas idéias levaram às guerras de religião que espalharam pela França o ódio, a morte, a desolação, a ignorância religiosa com a sua seqüela de maus costumes. São Pedro Fourier foi um homem providencial, um santo religioso e grande educador.

Capítulo XVI

Educadores germânicos

Gregório de Heimbürg

Jurisconsulto e político alemão, nasceu em Würzburg no começo do século XV, e morreu em Dresde em 1472. Como secretário de Enéias Silvius (Pio II), participou do Concílio de Basileia mas perdeu o emprego por ser contrário às disposições do Papa e, em 1435, passou a praticar a advocacia em Nuremberg. Conselheiro do duque Sigismundo da Áustria, compareceu como seu representante à Assembléia de Mantua onde se incompatibilizou com Pio II e foi excomungado. Heimbürg conseguiu a absolvição dessa penalidade do papa Sisto IV, anos mais tarde, depois de haver prestado serviços ao rei hussita Jorge Podiebrad (+ 1471), e quando já se achava em Dresde, na corte do príncipe da Saxônia. Heimbürg promoveu o estudo da literatura clássica. Os seus escritos foram publicados com o título de *Scripta nervosa juris iustitiaeque plena, ex manuscriptis nunc primum edita* (Frankfort, 1608).

Peter Luder

Originário de Kislau, nasceu no início do século XV. De volta da sua peregrinação pela Itália, sentiu-se chamado a ensinar latim clássico aos "bárbaros" alemães. O Príncipe Eleitor Friedrich von der Pfalz chamou-o em 1456 para Heidelberg, a fim de lecionar na universidade onde passou a difundir o seu ideal e o programa dos estudos dos humanistas. O fundamento dos estudos, ensinava Luder, eram os *studia humanitatis*, e o currículo compreendia gramática, dialética, retórica, física, astronomia, medicina e, depois, ética e teologia. Luder permaneceu em Heidelberg até 1460 e, depois, lecionou em Erfurt, Leipzig e Basileia. Nesta última cidade lecionou Poética e Retórica. Ele foi, segundo Willy Moog, o representante da plêiade de mestres peregrinantes das letras clássicas. Assinale-se, de passagem, que na mesma época de Pedro Luder viveu o medíocre poeta latino Samuel Karoch von Lichtenberg, que pronunciava bombásticas conferências em várias universidades germânicas.

Johann Wessel

Nasceu em Groninga em 1419 ou em 1420 e morreu na mesma cidade a 4 de outubro de 1489. Ficou órfão cedo, e dele cuidou a distinta senhora Oda ou Odila Clautes que o enviou junto com o próprio filho para o internato dirigido pelos Irmãos da Vida Comum de Zwolle. Aí Wessel estudou a fundo o latim, a Bíblia e os Santos Padres. Estudou em Colônia, Lovaina e em Paris. Em 1470 foi para a Itália onde ficou pouco tempo e donde voltou para ser professor da Faculdade de Artes de Heidelberg. Residiu em vários conventos, principalmente no dos agostinianos de Adivert. Foi um incentivador dos estudos clássicos.

Albrecht von Eyb

Nasceu a 24 de agosto de 1420 em Sommersdorf, na Francônia, e morreu a 24 de julho de 1475 na qualidade de cônego da catedral de Eichstätt. Escreveu sobre a vida conjugal, *Ehebuch* (1472). Muito versado na literatura clássica, Albert compôs uma antologia latina, *Margarita poetica*, e uma crestomatia moral, *Spiegel der Sitten*, apoiada principalmente em autores eclesiásticos. Eyb estudou em Bolonha e Pavia, e procurou iniciar os seus compatriotas na literatura latina e no Renascimento italiano. Apresentou no livro sobre o matrimônio um resumo da novela de Boccaccio *Guiscardo* e da *Marina* e, como apêndice ao *Spiegel der Sitten* (1511) a tradução de *Philogenia* de Ugolini e mais duas comédias de Plauto, *Menaechmi* e *Bacchides*.

Alexander Heglius

Nasceu em Heek provavelmente em 1433 e morreu em Deventer em 1498. Tomou seu nome da cidade de Heek (Westfália). Foi educado por Tomás de Kempis e aluno de Agrícola. Em 1469 foi prefeito da Escola de Wesel, em 1474, da escola de Emmerich e, logo depois, da escola de Deventer. Procurou melhorar os livros didáticos, animou os alunos ao estudo, protegeu os pobres e, já idoso, ordenou-se sacerdote. Heglius introduziu no ensino os clássicos latinos, e procurou ensinar aos seus alunos a língua grega clássica. Foi professor do famoso Erasmo de Roterdã. Seus *Opuscula* foram editados por Fabrício em Deventer, em 1503.

Rudolf von Langen

Nasceu em Everswinkel (Westfália) em 1438 e morreu em Münster em 1519. De família nobre, educou-se em Deventer. Estudou na Uni-

versidade de Erfurt, e viajou para a Itália em 1466, onde se relacionou com muitos humanistas, tendo passado a esposar-lhes as idéias. Retornou a Münster, onde era cônego, e passou a incentivar o novo saber humanístico entre os seus discípulos e amigos. Rudolf escreveu um poema sobre a destruição de Jerusalém, tratados piedosos como as *Horas de Sancta cruce* (1496), e um epitáfio de Alberto Magno.

Rudolf Agricola

Chamado com mais propriedade de Roelof Huysman e apelidado de "segundo Virgílio", nasceu em 1443 em Bafloo, perto de Groninga, na Frísia. Estudou nas universidades de Lovaina e Paris e, de 1473 a 1480, em várias cidades italianas, principalmente em Ferrara. Em 1483, por influência do amigo Johann von Dalberg, bispo de Worms, foi indicado pelo Eleitor Palatino Felipe II para a cátedra de filosofia da Universidade de Heidelberg. Agricola faleceu a 27 de outubro de 1485. Foi grande animador dos estudos humanísticos. Conhecia a fundo a filosofia e as línguas clássicas. Difundiu o conhecimento do grego e dedicou-se à teologia, à pintura e à música. Deixou poesias, orações, traduções de obras gregas, numerosas cartas e a obra *De inventione dialectica*.

João Geller von Kaisersberg

Nasceu em Schaffhausen em 1445 e morreu em Estrasburgo em 1510. Estudou com o avô em Kaisersberg (Alsácia) e fez os cursos de filosofia e teologia em Friburgo e Basileia. Em 1478 foi nomeado pregador da catedral de Estrasburgo, e inspirava-se nas obras de Gerson para desancar os vícios do seu tempo. Deixou, preparado por ele mesmo, o sermão *Der Seelen Paradies* (Estrasburgo, 1510) e, talvez, um outro intitulado *Christenliche Pilgerschaft* (Basileia, 1512) e, ainda, vários outros preparados por outras pessoas. Exerceu ampla ação formativa no seio do povo através das suas pregações.

Jacob Wimpfeling

Nasceu em Schlettstadt a 26 de julho de 1450, e morreu nessa mesma cidade a 17 de novembro de 1528. Estudou em Friburgo, Erfurt e Heidelberg humanidades, teologia e direito e, desde 1484 até 1498, viveu no palácio do bispo de Espira (Speyer). Até 1500 ensinou retórica e poética na Universidade de Heidelberg. Residiu depois em Estrasburgo, desde 1503 em Basileia e, de novo, em Estrasburgo,

Friburgo, Heidelberg e, desde 1515, em Schlettstadt. No escrito *Gravamina* expôs os abusos do clero mas conservou-se afastado dos reformadores. Publicou, ainda, *Germania* (1501) em que nega à França direitos sobre a Alsácia, e recomenda ao magistrado de Estrasburgo a fundação de escola com o ensino do latim, da geografia, da ciência militar e da economia agrícola. A obra *Eptoma rerum germanicarum usque ad nostra tempora*, 1505, foi o primeiro ensaio de história da Alemanha. *Stylpho*, de 1470, é uma comédia latina. Deixou, ainda, os livros: *Escritos pedagógicos*, editados em 1892 em Paderborn; o *Isidoneus Germanicus* (1496), crítica à vulgar escolástica rançosa do seu tempo com a recomendação da leitura direta dos clássicos após o estudo preliminar da gramática; *Adolescentia* (1498), com o apontamento de que a salvação da Igreja reside na formação do caráter cristão, no combate aos defeitos dos métodos de ensino, junto com a apresentação do programa ideal para a instrução breve e satisfatória da juventude.

Johann Reuchlin

O "Fênix da Germânia" foi o maior humanista nórdico depois de Erasmo. Começou a estudar grego em Paris com Tardif e Gaguin e, depois, com Hermônimo. Nasceu em Pforzheim em 1450. Viveu em Stuttgart como advogado e secretário particular do conde Eberhard e, já idoso, foi professor universitário em Ingolstadt e Tubinga. Esteve na Itália em 1482 e 1490. Em Tubinga celebrizou-se no ensino do grego e do hebraico. Aos 20 anos publicou um dicionário latino e um escrito sobre o acento e a ortografia da língua hebraica. Datam de 1506 os seus rudimentos da língua hebraica. Instigado pelo judeu convertido Pfefferkorn, os dominicanos de Colônia pretendiam queimar todos os livros hebraicos, enquanto Reuchlin, consultado em outubro de 1510, achava que só se deviam destruir as obras injuriosas ao Evangelho. Pfefferkorn escreveu a obra *Handspiegel* contra Reuchlin, que lhe respondeu com o seu *Augenspiegel* (1511). Por instigação do dominicano Hoogstraten de Lovaina e de Arnaldo de Tungern, a obra de Reuchlin, condenada pela Inquisição de Malença (1513), foi queimada pela Faculdade de Colônia como judaizante e atentatória à doutrina cristã. Pfefferkorn escreveu, então, o violento libelo *Brandspiegel*. Reuchlin era protegido de Jorge, conde Palatino e bispo de Spira, mas tinha contra si mesmo as universidades de Colônia, Lovaina, Malença, Erfurt e Paris, que o censuraram em 1514. Depois dos apelos sucessivos feitos por Reuchlin e Hoogstraten, Leão X nomeou uma Comissão pontifícia que impôs silêncio aos adversários de Reuchlin (1515), que não se conformaram com essa

medida. Nesse mesmo ano surgiram as *Epistolae obscurorum virorum*, publicadas por Hutten, mas atribuídas velhacamente a célebres teólogos e nas quais o autor caçoava dos frades dominicanos de Colônia por serem adversários do humanismo... A polémica suscitada por essa obra prolongou-se. Estalou, então, a revolta de Lutero. Leão X anulou a sentença do bispo de Spira favorável a Reuchlin e condenou a sua obra *Augenspiegel* (1520). Mais tarde, Hutten aliou-se a Lutero, enquanto Reuchlin permaneceu fiel à Igreja Católica, tendo falecido em 1522. Além das obras já mencionadas, deixou o livro *O Verbo Místico*, publicado em 1496, e que é uma síntese do pensamento judaico do Talmud e da Cabala. Na História da Educação, além dos seus méritos de helenista, Reuchlin interessa mais ao estudioso devido ao fato de ter sido o estopim das *Litterae obscurorum virorum* que, apesar do seu veneno destilado pela *rabies theologica*, situa-se no âmago da polémica em torno dos estudos clássicos.

Sebastião Brant

Nasceu em 1458 em Estrasburgo, de família burguesa. Com 18 anos foi estudar letras e direito em Basileia. Estudou com entusiasmo os clássicos e, desde 1489, ensinou direito e humanidades em Basileia. Quando esta cidade passou a pertencer à Suíça, após a batalha de Dornach (1499), Brant voltou à terra natal e passou a desempenhar cargos públicos e missões diplomáticas. No afã de promover os estudos clássicos, publicou as obras de Virgílio, Petrarca, de juristas romanos e de alguns Padres da Igreja. Escreveu poesias latinas e obras de Direito. Brant tornou-se famoso com o poema satírico-didático *Das Narrenschiff*, A nau dos insensatos (Basileia, 1494), o poema mais popular do século XV, escrito em dialeto alsaciano. Nessa obra o poeta descreve uma viagem de loucos encerrados num navio que demandava a Narragônia, e critica e combate por meio do ridículo os vícios do seu e de todos os tempos com escarnecer dos juizes injustos, dos avaros, dos escravos da moda, dos caturras, dos intemperantes, dos intrigantes, etc. Brant preconizava o poder absoluto do Império, desejava a reforma da Igreja, mas foi adversário da reforma luterana. Morreu em Estrasburgo em 1521. Erasmo imitou-o no *Elogio da Loucura*.

Conrado Pickel

Conhecido entre os humanistas por Celtis ou Celtes Protucius, filho de lavradores, nasceu em Wipfeld do Main em 1459, e morreu em Viena em 1508. Adolescente ainda, fugiu de casa, e em 1477 foi para

Colônia, e em 1484 para Heidelberg, onde travou amizade com Agrícola, que foi seu mestre. Foi para a Itália em 1487 onde recebeu de Frederico III as honras de poeta laureado. Esteve em Cracóvia, Budapeste e Lübeck. Lecionou retórica e poética em Ingolstadt, de 1492 a 1497. Passou a Viena onde pronunciou conferências de história e geografia, fundou a biblioteca da corte e dirigiu um *Collegium Poeticum*. Foi precursor do humanismo na Alemanha, e fundou várias academias: a *Sodalitas litteraria Vistulana*, a *Hungariana* em Budapeste, a *Danubiana* em Viena e a *Rhenana* em Mogúncia e em Heidelberg. Conrado Celtis descobriu as obras da monja medieval Rosvita, o poema histórico *Ligurinus* e compôs várias obras poéticas em latim, tendo imitado principalmente Ovídio e Horácio.

Erasmus de Roterdã

Desiderius Erasmus nasceu na noite de 27 a 28 de outubro de 1469, em Roterdã, na Holanda. Era filho natural de Gerardius ou Geert, de Praël, que morreu quando o filho contava quinze anos. O menino ficou conhecido pelo nome de Gerardo, filho de Gerardo (Geert ou Geerts em holandês), e adotou mais tarde o nome de Desidério Erasmo (*erasmos* em grego significa amável, gracioso, digno de ser amado). Sua mãe, Margarida, era filha de um médico de Zevenbergen. Erasmo frequentou, em 1476, a escola de Peter Winckel em Gouda, tornou-se aluno da escola capitular de Utrecht em 1478. Nesse mesmo ano ingressou na famosa escola de Deventer dirigida pelos Irmãos da Vida Comum e da qual Alexandre Hegius se tornou diretor em 1483. Neste ano voltou a Gouda, quando lhe morreu a mãe. No ano seguinte, com o falecimento do pai, Erasmo foi confiado a três tutores e enviado a uma escola medíocre e atrasada de Bois-le-Duc. Em 1487 visitou o convento dos cônegos regulares de Santo Agostinho em Steyen, agradou-se da vida monástica, ingressou na Ordem e pronunciou os votos em 1488. No ano seguinte aprofundou-se nos estudos clássicos. Foi ordenado sacerdote em 1492, e no colégio Montagu de Paris foi estudar teologia em 1495, ao mesmo tempo que dava aulas particulares de latim e grego, lia os clássicos e dedicava-se à leitura da obra de Lourenço Valla. Erasmo viajou muito através da Europa e mudou constantemente de residência, como um peregrino do saber. Em 1499, a convite de Lord Mountjoy, foi para a Inglaterra. Nessa primeira estada em Oxford e em Londres travou relações com John Colet, Thomas More e, provavelmente, com Thomas Grocyn e Thomas Linacre. Ambos tinham estado na Itália e haviam ensinado grego em Oxford. Erasmo voltou a Paris e, em 1500, concluiu os seus

primeiros *Adagia*, provérbios e sentenças de autores clássicos, quando esteve em Lovaina (1502-1505). Erasmo publicou, então, os *Diálogos* de Luciano, e compôs o *Enchiridion Militis Christiani*, Manual do soldado cristão, um livro de piedade prática. Depois de outra visita à Inglaterra, Erasmo viajou para a Itália e entabulou relações com os humanistas de Florença, Pádua, Veneza e Roma. Foi amigo e beneficiário do célebre impressor Aldo Manuccio de Veneza. Na Inglaterra, em 1509, da casa de São Tomás More, fez publicar o *Moriae Encomium* (O Elogio da Loucura). A convite do bispo John Fisher, Erasmo lecionou teologia em Cambridge, deu aulas de grego para principiantes, e preparou textos para a escola de São Paulo em Londres (1510), dirigida por John Colet. Nessa época editou os *Disticha Catonis* e fez a revisão da *Gramática Latina* de William Lily. Preparou em Cambridge textos do *Novo Testamento* grego e das *Cartas* de São Jerônimo, publicados posteriormente em Basileia. Erasmo deixou a Inglaterra em 1514. Morou em Basileia de 1521 a 1528, tendo abandonado a cidade a 13 de abril de 1529, já que ela aderira ao luteranismo. Retirou-se para Friburgo, cidade católica onde permaneceu durante 6 anos. Polemizou com Lutero sobre a liberdade humana, tendo escrito contra o ex-monge agostiniano o *De libero arbitrio* e o *Hyperaspistes*. A 12 de fevereiro de 1536 tomou as últimas providências relativas aos seus bens e às suas obras, fez muitos donativos aos pobres e aos doentes, e morreu rodendo pelos seus amigos mais fiéis na noite de 11 para 12 de julho de 1536 na casa familiar do seu amigo, o impressor Froben.

As doutrinas educacionais de Erasmo foram tomadas de Quintiliano, Plutarco e das práticas didáticas da sua época e cujos defeitos criticou. Erasmo propõe que se inicie bem cedo a educação das crianças, destaca o papel da mãe da primeira educação e recomenda a instrução das meninas. Ele insiste na instrução religiosa e prescreve práticas de piedade no diálogo *Libellus novus et elegans...* (*Piedade Pueril*), assim como realça a importância da civilidade e defende um tipo de ensino agradável e atraente. Da sua vasta produção, avultam excelentes escritos pedagógicos: *De ratione studii et instituendi pueros commentarii*, O método do estudo (Paris, 1512); *Instituto Principis Christiani*, A educação do Príncipe cristão (1516); *Colloquia*, Colóquios (1523); *Christiani Matrimonii Institutio*, O matrimônio cristão (1526); *Ciceronianus*, O Ciceroniano, (1528); *Libellus novus et elegans de pueris statim ac liberaliter instituendi*, Da educação precoce e liberal das crianças (Basileia, 1529); *De civilitate morum puerilium*, Tratado de civilidade (Friburgo, 1530), vários outros opúsculos, e vasto e preciosíssimo epistolário.

Hermann von den Busch

Armínio de Busch, humanista alemão chamado de Pasipylus, nasceu no castelo Sassenberg (Münster), em 1468, e morreu em 1534. Foi aluno de Alexandre Heglius na famosa escola dos Irmãos da Vida Comum, em Deventer, e de Agrícola, em Heidelberg, de 1486 a 1491. Hermann viajou pela Itália, França e Alemanha, e lecionou nas universidades de Rostock, Greifswald, Wittenberg, Leipzig e Colônia (1508). Nesta cidade escreveu em 1518 a famosa obra *Vallum Humanitatis* em defesa do humanismo. Na controvérsia suscitada pelas *Cartas dos Homens Obscuros*, tomou o partido de Reuchlin e uniu-se, depois, a Lutero e a Hutten. Esteve, também, na Inglaterra e na Holanda e lecionou em Marburgo (1526). Deixou, ainda, a sátira *Oestrum* e vários epigramas.

Konrad Mutianus Rufus

O humanista Mutianus acrescentou ao seu nome a expressão *rufus*, ruivo, devido à cor do seu cabelo. Nasceu em Homberg (Cassel) em 1471 e faleceu em Gotha em 1526. Aprendeu as humanidades com Heglius em Deventer, estudou em Erfurt, e fez o curso de direito na Itália onde morou de 1495 até 1502, tendo obtido o doutoramento em Bolonha. Mutianus Rufus influenciou os escritores alemães da época e organizou um círculo de humanistas integrado por Hesse, Crotus Rubeanus, Justus, Jonas, Reuchlin e Erasmo. Só deixou cartas dirigidas na sua maior parte a estudantes e só publicadas por K. Krause em 1885 e por K. Gilbert em 1890.

Heinrich Bebel

Nasceu à roda de 1475 em Ingstetten no Württemberg de família de camponeses. Estudou direito em Cracóvia e em Basiléia. Em 1497 foi nomeado professor de retórica e poética em Tubinga e coroado poeta pelo Imperador Maximiliano em Innsbruck em 1501. Bebel lecionou até a morte em Tubinga, à volta de 1518. Foi um dos mais luzentes latinistas da época. Deixou tratados de gramática e obras de métrica: *Ars versificandi*, 1506; *Commentaria epistolarum conficiendarum* (1503), traduziu para o latim provérbios populares, e o seu trabalho mais célebre foi a obra satírica *Triumphus Veneris* (1509) em que desfilam todas as camadas sociais, a começar pelo papa e pelo clero, como escravos de Vênus. No magistério consagrou-se, outrossim, como professor de retórica.

Johann Murmelling ou Murmellius

Brudito e pedagogo holandês, também chamado de Murmelis, nasceu em Roermonde, à roda de 1479, e morreu em Deventer em 1517. Discípulo de Alexandre Hegius, dirigiu-se a Münster em 1498. Em 1501 tornou-se professor da escola catedral, em 1509 reitor da *Ludgerischule* e, em 1513 reitor de Alkmar, tendo partido em 1517 para Deventer. Murmellius escreveu muitos livros de textos escolares, tal como *Versificatoriae artis rudimenta* e *Pappa puerorum* que tiveram várias edições. Editou as *Sátiras* de Pérsio e o livro *De consolatione philosophiae* de Boécio. Aderiu publicamente a Reuchlin na luta contra os inimigos do humanismo com a obra *Scoparius in barbariei propugnatores et humanitatis osores*. Publicou o *Enchiridion scholasticorum*, os *Elegiarum moralium libri IV* (1508), e o *De discipulorum officiis*. Murmellius deixou, ainda, poemas latinos como a *Descriptio urbis Monasteriensis* (1502).

Johann Bugenhagen

Chamado pelos contemporâneos de *Doctor Pomeranus*, Bugenhagen foi o mais ardente defensor da reforma da Igreja alemã, juntamente com Lutero e Melanchthon, aos quais superou quanto às realizações em prol das escolas protestantes germânicas. Nasceu a 24 de junho de 1485, em Wollin, e morreu, em Wittenberg, a 20 de abril de 1588. Estudou em Greifswald, foi nomeado em 1504 reitor da escola de Treptow, que dirigiu durante anos, e em 1517 foi professor de Sagrada Escritura dos religiosos premonstratenses de Belbog. Por encargo do rei Boleslau X escreveu a *História da Pomerânia* em 4 livros, impressa em 1728 por Balthasar. Bugenhagen não recebeu boa formação teológica e foi influenciado pelas idéias de Erasmo. Depois de haver lido a obra de Lutero *De captivitate babilonica*, aderiu em 1520 ao luteranismo em Wittemberg onde explicou os salmos, casou-se (1522), obteve uma paróquia (1523) e uma cátedra de teologia na Universidade. Bugenhagen polemizou com os protestantes suíços sobre a eucaristia e labutou ardentemente a favor do luteranismo. Ajudou Lutero na tradução da Bíblia e pronunciou a sua oração fúnebre a 22 de fevereiro de 1546. Organizou as igrejas protestantes na Saxônia e em Brunswick (1528), Hamburgo (1528-29), Lübeck (1530-32), Treptow (1534), em toda a Pomerânia e na Dinamarca (1537-39). Deixou muitas obras religiosas e cartas.

No terreno da educação Bugenhagen redigiu regulamentos escolares e prescreveu a piedade, as letras e os trabalhos manuais. Os professores eram pagos pelos pais que dispunham de recursos e os alunos

pobres tinham os estudos custeados pelos cofres públicos. No regulamento de Bugenhagen atendia-se à educação feminina, e planejaram-se escolas elementares de alemão ao lado das escolas latinas. Essas leis escolares podem ser lidas na obra de Frederick Ebby, *Early Protestant Educators*. Esses planos escolares não conseguiram, no fim das contas, implantar a escola popular na Alemanha do século XVI, uma vez que a Guerra dos Trinta Anos acabou com esses primeiros e animosos ensaios de renovação escolar.

Eobanus Hessus

Nasceu no Grão-Ducado de Hesse do qual tomou o sobrenome em lugar do nome *Koch*. Foi chamado de *Helius* por ter nascido num domingo — dia do sol — a 6 de janeiro de 1488 em Halgehausen ou, segundo outros, em Bockendorp. Diz-se que morreu, em consequência de excessos de bebida, a 4 de outubro de 1540 em Marburgo. Estudou em Erfurt onde passou a lecionar letras latinas em 1517. Com o advento da reforma luterana passou para o lado de Lutero, que o chamou de *rex poetarum*. Eobanus continuou a ensinar letras em Nuremberg e em Marburgo. Traduziu a *Ilíada* (Basiléia, 1540) e os *Salmos* (Marburgo, 1537), tendo deixado, ainda, outras traduções e muitas cartas.

Ulrich von Hutten

Nasceu a 21 de abril de 1488 no castelo de Steckelberg, perto do mosteiro de Fulda, em que entrou por imposição da vontade paterna em 1499, e donde saiu em 1505 a fim de se dedicar às letras. Seu pai foi o cavaleiro Ulrico de Hutten e sua mãe, Otília de Eberstein. Em Colônia estudou com João Rhagius e em Erfurt aprendeu latim e grego com Eobanus Hessus e Maternus Pistoris. Pervagou as cidades de Francfurt-sobre-o-Oder, Leipzig, Greifswald, Rostock, Viena, Pavia, Bolonha, Roma e Veneza, empregando o tempo em estudos e travando relações com os humanistas. Hutten era indiferente às questões teológicas e aderiu a Lutero por motivo político, por nacionalismo germânico. Foi adversário dos príncipes e odiava Roma e só defendia a classe dos cavaleiros a que pertencia. Tomou o partido de Reuchlin contra os dominicanos de Colônia e compôs, em 1514, o poema *Triumphus Capitonis* em que denuncia os adversários do humanismo como inimigos do saber. No início de 1516 publicou as *Epistolae Obscurorum virorum*. Em 1517, de volta a Alemanha, foi nomeado poeta e professor universitário, e entrou a serviço do arcebispo Alberto de Mogúncia, protetor e amigo dos humanistas e de quem se afastou

em 1519. Depois de haver combatido os príncipes católicos e a Igreja com a pena e com a espada, vítima da sífilis, morreu na ilhota de Ufnau na noite de 31 de agosto de 1523. Além de ter sido ardente propagador do humanismo, Huiten deu caráter político à revolta religiosa de Lutero.

Valentin Friedland Trotzendorf

Chamado de Trotzendorf (Trocedorfius), devido ao lugar do seu nascimento, perto de Görlitz, na Silésia Prussiana, onde veio à luz a 14 de fevereiro de 1490 no seio de família muito pobre, foi um dos mais preclaros educadores luteranos. Conseguiu estudar em Görlitz e aí se tornou mestre-escola. Enquanto tirava o sustento do ensino particular, estudou sob a orientação de Lutero e de Melanchthon. Tornou-se professor na escola de Goldberg, na Silésia, e reitor da mesma em 1524. Depois de 3 anos foi enviado a Liegnitz, donde voltou a Goldberg em 1531 e aí teve uma gloriosa carreira de educador. Fez dos alunos mais adiantados professores das classes elementares. A escola e o ensino eram administrados pelos próprios alunos. Procurou fazer da escola uma pequena república romana. Os alunos eram distribuídos em ordens, tribos e classes. As ordens eram divididas em decúrias em que se elegiam os respectivos decurhões. Trotzendorf era o "Dictator perpetuus" e, a cada mês, elegiam-se entre os alunos um "cônsul", 12 "senadores" e 2 "censores". As lições do dia anterior eram tomadas durante uma hora por dia. Havia freqüentes exames e disputas, e cada aluno devia escrever dois *exercitia styli* por semana, um em prosa e outro em versos, que eram cuidadosamente corrigidos por Trotzendorf. Depois de uma vida dedicada inteiramente ao ensino, o ilustre educador faleceu a 20 de abril de 1556.

Felipe Melanchthon

Foi um consumado humanista e coadjutor de Lutero no movimento da reforma protestante. Nasceu em Bretten do Palatinado, a 16 de fevereiro de 1497, e faleceu em Wittemberg, a 19 de abril de 1560. Era filho de Jorge Schwarzerd, armeiro, e sua mãe, Barbara Reuter, era sobrinha de Johann Reuchlin. A conselho do tio, Felipe trocou o sobrenome paterno pela sua tradução em grego *Melanchthon*, pois Reuchlin observara a precoce inclinação do sobrinho para o estudo da língua grega, tanto que Felipe aprendeu muito bem com doze anos a gramática grega que o tio lhe dera de presente. Melanchthon estudou com Georg Simler na escola latina de Pforzheim. Em 1509 foi para Heidelberg cuja universidade era abrilhantada pela influência de

Dalberg, Agrícola e Wimpheling. Em 1512 foi para Tubinga onde se tornou mestre em Artes em 1514 e se dedicou ao ensino até 1518. Foi influenciado pelos escritos de Agrícola e de Erasmo. Em 1518 foi para Wittenberg em cuja universidade obteve a cátedra de grego por indicação do seu tio-avô Reuchlin. Nesse mesmo ano publicou a sua gramática grega *Institutiones Grammaticae graecae*, quando contava 21 anos. Em 1525 Melanchthon publicou a sua *Grammatica Latina*. Na sua aula inaugural na Universidade de Wittenberg, *De corrigendis adolescentiae studiis*, Melanchthon forneceu preciosas informações sobre a situação escolar do seu tempo e propugnou a reforma da universidade, ao mesmo tempo que no *De miseris paedagogorum* descreve o deplorável quadro da instrução nas escolas elementares da época. Nas suas aulas, o erudito Melanchthon explicava textos de Cícero, Homero ou Aristóteles. Depois de travar amizade com Lutero nesse mesmo ano de 1518, o seu interesse voltou-se, também, para a teologia. Sempre foi amigo do feroz reformador, mas depois dissentiu de muitas das suas opiniões, haja vista a sua simpatia pela doutrina aristotélica execrada por Lutero. Juntamente com este e com Bugenhagen, em 1527 e 1528, Melanchthon inspecionou as escolas da Turíngia e da Saxônia, tendo elaborado, em seguida, o *Livro da Inspeção* que contém o "Plano saxônico de estudos", que passou a figurar entre as obras de Lutero. Esse regulamento foi a primeira lei escolar da reforma luterana. Em matéria de currículo dispunha-se que só se devia ensinar o latim, excluindo-se o estudo do alemão, do grego e do hebraico, para que o aluno concentrasse esforços numa só área. A escola comportaria três graus com os respectivos objetivos, currículos e métodos. No primeiro grau os meninos deviam aprender a ler no *Pequeno Catecismo* de Lutero, e aí se estudariam as palavras latinas. No segundo grau ou classe estudava-se a gramática latina e liam-se os autores de fácil interpretação, consagrando-se um dia por semana para o ensino religioso. No terceiro grau ou classe terminava-se o estudo da gramática latina, liam-se autores mais difíceis e ensinavam-se prosódia, dialética e retórica.

Melanchthon passou a ser o consultor pedagógico dos luteranos quanto à fundação de escolas em várias cidades, assim como preparou manuais de gramática latina, retórica e dialética. Planejou a organização das universidades de Wittenberg e Tubinga, assim como a fundação de outras como Marburgo (1527), Koenigsberg (1544) e Jena (1548). Foram seus discípulos Valentin Trotzendorf e Johann Sturm. Melanchthon casou-se em 1520 com Catarina Krapp, filha do burgo-mestre de Wittenberg. O pequeno e feioso Melanchthon introduziu a educação humanística no sistema de ensino protestante e foi chamado de *Praeceptor Germaniae*. Além de escrever várias obras teológicas

como os *Loci communes rerum theologicarum*, seu *Hypotyposes theologicae*, que é um metódico e sólido catecismo teológico, Melanchthon deixou várias obras didáticas, discursos de alto valor pedagógico e literário, os *Philosophiae moralis epitomes libri duo* e o *Liber de anima* (De sensibus interioribus), de 1553. A sua atividade educacional ateve-se principalmente aos estudos humanísticos e eruditos.

Johann Sturm

Nasceu em Schleiden, na Alemanha, a 1 de outubro de 1507, e morreu em Estrasburgo a 3 de março de 1589. Foi o fundador do Ginásio alemão. Foi um dos 13 filhos de Guilherme e de Gertrudes Sturm. Seu pai era burgo-mestre de Schleiden e sua mãe era tida por mulher muito distinta, *femina lectissima*. Sturm iniciou os estudos na escola palatina de Earl de Manderschied. Estudou, em seguida, de 1522 a 1524, com os Irmãos da Vida Comum em Liège, na Bélgica, que deixou para entrar na Universidade de Lovaina. Daí seguiu para o *Collège de France*, em Paris, onde estudou medicina por 2 anos e se casou. Em 1537, graças à fama de humanista, foi convidado pelos magistrados de Estrasburgo para organizar uma escola de latim clássico. Sturm apresentou o seu plano que foi aprovado a 7 de março de 1538. O Ginásio de Estrasburgo foi aberto a 22 de março do mesmo ano, sendo Sturm o seu reitor e nesse cargo se manteve por 43 anos. A 1 de maio de 1567 o ginásio tornou-se o Colégio de Estrasburgo, e Sturm foi nomeado "reitor perpétuo". A escola de Sturm baseava-se no plano de Melanchthon e destinava-se aos filhos dos nobres e ricos. Segundo Sturm, o objetivo da educação era a *pietas*, a fé que reunisse a sabedoria e a eloquência, *ratio atque oratio*, e procedesse da harmonia dos conhecimentos reais e da elegância do estilo, enfim, das letras e das ciências. O ensino abrangia dois graus: o *pueril*, em nove anos — em 1565 acrescentou-se o 10.º ano — com aulas obrigatórias e contínuas, e o *adulto*, em 5 anos, com aulas públicas e livres. A língua escolar era o latim, e a língua vernácula só se usava no primeiro ano, no curso de instrução religiosa. A ênfase do ensino recai na gramática, no estudo da sintaxe latina e grega com o recurso aos melhores autores clássicos e cristãos. Sturm aderiu à reforma luterana, depois incompatibilizou-se com os próceres luteranos de Estrasburgo, escreveu um panfleto contra eles em 1583, foi despedido do cargo de "reitor perpétuo" e morreu na pobreza. As suas principais obras são o plano do Ginásio de Estrasburgo *De litterarum ludis recte apertendis*, *Liber unus* (O modo correto de abrir escolas de letras) e as cartas clássicas ou "cícerosturmanianas", *Epistolae*, com instruções para os professores de humanidades. Sturm, como observa o histo-

riador Frederico Dittes, foi um professor filólogo, sobretudo latinista, que não conhecia o ensino da língua alemã e só admitia conversas em latim.

Antes de encerrar este capítulo sobre os educadores germânicos, convém aludir, ainda, a outro discípulo de Melanchthon que, juntamente com Trotzendorf e Sturm, formou a tríade educadora luterana dos primórdios da reforma protestante na Alemanha, a saber, Miguel de Neander, que nasceu em 1525 e morreu em 1595. Neander dirigiu a antiga e famosa escola monástica de Ilfeld, no Hartz, de 1550 até o ano da sua morte, ou seja, durante 45 anos. Ele teve um grande mérito pedagógico que, sob certo aspecto, o situa acima dos seus dois colegas luteranos, uma vez que estes achavam que as ciências deviam ser estudadas nos livros, por exemplo, de Aristóteles, Euclides, Plínio, etc. Neander, ao contrário, sem negligenciar o estudo das línguas achava que as ciências deviam ser aprendidas através da observação das próprias coisas reais, e tomou a peito o ensino das ciências naturais, da geografia e da história, de acordo com métodos adequados, e dando sempre ênfase, na aquisição do conhecimento, à observação, à intuição e à experiência.

Capítulo XVII

Educadores ingleses

O Renascimento na Inglaterra começou tão cedo quanto na França e na Alemanha, mas o seu ápice ocorreu no século XVI.

Geoffrey Chaucer (1320?-1400) fez quatro viagens à Itália e familiarizou-se com as obras de Petrarca e Boccaccio. Nos *Canterbury Tales* Chaucer retratou trinta peregrinos, e cada um deles representa uma classe da sociedade inglesa e exprime em inglês o espírito do alvorecente nacionalismo britânico. Em *Troilus and Criseyde*, adaptação de *Il Filostrato* de Boccaccio, Chaucer revelou algo do seu amor pelos clássicos como Virgílio, Ovídio, Homero, Lucano e Estácio.

Pioneiro da literatura inglesa foi o contemporâneo de Chaucer, William Langland, autor do famoso poema *Piers the Ploughman*. Langland, nascido à roda de 1332, viveu em Londres, com a esposa e a filha, em grande pobreza e compôs um poema com visões simbólicas do Reino da Inglaterra e do Reino do Céu. O seu herói, Piers Plowman, é apresentado como frugal e honesto camponês cuja pureza de vida contrastava com os abusos da sua época.

No século XV a imprensa foi introduzida na Inglaterra, em Westminster, 1477, e em Londres, Oxford e Santo Albano, e a invenção de Gutenberg divulgou rápida e amplamente os autores clássicos na terra da verde Albion.

Humphrey of Gloucester

Humphrey, duque de Gloucester, quarto filho de Henrique, conde de Derby (mais tarde Henrique IV), nasceu em agosto ou em setembro de 1390 e faleceu a 23 de fevereiro de 1447. Humphrey foi o mais influente promotor inicial do humanismo na Inglaterra. Embora tenha sido um estudante medíocre, cresceu no seio de uma família em que reinava o amor aos livros, pois seu pai e seus irmãos, o rei Henrique V e João, duque de Bedford, eram bibliófilos. Humphrey fez ir para Inglaterra Tito Lívio Frulovisi, discípulo de Guarino de Verona, na função de poeta e orador. Frulovisi difundiu a mentalidade humanística, redigiu em latim a biografia do falecido rei Henrique V, escre-

veu comédias latinas, e enriqueceu a biblioteca do duque de Gloucester com livros, manuscritos e traduções. Em 1440 Humphrey doou à Universidade de Oxford perto de 300 manuscritos e, após a sua morte, a sua coleção de livros latinos parece ter cabido à Universidade de Cambridge. Devido ao seu benemérito labor cultural, Humphrey de Gloucester foi considerado o "patrono do humanismo inglês".

William Grocyn

Nasceu em Colerne, Wiltshire, à volta de 1449, e morreu cerca de outubro de 1519. Grocyn foi tido como o principal humanista e professor na Inglaterra do seu tempo e foi amigo de Colet, Erasmo e Tomás More. Estudou no Winchester College (1463-65), e no New College de Oxford, desde 1465, e aí trabalhou de 1467 a 1481. Iniciou o estudo do grego em Oxford e foi aperfeiçoar-se nessa língua em Florença com Calcôndilas e Policiano, tendo passado depois a lecionar grego com grande êxito na Universidade de Oxford. Grocyn foi também professor de teologia no Magdalen College em 1481 e recebeu a ordem sacerdotal. Ele apreciava os escolásticos e preferia Aristóteles a Platão. Os seus livros foram catalogados por Linacre e editados por William Lily.

Thomas Linacre

Nasceu em Cantuária à volta de 1460 e morreu em Londres em outubro de 1524. Estudou no Priorado de Cantuária, tendo passado em seguida ao colégio All Souls de Oxford. Foi depois estudar em Florença, Pádua e Roma. Linacre acompanhou o prior William Selling, que foi a Roma como embaixador em 1488. Travou relações com Lourenço de Médici e, juntamente com os príncipes Piero e Giovanni de Médici, estudou com Ângelo Policiano e com Demétrio Calcôndilas. O príncipe Giovanni tornou-se, depois, o Papa Leão X. Linacre doutorou-se em medicina em Pádua e exerceu a profissão de médico durante anos no continente. De volta à Inglaterra, tornou-se médico real de Henrique VIII e de muitos nobres. Usou dos seus próprios bens para fundar o Royal College of Physicians. Linacre traduziu a obra de Galeno, do grego para o latim, e ordenou-se sacerdote em 1520 tendo, então, renunciado à carreira médica a fim de se dedicar inteiramente ao ministério sacerdotal.

John Colet

Nasceu, ao que parece, em 1467 em Londres, e faleceu em 16 de setembro de 1519. Era filho de Sir Henry Colet, homem riquíssimo

e duas vezes Lord Mayor de Londres. Foi o único varão entre 11 filhos. Deve ter estudado na St. Anthony's School de Londres, no Magdalen College de Oxford. Começou a estudar grego com Grocyn e Linacre. Viajou para a Itália em 1493, estudou direito canônico e civil, grego, filosofia e Sagrada Escritura. Colet foi influenciado pelo pensamento de Marsílio Ficino, Pico della Mirandola e de outros neoplatônicos italianos. Voltou a Oxford, assim parece, em 1496, e aí doutorou-se em teologia, talvez em 1504. Estudou a fundo Platão, a Bíblia e os Santos Padres. Ao que tudo indica, ordenou-se sacerdote em 1498, tendo passado a lecionar na Universidade de Oxford, onde explicou as Epístolas de São Paulo e analisou-as segundo as regras da filologia em uso na época e praticada pelos humanistas. John Colet compôs apreciadíssimo *Comentário às Epístolas de São Paulo*, e os tratados *De sacramentis Ecclesiae*, *De compositione sancti corporis Christi mystici* em que censura abusos e superstições religiosas do seu tempo. Em 1510 publicou, também, uma gramática latina. Nomeado em 1504 Deão da catedral de São Paulo, restaurou em 1510, graças à herança recebida do pai, a escola de São Paulo que devia instruir 150 meninos na doutrina cristã e nas línguas latina e grega. William Lily aí ensinou grego e latim ciceroniano. Essa escola foi o monumento vivo e perene das concepções pedagógicas de Colet e que tanta importância tiveram para a educação inglesa do século XVI. Colet escreveu pouco, influenciou Erasmo, Tomás More e Tyndale, e sempre desejou ardorosamente a renovação da Igreja e a reforma de certos costumes eclesásticos.

William Lily

Humanista e gramático, nasceu em Odiham, Hampshire, à volta de 1468, e morreu de peste em Londres em 25 de fevereiro de 1522. Bacharelou-se em Artes pela Universidade de Oxford, viajou através da Itália e pela Terra Santa, e estudou grego na ilha de Rodas. Entre 1499 e 1503, Lily conviveu com o seu grande amigo Tomás More, e juntos traduziram epigramas da *Antologia Grega* em versos elegíacos latinos. Lily, que alimentara algum tempo a idéia de ser padre, casou-se, e o seu filho George ordenou-se sacerdote e tornou-se capelão doméstico do cardeal Reginaldo Pole. O neto de Lily, John, viria a ser dramaturgo e o autor de *Euphues*. John Colet escolheu Lily para ser reitor da escola de São Paulo. Além desse cargo pedagógico, Lily esteve profundamente ligado a Colet, Fisher, Erasmo e a outros grandes humanistas. As obras de Lily contribuíram para a difusão do humanismo, embora a que lhe desse mais fama tivesse sido o livrinho sobre as partes da linguagem: *De octo partium orationis constructione*

libellus auctore Lilio Anglo (Londres, 1513). Lily já contribuíra quatro anos antes com pequeno estudo sobre a sintaxe latina para a obra *Aeditio* (an "accidence") de John Colet. Esses dois livros foram revisitos por Erasmo, completados desde 1540 e, aperfeiçoados nos anos seguintes, vieram a tornar-se a popularíssima obra *Lily's Grammar* que teve mais de duzentas edições até ao século XIX. Em 1758 uma revisão dessa obra feita pelo Eton College passou a ser conhecida como *Eton Latin Grammar*. Lily estudou, também, o italiano e foi o único inglês da sua época a usar literariamente o seu conhecimento dessa língua. Ele traduziu para Tomás More o *Libro delle sorti*, sobre o jogo dos dados, escreveu longo poema didático latino, *Carmen de moribus*, assim como o *Antibossicon* (1521), extensa diatribe contra o gramático Roberto Whittinton.

John Fisher

São João Fisher nasceu em Beverley, Yorkshire, num dia desconhecido de 1469, tendo sido o último dos quatro filhos de Robert Fisher, próspero comerciante que morreu em 1477, quando o menino tinha oito anos. João Fisher foi um dos mais luzentes humanistas da Universidade de Cambridge, bispo de Rochester, mártir e santo. Fez os primeiros estudos na escola de Münster e, à volta de 1482, ingressou na Michaelhouse que, depois, passou a integrar o Trinity College, de Cambridge. Bacharelou-se em Artes em 1488 e doutorou-se em 1491, quando se tornou professor do Michaelhouse, e foi ordenado padre aos 22 anos. Doutorou-se em teologia em 1501 e foi vice-chanceler e depois Chanceler da Universidade de Cambridge, tendo sido consagrado bispo de Rochester em 24 de novembro de 1504. Em Cambridge veio a conhecer Lady Margaret Beaufort, condessa de Richmond e Derby, mãe do rei Henrique VII, e logo se tornou seu confessor e diretor espiritual até à morte dela em 1509. Fisher vivia de modo austero e pobre e dormia quatro horas por noite. Amava extremosamente os livros. A sua biblioteca era uma das melhores da Europa nessa época. Dizia-se que a sua casa parecia, pela continência, um mosteiro e, pela ciência, uma universidade. Fisher patrocinou o estudo das letras clássicas. Em 1511 encorajou Erasmo a vir ensinar grego em Cambridge, que ele começou a estudar com o próprio Erasmo em 1516. Fisher foi, sobretudo, teólogo. Celebrizou-se pelos seus escritos contra o luteranismo e outras doutrinas heréticas. A sua grande obra foi *De Eucharistia contra Oecolampadium libri V*. Por se ter oposto ao divórcio de Henrique VIII com Catarina de Aragão, e por ter recusado jurar o Ato de Sucessão, foi aprisionado na Torre de Londres a 26 de abril de 1534. Recusou-se, também, a fazer o juramento

da Supremacia, a 17 de junho de 1535. O papa Paulo III elevou-o ao cardinalato no auge do conflito com Henrique VIII. O santo cardeal morreu decapitado a 22 de junho de 1535. João Fisher foi beatificado a 9 de dezembro de 1886 e foi canonizado por Pio XI a 19 de maio de 1935. As suas obras latinas foram publicadas em Würzburg em 1597, e as inglesas, em 1876.

William Latimer

Não se deve confundir este arcebispo inglês com Hugo Latimer (1492?-1555) que foi bispo de Worcester e ardoso propagandista da reforma religiosa anglicana. William Latimer nasceu à roda de 1460, e morreu em setembro de 1545. Fez os seus estudos na Universidade de Oxford, viajou para a Itália onde estudou grego em Pádua. Latimer foi perceptor de Reginald Pole e, mais tarde, arcebispo de Cantuária. Fruiu da amizade de Linacre, Grocyn e Pace e, apesar do seu ânimo estudioso e do seu conhecimento do grego, não publicou livros.

Thomas More

Foi o mais ilustre representante do humanismo inglês. Nasceu em Londres a 4 de fevereiro de 1478, filho do advogado John More que influenciou o filho a lhe seguir a profissão. Tomás foi educado na escola de Sto. Antonio em Threadneedle Street onde era mestre Nicholas Holt, até os 12 anos, quando o pai lhe arranhou a função de pajem no círculo íntimo do cardeal John Morton, arcebispo de Cantuária e Lord Chanceler de Henrique VII. Em 1492 Tomás More matriculou-se no Canterbury College de Oxford onde permaneceu até 1494, e data da sua estada em Oxford o conhecimento dos seus grandes amigos Colet, Grocyn e Linacre. Foi também amicíssimo de Erasmo. Em 1510 Tomás More publicou a *Vida* de Pico de la Mirandola, e em 1516 a famosa sátira política *Utopia*. Por insistência do pai, More abandonou Oxford para se dedicar ao estudo da advocacia em New Inn e, depois (12 de fevereiro de 1496), em Lincoln's Inn. Durante quatro anos (1500-1504) More viveu com os monges cartuxos na Charterhouse de Londres, tendo alimentado durante algum tempo o desejo de ser religioso, e em novembro de 1504 casou-se com Jane Colt, a filha mais velha de John Colt de Netherhall, Essex, que lhe deu quatro filhos: Margaret (1505), Elizabeth (1506), Cecily (1507) e John (1509). A esposa morreu em 1511 e, por causa dos filhos, Tomás More convolveu segundas núpcias. Tornou-se amigo de Erasmo, desde a primeira visita do sábio holandês à Inglaterra em 1499. Logo se formou em Londres um círculo de humanistas em torno de Tomás More em cuja casa, em 1509, Erasmo compôs o *Elogio da Loucura*.

Tomás More brilhou nas lides jurídicas, prestou serviços diplomáticos a Henrique VIII e tornou-se Lorde Chanceler da Inglaterra em 25 de outubro de 1529. Opôs-se ardorosamente à heresia luterana e soube administrar salomonicamente a justiça. Tomás, todavia, atraiu sobre a sua pessoa a ira real por não favorecer o divórcio de Henrique VIII com Catarina de Aragão para que o rei se pudesse casar com Ana Bolena, e por não lhe reconhecer a supremacia sobre a Igreja da Inglaterra. Por isso, foi considerado réu de alta traição e decapitado a 6 de julho de 1535. Tomás More foi beatificado pelo Papa Leão XIII em 29 de dezembro de 1886, e canonizado por Pio XI em 10 de fevereiro de 1935, exatamente quatro séculos após o seu glorioso martírio. São Tomás More tornou-se o padroeiro dos advogados católicos e dos estudantes universitários. O seu grande título cultural foi o de ter sido o incentivador máximo do humanismo na Inglaterra e o de ter dado o magnífico exemplo do modo como se podia conciliar a mais refinada cultura humanística com a elegância de maneiras, o espírito de humor e o fervor da vida cristã.

Richard Pace

Nasceu em Winchester talvez em 1482 e morreu em Londres em julho de 1536. Estudou em Winchester, foi secretário de Thomas Langton, bispo de Winchester (1493-1500). À roda de 1510 estudara em Oxford e fora ordenado sacerdote. Acompanhou o cardeal Bainbridge de York à Itália (1509-1515), onde ficou escandalizado com a depravação dos costumes. Pace foi secretário de Henrique VIII e serviu de diplomata ao cardeal Wolsey na França, na Suíça e na Alemanha. Foi nomeado deão da catedral de São Paulo, em 1519, como sucessor de John Colet. Recebeu muitas honras e benefícios de Henrique VIII. Foi amigo e correspondente de Erasmo, e concorreu para estabelecer cátedras de grego em Oxford e em Cambridge. Exerceu muitas missões diplomáticas e levou vida obscura nos últimos 10 anos de existência. Richard Pace patrocinou a renovação dos estudos clássicos, foi amigo de Tomás More e de John Fisher e deixou numerosos comentários latinos.

Thomas Elyot

Nasceu à volta de 1490, de nobre família, filho do juiz Richard Elyot, provavelmente em Wiltshire, e morreu em Carlton, Cambridgeshire, a 26 de março de 1546. Embora se diga que tenha estudado em Oxford, Elyot afirma no início do seu Dicionário Latino-Inglês que, desde os 12 anos, foi professor de si mesmo. Na idade adulta consagrou-se ao estudo das humanidades, particularmente do grego, sob a

direção de Linacre, o melhor helenista de Londres. Foi amigo de São Tomás More, de Erasmo e de outros humanistas. Por indicação de Wolsey tornou-se, em 1511, oficial de justiça e, logo mais, do Conselho Privado. Tornou-se cavaleiro em 1530. Passou a maior parte da vida em suas belas propriedades dos condados de Cambridge e de Hamp, pois se casara com rica mulher, Margaret Abarrow. Elyot consagrou os seus amplos lazeres à leitura dos clássicos e à literatura italiana. Frequentou a corte de Henrique VIII e por ele foi encarregado de embaixadas no continente, e beneficiou-se das terras confiscadas à Igreja. Dedicou os restantes anos de vida à composição de livros e a traduções. Foi o primeiro escritor a tratar em inglês de educação. Em 1531 publicou o *Book of the Governor* em que apresenta cuidadosa observação das necessidades da vida pública do seu tempo, e insiste na educação liberal para os "governors" que, por extensão, compreendem hoje todos os cidadãos. Em 1533 Elyot publicou pequeno diálogo sobre o conhecimento que torna o homem sábio e, pouco depois, o primeiro *Dicionário de Latim-Inglês*, o primeiro do gênero na Inglaterra, com vocábulos clássicos e termos técnicos de direito, medicina e teologia. Na obra *The Defence of Good Women*, de 1534, defendeu, de acordo com a mentalidade dos humanistas, a instrução das mulheres em letras e em filosofia moral. Traduziu, outrossim, do grego obras de Plutarco, assim como o *Discurso* de Isócrates dirigido a Nicocles (1534). Elyot teve conhecimento direto das obras de Platão, Aristóteles, Cícero, Quintiliano e Plutarco. O *Governor*, manual de educação para os filhos da classe governante, tinha o objetivo de instruir os homens nas virtudes necessárias ao bem público. As suas fontes de inspiração foram as obras *Vita Civile* de Matteo Palmieri, o tratado *De regno et regis institutione*, e o *De republica* de Francesco Patrizi di Siena, o tratado sobre educação de Aeneas Sylvius (Pio II), o *De principe*, de Pontano; as obras históricas e políticas de Maquiavel e Guicciardini, *Il Cortegiano* de Castiglione, e as obras de Erasmo *De liberis instituendis* e o *De principis institutione*.

Convém advertir que as obras de Castiglione e suas similares italianas concorreram, também, para o surgimento em inglês das obras *Institution of a Gentleman* (1555) de autor desconhecido, o *Queen Elizabeth's Academy* (1572) de Sir Humphrey Gilbert, e a *Institution of a Nobleman* (1607) de Cleveland.

Roger Ascham

Nasceu em Kirby Wiske, Yorkshire, à roda de 1515, e morreu em Londres, a 30 de dezembro de 1568. Ascham foi um erudito, escritor

e cortesão que deu impulso à prosa inglesa. Bacharelou-se em Artes em 1534 e doutorou-se em Artes em 1537 em Cambridge, onde passou a lecionar grego. A sua primeira e única obra completa foi *Toxophilus*, de 1545, com instruções sobre o manejo do arco, com a recomendação de divertimentos e de exercícios físicos, particularmente para os estudantes. Essa obra foi considerada modelo tanto para a educação quanto para a prosa inglesa. A sua última obra, e a mais conhecida, foi *The Schoolmaster*, publicada pela sua viúva em 1570. Esse livro é um tratado clássico de educação humanística que acusa as influências de João Sturm, Tomás Elyot e Quintiliano e que, por sua vez, influenciou as obras pedagógicas de Ricardo Mulcaster e de João Locke.

Richard Mulcaster

Nasceu em Cumberland na Inglaterra à volta de 1531, de família modesta, e morreu em Essex a 15 de abril de 1611. Estudou em Cambridge e em Oxford, tendo obtido o doutorado em Artes em 1556. Mulcaster era muito erudito em grego, latim, hebraico e árabe, e foi o primeiro reitor da Merchant Taylor's School de Londres até 1586. Tornou-se reitor da St. Paul School de 1596 a 1609, e desde este ano até à sua morte foi reitor da escola de Stanford Rivers no Essex. Mulcaster escreveu os tratados *Positions*, em 1581, e *Elementarie* em 1582. Em *Positions* examina Mulcaster 45 proposições de bom senso e moderação em matéria de ensino. Publicou essa obra quando já tinha vinte anos de exercício na escola Merchant Taylor's. Ele preconizava a instrução obrigatória das crianças, meninos e meninas, ricos e pobres, até aos 12 anos. Deviam aprender leitura, escrita, desenho e música instrumental. No *Elementarie*, Mulcaster recomenda a escola elementar de cinco anos e o aprendizado seguro do inglês antes de iniciar o estudo do latim. Só os alunos bem dotados, segundo Mulcaster, deveriam continuar os estudos em nível secundário na escola de gramática que durava cinco anos com o estudo do latim, grego, hebraico, poética, história, retórica, educação moral e exercícios físicos. Mulcaster achava que as universidades deviam ser divididas em faculdades especializadas, assim como deviam contar com escolas organizadas de modo prático para a instrução e o tirocínio dos professores. As meninas deviam receber, pelo menos, educação elementar com o ensino da leitura, da escrita e da música. Mulcaster esperava que na escola houvesse contacto e entendimento entre os professores e os pais dos alunos; que os mestres fossem bem preparados e muito bem pagos, e que as escolas fossem bem equipadas.

De fato, Richard Mulcaster via ao longe, defendia a educação especial para as moças e o ensino da literatura inglesa para todos.

Humphrey Gilbert

Nasceu em 1539, segundo filho de Otho Gilbert, de Compton, perto de Dartmouth, Devon, e morreu em alto mar a 9 de setembro de 1583. Era sobrinho de Walter Raleigh, estudou em Eton e em Oxford e formou-se em Direito. Em 1563 ingressou na Armada britânica e em 1566 serviu na Irlanda. Humphrey Gilbert foi soldado, navegante e pioneiro da colonização na América. Em fins de 1569 foi governador de Münster. A 1 de janeiro de 1570 foi feito cavaleiro, em 1571 tornou-se deputado, e de 1573 a 1578 consagrou-se à advocacia em Limehouse. Humphrey comandou uma frota que saiu de Dartmouth em 23 de setembro de 1579 e foi dispersada pelos espanhóis à altura das ilhas de Cabo Verde. A 11 de junho de 1583 Humphrey partiu de Plymouth com cinco navios e chegou a St. John's, em Newfoundland, a 5 de agosto, onde instalou a primeira colônia inglesa, a primeira *plantation* na América do Norte. Além do seu *Discourse of a Discovery for a new passage to Catala* (1576), Humphrey escreveu a obra *The Erection of (Queen Elizabethes) Achademy in London for education of her Majesties Werdes and others the Youths of nobility and gentlemen*, publicada por Furnivall em 1869, e na qual ele pediu e antecipou a criação da moderna universidade de Londres e da biblioteca do Museu Britânico. Cortesão atilado, preocupou-se com a cultura e com a educação dos jovens desocupados pertencentes às boas famílias. Na *Queen Elizabeth's Achademy*, que apareceu à volta de 1572, planejou a educação do homem comum que devia viver no campo, na cidade e nas fazendas do ultramar. Ele recomendava aos jovens os estudos práticos tão úteis à paz como à guerra, e tais estudos deveriam ser ministrados em língua inglesa. O esquema da instrução, segundo Gilbert, compreende quatro níveis ou grupos. No primeiro figuravam gramática, latim e grego, e eram ensinados por um mestre e quatro assistentes ou oficiais. Para o ensino do hebraico devia haver um professor separado. A lógica e a retórica formavam nesse grupo uma só disciplina. Os exercícios retóricos incluíam discursos em inglês sobre assuntos políticos e militares. O cultivo do vernáculo é necessário e os conhecimentos deveriam ser aplicados em língua vulgar na pregação, no parlamento, nos Conselhos e nos negócios do Estado. O principal assunto dos discursos devia ser a guerra. A habilidade na língua materna deveria ser obtida através do estudo do grego, do latim e da dialética. Os assuntos políticos civis e militares seriam

tratados por um professor de filosofia política. Gilbert apoiava inteiramente essa educação nos livros e na instrução verbal.

O segundo grupo ou nível de ensino inclui disciplinas científicas que devem ser tratadas sobretudo quanto ao seu aspecto prático. Assim, a filosofia natural e a matemática, com a devida consideração das fortificações, da artilharia, dos acampamentos, etc. A geografia, a astronomia e a navegação estudar-se-iam com o uso de mapas e instrumentos. Um doutor em cirurgia ensinaria noções de medicina, cirurgia e o modo de tratar os ferimentos. No terceiro grupo acham-se o Direito e a Teologia com o seu ensino dirigido para a prática dos tribunais e do púlpito. Por fim, no quarto grupo curricular acham-se as disciplinas úteis à vida no mundo civilizado. Além do aprendizado da música, da dança e da esgrima, haveria professores especializados no ensino do francês, do italiano, do espanhol e do alemão. Humphrey também não esquece de estipular a frequência das publicações devidas pelos professores. Com efeito, a Academia gilbertiana devia ser um cenáculo de estudos úteis à paz e à guerra.

William Gilbert

Originário de velha cepa do Suffolk, há muito estabelecida em Clare, nasceu em Colchester a 24 de maio de 1544, e morreu em Londres a 30 de novembro de 1603. Era filho do advogado Hierome Gilbert e de sua primeira esposa Elizabeth Coggeshall. Foi educado na escola de Colchester. De 1558 a 1569 estudou e obteve os graus acadêmicos no St. John's College de Cambridge. Viajou, em seguida, pela Europa e, desde 1573, dedicou-se à profissão de médico em Londres. A partir de 1581 William Gilbert distinguiu-se nos círculos médicos de Londres. Ocupou vários cargos no College of Physicians, onde ingressara em 1576 e do qual se tornou presidente em 1600. Foi médico da rainha Isabel desde 1601 e, ao morrer, fora indicado para médico de James I. Gilbert comparece nesta galeria de educadores ingleses devido à sua representatividade do espírito científico na época elisabetana, o que o tornou um dos pioneiros da ciência moderna e do ensino das ciências nas escolas. Gilbert distinguiu-se pelos seus estudos científicos, particularmente no tocante ao magnetismo. A sua obra principal é o tratado *De magnete, magneticisque corporibus, et de magno magnete* (Londres, 1600), demonstração do rigoroso emprego do método científico da experimentação e em que apresenta a sua grande concepção de que a terra é um grande magneto, tendo Gilbert estabelecido a distinção entre os campos de estudo do magnetismo e da eletricidade e demonstrado a possibilidade de se proceder a experimentos quanto a essas questões em laboratórios. William Gil-

bert associou o seu gosto e o cultivo das ciências à sua educação clássica e escolástica e foi defensor das idéias de Copérnico na Inglaterra. Escreveu, ainda, o livro *De mundo nostro subitunari philosophia nova* (Amsterdã, 1654), e legou ao College of Physicians os seus livros, globos, instrumentos e materiais de pesquisa.

Conclusão da Segunda Parte

Depois de havermos estudado, embora perfunctoriamente, as vidas dos educadores renascentistas, podemos verificar que no seu pensamento e nas suas obras se acham as lídimas vertentes da educação do Renascimento. Através do exame das suas idéias e das suas realizações pudemos colher, considerar e aquilatar a amplitude, a variedade e certa uniformidade das suas concepções educacionais, e sempre rastreamos através da Europa a influência avassaladora dos humanistas e dos pedagogos italianos dos séculos XV e XVI. Pudemos também perceber a aurora, o esplendor e o poente da pedagogia humanística e religiosa dos séculos XV e XVI, delineadas nas figuras reais de homens dedicados ao estudo, ao ensino, à pesquisa e à educação das crianças e dos jovens. E esse conhecimento permite-nos avaliar a herança cultural e pedagógica que esses educadores legaram ao mundo e à sociedade em que vivemos.

Bibliografia

- Abetti, Giorgio — *Storia dell'Astronomia*. Firenze, Vallecchi Editore, 1949, 370 págs.
- Abbeville, Claude d' — *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo — Livraria Itatiaia Editora Ltda., 1975, 297 págs.
- Agazzi, Aldo — *Historia de la Filosofia y de la Pedagogia*. Versión española por Gonzalo Gironés. Alcoy (España), Editorial Marfil, S.A., 1966, 3 vol.
- Alberti, Leon Battista — *I Libri della Famiglia*. A cura di Ruggiero Romano e Alberto Tenenti. Torino, Giulio Einaudi editore, 1972, 425 págs.
- Amado, Ramon Ruiz — *Historia de la Educación y de la Pedagogía*. Edición especial para Hispanoamérica. Buenos Aires, Editorial Poblet, 1949, 409 págs.
- Amerio, Franco — *História de la Filosofia*. Traducción del italiano y ampliaciones a cargo de Profesores del Seminario Salesiano de Salamanca. 4.ª edición revisada y enriquecida con abundante bibliografía actual, especialmente española. Madrid, Central Catequística Salesiana, 1965, 568 págs.
- Antal, Frederick — *El Mundo Florentino y su ambiente social*. La República Burguesa anterior a Cosme de Medicis. Siglos XIV-XV. Traducción de Juan Antonio Gaya Nuño. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1963, 520 págs.
- Ascham, Roger — *The Scholemaster*. Edited with Notes by John E. B. Mayor, M.A., New York, AMS Press, Inc., 1967, 296 págs.
- Aubenas, Roger — Robert Ricard — *L'Eglise et la Renaissance (1449-1517)*, in Fliche-Martín, *Histoire de l'Eglise*, vol. 15. Paris, Bloud et Gay, 1951, 395 págs.
- Bacon, Francis — *The Works of Francis Bacon*. Faksimile-Neudruck der Ausgabe Von Spedding, Ellis und Heath. London 1857-1874 in vierzehn Bänden. Erster Band. Stuttgart-Bad Cannstatt, Friedrich Frommann Verlag Gunter Holzboog, 1963, 844 págs.
- — *The Advancement of Learning and New Atlantis* (Oxford Paperback English Texts). Edited by Arthur Johnston. Oxford, Clarendon Press, 1974, 297 págs.
- Bandeira, Manuel — *Noções de História das Literaturas*. São Paulo-Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1940, 377 págs.
- Bargellini, Piero — *San Bernardino da Siena*. IV Edizione. Brescia, Morcelliana, 1945, 370 págs.
- Baron, Hans — *The Year of Leonardo Bruni's Birth and Methods for determining the ages of Humanists born in the Trecento*. Speculum, Vol. 52, n.º 3, July, 1977, págs. 582-625.
- Barracough, Geoffrey — *Europa. Uma revisão histórica*. Tradução de Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1964, 296 págs.

- Barros, João de — *Da Ásia de João de Barros e de Diogo de Couto*. Lisboa. Na Regia Officina Typografica, 1778, 8 vol.
- Barros, João de — *Rópica Pnefma*. Reprodução fac-similada da edição de 1532. Leitura modernizada, notas e estudo de I. S. Révah. Volume II. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1955, 151 págs.
- Battaglia, Felice — *Il pensiero pedagogico del Rinascimento*. Firenze, Coedizioni Giuntino-Sansoni, 1960, 698 págs.
- Belloc, Hilaire — *Cómo aconteció la Reforma*. Traducción de Marta Acosta Van Praet. Segunda edición. Buenos Aires, Emecé Editores, S.A., 1951, 251 págs.
- Bendiscioli, Mario — *La Riforma Protestante*. In: *Vários, Nuove Questioni di Storia Moderna*, pág. 275-356.
- Bernardino da Siena — *Le Prediche Volgari* a cura di Piero Bargellini. Milano-Roma, Rizzoli e C., Editori, 1936, 1173 págs.
- Berner, Maria Luisa — *Viaje a través de Utopía*. Traducción directa de Elba Leite. Buenos Aires, Editorial Proyección, 1962, 363 págs.
- Bertucci, Sadoc M. — *Domineci, Giovanni Cardinale, Beato*. In: *Bibliotheca Sanctorum*, T. IV, cl. 748-756.
- Biographie Universelle — *Biographie Universelle Ancienne et Moderne ou Dictionnaire de Tous les Hommes qui se sont fait remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes depuis le commencement du monde jusqu'à ce jour*. Bruxelles, Chez H. Ode, Editeur, 1843-1847, 20 vol.
- Boissac, Jean — *Sagesse et Sainteté dans la pensée de Jean Calvin*. Essai sur l'Humanisme du Réformateur français. Paris, Presses Universitaires de France, 1959, 454 págs.
- Bolgar, R. R. — *The Classical Heritage and its Beneficiaries*. Cambridge, University Press, 1954, 592 págs.
- Bossuet — *Histoire des Variations des Eglises Protestantes*. Paris, Librairie Garnier Frères, s/ data, 2 vol.
- Bouyer, Louis — *Autour d'Erasme*. Etudes sur le Christianisme des Humanistes Catholiques. Paris, Les Editions Du Cerf, 1955, 193 págs.
- Boz, P. Bosio — *Vittorino da Felire*. La Vita— Le Ideo— I Templ. Alba, Pia Società San Paolo, 1947, 187 págs.
- Bremond, Henry — *Tomas Moro*. Traducción del Frances de Mario Góngora del campo. Santiago, Editorial Difusion Chilena, S.A., 1944, 216 págs.
- Brodick, S. J., James — *El Origen de los jesuitas*. Traducción del Dr. Hilario Gomez. Madrid, Ediciones Pegaso, 1952, 270 págs.
- Bruno, Giordano — *Dialoghi Italiani*. Dialoghi metafisici e dialoghi morali. Nuovamente ristampati con note da Giovanni Gentile. Terza edizione a cura di Giovanni Aquilecchia. Firenze, Sansoni, 1958, 1241 págs.
- — *Opere di Giordano Bruno e di Tommaso Campanella*. A cura di Augusto Guzzo e di Romano Amerio (La Letteratura Italiana. Storia e Testi, volume 33). Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1956, 1297 págs.
- Burkhardt, Jacob — *Die Kultur der Renaissance in Italien*. Achtzehnten Auflage. Durchgesehen von Walter Goetz. Leipzig, Alfred Kröner Verlag, 1928, 542 págs.

- Caballero, P. Valentin — *Orientaciones Pedagógicas de San José de Calasanz*. El gran Pedagogo y su obra, cooperadores de la Verdad. 2.ª edición. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Instituto "San José de Calasanz" de Pedagogía. Serie A — Núm. 5), 1945, 607 págs.
- Calvin, Jean — *Institution de la Religion Chrestienne*. Texte établi et présenté par Jacques Pannier. Paris, Société Les Belles Lettres, 1936, 4 vol.
- Campanella, Tommaso — *Opere di Giordano Bruno e di Tommaso Campanella*. Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1936, 1297 págs.
- Campbell, Anna Montgomery — *The Black Death and Men of Learning*. New York, AMS Press, Inc., 1966, 210 págs.
- Capecelatro, Alfonso — *La Vita di S. Filippo Neri*. Napoli, R. Stab. Tipografico del Comm. G. de Angelis e Figlio, 1879, 2 vol.
- Carbonara, Cleto — *Il Secolo XV*. Milano, Fratelli Bocca-Editori, 1943, 533 págs.
- Casa, Giovanni Della — *Galateo ovvero de' Costumi a cura di Bruno Maler*, edizione integrale commentata. Milano, Mursia, 1971, 128 págs.
- Cassirer, Ernst — *Individuo y Cosmos en la Filosofía del Renacimiento*. Traducción de Alberto Bixio. Buenos Aires, Emecé Editores, S.A., 1951, 237 págs.
- Castiglione, Baldessar — *Il Libro del Cortegiano a cura di Giulio Preti*. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1960, 441 págs.
- Castillo, Bernal Díaz del — *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*. Segunda Edición. Madrid, Espasa-Calpe, S.A. (Colección Austral, N.º 1274), 1968, 636 págs.
- Catecismo Romano*. Versão fiel da edição autêntica de 1566 com notícia histórica e análise crítica pelo Padre Valdomiro Pires Martins, 2.ª edição refundida. Petrópolis, RJ, Editora Vozes Limitada, 1962, 655 págs.
- Cellini, Benvenuto — *La Vita di Benvenuto Cellini scritta da lui medesimo*. Ridotta alla lezione originale del codice Laurenziano con note e documenti illustrativi e con un saggio delle sue Rime, etc. Edizione stereotipa. Milano, Società Editrice Sonzogno, 1909, 414 págs.
- Cenacchi, Giuseppe — *Rapporto tra Filosofia e Scienza nel Pensiero di Niccolò Copernico*. In: *Doctor Communis*. A. XXXI, 2, 1978, págs. 205-236.
- Chaunu, Pierre — *História da América Latina*. Tradução de Miguel Urbano Rodrigues. 4.ª edição. São Paulo-Rio de Janeiro, Difel, 1979, 126 págs.
- Chesterton, G. K. — *Pequeña Historia de Inglaterra*. Versión castellana de Alfonso Reyes. Madrid, Editorial "Saturnino Calleja" S.A., 1920, 313 págs.
- Cidade, Hernani — *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*. 5.ª edição, corrigida, actualizada e ampliada. Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1968, 2 vol.
- Cleza De León — *La Crónica del Peru*. Tercera edición. Madrid (Colección Austral, N.º 507), Espasa-Calpe Argentina, S.A., 1962, 294 págs.
- Clerigo, Florencio Porpeta — *Religion y Política en la Edad Media Europea*. Madrid, Fundación Universitaria Española (Seminario "Cisneros"), 1977, 104 págs.
- Colombier, Pierre du — *História da Arte*. Tradução de Fernando de Pamplona. Porto, Livraria Tavares Martins, 1955, 494 págs.
- Colomer, Eusebi — *De la Edad Media al Renacimiento*. Ramón Llul-Nicolás de Cusa — Juan Pico della Mirandola. Barcelona, Editorial Herder, 1975, 277 págs.

- Compagni, Dino, Villani G. — *La Cronica e passi scelti della "Cronaca" di Giovanni Villani*. A cura di F. Cuslin Cernusco sul Naviglio, Garzanti, 1945, 427 págs.
- Copernico, Niccolò — *De Revolutionibus Orbium Caelestium*. La costituzione generale dell'universo. A cura di Alexandre Koyré (Piccola Biblioteca Einaudi. Serie Testi, 5). Traduzione di Corrado Vivanti. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1975, 119 págs.
- Correa, Gaspar — *Lendas da Índia*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858, 8 vol.
- Cortés, Hernán — *Cartas de Relación de la Conquista de México*. Quinta edición. Madrid (Colección Austral, N.º 547), Espasa-Calpe, S.A., 1970, 300 págs.
- Cortezão, Jaime — *Os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa, Livros Horizonte, 1975, 3 vol.
- — *A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino*. Lisboa, Livros Horizonte, 1975, 291 págs.
- Costantini, Celso e Giovanni — *Athena*. Nozioni di Storia dell'Arte per le scuole medie. Volume Secondo. Dal Quattrocento ai giorni nostri Ottava edizione, Firenze, Libreria Salesiana, Editrice, 1944, 472 págs.
- Crespo, Alfredo Ruiz — *Cisneros Cardenal Regente* (Paradigma de una vida). Madrid, Editorial "Gran Capitán", 1945, 365 págs.
- Crinto, Pietro — *De Honestà Disciplina* a cura di Carlo Angeletti. Roma, Fratelli Bocca Editori, 1955, 522 págs.
- Cristiani, Chanoine — *Calvin tel qu'il fut*. Textes choisis, traduits du latin et de l'allemand et annotés par le Chanoine Cristiani. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1955, 252 págs.
- Cristiani, L. — *Luther et le Lutheranisme*. Etudes de Psychologie et d'Histoire religieuse. Paris, Librairie Bloud e Cº, 1909, 407 págs.
- Croce, Benedetto — *Storia dell'Età Barocca in Italia*. Pensiero. Poesia e Letteratura. Vita Morale (Scritti di Storia Letteraria e Politica, XXIII). Bari, Gius. Laterza e Figli, 1957, 518 págs.
- Crombie, A. C. — *Augustine to Galileo*. The History of Science A. D. 400-1650. London, William Heinemann Ltd., 1957, 2 vol.
- — *Histoire des Sciences de Saint Augustin à Galilée (400-1650)*. Traduit de l'anglais par Jacques D'Hermies. Paris, Presses Universitaires de France, 1958, 2 vol.
- Cusa, Nicolau de — *Oeuvres Choieses de Nicolas de Cues*. Traduction et préface de Maurice de Gandillac. Paris, Aubier, Editions Mouton, 1942, 564 págs.
- — *La Docta Ignorancia*. Traducción del latín, prólogo y notas de Manuel Fuentes Benot. 3.ª edición. Madrid-Buenos Aires-México, Aguilar, 1966, 241 págs.
- Delaruelle, E., Labande, E. R., Ourliac, Paul — *L'Eglise au temps du Grand Schisme et de la Crise conciliaire (1378-1449)*, in Fliche-Martin, *Histoire de l'Eglise*, 14. Paris, Bloud et Gay, 1964, 1231 págs.
- Delumeau, Jean — *Naissance et affirmation de la Réforme*. Paris, Presses Universitaires de France, 1973, 413 págs.
- Denifle O. P., Henricus, Aemilius Chatelain — *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Paris, 1891. Impression anastatique. Bruxelles, Culture et Civilisation, 1964, 4 vol.

- Denzinger, Henricus, Adolphus Schönmetzer, S. I. — *Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de rebus fidei et morum*. Editio XXXIII emendata et aucta. Barcelona, Herder, 1965, 954 págs.
- Dermenghen, Émile — *Thomas Morus et les utopistes de la Renaissance*. Paris, Librairie Plon, 1927, 282 págs.
- Deusdado, M. A. Ferreira — *Educadores Portuguezes*. Coimbra, Livraria França Amado, 1909, 539 págs.
- Devoto, Giacomo — *Storia della Lingua di Roma* (Istituto di Studi Romani). Seconda ristampa. Bologna, Licio Cappelli Editore, 1944, 429 págs.
- Dias, José Sebastião da Silva — *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1973, 411 págs.
- Dickens, A. G. — *A Contra-Reforma* (História Ilustrada da Europa), Lisboa, Editorial Verbo, 1972, 224 págs.
- Dilthey, Guillermo — *Historia de la Pedagogía*. Traducción del alemán por Lorenzo Luzuriaga. Quinta edición. Buenos Aires, Editorial Losada, S.A., 1957, 200 págs.
- — *Teoría de la Concepción del Mundo*. Versión y prólogo de Eugenio Imaz. México, Fondo de Cultura Económica, 1945, 472 págs.
- Dittes, Dr. Frédéric — *Histoire de l'Éducation et de l'Instruction*. Traduit de l'allemand par Auguste Redolf. Paris, Librairie A. Drouin, 1880, 288 págs.
- Dourado, Meconas — *Erasmus e a Revolução Humanista*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939, 311 págs.
- Dubols, B. A. — *Les Barnabites*. Clercs Réguliers de Saint-Paul. Paris, Librairie Letouzey et Ané, 1924, 152 págs.
- Durkheim, Émile — *L'Évolution Pédagogique en France*. Deuxième édition. Paris, Presses Universitaires de France, 1969, 403 págs.
- Eby, Frederick — *Early Protestant Educators*. The Educational Writings of Martin Luther, John Calvin, and the Leaders of protestant thought. New York, AMS Press, 1971, 312 págs.
- Elio, H. — *Quelques Maîtres de l'Université de Paris vers l'an 1500*, in *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1951, pág. 193-243.
- Erasmus — *Epistolae*, ed. Allen. Oxford, Clarendon Press, 11 vol.
- — *Laus Stultitiae*. Deutsche Übersetzung von Alfred Hartmann. In: *Ausgewählte Schriften*, zweiter Band. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1975, 361 págs.
- — *Desiderii Erasmi Roterodami Opera Omnia*, cura et impensis Petri Vander A A, Leida, 1703-1706, 10 vol.
- — *Obras Escogidas*. Traducción castellana directa. Comentarios Notas y un Ensayo bibliográfico por Lorenzo Riber. Madrid, Aguilar, 1964, 1973 págs.
- Fanfani, Amintore — *Capitalismo, Catolicismo, Protestantismo*. Tradução de Osvaldo de Aguiar. Lisboa, Editorial Aster. São Paulo, Livraria Flamboyant, s/ data, 242 págs.
- Févre, Lucien — *O Problema da Descença no Século XVI*. A Religião de Rabelais. Lisboa, Editorial Inico, s/ data, 540 págs.
- Ferguson, W. K. — *La Renaissance dans la pensée historique*. Traduction de Jacques Marty. Paris, Payot, 1950, 366 págs.

- Fernandez, O. P., Isacio Perez — *Fray Bartolomé de las Casas en torno a las "leyes nuevas de Indias"* (Su promotor, inspirador y perfeccionador). In: *Ciencia Tomista*, Tomo 102, Abril-Septiembre, 1975, págs. 379-457.
- Ferreira, Joaquim — *História de Portugal*. 2.ª edição revista pelo autor. Porto, Editorial Domingos Barreira, s/ data, 982 págs.
- Fitzer, Gottfried — *O que Lutero realmente disse*. Tradução de Ernesto J. Bernhoeft e Marcos Santarrita. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1971, 250 págs.
- Fonseca, Pedro — *Insituições Dialéticas. Institutionum Dialecticarum Libri Octo*. Introdução, estabelecimento do texto, tradução e notas por Joaquim Ferreira Gomes. Universidade de Coimbra, 1964, 2 vol.
- Frailo, Guillermo — *Historia de la Filosofía*. T. III. *Del Humanismo a la Ilustración* (Siglos XV - XVIII). Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1966, 1113 págs.
- Francis, S. J., Leonel — *O Método Pedagógico dos Jesuítas*. O "Ratio Studiorum". Introdução e Tradução. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1952, 236 págs.
- Friederich, Georg — *Caráter da Descoberta e Conquista da América pelos Europeus*. Tradução de Guttorm Hansen. Rio de Janeiro, MEC, Instituto Nacional do Livro, 1967, 516 págs.
- Fromm, Erich — *O Medo à Liberdade*. Tradução de Octavio Alves Velho. 5.ª edição. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967, 246 págs.
- Galilei, Galileu — *Opere*. A cura di Ferdinando Flora. Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1953, 1139 págs.
- Galino, Angeles M. — *Textos Pedagógicos Hispanoamericanos*. Segunda Edición. Madrid, Narcea, S.A. de Ediciones, 1974, 1872 págs.
- Gallagher, Ligela — *More's Utopia and its Critics*. Chicago, Scott, Foresman and Company, 1964, 182 págs.
- Gallo, Alfonso Garcia — *Las Bulas de Alejandro VI y Ordenamiento jurídico de la Expansión Portuguesa y Castellana en Africa y Indias*. Madrid, Anuario de Historia del Derecho Español, 1958, 369 págs.
- Garin, Eugenio — *L'Educazione in Europa 1400/1600*. Problemi e programmi. Bari, Editori Laterza, 1966, 279 págs.
- — *Educazione umanistica in Italia*. Sesta edizione. Bari, Editori Laterza, 1967, 201 págs.
- — *Medioevo e Rinascimento*. Studi e Ricerche. Terza edizione. Bari, Editori Laterza, 1966, 354 págs.
- — *O Renascimento*. História de uma revolução cultural. Traduzido da edição francesa *La Renaissance, histoire d'une révolution culturelle*, e cotejado com o original italiano *La Cultura del Rinascimento* por Ferreira de Brito. Porto, Livraria Telos Editora, 1972, 200 págs.
- Gasset, José Ortega y — *En torno a Galileo*. Madrid, Revista de Occidente, 1956, 241 págs.
- Gebhart, Emile — *Les Origines de la Renaissance en Italie*. Paris, Hachette, 1923, 245 págs.
- Geisenheyner, Max — *História da Cultura Teatral*. Tradução de Gudrum Hamrol. Lisboa, Editorial Aster, 1961, 271 págs.
- Gentile, Giovanni — *Studi sul Rinascimento*. Seconda edizione riveduta e accresciuta. Firenze, G. C. Sansoni Editore, 1936, 311 págs.

- Gentili, Antonio Maria — *I Barnabiti*. Manuale di Storia e Spiritualità dell'Ordine dei Chierici Regolari di S. Paolo Decollato. Roma, Padri Barnabiti — Ufficio Vocazioni, 1967, 637 págs.
- Gerson, Jean — *Oeuvres Complètes*. Introduction, textes et notes par Mgr. Glorieux. Paris, Desclée et Cie, 1962-1973, 9 vol.
- Gheorghiu, Constant Virgil — *La jeunesse du Docteur Luther*. Traduit du roumain par Livia Lamoure. Paris, Plon, 1965, 288 págs.
- Giacon, Carlo — *La Seconda Scolastica*. Milano, Bocca, 1944, 1947, 1950, 3 vol.
- Gilson, Étienne — *Christianisme et Philosophie*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1949, 168 págs.
- — *Evolução da Cidade de Deus* (Coleção Calrescópico). São Paulo, Editora Herder, 1965, 239 págs.
- Glorieux, Palémon — *Le Chancelier Gerson et la réforme de l'enseignement*. In: *Mélanges Offeris à Étienne Gilson*. Paris, Vrin, 1959, págs. 285-298.
- Goldschmidt, E. Ph. — *Medieval Texts and their first appearance in Print*. London, Bibliographical Society. Oxford University Press, 1943, 144 págs.
- Granero, S. J., Jesús, M. — *San Ignacio de Loyola*. Panoramas de su Vida. Madrid, Editorial Razon y Fe S.A., Ediciones Fax, 1967, 554 págs.
- Groulx, Chanoine Lionel — *Histoire du Canada Français depuis la découverte*. 4^e édition, 4^e tirage. Montréal et Paris, Fides, 2 vol.
- Guex, François — *Histoire de l'Instruction et de l'Éducation*. Deuxième édition, revue et corrigée. Lausanne, Librairie Payot et Cie. Paris, Librairie Félix Alcan, 1931, 724 págs.
- Guiraud, Jean — *L'Église et les Origines de la Renaissance*. Deuxième édition. Paris, Librairie Victor Lecoffre, 1902, 339 págs.
- Gusdorf, Georges — *Les Sciences Humaines et la Pensée Occidentale II. Les Origines des Sciences Humaines* (Antiquité, Moyen Âge, Renaissance). Paris, Payot, 1967, 500 págs.
- Hallam, De Henri — *Histoire de la Littérature de l'Europe*, pendant les Quinzième, Seizième et Dix-Septième Siècles. Traduit de l'anglais par Alphonse Borghera. Paris, Baudry, Librairie-Ladrange Librairie, 1839, 4 vol.
- Handelmann, H. — *História do Brasil*. Tradução brasileira do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 3.^a edição. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1978, 2 vol.
- Hanke, Lewis — *Bartolomé de Las Casas Pensador Político, Historiador, Antropólogo*. Versión española de Antonio Hernández Travieso. La Habana, Sociedad Económica de Amigos del País. Ediciones de su Biblioteca Pública, 1949, 126 págs.
- — *La lucha española por la justicia en la conquista de América*. Traducción del inglés por Luis Rodríguez Aranda. Segunda edición. Madrid, Aguilar S.A. de Ediciones, 1967, 335 págs.
- Hays, Carlton J. H. — *História Política y Cultural de la Europa Moderna*. Traducción de Olga Díez. Segunda edición. Tres Siglos de Sociedad predominantemente agrícola 1500-1830. Barcelona, Editorial Juventud, 1964, 2 vol.
- Heredia, R. P. Vicente Beltrán de — *Francisco de Vitoria*. Barcelona, Editorial Labor S.A., 1939, 193 págs.
- Hermans, Francis — *Histoire Doctrinale de l'Humanisme Chrétien*. Tournai-Paris, Casterman, 1948, 4 vol.

- Hernandez, Ramon — *Las Casas y Sepúlveda frente a frente*. In: *Ciencia Tomista*, Tomo 102, Abril-Septiembre, 1975, págs. 209-247.
- Holanda, Francisco de — *Da Pintura Antiga*. Comentada por Joaquim de Vasconcelos. Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1918, 352 págs.
- Hourdin, Georges — *Un intellectuel sans vanité. St. Thomas More*. Paris, J. Gabalda et Cie, éditeurs, 1958, 137 págs.
- Hoyle, Fred — *De Stonehenge a la Cosmología Contemporánea — Nicolás Copérnico*. Un ensayo sobre su vida y su obra. Traductor: Luis González. Madrid, Alianza Editorial (El Libro de Bolsillo), 1976, 198 págs.
- Hubert, O. P., R. P. M. — *Quelques Aspects du Latin Philosophique aux XII^e et XIII^e Siècles*. In: *Revue des Études Latines*, vol. 27, 1949, págs. 211-233.
- Hughes, Philip — *História da Igreja Católica*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1954, 336 págs.
- Iohannis Dominici — *Lucula Noctis*. Ed. Brother Edmund Hunt, C.S.C. Publications in Mediaeval Studies, vol. 4. The University of Notre Dame. Notre Dame, Indiana, 1940, 432 págs.
- Isidorus, Sanctus — *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum sive Originum Libri XX*. Ed. W. M. Lindsay. Oxford, Clarendon Press, 1966, 2 vol.
- Isoldi, A. M. Jacobelli — *Tommaso Campanella. La crisi della coscienza di sé*. Milano-Roma, Fratelli Bocca Editori, 1953, 222 págs.
- Janet, Paul., Séailles, Gabriel — *Histoire de la Philosophie. Les Problèmes et les Écoles*. Treizième édition. Paris, Librairie Delagrave, 1923, 1084 págs.
- Janzen, Jean — *L'Allemagne et la Réforme*. Traduit de l'allemand sur la quatorzième édition. Complété et publié par Louis Pastor. Paris, Librairie Plon, Plon-Nourrit et Cie Imprimeurs-Éditeurs, 1907, 7 vol.
- Jansen, Johannes — *Geschichte des deutschen Volkes seit dem Ausgang des Mittelalters*. Freiburg im Breisgau, Herdersche Verlagshandlung, 1904, 7 vol.
- Jonson, Ben — *Volpone ou a Raposa*. Comédia em 5 atos. Tradução de Newton Belleza. Rio de Janeiro, Emecê Editora Ltda., 1977, 167 págs.
- Journet, Charles — *Saint Nicolas de Flue*. 3^e édition. Neuchâtel, Éditions de la Baconnière. Paris, Éditions du Seuil, 1966, 232 págs.
- Knowles, David — *A Characteristic of the Mental Climate of the Fourteenth Century*. In: *Mélanges Offerits a Etienne Gilson*. Paris, Vrin, 1939, pág. 315-325.
- Kohnen, O. F. M., Mansueto — *História da Literatura Germânica*. 3.^a edição revisa, aumentada e ilustrada (Universidade do Brasil. Publicação da Faculdade Nacional de Filosofia). Salvador, Editora Mensageiro da Fé, 1960, 5 vol.
- Kristeller, Paul Oskar — *Medieval Aspects of Renaissance Learning*. Edited and translated by Edward P. Mahoney. Durham, North Carolina, Duke University Press, 1974, 175 págs.
- — *Le Thomisme et la Pensée Italienne de la Renaissance*. Montréal, Inst. d'Études Médiévales. Paris, Librairie J. Vrin, 1967, 287 págs.
- — *Ocho Filósofos del Renacimiento Italiano*. Traducción de María Martínez Peñaloza. México, Fondo de Cultura Económica (Breviarios n.º 210), 1970, 222 págs.
- Langland, William — *Visions from Piers Plowman*, taken from the Poem of William Langland and translated into modern English by Nevill Coghill. New York, Oxford University Press, 1970, 143 págs.

- Lassègue, Juan B. — *La larga marcha de Las Casas*. Selección y Presentación de Textos. Lima, Peru. Centro de Estudios y Publicaciones (CEP) 1974, 418 págs.
- Lawson, John — *Medieval Education and the Reformation*. London, Routledge and Kegan Paul — New York, Humanities Press, 1967, 115 págs.
- Leão, Hebreu — *Diálogos de Amor*. Introdução, tradução e notas de Reis Brasil. Lisboa, Livraria Portugal, 1968, 2 vol.
- Ledóchowska OSU, Thérèse — *Angele Merici et la Compagnie de Ste-Ursule a la lumière des Documents*. Roma-Milano, Ancora, 1967, 2 vol.
- Leite, S. I., Serafim — *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa-Rio de Janeiro, Edições Brotéria — Livros de Portugal, 1953, 324 págs.
- León, Cieza De — *La Crónica del Perú*. Tercera edición. (Colección Austral. N.º 507). Madrid, Espasa-Calpe S.A., 1962, 294 págs.
- Léonard, Émile G. — *Le Protestant Français*. Paris, Presses Universitaires de France, 1953, 316 págs.
- Lépiciér, Alexis M. — *Les Indulgences*. Leur origine, leur nature, leur développement. Traduit de l'italien, sous le contrôle de l'auteur. Seule édition française autorisée. Paris, P. Lethielleux, Libraire-Éditeur, 1903, 2 vol.
- Llinares, Jose A. — *Evangelización liberadora según Bartolomé de las Casas*. In: *Ciencia Tomista*, Tomo 102, Abril-Septiembre, 1975, págs. 185-208.
- Llorca S. J., Bernardino — *La Inquisición Española*. Estudio crítico. Comillas (Santander), Universidad Pontificia, 1953, 190 págs.
- Loyola, San Ignacio de — *Obras Completas*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1963, 1021 págs.
- Lofendlo, Luis María — *Savonarola*. Tradução de José Ervedosa. Lisboa, Editorial Aster, 1958, 421 págs.
- Lortz, Joseph — *Historia de la Reforma*. Versión española de Lucio García Ortega bajo la supervisión del P. Jesús Aguirre. Madrid, Taurus Ediciones, 1963, 2 vol.
- Luciani, Albino — *Ilustrísimos Senhores*. Tradução de Pe. Guido Piccoli e Pe. Maurício Ruffier, S. J. São Paulo, Edições Loyola, 1979, 222 págs.
- Lutero — *De servo arbitrio*. In: *Luthers Werke in Auswahl*. Dritter Band. Sechste, durchgesehene Auflage. Berlin, Walter de Gruyter und Co., 1966, 516 págs.
- — *Obras*. Edición preparada por Teófanés Egido. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1977, 472 págs.
- — *Tischreden*, in *Luthers Werke*, in *Auswahl*. Achter Band. Herausgegeben von Otto Clemen. Neudruck Berlin, Verlag von Walter de Gruyter und Co., 1950, 387 págs.
- Lynn, Caro — *The Repetitio: and a Repetitio*. In: *Speculum*, vol. 6, 1931, págs. 123-131.
- Macek, Josef — *Il Rinascimento italiano a cura di Leandro Perini*. Traduzione di Hana Kubistova Casadei. Roma, Editori Riuniti, 1974, 454 págs.
- Machiavelli, Niccolò — *Il Principe*. Seconda edizione nuova BUR. Milano, Rizzoli Editore, 1977, 221 págs.
- — *Le Istorie Fiorentine*. Annotato ad uso delle scuole da Pietro Ravasio. Edizione stereotipa (Diciassettesima tiratura). Firenze, G. Barbero Editore, 1916, 377 págs.

- Macy, John — *História da Literatura Mundial*. Tradução de Monteiro Lobato. Quarta edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958, 402 págs.
- Margolin, Jean-Claude — *Érasme par lui-même*. Paris, Seuil (Écrivains de Tous-jours), 1970, 169 págs.
- Maritain, Jacques — *Humanisme Intégral*. Problèmes Temporels et spirituels d'une nouvelle Chrétienté. Paris, Fernand Aubier, 1936, 334 págs.
- — *Humanismo Integral*. Tradução de Afrânio Coutinho. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942, 297 págs.
- — *Trois Réformateurs*. Luther-Descartes-Rousseau. Nouvelle édition revue et augmentée. Paris, Librairie Plon, 1947, 332 págs.
- Martin, Alfred Von — *Sociología del Renacimiento*. Traducción de Manuel Pedro. Tercera edición en español. México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1966, 132 págs.
- Martins, José V. de Pina — *Cultura Italiana*. Lisboa, Editorial Verbo, 1971, 305 págs.
- — *Cultura Portuguesa*. Lisboa, Editorial Verbo, 1974, 391 págs.
- Martins, Oliveira — *História de Portugal*. 16.ª edição. Lisboa, Guimarães Editores, 1972, 609 págs.
- Martins, Wilson — *A Palavra Escrita*. São Paulo, Editora Anhembi Limitada, 1957, 349 págs.
- — *História da Inteligência Brasileira*. Vol. I (1550-1794). 1.ª edição. São Paulo, Editora Cultrix-Editora da Universidade de São Paulo, 1976, 385 págs.
- Maury, G. Bonet — *De opera scholastica Fratrum Vitae Communis*. In: *Nederlandia*. Paris, Librairie Hachette et Cie, 1889, 99 págs.
- McMurtrie, Douglas C. — *O Livro*. Impressão e Fabrico. Tradução de Maria Luísa Saavedra Machado. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, 604 págs.
- Meillet, A. — *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*. Cinquième édition. Paris, Librairie Hachette, 1948, 290 págs.
- Melanchthon, Ph. — *Melanchthons Werke*. III Band. *Humanistische Schriften*. Herausgegeben von Richard Nurnberger. 2. Auflage. Gutersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1969, 372 págs.
- Mérelkovski, Dmitri — *Calvin*. Traduit du russe par Constantin Andronikoff. Paris (NRF), Gallimard, 1942, 220 págs.
- Merino O. P., Julian — *Fundamentos de la teoría política del P. Las Casas*. In: *Ciencia Tomista*, Tomo 102, Abril-Septiembre, 1975, págs. 279-323.
- Mommsen, Theodor E. — *Petrarch's Conception of the "Dark Ages"*. In: *Speculum*, vol. XVII, Number 2, April, 1942, pág. 226-242.
- Monnier-Marc — *La Renaissance de Dante a Luther*. Paris, Librairie Firmin-Didot et Cie, 1884, 528 págs.
- Moog, Willy — *Geschichte der Pädagogik*. Band 2. Die Pädagogik der Neuzeit von der Renaissance bis zum Ende des 17. Jahrhunderts. Düsseldorf, A. Henn Verlag. Ratingen-Hannover, A. W. Zickfeldt Verlag Kg. 1967, 338 págs. (8. unveränderte Auflage der 7. völlig neugestalteten Auflage.).
- Moraes, Rubens Borba — *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1979, 234 págs.
- More, Thomas — *Utopia*. Texto latino. Versione italiana, introduzione e note di Luigi Firpo. Vicenza, Neri Pozza Editore, 1978, 316 págs.

- Mulcaster, Richard — *Positions*. Edited by Richard L. DeMolen (Classics in Education, N.º 44). New York, Teachers College Press. Teachers College, Columbia University, 1971, 284 págs.
- Napoli, Giovanni Di — *Storia della Filosofia per i Licei*. Torino, Marietti Editori Ltd., 1967, 3 vol.
- Nardi, Bruno — *Copernico studente a Padova*. In: *Mélanges offerts à Étienne Gilson*. Paris, Vrin, 1959, págs. 437-446.
- Nolhac, Pierre De — *Érasme en Italie*. Étude sur un épisode de la Renaissance suivie de Douze Lettres Inédites d'Érasme. Nouvelle édition. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1898, 144 págs.
- Nunes, Ruy Afonso da Costa — *História da Educação na Antiguidade Cristã*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda. — Editora da Universidade de São Paulo, 1978, 246 págs.
- — *História da Educação na Idade Média*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda. — Editora da Universidade de São Paulo, 1979, 313 págs.
- Olgiate, Francesco — *L'Anima dell'Umanesimo e del Rinascimento*. Saggio filosofico. Milano, Società Editrice "Vita e Pensiero", 1924, 855 págs.
- Omodeo, Adolfo — *Giovanni Calvino e la Riforma in Ginevra*. Opera postuma a cura di B. Croce. Bari, Gius. Laterza e Figli, 1947, 153 págs.
- Orsenigo, Cesare — *I Criteri Pedagogici di S. Carlo Borromeo*. In: *San Carlo Borromeo nel III.º Centenario della canonizzazione*. Milano, La Scuola Cattolica (numero straordinario), 1910, págs. 52-65.
- Pacioli — *Frà Luca Pacioli e seu Tratado de Escriuração de Contas*. Primeira tradução estampada em português, com comentários, biografia, bibliografia e notas explicativas pelos Profs. Francisco Valle e Armando Aloe. São Paulo, Editora Atlas S.A., 1966, 198 págs.
- Padrón, Francisco Morales — *Los Conquistadores de America* (Colección Austral, n.º 1565). Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1974, 171 págs.
- Palá, Sch. P., Claudio Vilá — *Fuentes inmediatas de la Pedagogía Calasanzia*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto "San José de Calasanz", 1960, 525 págs.
- Panizza, Letizia A. — *Gasparino Barzizza's Commentaries on Seneca's Letters*. In: *Traditio*, vol. XXXIII, 1977, págs. 297-358.
- Paoli, Ugo Enrico — *Prose e Poesie Latine di Scrittori Italiani*. Quarta edizione ampliata. Firenze, Felice Le Monnier, 1935, 286 págs.
- Passos, Alexandre — *A Imprensa no Período Colonial*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde (Os Cadernos de Cultura), Imprensa Nacional, 1952, 71 págs.
- Pastor, Ludwig Frelhern von — *Geschichte der Päpste seit dem Ausgang des Mittelalters*. Zwölfté unveränderte Auflage. Freiburg-Rom, Verlag Herder, 16 cm 22 vol.
- Paulsen, Dr. Friedrich — *Geschichte des Gelehrten Unterrichts auf den deutschen Schulen und Universitäten vom Ausgang des Mittelalters bis zur Gegenwart*. Zweite, umgearbeitete und sehr erweiterte Auflage. Leipzig, Verlag von Veit und Comp., 1896, 2 vol.
- — *The German Universities and University Study*. Authorized translation by Franka Thilly and William W. Elwang with a preface special written for the English edition by M. E. Sadler. London, Longmans Green and Co., 1906, 451 págs.

- Pelayo, Marcelino Menéndez — *Historia de los Heterodoxos Españoles*. Segunda edición. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1965, 2 vol.
- Petrarca, Francesco — *Prose*, a cura di G. Martellotti e di P.G. Ricci-E. Carrar E. Bianchi. Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1955, 1205 págs.
- Platter, Thomas — *Autobiographie* (Cahiers des Annales, 22). Texte traduit et présenté par Marie Helmer. Paris, Librairie Armand Colin, 1964, 144 págs.
- Plutarco — *Plutarchi Vitae graecae et latinae*. Edit. Theod. Doemmer. Paris, Editoris Firmin-Didot et Sociis, 1847, 2 vol.
- Prada, Andres Vazquez de — *Sir Tomas Moro. Lord Canciller de Inglaterra*. Madrid, Ediciones Rialp, S.A., 1962, 395 págs.
- Prampolini, Giacomo — *Storia Universale della Letteratura*. Torino, Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1935, 5 vol.
- Prodi, Paolo — *Riforma Cattolica e Controriforma*. In: *Nuove Questioni di Storia Moderna*, págs. 357-418.
- Rabelais, F. — *Oeuvres de Rabelais*. Collationnées sur les éditions originales, accompagnées d'une bibliographie et d'un glossaire par Louis Moland. Paris, Editions Garnier Frères, 1950, 2 vol.
- Randall Jr., John H. — *La Formación del Pensamiento Moderno*. Historia intelectual de nuestra época. Traducción directa de Juan Adolfo Vázquez. Buenos Aires, Editorial Nova, 1952, 719 págs.
- Ranke, Leopold von — *Historia de los Papas en la época moderna*. Traducción directa por Eugenio Imaz. Segunda edición. México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1951, 628 págs.
- Rapp, Francis — *L'Eglise et la Vie religieuse en Occident à la fin du Moyen Age* (Nouvelle Clio, 25). Paris, Presses Universitaires de France, 1971, 381 págs.
- Reinach, Salomon — *Apollo. Histoire Générale des Arts Plastiques*. Paris, Librairie Hachette, 1949, 350 págs.
- Resende, André — *Oração de Sapiência* (Oratio pro Rostris). Tradução de Miguel Pinto de Meneses. Introdução e notas de A. Moreira de Sá. Lisboa, Instituto de Alta Cultura (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 1956, 167 págs.
- Reynolds, L. D., N. G. Wilson — *Scribes and Scholars. A guide to the transmission of greek and latin literature*. Oxford, University Press, 1968, 185 págs.
- Ribeiro, Flexa — *História Crítica da Arte*. Vol. II. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962, 460 págs.
- Riboulet, L. — *História da Pedagogia*. Traduzida da segunda edição por Justino Mendes. Obra premiada pela Academia Francesa. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1951, 678 págs.
- Ritter, Gerhard — *Die geschichtliche Bedeutung des deutschen Humanismus*. In: *Historische Zeitschrift*, T. 127, 1923, págs. 393-453.
- Roper, William — *La Vie de Sir Thomas More et Ecrits de Prison*. Traduction de Pierre Leyris. Paris, Editions du Seuil, 1953, 220 págs.
- Rosa, Romano — *Battista Spagnoli Mantovano*. In: *Tomismo e Antitomismo* (Memorie Domenicane, Nuova Serie, N.º 7). Pistoia, 1976, págs. 226-264.
- Rotta, Paolo — *Niccolò Cusano*. Milano, Fratelli Bocca-Editori, 1942, 330 págs.
- Ryan, Lawrence V. — *Roger Ascham*. Second Printing. Stanford, California, Stanford University Press — London, Oxford University Press, 1964, 352 págs.

- Sakta, Giuseppe — *Il pensiero italiano nell'Umanesimo e nel Rinascimento*. Bologna, Dott. Cesare Zuffi Editore, 1949, 3 vol.
- — *Il Rinascimento*. Seconda edizione. Firenze, G. C. Sansoni Editore, 1961, 3 vol.
- — *Filosofia Italiana e Umanesimo*. Venezia, La Nuova Italia Editrice, 1928, 157 págs.
- Sanches, Francisco — *Tratados Filosóficos*. Prefácio e Notas de A. Moreira de Sá. Tradução de Basílio de Vasconcelos e Miguel Pinto de Meneses. Vol. I, Instituto de Alta Cultura (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 1955, 347 págs.
- Sandys, Sir John Edwin — *A Short History of Classical Scholarship. From the sixth century B.C. to the present day*. Cambridge, The University Press, 1915, 455 págs.
- Sannazzaro, Piero — *I Primi Cinque Capitoli Generali dei Ministri degli Infermi*. Roma, Curia Generalizia, 1979, 803 págs.
- Sansone, Mario — *Storia della Letteratura Italiana*. Terza edizione riveduta. Prima ristampa. Milano-Messina, Casa Editrice Giuseppe Principato, 1940, 591 págs.
- Sanctis, Francesco De — *Storia della Letteratura Italiana*. Nuova edizione a cura di Benedetto Croce. Bari, Glus. Laterza e Figli, 1925, 2 vol.
- Sanesi, Mons. Dott. Emilio — *La Vita di S. Antonino*, Arcivescovo di Firenze. Firenze, Libreria Editrice Fiorentina, 1941, 202 págs.
- Sántha, Sch. P., Jorge — *Ensayos críticos sobre S. José de Calasanz y las Escuelas Pías*. Salamanca, Imprenta "Calatrava", 1976, 403 págs.
- Sántha, Sch. P., György-César Aguilera, Sch. P., Julián Centelles, Sch. P. — *San José de Calasanz. Su Obra. Escritos*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1956, 827 págs.
- Saralva, Antonio José — *História da Cultura em Portugal*. Lisboa, Jornal do Fôro, 1955, 2 vol.
- Sarmiento, Juan Rios — *Juan Luis Vives*. Madrid, Editorial Juventud, S.A., 1940, 157 págs.
- Sarton, G. — *On the History of Science*. Essays by George Sarton. Selected and edited by Dorothy Stimson. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1962, 383 págs.
- Schmidt, Albert-Marie — *Jean Calvin et la tradition calvinienne* (Collection "Maîtres Spirituels"). Paris. Éditions Du Ceuil, 1957, 191 págs.
- Schwickerat S. J., Robert — *Jesuit Education. Its History and Principles viewed in the light of modern educational problems*. St. Louis, MO., B. Herder, 1903, 687 págs.
- Séo, Henri — *As Origens do Capitalismo Moderno* (Esboço Histórico). Tradução de Carlos Leite de Vasconcelos. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura S.A., 1959, 234 págs.
- Servier, Jean — *Histoire de l'Utopie*. Paris, Gallimard, 1967, 378 págs.
- Setton, Kenneth M. — *The Byzantine Background to the Italian Renaissance*. In: *Proceedings of the American Philosophical Society*, 1956, vol. 100, N.º 1, págs. 1-76.
- Silva, Nuno J. Espinosa Gomes da — *Humanismo e Direito em Portugal no Século XVI*. Lisboa, Tipografia da E.N.P. (Secção Anuário Comercial de Portugal), 1964, 399 págs.

- Smalley, Beryl — *English Friars and Antiquity in the Early Fourteenth Century*. Oxford, Basil Blackwell, 1960, 398 págs.
- Sombart, Werner — *El Burgues*. Contribución a la historia moral y intelectual del hombre económico moderno. Versión castellana de Victor Bernardo. Buenos Aires, Ediciones Oresme, 1953, 374 págs.
- Sorbelli, Albano — *Storia della Università di Bologna*. Bologna, Nicola Zanichelli, 1914, 2 vol.
- Southey, Roberto — *História do Brasil*. Tradução do Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e anotada pelo Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, 1862, 6 vol.
- Stein, Stanley J. e Barbara H. — *A Herança Colonial da América Latina*. Ensaio de Dependência Econômica. Tradução de José Fernandes Dias. 2.ª edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977, 158 págs.
- Sticco, Maria — *Pensiero e Poesia in S. Bernardino da Siena*. Seconda edizione completamente rifatta. Milano, Società Editrice "Vita e Pensiero", 1945, 365 págs.
- Symonds, John Addington — *El Renacimiento en Italia*. Traducción de Wenceslao Roces. México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1957, 1101 págs.
- Tarozzi, Giuseppe — *Cenni storici di Pedagogia come scienza filosofica*. Bologna, Nicola Zanichelli Editore, 1936, 516 págs.
- Tasso, Torquato — *La Gerusalemme Liberata*. Con introduzione, commenti e riassunti di Emilio Zanette. 2.ª ristampa. Torino, Società Editrice Internazionale, 1937, 596 págs.
- Taton, René — *História Geral das Ciências*. Tomo II. A Ciência Moderna, 1.º volume. O Renascimento. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960, 192 págs.
- Thorndike, Lynn — *A History of Magic and Experimental Science*. Third printing. New York: Morningside Heights, Columbia University Press, 1959, 6 vol.
- — *A Note on a Note to a Note*. In: *Speculum*, vol. 1, 1926, págs. 103-104.
- — *Public Recitals in Universities of the Fifteenth Century*. In: *Speculum*, vol. 3, 1928, págs. 104-105.
- — *Public Readings of New York in Medieval Universities*. In: *Speculum*, vol. 1, 1926, págs. 101-103.
- Toinet, Paul — *Luther parmi nous*. In: *Revue Thomiste*, T. 77, 1977, págs. 207-241.
- Tomás de Aquino, Santo — *Summa Theologiae*. Alba-Roma, Editiones Paulinae, 1962, 2849 págs.
- Tour, P. Imbart de la — *Les Origines de la Réforme*. Tome IV. Calvin et l'Institution Chrétienne. Paris, Librairie de Paris, Firmin-Didot et Cie, Éditeurs, 1935, 506 págs.
- Tüchle, G., C. A. Bouman — *Nova História da Igreja*. Tomo III. Reforma e Contra-Reforma. Tradução de Waldomiro Pires Martins. Petrópolis, RJ, Editora Vozes Limitada, 1971, 531 págs.
- Valla, Lorenzo — *Scritti Filosofici e Religiosi*. Introduzione, traduzione e note a cura di Giorgio Radetti. Firenze, Sansoni, 1953, 469 págs.

- Valpuesta O. C. D., P. Pedro Maia — *Francisco de Vitoria, Professor*. In: *Ciencia Tomista*, Tomo 97, n.º 313, 1970, págs. 605-619.
- Vários — *Aspects de l'Université de Paris*. Paris, Éditions Albin Michel, 1949, 266 págs.
- — *Bibliotheca Sanctorum*. Roma, Istituto Giovanni XXIII nella Pontificia Università Lateranense, 1963, 13 vol.
- — *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*. Troisième Série. N.º 2. Juin, 1953, 104 págs.
- — *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, a cura di Eugenio Garin. Firenze, Coedizioni Giuntine-Sansoni, 1958, 747 págs.
- — *Il pensiero pedagogico del Rinascimento*, a cura di Felice Battaglia. Firenze, Coedizioni Giuntine-Sansoni, 1960, 698 págs.
- — *Il pensiero pedagogico della Controriforma*, a cura di Luigi Volpicelli. Firenze, Coedizioni Giuntine-Sansoni, 1960, 614 págs.
- — *La Vita Italiana nel Cinquecento*. Roma, Garzanti, 1943, 410 págs.
- — *Le Origini dell'Università*, a cura di Girolamo Arnaldi. Bologna, Società Editrice il Mulino, 1974, 217 págs.
- — *Les Universités Européennes du XIV^e au XVIII^e Siècle. Aspects et Problèmes*. Actes du Colloque International à l'occasion du VI^e Centenaire de l'Université Jagellone de Cracovie 6-8 Mai 1964. Genève, Librairie Droz, 1967, 193 págs.
- — *Mélanges offerts à Étienne Gilson*. Toronto, Pontifical Institute of Mediaeval Studies — Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1959, 704 págs.
- — *Nuove Questioni di Storia Moderna*. Milano, Marzorati Editore, 1972, 2 vol.
- — *Para além da Ciência (L'Avenir de la science)*. Tradução portuguesa de Eduardo Pinheiro. 2.ª edição. Porto, Livraria Tavares Martins, 1949, 299 págs.
- — *Prosatori Latini del Quattrocento*, a cura di Eugenio Garin. Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1952, 1140 págs.
- — *Prosatori Volgari del Quattrocento*, a cura di Claudio Varese. Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1955, 1163 págs.
- — *The Renaissance Philosophy of Man*. Selections in translation, edited by Ernst Cassirer, Paul Oskar Kristeller, John Herman Randall Jr. Chicago, Phoenix Books, The University of Chicago Press, 1948, 405 págs.
- — *Il IV Centenario del Concilio di Trento*. Conferenza commemorativa tenuta alla Università Cattolica del Sacro Cuore (25-28 marzo 1946). Milano, Società Editrice "Vita e Pensiero", 1946, 66 págs.
- Vasari, Giorgio — *Vidas de Pintores, Escultores y Arquitectos Ilustres*. Traducción castellana de Juan B. Righini y Ernesto Bonasso. Buenos Aires, Librería y Editorial "El Ateneo", 1945, 2 vol.
- Villoslada S. I., Ricardo García — *Ignacio de Loyola. Un Español al servicio del Pontificado*. Primera edición del Centenario patrocinada por los Ayuntamientos de Gulpúzcoa. Zaragoza, Hechos y Dichos, 1956, 463 págs.
- — *Martín Lutero*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1973, 2 vol.

- — *Raíces históricas del Luteranismo*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1969, 299 págs.
- Villoslada, S. I., R. García, Bernardino Llorca S.I. — *Historia de la Iglesia Católica*. Tomo III. Edad Nueva. La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica. Segunda edición. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1967, 1105 págs.
- Vinci, Leonardo da — *Scritti scelti* a cura di Anna Maria Brizio. Torino, Unione Tipografica — Editrice Torinese. Ristampa, 1973, 702 págs.
- Vives, Juan Luis — *Obras Completas*. Primera traslación castellana íntegra y directa, comentarios, notas y un ensayo bibliográfico por Lorenzo Riber. Madrid, M. Aguilar Editor, 1948, 2 vol.
- Walker, Williston — *Jean Calvin. L'Homme et l'Oeuvre*. Traduit avec l'autorisation de l'auteur par E. et N. Weiss. Genève, A. Jullien Editeur, 1909, 503 págs.
- Weil, Alexandre — *Histoire de la Grande Guerre des Paysans*. Troisième édition, revue, corrigée et précédée d'une nouvelle préface. Paris, Poulet-Malassis et De Broise Libraires-Éditeurs, 1860, 336 págs.
- Weiss, R. — *The Greek Culture of South Italy in the later Middle Ages*. In: *Proceedings of the British Academy*, 1951, vol. 37, págs. 23-50.
- Whitehead, Alfred North — *A Ciência e o Mundo Moderno*. 2.ª edição. Tradução de Aires da Mata Machado Filho. São Paulo, Editora Brasiliense Limitada, 1951, 232 págs.
- Wickert, Richard — *Geschichte der Pädagogik*. Leipzig, Verlag von Julius Klinkhardt, 1916, 199 págs.
- — *Historia de la Pedagogía*. Traducción de la 4.ª edición alemana y notas de Lorenzo Luzuriaga. Madrid, Publicaciones de la Revista de Pedagogía, 1930, 240 págs.
- — *Historia de la Educación*. Traducción del alemán y notas de Lorenzo Luzuriaga. Tercera edición. Buenos Aires, Editorial Losada, S.A., 1930, 251 págs.
- Willmann, Otto — *Geschichte des Idealismus*. Braunschweig, Druck und Verlag von Friedrich Vieweg und Sohn, 1894-1897, 3 vol.
- — *Didaktik als Bildungslehre*. Siebte, unveränderte Auflage. Freiburg. Basel. Wien, Herder. 1967, 677 págs.
- Willot, A. — *Educadores Cristãos através da História*. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Coimbra, Atlântida Editora, S. A. R. L., 1969, 360 págs.
- Witt, Ronald G. — *Coluccio Salutati, Chancellor and Citizen of Lucca (1370-1372)*. In: *Traditio*, vol. XXV, 1969, págs. 191-216.
- Woodward, William Harrison — *Studies in Education during the Age of the Renaissance 1400-1600*. New York, Russell and Russell, Inc., 1965, 336 págs.
- — *Vittorino da Felire and Other Humanist Educators*. Second Printing (Classics in Education, N.º 18). New York, Bureau of Publications, Teachers College, Columbia University, 1970, 261 págs.
- Zaccaria, S. Antonio Maria — *Gli Scritti*. Roma, Edizioni del Padri Barnabiti, 1975, 430 págs.
- Zwingli, Ulrico — *Comment former des jeunes gens bien élevés*. Traduction de Pierre Mesnard. In: *Revue Thomiste*, T. 53, 1953, págs. 374-386.

Enciclopédias

Enciclopedia Cattolica. Città del Vaticano, 1951, 12 vol.

Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti. Roma, Giovanni Treccani, 1935, 36 vol.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa, Editorial Verbo, 17 vol.

Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana. Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1967, 97 vol.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Limitada, 1960, 40 vol.

Larousse du XX^e Siècle publié sous la direction de Paul Augé. Paris, Librairie Larousse, 1930, 6 vol.

New Catholic Encyclopedia. New York, McGraw-Hill Company, 1967, 15 vol.

Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire de F. Buisson. Paris, Librairie Hachette et Cie, 1911.

Índice onomástico

- Abaco, Giovanni Dell' 41
Abril, Pedro Simón 157
Acciaiuoli, Nicolò 128
Accursius 58
Achillini, Alessandro 52
Andanal, Tobias 74
Adriano VI 53
Afonso, Dom 61, 145, 147
Afonso IV 10
Afonso V, Dom 143, 146
Agazzin Aldo 103
Agezzi, Francisco 12
Agnoli, Ambrogio degli 41
Agostini, Ludovico 79, 80, 137
Agostinho, Santo 30, 41, 43, 46, 87
Agrícola, Rodolfo (Roelof Huysman
ou Rodolphus Agricola) 23, 58, 63
171, 172, 175, 177, 181
Alarcão, Luís de 62
Albanzani, Donato degli 117
Albergaria, Lopo Soares de 149
Alberti, Leon Battista (Leão Batista
Alberti) 28, 90, 119, 124
Albizzeschi, Albertolo delgi 123
Alexandre, Santo 105
Alfeu 27
Alfonso de Alcalá 61
Alhacen 148
Alighieri, Dante 2, 14, 49, 51, 52,
114, 126, 130, 131
Alighiero 114
Allen, Tom 5
Almada, D. Antão 149
Almain, Jacques 54
Álvares, Afonso 67
Álvares, Baltasar 151, 152
Álvarez, Manuel 151
Alvito 149
Ambrogini, A. 131
Ambrósio 52
Ambrósio, Santo 87
Amerbach 63
Amy, P. 163
Anagnostes 38

Anchieta, José de 153
 Andelys, Adrianus Turnebus de 23
 Anjou, Roberto de 116
 Antal, Frederick 36
 Anteu 27
 Antoniano, Sílvia 103, 138
 Apostolius, Michael 20
 Aquaviva, Cláudio 109
 Aquino, Santo Tomás de 59, 70, 109, 114
 Aragão, Afonso de 21, 129
 Aragão, Catarina de 187, 189
 Aragão, Frederico de 130
 Arcimboldi, João Batista 103
 Aretino, Pietro 134
 Arlosto 130
 Aristófanés 18, 20
 Aristóteles 12, 17, 18, 19, 21, 23, 34, 41, 45, 47, 60, 109, 119, 130, 131, 135, 151, 153, 154, 157, 162, 165, 181, 183, 185, 190
 Argyropoulos, Johannes (Argirópulo) 19, 20, 129, 131
 Arnaldi, Girolamo 55
 Arquitas 88
 Arquimedes 46
 Ascham, Roger 95, 190
 Ascoli, Enoch de 17
 Asconius 16
 Ateneu 20
 Augias 27
 Aurispa 17, 18, 51, 52
 Ausônio (Ausonius) 16, 165
 Ayveduti, Raniera degli 123
 Azonis, Ysabela de 119
 Azpilcueta, Dr. Martinho Navarro 62

 Bacillieri, Tibério 52
 Bacon, Francis 59, 81, 82, 108
 Bacon, Rogério 42
 Balbas, Fernando 60
 Balbina, Santa 60
 Ballanti, Della 139
 Banchino, Domenico 117

- Bárbara, Santa 54, 55, 68
 Bárbaro, Francesco 19, 123, 124
 Barbarus, Hermolaus 21
 Barbosa, Aires 61, 144
 Bardi, Simone dei 114
 Bargellini, Piero 67
 Barill, A. 136
 Barlaam 116
 Barônio, Cardeal 40
 Barônio, César 104
 Barrill, Giovanni 116
 Barros, João de 67, 145
 Bartolomeu de Montepulciano 26
 Bartolomeu dos Mártires, D. Frei 104
 Barzizza, Gasparino 31
 Basílio, São 17, 43, 119
 Battaglia, Felice 27, 28, 90, 91
 Baufort, Lady Margaret 187
 Beatriz 114
 Beatus Rhenanus 63
 Bebel, Heinrich 177
 Beccadelli 21
 Beja, Frei Antonio de 145
 Belarmino, São Roberto 110
 Bellal, Guilherme 130, 164
 Bellay, Jean du 164
 Bembo, Pietro 149, 163
 Berauld 163
 Bérnago, Gasparino Barzizza de 43,
 44, 47, 51, 58, 118, 119, 124, 126
 Bernardo 20
 Berneri, Maria Luisa 83
 Bertoldo, Felipe, o Velho 52
 Bertucci, Sadoc M. 36
 Besozzi, A. 136
 Bessarlão, João 18, 19, 20, 51, 161
 Beroaldo 161
 Beza, Teodoro 55, 102
 Blancosi, Bartolomeu 131
 Biondo, F. 127
 Bisticci, Vespasiano de 40, 47, 49
 Blois, Pedro de 14
 Boenecio, Giovanni 2, 9, 14, 15, 33,
 34, 52, 116, 117, 126, 171, 184
 Bochi 35
 Boécio 178
 Boleslau X 178
 Bolgar 15
 Bonet, Juan Pablo 159
 Bonet-Maury, C. 98
 Borja, São Francisco 108
 Borromeu, Cardeal São Carlos 104,
 105, 106, 133, 138, 167
 Bosco, São João 72
 Bracciolini, Poggio 16, 17, 26, 31, 70,
 122, 127, 128
 Brant, Sebastião 174
 Brescia, Maffeo Gambara da 45
 Bressanone 3
 Brignonnet, Guillaume 162
 Brandeburgo, Bárbara de 129
 Bruni, Leonardo 17, 26, 28, 30, 49,
 70, 86, 87, 88, 122, 128
 Bruno, Giordano 74
 Buccio, Giovanni di 67
 Buchanan, George 23, 62
 Buchanan, Patrício 62
 Budé, G. (Budaeus) 5, 19, 22, 37, 54,
 155, 162, 163, 164
 Bugenhagen, Johann 178, 179, 181
 Bullock, Henry 23
 Bus, César de 104, 166, 167
 Busleiden, J. 23, 53
 Bussi, G. A. de 122
 Caballero, Padre Valentin 107
 Calasans, São José de 67, 106, 107,
 140, 158, 159
 Calcondila, Demétrio 134
 Calcôndilas 185
 Calmoco 20
 Callisto, Andrônico (Callistus, Andro-
 nicus) 18, 20
 Callierges, Zacharias 20
 Calvino, João 55, 102, 103, 163
 Camerarius, Joachim 23
 Camerino, Tommaso da 51
 Campanella, Tomás 74, 77, 81, 141,
 142
 Campono, Giovanni Antonio 20
 Campbell, A. M. 10, 12, 13
 Campen, João de 147
 Campo, Pedro 60
 Candia, Teodoro de 51
 Canter, Willem 23
 Canísio, São Pedro 110
 Capecehatro, Alfonso 105
 Caper 16
 Capistrano, São João 127
 Capronica, Cardeal Domingos 126,
 127
 Carbone, Ludovico 43
 Cardoso, Jerônimo 150

- Carlos V 12, 60, 134, 147, 154
 Carlos VIII 163
 Carrara, Ubertino de 84, 120
 Carrasco, Miguel 60
 Casaubon, Isaac 23
 Castélio, Sebastião 102
 Castiglione, Baldassare 28, 92, 95, 134
 Castiglione, Francesco de 47, 48, 121, 122, 128, 190
 Castro, Bartolomeu de 60, 61
 Caíão 16, 30, 33, 88
 Cavaleiro, Estevão 147
 Cebà, Ansaldo 104, 141
 Cerejeira, Cardeal 145
 Célio, J. 99
 Celso 19
 Celtes, Conrado 63
 Celtis 174
 Cendratta, Tadeo 123
 Cennini, Bernardo 22
 César 19, 88, 101
 Cesarini, Júlio 126
 Chalcondyles, Demetrius 19
 Charron, Pierre 166
 Chaucer, Geoffrey 12, 184
 Cheke, John 23
 Cherso, Francesco Patrizi da 91
 Cícero 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 26, 29, 31, 38, 40, 44, 45, 48, 57, 114, 128, 146, 154, 181, 190
 Cinthio, M. Gio Battista Giraldi 104
 Cipriano, São 87
 Cipião 88
 Ciríaco 18
 Cisneros, Cardeal Francisco Jiménez de 60, 61, 154
 Cisneros, Pedro Ortiz de 156
 Clemente de Alexandria 23
 Clemente IX 159
 Clemente VIII 105, 140, 167, 136, 159
 Cienardo, Nicolau 61, 145, 147
 Clóvia 125
 Codro, António Urceo 51, 52
 Coggeshall, Elizabeth 193
 Colet, John 175, 176, 185, 186, 187, 188
 Colombo, Cristóvão 78
 Colonna, Crisostomo 130
 Colt, Jane 188
 Colosio, Innocenzo 36
 Constantino 125
 Conversino, Giovanni di, da Ravenna 117, 120, 122
 Copérnico 194
 Corbinelli, Angelo 34
 Cordier, Mathurin 54, 102, 163
 Costa, Dr. Manuel da 62
 Costa, João da 62, 149
 Costera 53
 Cortesi, Paolo 31
 Couto, Sebastião do 151
 Cozzano, Gabriel 132
 Criáloras, Manuel 15, 16, 17, 18, 43, 45, 46, 52, 117, 119, 120, 122, 123, 126
 Crisóstomo, João 87
 Crispolti, Cesare 104, 142
 Crockaert, Pierre 54
 Crocke, Richard 23
 Croy, Guilherme de 153
 Cruquius, Jacob 23
 Cusa, Nicolau de 2, 3, 17, 99, 125, 162
 Cusani, Marco de Sadis 104
 D. João, o Infante 61
 Dalberg 181
 Da Lonigo, Ognibene 121
 Damasceno, João 162
 d'Angliera, Pedro 59
 d'Arezo, Leonardo Bruni 119
 Datus, Augustinus 58
 De Bérulle, Cardeal 105
 Decembrio, Angelo 43
 Dehone 36
 d'Elci, António 129
 Delaruelle, E. 71, 99
 Della Casa, Giovanni 92, 93
 Della Mirandola, Giovanni Pico 21, 131, 186, 188
 Della Rovere, Vittoria Farnese 79, 137
 Della Torre, Guido 142
 Della Torre, Ludovico 103, 104, 142
 Demóstenes 17, 18, 19, 20, 23, 48, 119
 Deniflo, Henricus 11
 Descartes 163
 d'Este, Beatriz 134
 d'Este, Niccoló 44, 123
 d'Estissac, Geoffroy 164
 D'Étaples, Lefèvre 162

- Devoto, Giacomo 31
 Diacceto, Francesco Cattani da 27
 Diaconus, Paulus 16
 Dião de Siracusa 88
 Dickens, A. G. 49
 Diógenes 69
 Diogo de Gouveia, o Moço 152
 Dioscórides 21
 D'Irsay, Stephen 52, 53, 61
 Dittes, Frederico 183
 d'Ockham, Guillaume 34
 Dolet, Etienne 23, 163
 Domingos, São 10, 147
 Domínic, Giovanni 34, 35, 36, 117, 118
 Donati, Manetto 114
 Donato 16, 17
 Donatus 45
 Dorat, Jean 23
 Dorotéia, Santa 106, 107
 Dorp, Van den 53
 Duarte, Dom 143, 146, 147
 Dubois, B. A. 105
 Ducas, Demétrio 61
 du Valr 166

 Ebby, Frederick 179
 Eberstein, Otília 179
 Elle, H. 54
 Elyot, Sir Thomas 95, 189, 190, 191
 Emiliani, São Jerônimo (Miani) 105, 136
 Encarnação, Maria da 133
 Entommeures, Frère Jeandes 77
 Epaminondas 88
 Epistêmio 39
 Erasmo de Roterdã 5, 19, 22, 23, 31, 37, 53, 58, 64, 68, 84, 93, 94, 95, 99, 145, 147, 148, 155, 162, 163, 171, 174, 175, 176, 177, 181, 185, 186, 187, 188, 190
 Esparta, Hermônimo de 162
 Esquilo 18, 119
 Esquines 17
 Estácio 45, 184
 Estaço, Aquiles 150
 Estienne, Henri 22
 Estienne, Robert 22
 Estinfálides 27
 Estrabão 23, 45
 Eulvel, Conrad 10
 Euclides 120, 183

 Eudemão 38
 Eugênio IV 23
 Eugênio, Santo 60
 Eurípides 18, 20
 Eutyches 16
 Evangelista de Pisa 40

 Faber, Félix 11
 Fabrício, Arnaldo 62
 Faernus 22
 Fajardo, Don Diego Saavedra 160
 Falconi 36
 Farel, Guilherme 55, 102
 Farnésio, Alexandre 156
 Felicianus, Félix 18
 Felipe, Bartolomeu 146
 Feltre, Vitorino de (Vittorino da Feltre) 19, 28, 42, 43, 47, 48, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 128, 129
 Fernando, Dom 154
 Fernando I 10
 Ferrario, Antonio de 70, 90, 129
 Ferrières, Loup de 14
 Ferreira-Deusdado 151
 Ferrer, São Vicente 10
 Festus, Pompeius 16
 Ficht, Guillaume 54, 161
 Ficino, Marsílio 21, 37, 63, 131, 162, 186
 Filelfo, Francesco 18, 51, 52, 58, 119, 122, 125, 126, 128
 Filthaut 36
 Fisher, João 58
 Fisher, John (João Fisher) 58, 176, 187, 186, 189
 Flaccus, Valerius 16
 Focilides 162
 Fonseca, D. Jerônimo Osório da 148
 Fonseca, Pedro da 151
 Fontainebleau 20
 Forcada, Vicente 10
 Forli, Flavio Blondo de 18
 Formigari 36
 Forrentinus 99
 Fourier, Pedro 167, 168, 169
 Franca, Leonel 108, 109
 Francisco Maria 139
 Francisco I 20, 54, 60, 162, 163
 Francisco, São 10, 123
 Frederico 173
 Friburger, Martin 161

- Frobenius 63, 176
 Froment, Antonio 102
 Frulovisi 184
 Fuente, João de la 60
 Fulvio, Andrea 18
 Fust 21

 Gaguin, Robert 161, 173
 Galantini, Hipólito 104, 106
 Galeazzo 86
 Galeno 47
 Galileu 70, 141
 Garcilaso 156
 Garganta, José M. de 10
 Gargântua 38, 39, 77
 Garin, Eugenio 34, 35, 45, 46, 48,
 70, 84, 86, 87, 89, 90, 92, 113, 126
 Goza, Teodorus 19, 20, 52, 58
 Gaudemet, Jean 33
 Gellius, Aulo (Gélio) 19, 29, 46
 Gentino 60
 Gering, Ulrich 161
 Germânico 16
 Gerson, Jean 71, 72, 73, 172
 Ghetil, Andrea 136
 Gilbert, K. 177
 Gilbert, Humphrey 190, 192, 193
 Gilbert, Otho 192
 Gilbert, William 193
 Gilson, Etienne 36
 Glocondo, Frel Giovanol del 18
 Giovannino de Mântua 33, 115
 Girolano de Nápoles 40, 41
 Giussano, Pietro 104
 Gloucester, Humphrey of 184
 Goclênio, Conrado 147
 Góia, Damião de 148
 Góis, Manuel de 151
 Gonzaga 47, 134
 Gonzaga, Fernando de 137
 Gonzaga, Gianfrancesco 47, 120
 Gonzaga, Giovanni Francesco 121
 Gonzaga, Hércules 137
 Gourmont, Gilles 162
 Gouvêa, F. G. 149
 Gouveia, André de 62, 150, 165
 Gouveia, Antônio de 163
 Gouveia, Diogo de, o Velho 54, 61
 Gouveias 55
 Gouveia Sênior 152
 Gradenigo 139
 Grandgousier 38, 76

 Grattius 17
 Gregório XI 159
 Grey, William 57
 Grosyn, William 23, 185, 186, 188
 Groote, Gerard 97, 98
 Grouchy, Nicolas de 62
 Guarino, Battista 19, 43, 45, 46, 51,
 52, 63, 124
 Guérente, Guilherme 62
 Guevara, Antonio de 154, 155
 Guicciardini 190
 Guidobaldo II 139
 Guiraud 24
 Guissani, Gian Pietro 138, 139
 Gutenberg 184

 Hagen, Joana van 148
 Haskins 26
 Heers, Jacques 9
 Heguis, A. 99, 171, 175, 177, 178
 Heimbürg, Gregório de 170
 Henrique, Dom 61, 145
 Henrique VIII 58, 155, 185, 187, 188,
 189, 190
 Henrique V 184
 Henrique VII 134, 187
 Hércules 27
 Heredia, Beltrón de 59
 Hesíquo 20
 Hesus, Eobanus 179
 Heynlin 54
 Hipócrates 47, 164
 Holt, Nicholas 188
 Holofernes, Tubal 38
 Homero 15, 17, 19, 20, 48, 115, 181,
 184
 Hoogstraten 173
 Horácio 23, 45, 114, 175, 156
 Hutten 174, 177, 180
 Huysman, Rodof 172
 Hytlodalus, Rafael 75, 76

 Ilcino, Bernardo 70
 Imola, Benvenuto de 117
 Inácio, Santo 99
 Inglês, Roberto 12
 Inocêncio X 159
 Inocêncio VIII 146
 Irenicus 63
 Isabel I 58
 Isabel, Rainha 193
 Isidoro, Santo 60

- Islip, Simon 11
 Isócrates 18, 20, 23, 29, 190
 Italicus, Silius 16

 James I 193
 Jaime II 143
 Janssen 99, 100
 Jerônimo, São 34, 61, 87, 176
 Jesus 32
 João I, Dom 143
 João II, Dom 61, 144, 146
 João III, Dom 61, 62, 145, 146, 147, 150, 152
 João Paulo I 49
 Jonas 177
 Jorge, Dom 61, 144
 Jorge Hermônimo de Esparta 37
 Joseph, Robert 58
 Jouveny, José de 110
 Juan Huarte de San Juan 157
 Júlio II 21, 23, 163
 Justino 45
 Justino, São 23
 Justus 177
 Juvenal 45

 Kelspeck 63
 Kempis, Tomás de 171
 Knonau, Gerold Meier de 101
 Krantz, Michel 161
 Krapp, Catarina 181
 Krause, K. 177

 La Cuesta, Juan de 160
 Labande, E. R. 71, 99
 Laércio, Diógenes 58
 Lambin, Deny (Dionysius Lambinus) 23
 Lamola 17
 Landino, Cristoforo 21, 27, 28, 130, 131
 Landriani, Gerardo 17
 Langland, William 4, 184
 Lancospigio, Francesco 104
 La Pasture, Roger 3
 Lapini da Montalcino 70
 La Ramée, Pierre de (Ramus) 153, 165
 La Salle, São João Batista de 67
 Las Brozas, Francisco Sanchez de 156
 Lásaris, Constantino 18, 20
 Lásaris, Janus 18, 20, 37
 Lásaris, João 52, 163
 Latimer, William 188
 Latini, Brunetto 114
 Latomus, Bartolomeu 54
 Leão X 18, 20, 21, 23, 52, 130, 134, 163, 173, 185
 Leão XIII 189
 Lechner, Karl 12
 Le Clerc, Alx 168
 Ledesma, Tiago 110
 Ledóchowska, Teresa 106
 Lefèvre, Jacques 37, 163
 Le Goff, Jacques 56
 Leonard, Giovanni 104
 Leonard, São João 105
 Lencastre, Dona Felipa de 143
 Leonard, Giovanni 140
 Leonello 44
 Lerma, Pedro de 60
 Levasti 36
 Lichtenberg, Samuel Karoch von 170
 Lily, William 185, 186, 187
 Linacre, Thomas 23, 175, 185, 186, 188, 190
 Lippl, G. 140
 Lísias 18
 Lívio, Tito 16, 20, 122, 161
 Llorca S. J., Bernardino 103
 Loceo, São 135
 Locke, João 191
 Lodi, Maffeo Vegio da 89
 Loiola, Santo Inácio de 54, 55, 108
 Lombardelli, Orazio 104, 139
 Lombardo, Pedro 40, 59
 Lonigo, Ognibene da 129
 Lucano 184
 Lucas, São 60
 Lucena, Vasco Fernandes de 146
 Luciani, Albino 50
 Luciano 18, 20, 23, 122, 170
 Lucrécio 17
 Luder, Peter 170
 Lúlio, Raimundo 162
 Lutero, Martinho 100, 101, 148, 162, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181
 Lynn, Caro 52

 Macek, J. 66
 Macróbio 46
 Madonna Bella 114
 Magalhães, Cosme do 151

- Magno, Alberto 172
 Magno, São Basílio 32, 87
 Maiz, João 54
 Majoragus, Marcantonio 22
 Malatesta, Battista 86, 87, 119
 Malatesta, Carlo 34
 Malatesta, Paola de 47
 Malaspina 119
 Malpaghini, Giovanni 119
 Manetti, Giannozzo 40, 41, 125, 126
 Manilius, Lucretius 16, 23
 Mantova, Marco 138
 Manucci, Teobaldo 22
 Manuel, Dom 146, 149, 152
 Manuel I, Dom 143
 Manutius, Aldus (Aldo Manuzio) 20, 22
 Manutius, Paulus (Paolo Manuzio) 22
 Manutius II, Aldus 22
 Maomé II 125
 Maquível (Niccolò Machiavelli) 91, 92, 190
 Marcelo 88
 Marcellinus, Ammianus 16
 Marcial 16
 Marco Aurélio 143
 Marco Fábio 26
 Marconi 49
 Margalho, Pedro 147
 Mariana, Juan de 158
 Marineo, Siciliano 59
 Mário 52
 Marques, A. H. de Oliveira 10
 Marquês de Pombal 151
 Marsupini, Carlo 17
 Martens, Thierry 53
 Martinelli 36
 Martinho V 23, 126
 Martins, Padre Valdomiro Pires 103
 Martoli, Margherita de Gian Donato de 116
 Marzagala 122
 Massimi 21
 Masurus, Marco 63
 Maximiano 16
 Máximo, Valério 45, 58
 Mechlin, Mach 5
 Médici, Cosme de 17, 19
 Médici, Giovanni de 185
 Médici, Lourenço de 20, 21, 185
 Médici, Piero de 185
 Meduna, Bartolomeo 104, 138
 Mela, Pompônio 156
 Melanchthon, Filipe 23, 64, 69, 84, 100, 101, 148, 178, 180, 181, 182, 183
 Mena, Juan de 156
 Mensal 27
 Meneses, Dom Aleixo de 149
 Menezes, D. Fernando de 61
 Merici, Santa Ângela 106, 131, 132, 133
 Merula, Giorgio 134
 Mesnard, Pierre 102
 Mestre Felipe 12
 Miani, Ângelo (Emiliano) 135
 Miani, Girolamo (Emiliano) 135
 Maglio, Pietro di 117
 Molino 139
 Monna Lapa 114
 Montaigne, Michel Eyquem de 84, 153, 165, 166
 Montefeltro, Guibaldo de 134
 Montoya, Pedro Lopez de 158
 Monzo, Dr. Francisco, de Alcalá 62
 Moog, Willy 170
 More, John 188
 More, Tomás (Thomas More) 53, 58, 59, 74, 75, 76, 81, 95, 155, 163, 175, 176, 185, 186, 188, 189, 190
 Morosini, D. 135
 Mountjoy, Lord 175
 Muglio, Pedro de 51
 Mulcaster, Richard 191
 Müller, Johann (Regiomontanus) 23
 Münster 148
 Muret, Marc-Antoine 22
 Murnelling, Johann (Murmellius) 99, 178
 Mussato, Albertino 33, 114
 Musurus, Marcus 20
 Myconius 31
 Nabucodonosor 101
 Nadal, Jerônimo 110
 Nangis, Guilherme de 12
 Navarra, Margarida 54
 Nazianzeno, Gregório 87
 Neander, Miguel de 183
 Nebrija, Antonio de 60, 147, 154
 Neckam, Alexandre 26
 Negro, Francisco 57
 Nemesianus 17
 Neri, São Filippo 105

- Neri, São Filipe 105, 140, 167
 Nerli, Neri 20
 Netherhall, John Colt de 188
 Nicolau V 19, 20, 23, 40, 51, 126, 146
 Nicoli, Niccolò de' 17
 Niccoli 26
 Norden 15
 Novella, Santa Maria 117, 125
 Novello, Francisco 120
 Nunes, Pedro 61, 148
 Nunes, Ruy Afonso da Costa 32, 106
 Nuñez, Hernán 61

 Oliveira, Fernão de 149
 Onófrío 67
 Oporinus (Herbster) 63
 Oresme, Nicolau 12
 Os Gouveias 151
 Ovílio 16, 34, 45, 57, 58, 114, 156, 175, 184
 Ourliac, Paul 71, 99

 Pablo, Coronel 61
 Pace, Richard 188, 189
 Paleólogo 126
 Palermo, Antonio de 21
 Palmieri, Matteo 90, 95, 127, 128, 190
 Palmireno, Juan Lorenzo 155
 Palude 53
 Pannartz 21
 Pannonio, Giano 43
 Pantagruel 38, 39, 68
 Pantin, W. A. 57, 58
 Papiniano 38
 Parini 136
 Parrasio, Aulo Giano 17
 Pascale, Lelio 104
 Patrizio 140
 Paulo V 159
 Paulo, São 32, 60, 132
 Paulo VI 167
 Paulo III 130, 136, 188
 Paulsen, Dr. Friedrich 63, 64, 108, 109
 Pausânias 20
 Pedro, Dom 143
 Pedro, São 60, 68
 Péguy 49
 Pelacani, Biagio 120
 Penélope 49

 Penitência, São João da 60
 Perga, Apolônio de 23
 Péricles 88
 Perotti, Niccolò 20
 Pérsio 45, 156, 178
 Perugia, Paolo da 116
 Pescetti, Orlando 104, 141
 Petrarca, Francesco 2, 14, 15, 16, 17, 26, 115, 116, 117, 126, 174, 184
 Pfäfers 11
 Pfalz, Friedrich von der 170
 Pfefferkorn 173
 Pichrocole 76
 Pickel, Conrado 174
 Piccolomini, Alessandro 134, 138
 Piccolomini, E. S. 53, 88, 89, 125, 127
 Piccolomini, Fr. Brandini 135
 Piers Plowman 4
 Pietra, Henrique de 104
 Pietrobono, Gasparino di 118
 Pilatos, Leôncio 116
 Píndaro 18, 20
 Pinóquio 49
 Pinto, Frei Heitor 152
 Pio XII 159
 Pio XI 188, 189
 Pio V, São 136, 150
 Pio II 53, 58, 88, 127, 134, 170
 Pio VII 132, 167
 Pistola, Cino da 116
 Pistoris, Maternus 179
 Pitágoras 162
 Pizzicotti, Ciriaco de', de Ancona 18
 Platão 15, 17, 18, 19, 20, 22, 38, 45, 47, 119, 130, 185, 190
 Platina, Bartolomeu 47, 48, 121, 123
 Platter, Thomas 67, 68
 Plauto 17, 19, 21, 45, 171
 Pletão 19
 Plethon, Gemisthos 19
 Plínio 17, 18, 46, 58, 146, 183
 Plínio, o Velho 22
 Plowman, Piers 184
 Plutarco 17, 18, 19, 20, 23, 26, 119, 122, 124, 128, 166, 176, 190
 Pompônio Leão 21, 63, ver
 Pomponius Laetus
 Pomponius Laetus 21, ver Pompônio Leão
 Poncher, Etienne 54
 Podiebrad, Jorge 170

Pole, Cardeal 104
 Pole, Reginaldo 186, 188
 Polentone, Sisco 117, 122
 Polibio 17
 Policiano 17, 185
 Poliziano, Angelo Ambrogini 21, 131, 144
 Pompeu 16
 Pomponazzi, Pietro 52, 130
 Pontano, Giovanni 21, 129
 Pontano, Tiago 110
 Pornocrates 38
 Possevino, Antonio 104, 137
 Postel, Guilherme 54
 Prato, Sassolo de 47, 120, 121, 128
 Prendilacqua, Francesco 47, 120, 121, 128
 Preti, Giulio 92
 Probus 16
 Procópio 17
 Psellus 165
 Ptolomeu 23, 45, 47

 Quintiliano 16, 19, 20, 26, 29, 30, 43, 44, 45, 128, 131, 154, 176, 190, 191

 Rabelais, Francisco 37, 38, 39, 68, 76
 Rabelais, François 163, 164
 Radewin, Florêncio 97, 98
 Raleigh, Walter 192
 Rambaldi 51
 Rambaldoni 120
 Rebelo, Diogo Lopes 144
 Renaudet, Augustin 53, 54
 Réscio, Rutgero 145, 147
 Resende, André de 61, 96, 145, 146, 149
 Reuchlin, Johann 23, 37, 173, 174, 177, 178, 179, 180
 Reulos, Michel 55
 Reuter, Barbara 180
 Reynolds, L. D. 13
 Rhagius, João 179
 Ribadeneyra, Pedro de 156
 Riboulet, R. 101
 Richecœur, Louis 167
 Risse, Wilhelm 147
 Robertelli, Francesco 22
 Rodes, Apolônio de 20
 Rodrigo, Antonio 60
 Romallón, J. B. 167

Rosvita 175
 Rotterdam, Erasmus von 93
 Rubeanus, Crotus 177
 Rufus, Mutianus Konrad 177
 Ruscelli 139
 Rustici, Cencio 26
 Ruzé, Luís 5

 Sabundo, Raimundo de 166
 Sacchi, Bartolomeou (il Platina) 129
 Sacchini, Francisco 110
 Sacrobosco, João de 148
 Sadoletto, Jacopo 130, 149, 163
 Saitta, Giuseppe 36, 86, 87
 Sales, São Francisco de 106, 137
 Salisbury, João de 14
 Salutati, Lino Coluccio 16, 26, 34, 35, 51, 70, 117, 118, 119
 Sambonifacio, Donna Laura 142
 Sandys, Sir John Edwin 17, 18, 22, 26
 Sancesi, Emilio 128
 San Gallo, Giuliano de 18
 San Miniato, Giovanni di 34, 35, 117, 118
 Sannazaro, Jacopo 17, 21
 Santa Catarina de Alexandria 60, 68
 Santa Catarina de Sena 118
 Santa Cruz, Pedro de 60
 Sántha, Jorge 106, 107
 Saralva, A. J. 62, 67
 Sarzana, Alberto de 44, 123
 Sarzana, Tommaso Parentucelli de 20
 Sassoferrato, Niccolò Perotti da 51
 Savola, Filiberto de 126
 Scollger, Joseph Justus 23
 Scalliger, Julius Caesar (Jólio César Scaliger) 22, 23
 Schwarzerd, Jorge 180
 Sebastião, Dom 149
 Selling, William of 23, 57, 185
 Sena, São Bernardino de 66, 123
 Sêneca 23, 34, 44, 45, 53, 126, 166
 Sênior, Diogo de Gouveia 153
 Sepolero, Dionigi da Borgo S. 116
 Servier, Jean 77
 Servius (Sérvio) 19, 22
 Sforza, Guido 150
 Sforza, Ludovico 134
 Sículo, Cataldo Parísis 61, 144
 Siena, São Bernardino de 44, 49, 70
 Siena, Francesco Patrizi di 90, 190

Sigeu, Diogo 61
 Sigismundo, Imperador 120, 126
 Signa, Martino da 116
 Sigonius, Carolus 22
 Sílvia, Enéias, 124, 170
 Simon 36
 Simplicius 20
 Simler, Georg 180
 Sinto, J. 99
 Sirmond, Jacques, 167
 Sísito 69
 Sisto IV 23, 161, 170
 S. J. Brodrick, James 108
 Soares, D. Frei João 67
 Sobrinho, Diogo de Gouveia 62
 Sócrates 47, 126
 Sófocles, 18, 20
 Sorbelli, Albano 52
 Spagnoli, Battista 51
 Speroni, Sperone 130
 Spira, João de 21
 Standonk, J. 99
 Statius 17
 Stelling-Michaud, Suen 51, 53, 55, 64
 Stephanus 22
 Strada, Giovanni da 116
 Strabo 18
 Strozzi, Benedetto 41
 Strozzi, Palla 122
 Sturm, Johann 99, 181, 182, 183, 191
 Sudbury, Simon de 11
 Suetônio 20, 58
 Suidas 20
 Sulmona, Barbato da 116
 Sylburg, Friedrich 23
 Sylvius, Aeneas 58, 63, 190
 Syntherius 99
 Sweynheym 21
 Tácito 16
 Tardif 173
 Tasso, Bernardo 139
 Tasso, Torquato 103, 139, 141
 Teiva, Diogo de 62, 150
 Temístio 21
 Teócrito 20
 Teodósio, Dom 61
 Teofrasto 19, 141
 Terêncio 17, 40, 45
 Thomas, Grocy 175
 Thorndicke, Lynn 52
 Tissard, François 161, 162

Toffania 128
 Tomitano, Bernardo 138
 Torrelli, Ippolita 134
 Tournai, Gilberto de 26
 Trajano 17
 Traversari, Ambrogio 17, 41, 49, 122
 Travesio, Giovanni 118
 Trebizonda, Jorge de (Georgius Trapezuntinus) 19, 20, 47, 119, 120
 Trismegisto, Hermes 162
 Trozendorf, Valentin Fridland 180, 181, 183
 Tucídides 18, 20
 Tudor, Maria 155
 Turgern, Arnaldo de 173
 Tyndale 186
 Ursula, Santa 132
 Valdaura, Margarida 159
 Valla, Laurentius 20
 Valla, Lourenço 31, 57, 175
 Valpuesta 59
 Vandes 94, 95
 Varrão 16
 Vaseu 145
 Vegetius 16
 Vegio, Maffeo 28
 Veggio, Maffeo 127
 Venieri 139
 Verocelli 16
 Vergara, João de 61
 Vergerhaus ou Naucerus 63
 Vergerio, Pier Paolo 28, 44, 47, 84, 86, 119, 122, 124
 Vernia, Niccolotto 70
 Verona, Guarino de 17, 18, 43, 44, 45, 46, 117, 120, 122, 124, 128, 184
 Verónica 3
 Victorius, Petrus 22
 Vigonza, Giovanni de 115
 Villani, G. 66
 Villoslada, Ricardo García 55, 56, 99
 Vinet, Elie 164, 165
 Viret, Pierre 102
 Virgílio 22, 34, 40, 45, 48, 57, 114, 115, 130, 156, 174, 184
 Visconti, Filippo Maria 126
 Vitória, Francisco de 54, 59, 60
 Vines, Luís 53, 84, 93, 95, 96, 155
 Volpicelli, Luigi 80, 81, 102, 103, 104
 Volterra, Andrea Ghetti da 104
 Volterra, André de 136

Von Den Busch, Hermann 177
Von Eyb, Albrecht 171
Von Hutten, Ulrich 179
Von Kaisersberg, Joſſo Geiler 172
Von Langen, Rudolf 171

Wessel, Johann 171
Whittinton, Roberto 187
Wickert, Richard 100
Willmann, Otto 5, 30, 42, 43
Wilson, N. G. 15
Wimpfeling, Francisco 120
Wimpfeling, Jacob 172
Wimpheling 63, 181
Winckel, Peter 175

Wolf, Hieronymus 23
Wolsey, Cardeal 58, 189, 190
Xaraba, A. M. de Calay 154
Xavier, São Francisco 55
Xenofonte 17, 18, 19, 41, 119
Xylander, Wilhelm 23

Zabarella, Cardeal 120
Zacaria, Santo Antonio Maria 105
Zamora, Alfonso de 61
Zane, Paolo 122
Zonarini, Guiliano 34, 118
Zorzi 117
Zuccolo, Lodovico 75, 80, 81
Zufaglio, Ulrico 101, 102

Índice analítico

- Abadia
 - de Borguelli 77
 - de Saint-Florent 77
 - de Seullé 77
- Academia 20, 21, 109
 - della Crusca 21
 - de Nápoles 21
 - dos Adormentati 21
 - dos Elevati 21
 - dos Fantastici 21
 - dos Filarmónicos 21
 - dos Humoristi 21
 - dos Innominati 21
 - dos Insensati 21
 - dos Intronati 21, 139
 - dos Lincaei 21
 - dos Oscuri 21
 - dos Otiosi 21
 - dos Padri 21
 - dos Sdegnati 21
 - dos Stilbondi 21
 - dos Umidi 21
 - dos Vignaioli 21
 - Fiorentina 21
 - Platónica 21
 - Romana 21
- acepção de pessoas 132
- Aiacco 122
- Agén 166
- agricultura 75
- Alava 158
- Albi 55
- Alcalá de Henares 60, 62, 154, 158, 159, 160
- Alcácer do sal 148
- Alemanha 9, 64, 95, 97, 98, 125, 162, 165, 173, 175, 177, 179
- Alençon 55
- Alenquer 148
- Aleria 122
- alfabetização 97
- alfabeto 78
- Alfarrobeira 143
- Algarve 149
- Alkmar 178
- Alpes 53, 120
- Alsácia 173
- alunos pobres 121
- Amboise 161
- América do Norte 192
- Ancona 18
- Andaluzia 146
- Angers 163
- Angoulême 55
- Annecy 106
- Antigos e Modernos, polémica 119
- Antuérpia 148
- Árabe 149
- Aragão 143, 158
- Arce tri 141
- Arevalo 154
- Arezzo 128, 134
- Argel 144
- aristocracia renascentista 94
- arqueologia clássica 18
- arte 33, 98
 - de ensinar 96
 - militar 70
- artes 70
 - liberais 29, 89, 94, 97
- Asturias 154
- Atenas 19
- Auch 55
- Austria 147, 170
- Ávila 154
- Avelro 143, 144, 149, 150
- Avinhão (Avignon) 23, 115, 166, 167
- Baden 101
- Balliol College 57
- Bari 129
- barnabitas 106
 - ou clérigos regulares de São Paulo 105
- Barros 146
- Basiléia 146, 170, 172, 174, 176, 177
- Bazos 166
- Bedford 184

- Beja 144
 Belbog 178
 Bélgica 97, 98, 147
 Benevento 93
 Bérgamo 118, 135
 Bernardinos 55
 Beverly 187
 Bíblia Poliglota 154
 Biblioteca
 — de São Marcos 17
 — Real 20
 — Vallicelliana de Roma 151
Bibliothèque Nationale 163
 Bizâncio 122
 Boêmia 66, 125, 159
 Bolonha 18, 21, 22, 34, 51, 52, 115,
 117, 118, 120, 125, 126, 130, 137,
 144, 146, 154, 171, 177, 179
 boisas 57
 bordaleses 62, 150
 Bordéus 54, 55, 63, 150, 153, 163,
 165, 166
 Braga 145, 147, 150
 Bragança 10
 Brasil 108
 Bréscia 106, 124, 135
 Breslau 67
 Bretten 180
 Brunswick 178
 Bruxelas 3, 54, 98, 155, 156
 Budapeste 120, 175
 Cabo Verde 192
 Cáceres 156
 Cahors 166
 Calábria 129, 142
 Caldeico 23
 Calonne 161
 Cambrai 135
 Cambridge 19, 56, 57, 58, 176, 185, —
 187, 191, 193
 Cambridgeshire 189
 Canadá 106, 133
 Canárias 153
Canterbury College 188
 Cantuária 57, 183, 188
 Capodistria 119
 Carcare 159
 Carton 189
 Carmelitas 55
 Carpentras 130
 Casa da Índia 146
 Casático 134
 Casentino 130
 Cassel 98
 Catecismo 167
 — Romano 102, 138, 167
 Cavaillon 166, 167
 cepticismo 166
 Cerreto 129
 Certaldo 116
 Ceuta 143
 Charterhouse 188
 Chilon 163
 Chipre 116
Cidade do Sol 78, 79, 142
 Clare 193
 classes 98
 clássicos 118
 — cristãos 59
 — estudo dos 36
 — gregos 22
 — latinos 14, 16, 22, 123
 — leitura dos 34
 — pagãos 59, 64
 — polémica sobre os 33
 clérigos
 — pobres 98
 — Regulares da Mão de Deus 105
 — Regulares da Somasca ou Somas-
 cos 105
 — Regulares de São Paulo ou Bar-
 nabites 105
 — Regulares pobres da Mão de
 Deus das Escolas Pias ou Esco-
 lâpios, Piaristas 106
 Cleveland 190
 Clunu 55
 Coimbra 10, 62, 143, 146, 148, 149,
 150, 151, 152, 153, 165
 Colchester 193
 Colégio 43, 51, 54, 55, 56, 58, 60, 108
 — da Costa 152
 — da Gulena 63, 153, 165
 — das Artes e Humanidades 62, 63,
 150, 151, 152, 153
 — das Três Línguas 163
 — de França 165
 — de Navana 165
 — de Piratiniga 153
 — de Santo Agostinho 62
 — de Santa Bárbara 55, 61, 62, 150,
 152, 153
 — inglês renascentista 58
 — Mayor de San Ildefonso 60

- Montagu 175
- Real 62
- Romanó 156
- São João 58, 62
- Trilingüe 59
- de Alcalá 61
- colégios jesuítas 108
- Collège de France 54, 55, 62, 163
- Collège de la Marche 163
- Collège of Physicians 193
- Collegium Trilingüe 23
- Colônia 158, 171, 173, 174, 175, 177, 179
- colônia inglesa 192
- Como 136
- Companhia
- da Doutrina Cristã 140
- de Jesus 63, 108, 110, 137, 150, 151, 153, 156, 158
- de Santa Ursula 106, 131, 133
- Compton 192
- Comtat 166
- Concílio
- de Basileia 170
- de Constança 16
- de Toulouse 103
- de Trento 64, 102, 104, 131, 132, 133, 136, 138
- Vaticano II 103
- Condora 166
- confissão frequente 72
- confraria
- da Doutrina Cristã 104, 106, 107
- Vistulana 63
- Congregação
- da Doutrina Cristã 104
- dos clérigos Regulares da Mãe de Deus 140
- dos Clérigos Regulares de Somasca 136
- dos Clérigos Reformados 140
- do Oratório 105
- dos Obaldos do Santo Sepulcro 138
- Congresso de Münster 160
- Cônegos
- de Santo Agostinho 168
- Regulares 168
- Regulares de Chaumousey 167
- Regulares de Santo Agostinho 173
- conlirricanses 63

- Constantinopla 18, 19, 43, 126
- contubernium 53
- Corpus Christi College 58
- consignano 125
- cortesão 92, 95
- Cortona 139
- Craçóvia 53, 175, 177
- Cramona 18
- Creta 27, 61
- Criméia 9
- Crúzios 62
- cultura humanística 53
- Cumberland 191
- Curso Conimbricense 151

- Dalmácio 105
- Dartmouth 192
- debate 109
- decúria 99
- Delft 98
- De regno 128
- Desenzano 131
- Deventer 171, 175, 177, 178
- Devon 192
- dicionário 190
- Dieppe 133
- Diest 145
- Dijon 55
- Dinamarca 178
- direito 95
- romano 70
- disciplina 99
- Diu 150
- d'Otranto 129
- Dorpat 101
- Douro 146
- doutrina cristã 98
- doutrinas pedagógicas 84
- Dresde 170

- Educação 41, 76, 84, 93, 97, 101
- cortesã 143
- de juventude 105
- das crianças 71, 176
- das meninas 133, 168
- de cortesãos 154
- de príncipes 154
- do príncipe 88
- dos filhos 125
- dos jovens 133
- dos meninos 71, 168
- dos surdos-mudos 159
- elementar 66

- feminina 119, 132
- humanística 92, 191
- liberal 30
- literária 88
- moral 109
- educadores 113
- espanhóis 154
- franceses 161
- germânicos 170
- ingleses 184
- italianos 134
- portugueses 143
- renascentistas 19, 113
- Ehebuch* 171
- Elchstät* 171
- Efeso 18
- Elvas 147
- emigrantes
- bizantinos 19
- gregos 18
- Enelda* 34
- ensino 81
- catequético 104
- elementar 67, 107
- gratuito 107
- do grego 162
- individual 58
- simultâneo 107
- Épinal 167
- Erfurt 170, 172, 173, 177, 179
- Escócia 125
- escolas 43, 98
- *Arctimboldi* 105
- aristocrática 121, 136
- de Vitorino 48
- dos humanistas 40, 43
- elementar 100, 106, 107, 191
- humanística 41
- internato 118
- pias 106, 107, 108, 159
- popular 107
- superior 100
- escolápios 107, 159
- escolástica 37
- decadente 53
- escolásticos medievais 37
- Espanha 9, 59, 60, 61, 108, 156, 158, 160
- Espira 172
- Estrasburgo 172, 174
- estudo salmantino 59
- estudos

- clássicos 19, 96
- elementares 12
- humanísticos 57
- liberais 85, 96
- Essex 188, 191
- Estadilha 158
- estilo parisiense 108
- Eton College* 187, 192
- Euphios* 186
- Europa 4, 9, 21, 46, 61, 67, 97, 108, 117, 151, 154, 159, 175, 193
- Evândria 81
- Everswinkel 171
- Evesham 58
- Evora 144, 146, 147, 149, 151
- exercícios
- escritos 109
- físicos 121
- Exílio de Avinhão 2, 9, 25
- Faculdade
- das Artes 28, 52, 53, 55, 57, 58, 63, 64
- de Direito 14, 59
- de Medicina 14
- de Teologia 54
- Ferrara 18, 19, 21, 22, 44, 123, 124, 128, 137, 138, 140, 172
- filosofia 86, 89, 109
- escolástica 64
- Flotília 106
- Flandres 9
- Florença 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 40, 41, 44, 52, 66, 92, 107, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 141, 144, 162, 176, 185
- Fontenay-le-Comte 163
- formação do príncipe 125
- frades
- menores 55, 164
- pregadores 53
- França 9, 17, 20, 37, 60, 61, 95, 106, 116, 121, 125, 133, 161, 162, 164, 167, 173, 177, 184, 189
- Frankfort 74, 161, 170, 179
- Francónia 171
- Frascoil 159
- Fraumünster 101
- Friburgo 148, 172, 173, 176
- Fulda 179

Gaeta 127
 Galatona 129
 Galícia 156
 Gallipoli 129
 Gandia 108
 Garda 131
 Genebra 102, 163
 Gênova 21, 124, 126, 128, 141
 Alemanha 64, 67, 101, 121, 159, 182,
 183, 184, 189
 Ginásio de Estrasburgo 182
 ginásios clássicos 98
 Gloriosa 47, 120
 Gloucester College 58, 185
 Görlitz 180
 Gotha 177
 Gouda 175
 graças 30
 gramática 104, 109
 — grega 20
 gramatiquice 31
 Grande Cisma do Ocidente 2, 9, 10,
 25
 Grécia 121, 122
 grego 15, 23, 46, 58, 120, 122, 123,
 164, 186, 189
 Greifswald 177, 178, 179
 Groninga 171, 172
 Grossmünster 101
 Guadalejara 160
 Guadisc 134
 guerra
 — dos Cem Anos 9
 — dos Trinta Anos 179
 Guiana de Bordéus 54, 55, 62, 150
 Guimarães 152
 Halmstadt 101
 Hamburgo 178
 Hampshire 186
 Haritz 183
 hebraico 23, 58
 Heek 171
 Heidelberg 101, 170, 171, 172, 173,
 175, 177, 180
 helenistas 20
 Hesse 179
 história 87
 Holanda 23, 97, 98, 175, 177
 Homburg 177
 Huesca 159

humanidade 43, 52
 humanismo 5, 20, 21, 23, 25, 29, 51,
 63, 98, 113, 117, 175, 179
 — clássico 64
 — inglês 188
 — italiano 95, 144
 — na Inglaterra 189
 — português 147
 — renascentista 22, 24, 114, 116
 humanistas 30, 42, 61, 64, 70, 84,
 113, 127, 131, 136, 149, 170
 Hungria 88, 120, 125, 137

Idade Média 2, 5, 97
 Ideal
 — da educação 25
 — formativo 92
 — humanístico 88
 — pedagógico 29
 Iena 101
 Igreja Católica 97
 Il Corregiano 134
 imitação 109
 imprensa 21
 — universitária 58
Index librorum prohibitorum 103
 Índia 78, 148, 149
 Inglaterra 9, 23, 56, 58, 104, 125, 134,
 155, 176, 184, 191, 194
 Ingolstadt 173, 175
 Innsbruck 177
 Inquisição 103
 Instrução
 — dos filhos 94
 — gratuita 133
 — para os sacerdotes 138
 Irlanda 192
 Irmãos da Vida Comum 97, 98, 107,
 171, 175, 177, 182
 Irmãos das Escolas Cristãs 67
 Itália 3, 9, 18, 20, 21, 22, 37, 46,
 61, 91, 95, 103, 104, 117, 121, 125,
 147, 149, 154, 161, 162, 165, 170,
 172, 175, 176, 177, 186, 189
 Jena 181
 jeronimiano 97
 Jerusalém 172
 jesuítas 99, 137, 139
 Klisau 170
 Königsberg (Koenigsberg) 23, 101,
 181

- La Dervinière 163
 Lamago 150
 latim 15, 20, 186
 — clássico 117, 182
 Lausanne 102, 163
Leaf Conselheiro 143
 Lecce 129
 Lectoure 166
 Leipzig 101, 170, 177, 179
 leitura 46
 letras 97, 109
 — clássicas 52
 lições decoradas 109
 Liegnitz 180
 Lijugé 164
 Limehouse 192
 Lincoln's Inn 188
 língua
 — grega 20, 126
 — toscana 139
 — vulgar 130
 Lisboa 10, 67, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 153
 literatura 34
 — grega 126
 Liuzza 138
 livre arbítrio 94, 95
 Lodi 127
 Lombardia 135, 138
 Londres 175, 184, 185, 186, 189, 190, 193
 Lorena 167
 Lovaina 23, 53, 74, 98, 143, 147, 150, 155, 156, 171, 172, 173, 176, 182
 Lübeck 175, 178
 Lucca 21, 140
Lucula Noctis 34, 118
 luteranismo 187
 Lyon 55, 164

 Madeira 151
 Madri 156, 158
Magdalen College 185, 186
 magnetismo 193
 Magúncia 175
 Malença 161, 173
 Maillevals 164
 Máfaca 149
 Mântua 34, 122, 128, 129, 134, 137, 170
 manuscritos 17
 — gregos 18, 19

 Marburgo 101, 177, 179, 181
 Marradi 141
 Marrocos 149
 Massa Marittima 123
 Mattaincourt 168
 Matemática 120
 Meaux 162
 Medicina 70, 95
 Merton College 57
 mestres 96
 Messina 20, 108
 método
 — catequético 167
 — pedagógico 108
 — preventivo 72
 Milão 16, 18, 19, 20, 22, 43, 105, 115, 119, 126, 127, 138
 Minho 146
 Miranda do Douro 150
 Mirecourt 167
 Módena 130
 modernos 119
 Mondofiedo 154
modus paristensis 55, 108
 Montagu 54, 55
 Montargis 106
 Montauban 150
 Monte Cassino 16
 Montemor 143
 Montepulciano 131
 Montpellier 164
 Monza 139
 Morávia 125, 159
 Mosteiro
 — da Batalha 148
 — de Santa Cruz de Coimbra 62
 Motta del Friuli 138
 mulher cristã 87
 Münster 98, 171, 172, 178, 192
 Murcia 160
 Musas 5, 30
 Museu Britânico 192

 Nápoles 17, 21, 40, 74, 107, 116, 125, 126, 129, 139, 141
 Narni 159
 Navarra 54, 144
 Neuers 163
 Neuchâtel 163
New College 185
 Newfoundland 192
 Nêmes 55

Normandia 23, 163
Nuremberg 170, 179

Oblatos de Santo Ambrosio 105
observância franciscana 127
Ocidente 19
Odhan 186
omopátrida 5
oratória 29, 48
oratorianos 105
oratório 105
— de São Felipeheri 150
Ordem
— de São Domingos 147
— Dominicana 141
— dos Beneditinos 164
— dos Eremitas de Santo Agostinho 136
— dos Frades Menores 123
— dos Jerônimos 152
— dos Somascos 135
— dos Teatinos 135
orfanatos 135
órãos 135, 136
Orléans 161, 162
ortografia 120
Oxford 56, 58, 175, 184, 185, 186, 188, 189, 191, 192

Padres
— doutrinários 167
— escolápicos 67
Pádua 19, 20, 22, 43, 47, 52, 115, 117, 118, 119, 120, 122, 125, 126, 130, 134, 136, 137, 138, 139, 141, 150, 162, 176, 185, 188
paganismo 2, 21
Palermo 108, 158
Papais 23
Paris 19, 37, 54, 55, 59, 62, 118, 141, 142, 144, 147, 149, 150, 152, 153, 155, 156, 158, 161, 162, 163, 165, 166, 171, 172, 173, 175
Parma 21, 115
Petrasso 135
patriotismo 90
Pavia 43, 115, 118, 119, 122, 162, 171, 179
Pedagogia
— do Renascimento 19
— humanista 45

— humanística 127
— renascentista 30, 38
Pedrogão 149
Penne 138
pensões 98
Pérgord 164, 165
Perugia 19, 21, 129, 134, 142
Pescia 126
Peste negra 2, 9, 10, 11, 12, 13, 25
Pforzheim 173, 180
Philodoxus 125
Philosophia Christi 64
Piccinino 124
Pisa 118, 141
Pistoia 126
plantation 192
Plymouth 192
pobres 135
poesia 33, 35, 116
— antiga 53
poetas pagãos 118
Pottiers 150, 164
Pottou 164
Polónia 137, 159
Pomerânia 178
Pont-à-Mousson 167
Pontano 190
Pont-du-Rhône 164
Portel 151
Portimão 149
Portugal 10, 61, 62, 104, 131, 143, 144, 147, 150, 152, 156
Poussay 168
Praga 53, 97
práticas didáticas 59
Prévins 161
preleção 109
Premonstratenses 55
Proença-a-nova 151
professores de gramática 68
pseudo-Ptolomeu 129
Pupillus 125

Queda de Constantinopla 15, 19, 20
quodrivium 28

Ragusa 105, 117
Ratio Studiorum 64, 108, 109
Ravenna 114, 119, 120
reabilitação de mulheres 136
recitatio 52, 58
reforma

— católica 22, 64
 — luterana 64
 — protestante 22
 regra de São Bento 132
 religião 97
 Remiremont 168
 Renascimento 1, 4, 5, 15, 22, 23, 32,
 37, 40, 51, 61, 64, 67, 74, 84, 96,
 104, 113, 120, 132, 155, 184
 República Culta 5
 residências 58
 retórica 29, 71
 Rimini 125, 126
 Rochester 58, 187
 Rodes 186
 Rocquande 178
 Roma 18, 19, 20, 21, 22, 23, 33, 52,
 106, 107, 115, 124, 126, 127, 128,
 129, 133, 137, 138, 140, 142, 146,
 150, 156, 158, 159, 160, 161, 162,
 163, 164, 176, 179, 185
Rópica Pneuma 146
 Rostock 177, 179
 Rouen 55
 Rússia 137

 Sabedoria 36
 saber 21
 sábios bizantinos 2
 Sabóia 106
 Saint-Mihiel 168
 Salamanca 61, 62, 144, 145, 146, 147,
 148, 150, 154, 156, 158, 160
 Salerno 139
 Saló 131
 Sanova 159
 Santa Cruz 62
 Santarém 10, 144
 Santo Albano 184
 Santos Padres 30, 127
 São Pedro da Arrifana 153
 saque de Roma 22
 Saxe 100, 101
 Saxônia 170, 178, 181
 Scarperia 126
 Schaffhausen 172
 Schleiden 182
 Schleittstadt 172, 175
 seminários 104
 Sicília 144, 156
 Siena 21, 67, 123, 125, 126, 127,
 134, 135, 138, 139

Sifograntes 75
 Silésia 125, 180
 Silves 149
 Sociedade Literária Renana 63
 Somasca 105, 136
 Sommersdorf 171
 Sorbonne 53, 54, 161, 164
 Soria 154
 Sorrento 139, 140
 Spolato 129
 Steckelberg 179
 Steyen 175
 Stilo di Calabria 141
 Suffolk 193
 Suíça 137, 174, 189

Tânger 144
 Taprobana 78
 Tavira 149
 teatro 109
 Tenerife 153
 teologia mística 3
 Teruel 155
 Theleme 77
 Thonon 106
 títulos académicos 95
 Todi 3
 Toledo 134, 156
 Tolentino 126
 Toma 143
 Tormes 158
 Toscana 156, 159
 Toulouse 55, 133, 150, 165
 Tournon 55
 Treceño 154
 Treptow 178
 Trevino 135
 Tribunal do Santo Offício 103
 Trinity College 187
 Trivium 28
 trolanos 58
 Tubinga 63, 173, 177, 181
 turcos 138
 Turingia 100, 181
 tutores 58

Ufnau 180
 Umbria 3, 129
 Universidade 14, 20, 51, 56, 60
 — medieval 28
 — de Alcalá de Henares 60, 147
 — de Bâle 63

- de Barcelona 63
- de Coimbra 62
- de Erfurt 63
- de Estrasburgo 63
- de Ferrara 52
- de Friburgo 63
- de Heidelberg 63
- de Lérída 61, 158
- de Lisboa 62
- de Lovaina 53
- de Pádua 52
- de Paris 60, 71, 97
- de Salamanca 59
- de Santiago de Compostella 61
- de Saragoça 61, 155
- de Sevilha 61, 154
- de Sigüenza 61, 152
- de Valladolid 61, 147, 154, 155
- de Valença 61, 155, 158
- de Viena 53, 63
- de Wittenberg 64
- inglesa 58
- universidades tradicionais 100
- University College 57
- Urbino 79, 134, 139, 140
- Urgel 143
- Urulhas 106, 131, 132, 133, 167
- utopia 76, 79, 80, 81, 83, 91
- utopias educacionais 74

- Valchiusa 115
- Val di Cecina 136
- Valdinievole 117

- Valois 162
- Valpolicella 123
- Vaseu 147
- Vendéla 163
- Véneto 135
- Veneza 18, 19, 20, 21, 22, 44, 47, 52, 93, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 135, 137, 138, 139, 162, 176, 179
- Vermandois 165
- Verona 18, 21, 44, 122, 123, 131, 141, 142
- Vicenza 136
- Vidigueira 150
- Viena 53, 174, 179
- Virtuosa Benfeitoria 143
- Volterra 130, 137
- Yorkshire 187, 190
- Wesle 171
- Westfália 160
- Wiltshire 185, 189
- Winchester College 185, 189
- Windesheim 97
- Wittenberg 177, 178, 180, 181
- Wollin 178
- Worms 172
- Würzburgo 170, 188

- Zevenbergen 175
- Zurique 68
- Zwolle 171